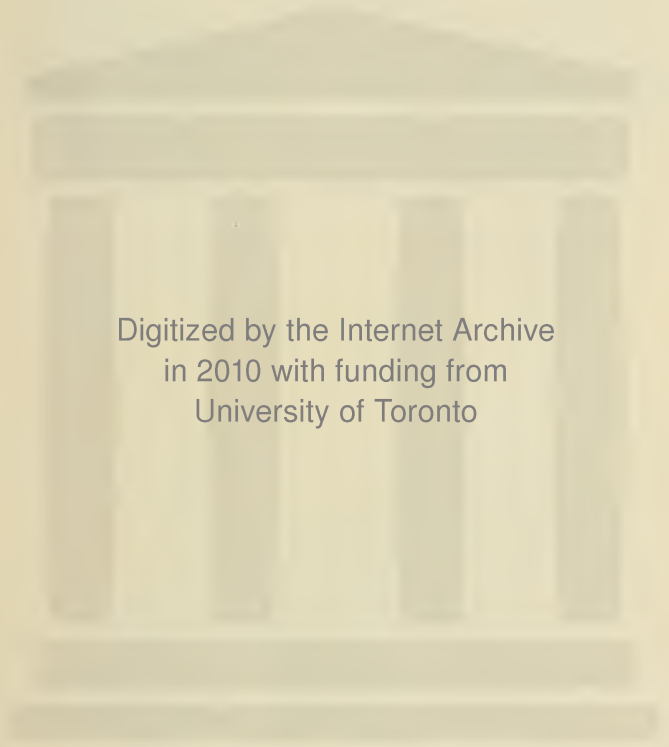
3 1761 07384064 7

JAIME M. ALVES
ENCADERNADOR
Lisboa
Rua Misericordia 116



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/aosomdaviolafolk00barr

Gustavo BARROSO
(João do Norte)

AO SOM DA VIOLA

(Folk-lore)

EDIÇÃO DA
Livraria Editora Leite Ribeiro
Ruas Béthencourt da Silva ns. 15, 17 e 19
(ant. Santo Antonio)
e 13 de Maio ns. 74 e 76
– – RIO DE JANEIRO – –
1921

Gustavo BARROSO
(João do Norte)

AO SOM DA VIOLA

(Folk-lore)

Livraria Editora Leite Ribeiro
Rua Béthencourt da Silva, 3
(ant. Santo Antonio)
- - RIO DE JANEIRO - -
1921

GR
133
B683

OBRAS DO MESMO AUTOR

PUBLICADAS

Terra de Sol, natureza e costumes do Norte, editor Benjamin d'Aguila, Rio, terceira edição.

Praias e Varzeas, contos do littoral e do sertão, editor Francisco Alves, Rio, segunda edição.

A Balata, publicação official do Ministerio da Agricultura, esgotada.

Idéas e Palavras, chronicas, editores Leite Ribeiro & Maurillo, Rio, esgotado.

Heróes e Bandidos, os cangaceiros de nordeste, editor Francisco Alves, Rio, segunda edição.

Tradições Militares, publicação official do Ministerio da Guerra, esgotado.

Tratado de Paz, traducção, editores Leite Ribeiro & Maurillo, Rio, esgotado.

A Ronda dos Seculos, contos de todas as epocas, editores Leite Ribeiro & Maurillo, Rio, segunda edição.

Fausto, de Goethe, traducção para vulgarisação da obra, editores Garnier Frères, segunda edição.

Instrucção Moral e Civica, de Jarach, adaptação ao ensino brasileiro, obra adoptada pela Directoria Geral de Instrucção Publica do Rio de Janeiro, 5.º milheiro, editores Garnier Frères.

Vocabulario das Creanças, de Fournier, adaptação, 5º milheiro, editores Garnier Frères.

Casa de Maribondos, contos humoristicos regionaes, editores Monteiro Lobato & C.ª, 3º milheiro, S. Paulo.

Mula sem cabeça, novella, editor Olegario Ribeiro, S. Paulo.

Mosquita Muerta — em hespanhol, novella, editor «La Novela Semanal» — Buenos-Aires.

Ao som da viola, folk-lore, editores Leite Ribeiro & Maurillo, 1ª edição.

NO PRELO

Pergaminhos, contos medievaes, grande edição illustrada a côres pelo artista Corrêa Dias, illustrações premiadas com medalha de ouro pela Escola Nacional de Bellas Artes, tiragem reduzida de 200 exemplares numerados, em papel imperial do Japão, editores — o auctor e F. Briguiet & Cª, Paris.

Comedias e Proverbios, de Musset, traducção, editores Garnier Frères, Paris.

O Ramo de Oliveira, a Conferência da Paz e a viagem do Presidente Epitacio a varios paizes, editor Benjamin d'Aguila.

EM PREPARO

A Intelligencia das coisas, trabalhos de erudição litteraria, sociologica, philosophica e historica.

Relicario Bysantino, conferencias.

Quasi..., chronicas sobre politica, critica e historia.

Capacete de Minerva, artigos e estudos.

Livro dos milagres, contos religiosos.

Vida e alma de Claudio França.

Tamboeiros, contos.

Rei do Sertão, estudos sobre fanatismo sertanejo.

Almas de lama e de aço, historias de bandidos.

AO MEU AMIGO

ALBERTO FARIA

A Viola

Nosso Sinhô, quando andava
Pelo deserto a rezá,
Gostava de ouvi São Pedro
Na viola puntiá.

São Pedro diz que a viola
Foi feita num desafio
Da canôa em que elle andava
Com Christo a pescá no rio.

Não foi feita da canôa,
Mas porém da sua cruz:
A viola ainda soffre
Tudo o que soffreu Jesus!

Quando Deus fez a viola
E começou a cantá,
Seu coração ficou rôxo
Como a fulô do manacá.

Deus é rei dos violeiros,
Quando canta seu amô
Nas cordas brancas da lua,
Que é a viola do Sinhô.

(Catullo Cearense – «Terra Cabocla»)

«O som da minha viola
Parece com o céo aberto!»

(Cantiga popular.)

OS CYCLOS SERTANEJOS

OS CYCLOS SERTANEJOS

(INTRODUCÇAO)

Escreveu Paul de Saint Victor que a alma de uma raça inteiramente se resume nas suas trovas alegres ou tristes. Com effeito, em todas as manifestações do «folk-lore» dum paiz, a terra collabora com o homem. E o proprio Augustin Thierry, com aquella profundez de conceitos que todos lhe reconhecem, acha que a propria historia deriva de tres grandes escolas: a popular, a classica e a philosophica, sendo que a ultima decorre das duas primeiras e a segunda da popular, base de todo o edificio das tradições e do espirito dum povo através os tempos, edificio que se queira continuar.

Desta sorte, quem tiver de conhecer a alma e a vida dos nossos sertões de Nordéste, tão açoitatados pelas miserias das sêccas, deve sem falta estudar carinhosamente o seu «folk-lore», analysando as suas fontes e procurando as suas analogias. Nelle esta contida a essencia mesma do caracter do povo mestiçado, principalmente de portuguez e de indio, que, ha seculos já, luta, com heroismo, pela salvação da sua riqueza e da sua propria vida, contra a

natureza impiedosa, quasi abandonado dos poderes centraes e vendo afundados nos lameiros das politicagens pessoaes os governos dos Estados. Tem pouca viação e não tem quasi escolas. Emquanto o littoral progredio e outras regiões do paiz progrediram, devido a estas ou áquellas circumstancias, ficou insulado no tempo e no espaço, perdido nas crenças, nas imagens e nas fórmas do seculo em que iniciou a ardua colonização daquellas terras, retardado de mais de duzentos annos.

Mal sabendo lêr ou não o sabendo de todo, não tendo nenhum outro meio de communicação do pensamento, creou canções. A ausencia do habito de leitura, deu a essas producções, ás mais das vezes, fórmas que permittem ser facilmente guardadas, recitadas ou cantadas. O seu acompanhamento musical é composto de melodias muito simples como toda musica primitiva. Outr'ora as executava nas cordas da viola — as velhas «vielles» dos troveiros. Depois, adoptou o violão. Agora, prefere, infelizmente, a semsaboria das sanfonas.

Todo o «folk-lore» sertanejo mostra a formação perfeita das almas que habitam aquelles paizes de sol ardente. Os cantos que durante muito tempo deleitaram essas almas e fizeram palpitar corações, nascidos de sua propria fantasia, revelam perfeitamente o estado de espirito da raça.

Todos os «folk-lores» são semelhantes. As suas fórmas variam ao infinito de paiz a paiz. O seu fundo continúa o mesmo desde a Arya longinqua até ás

terras americanas. Raros os cantos, as lendas ou as fabulas que se não encontram em todos os povos, em variantes as mais diversas. Especialmente as fabulas que se revestem de velhos totemismos ancestraes, desapparecidos com o tempo da memoria collectiva. No continente europeu, já essas approximações de tradições e pensamentos fôram feitas pelos especialistas francezes, italianos e allemães. Todos elles têm encontrado «na Catalunha cantos conhecidos no Piemonte, como ouvido na Normandia coplas do Franco Condado, e verificado que uma ballada bretã perpetúa um episodio guardado nas tradições venezianas». (*) Outros têm mesmo rastreado essas manifestações das musas populares entre os povos antigos e ido, de indagação em indagação, até ás remotas fontes orientaes, de onde quasi todas dimanam. Houve até ha tempos, nesse sentido, alguns exaggeros. Muitos, na maioria, das lendas populares, quizeram vêr sómente mythos de origem solar. Mas esse mesmo exaggero teve utilidade real, porque fez com que se conhecessem origens até hoje desconhecidas. E não é possivel negar, por exemplo, que a sandalia de Rhodope é a avó legitima do sapatinho de veiro de Chapéozinho Vermelho. Tambem como não reconhecer na historia obscena de Bocage, tão espalhada entre o povo, quando elle seduz a filha do rei, e mesmo no conto sertanejo do menino que ateia fogo a uma casa e usa de meta-

(*) Payn-Ivre — Le Folk-Lore.

foras no falar, aquella fina astucia de Ulysses dizer a Polyphemo que se chamava «ninguem», astucia de que Ariosto fez um episodio do «Rolando Furiso», poema que é a ultima gesta medieval ornamentada pelo Renascimento? O filão da lenda é o mesmo, quer ella esteja numa tragedia de Euripides, quer ella saia dos labios dum narrador sertanejo.

O que soffre é a influencia do meio em que se manifesta e das adulterações que elle lhe impõe. Esta ou aquella tradição deste ou daquelle povo apparece no sertão de Nordéste com o aspecto e o sabor da terra e da gente que a repete, aspecto e sabor esses que dia a dia mais e mais se tornam caracteristicos. No sertão, além disso, ha outra influencia que actúa sobre essas incipientes manifestações artisticas. Um dos caracteristicos mais interessantes da sociedade sertaneja é o individualismo, resultante do proprio estado de insulamento medieval do seu viver. Pois bem, no estylo geral do «folk-lore» sertanejo até esses caracteristicos individuaes não se perdem e facilmente se deixam notar. O mesmo facto, cantado em verso por Gerome do Junqueiro ou Romano da Mãe d'Agua ou Ignacio da Catingueira, assume feição diversa em cada uma das fórmas por que se apresente.

A poesia sertaneja póde bem dividir-se em dois grandes ramos: o repentista e o tradicional. O primeiro lembra, com os desafios, as «tensons» provençaes e as disputas dos foliões romanos; nelles o cantador de pé de viola se eguala, embora mais

humilde e mais rude, aos troveiros e trovadores da média edade européa; pelo menos é o mesmo espirito que o inspira e que o domina; recorda com as emboladas e as quadras as velhas trovas de amor e de amigo, as antiquissimas cantigas de bom e de mal-dizer. O segundo é muito mais importante. Nascido dos proprios acontecimentos desenrolados nas ribeiras, tem um grande fundo veridico, que o exaggero das paixões de momento, da imaginação aquecida mal consegue perturbar.

Aqui, ali, ha nessas xácaras e poemetos mnemonicos ou não, certas obscuridades de linguagem, emprego rude de determinadas expressões, hyperboles, repetições enfadonhas, monotonias e metaphoras, tudo isso, porém, obviado por uma admiravel simplicidade de processos literarios, ás vezes levada até á puerilidade, a qual é, por certo, a sua maior belleza. Nessas historias em fórma de poesia, quasi sempre os exaggeros são propositaes, para collaborarem de modo efficiente no effeito immediato que o poeta popular deseja produzir sobre a assistencia, para que lhe fique gravado melhor o facto destinado á perpetuidade.

De outra maneira não procederam os seus semelhantes em todos os tempos: rhapsodos, vates, escaldes ou menestreis.

Deste modo, o sertanejo tem guardado tudo quanto occorreu no sertão, desde que elle para ali veio d'além mar, domou a selvatiqueza da terra e

das féras, destruio o indio pelo trabuco e pela mestiçagem, e obrigou o negro arrancado á Africa aos serviços do eito. Perpetuou em versos os primeiros perigos e as primeiras lutas, as festas religiosas e profanas, as miserias terriveis das crises climatericas, a vida dos vaqueiros, as proezas dos novilhos mocambeiros e das onças devastadoras de rebanhos e manadas. Conservou a recordação das crenças e tradições proprias de toda a humanidade. Celebrou as rebeldias e as aventuras e lutas dos cangaceiros audazes, almas feitas ao mesmo tempo de lama e de aço! Reduzio a versos toda a sua alma e toda a sua vida, o que têm feito todos os povos no mesmo estado de civilização. No interior da França medieval, da época das cathedraes á Revolução, não commemorou o povo em verso as lendas carlovingias, a derrota de Francisco I em Pavia, a morte de Villeroi ou a prisão do barão de Moneim? Mesmo na guerra actual as coplas populares da «Madelon» porventura não retratarão a alma heroica e viva dos «poilus»?

Em muitas das producções tradicionaes sertanejas, sob qualquer fórma poetica, nota-se algumas vezes a influencia de individuos de uma certa cultura. São restos de ensinamentos deixados ali pelos jesuitas, quando ensinaram áquellas gentes, ou interferencia directa de certas pessôas mais ou menos cultas na confecção de cantos ou de historias. Isto em nada tira á producção influenciada o seu caracter popular e a sua significação popular. Em todos os

«folk-lores» do mundo, o mesmo facto tem sido observado.

Puymaigre acha que innumeras vezes as cantigas francezas «subirent l'influence des poétes les plus erudits». Pitré fez identica observação relativamente aos «rispetti» toscanos. Milá y Fontanals achou nas «canzoni» italianas em geral o mesmo rasto, mas nem por isso deixou de julgal-as populares, dignas de estudo e admiração.

Sylvio Romero faz derivar todo o nosso «folk-lore» das tres raças basicas da nossa ethnographia, annotando as variações e mutaçõões trazidas pelos mestiços. Mas, considerando as relações de parentesco que ligam todos os «folk-lores», na maioria originarios de um fundo commum de tradições de toda a humanidade, e considerando as difficuldades que se antolham a qualquer estudioso no escalpellar essas origens africanas, indigenas e portuguezas, já hoje tão baralhadas, tão confundidas, parece melhor dividir o «folk-lore» sertanejo em cyclos mais ou menos thematicos, que lhe possam dar maior facilidade de classificação e de organização.

Todo o «folk-lore» europeu tem sido catalogado e estudado dessa maneira. Os especialistas francezes como Gaston Paris organizaram, pelos themas que perpetuam e de que resultam ou pelos acontecimentos em torno dos quaes giram, os varios cyclos de todos os paizes do continente. Entre elles se podem assignalar: o da Tavola Redonda, o de Carlos Magno e dos Doze Pares, o do Romance da

Raposa, o dos « Fabliaux » mediévos, o dos Cossacos na Russia, o dos Haiduques na Yugo-Slavia, o do Cid Campeador na Hespanha e dezenas de outros menos importantes.

O mesmo systema prevaleceu para os classificadores do « folk-lore » indigena da America Septentrional, hoje tão profundamente estudado e tão claramente exposto. Fôram organizados cyclos admiraveis como o do Corvo, na Columbia ingleza, o de Napieva e o da lebre Michabozo, especie de Romance da Raposa dos pelles-vermelhas. E' ainda o referido methodo que agrupou, segundo Van Gennep, os cyclos do Norte da Asia, dos esquimós, da Australia, o de Ananzi, na Africa Central, e os da Africa Meridional. Até Lowce e Kroeber pretendem reduzir todo o « folk-lore » do mundo a alguns cyclos geraes que o abranjam definitivamente e tornem facil uma visão completa do assumpto.

As autoridades na questão exigem para a formação desses cyclos. duas correntes poderosas de phenomenos contrarios de deslocação e despersonificação. (*)

Não são esses caracteristicos o que falta aos themas em torno dos quaes gira a poesia tradicional dos sertões de Nordéste. E, estudando-a com certo cuidado, procurando uma documentação melhor do que até hoje tem havido e pedindo o auxilio do que colligiram Mello Moraes, Sylvio Romero,

(*) V. Gennep — «Origine et formation des legendes».

Rodrigues de Carvalho, Pereira da Costa e outros, podem-se organizar alguns cyclos interessantes. A classificação terá, ao menos, o methodo da originalidade e de abrir um caminho ainda não desbravado na matta do nosso «folk-lore».

Entre outros cyclos parece que ha no sertão, bem determinados, o cyclo dos Bandeirantes, reunindo todas as lendas de penetração; o do Natal, agrupando todas as commemorações dessa data religiosa, e já tradicional antes de ser religiosa; o dos Vaqueiros, guardando os poemas derivados da vida pastoril, como as vaqueijadas, a luta contra o gado «amontado» ou contra as féras que devoram as rezes: o dos Cangaceiros, cyclo heroico, feixe de todas as admiraveis canções de «gesta» que correm os sertões, em nada inferiores ás «gestas» medievaes da Europa; e o dos cabôclos, resumindo as opiniões a respeito dos descendentes do indio fugidio e incapaz de ser escravisado; emfim, um Romance da Raposa quasi tão vasto como o europeu, tendo identico fundo satyrico e referindo-se aos animaes do meio, como o outro, nelles personificando typos moraes da humanidade.

I

Folk=Lore tradicional

A Mario de Alencar

a)

CYCLO DOS BANDEIRANTES

O Cyclo dos Bandeirantes

As lendas oriundas dos colonisadores, lendas de penetração, quer sob forma de *historias*, quer sob a de poesias, que symbolisam os perigos das florestas virgens, as agruras das serranias immensas, o deserto das planuras, o desconhecido das chapadas, com as feras a vagar famintas, uivando, podem todas ser reunidas num cyclo unico, porque todas tendem para o mesmo fim, vêm da mesma origem, nasceram com o caminhar das explorações do littoral para o interior. E a denominação desse cyclo não pode ser outra senão a de cyclo dos Bandeirantes, visto como sob esse titulo glorioso se comprehendem não só os destemidos paulistas que varejaram os sertões, como todo e qualquer outro conquistador, explorador ou aventureiro do mesmo estôfo — um Duarte Coelho Pereira da Parahyba, um Pero Coelho ou um Martim Soares Moreno do Ceará.

Foram elles, esses homens affeitos á dura vida dos campos sertanejos, que rompêram as florestas seculares, lutando contra o aborigene, o clima e as bêstas ferozes, que atravessaram geraes, pampas e

taboleirões ao galope ligeiro dos cavallos magros ou a passo moroso, seguro, paciente e incansavel. Fôram elles que exploraram a aspereza das montanhas, subiram as rampas resvaladias, grimparam de rastos pelos alcantís, dormiram á beira dos precipicios, passaram os largos rios a nado, e em pontes pensis de cipós, que balouçavam ao vento, as torrentes estreitas, espumejantes, roncando raivosamente entre paredes ingremes de gargantas esconsas. Escalaram as ribanceiras com os punhaes nos dentes, os punhos sangrando, o rosto avermelhado pelas urtigas. Atravessaram as catingas e varzeas de chilfarotes nús, rasgados pelos espinhos, olhos afusilando, á espera das lutas!

A' noité, quando fechavam as palpebras lassas, enrodilhados nas mantas remendadas, ao pé das fogueiras, um ficava atalaiando o denso negrume do sertão hostil. Subito, um grito esganiçado cortava a treva. Logo, as corujas caladas se afastavam em vôo rasteiro, os uivos de raposa diminuiam ao longe. E tiniam armas, borborinhava a bandeira. Os homens agachavam-se ás pressas por trás das moitas e das pedras. Estrondava a mosquetaria. E a tribu, que rastejara quasi até junto da sentinella, não logrando a chacina da surpreza, escoava-se em fuga sorrateira. Depois, os bandeirantes heroicos reatavam o somno.

Além de creadores de lendas e de canções consubstanciadoras dos perigos atravessados, da hostilidade do meio em que pelejaram, fôram os propaga-

dores de todas as que encontravam, especialmente das que lhes legou o indio vencido.

As suas creações no dominio do «folk-lore» são tristes, mesmo ás vezes sombrias, lugubres. Representam a natureza selvagem, hispida, inimiga, que tiveram de dominar. São cheias de medos e de espantos, quasi sempre perfumadas por uma saudade immensa. Têm a tristeza da solidão em que se estiram as leguas ermas dos campos geraes, do eterno gemido dos burityzaes imponentes, do sussurro perenne e melancolico dos vastos carnahubaes, das sombras magestosas das cordilheiras se espreguiçando sobre o tapete verde dos plainos, das negras terras revolvidas das grupiáras, da côr barrenta dos rios enormes que não reflectem o azul do céo. Têm a tristeza impressionadora das florestas gigantes, onde o homem, amesquinhado ante a natureza portentosa, procura com os olhos a cupola das arvores altissimas Cerca-o uma multidão de fôlhas, irrompendo do sólo e dos ramos em brutal explosão de vida — arredondadas, lanceoladas, rendilhadas, finas, pontudas, rebrilhantes como laminas, viscosas como cobras, adversarias de quem passa, atacando-o pelos espinhos, pelas secreções, pelas serrilhas e pela jussára. Lianas pendem em fios tristes, reunem arvores como lios grossos, abraçam-se aos troncos musgosos, sobem pelos galhos, galgam os cumes dos gigantes vegetaes, das perobas, dos jequitibás, das samaúmas, dos ipês, enrodilham-se, entrecruzam-se, entrelaçam-se. Nas tronqueiras vetustas, carcomidas, as

orchidéas, as jytiranas desatam os cachos arroxeados. Cobrem o chão a relva basta, as moitas crespas, galhos e fôlhas mortas. Aqui, alli alumiam marneis, onde as fôlhiças apodrecem entre a espuma dos sapos e o lento mexer das cobras d'agua.

Naquella magestade de cathedral, os ruidos são mais tristes que o silencio completo. Geme um galho roçando noutro. O martellar isochrono do picapáu enerva. Ha mil silvos quasi imperceptiveis, de insectos, de passarinhos, de punarés. O vulto leve dos caxinguelês, dos saguis, dos micos, das mucuras passa de ramo em ramo. Sussurrejam jandahyras, abêlhas-canudo, maribondos. Ao longe, contrastando com a obscuridade dos intrincados da selva, orladas de palmeiras novas e de fétos vistosos, rebrilham as manchas de ouro das clareiras.

As lendas e as cantigas representam esse meio selvatico, imponente e perigoso. A sua psyché apprehensiva é a da gente lutadora que as imaginou entre combates e perigos, que as colligio, que as transformou ou que as propagou.

Em primeiro logar, nesse cyclo vêm as lendas que recordam os combates com as cabildas tapuyas, tupininquins, aymorés, botocudas ou paiacús, á luz da lua ou sob o esplendor do sol, entre silvos de flechas e roucos sibilos das palanquetas e pregos dos arcabuzes, o retinir dos aços nos tacapes e o resfolegar dos homens abraçados, rolando pelo capinzal, hoje quasi esquecidas; e as que lembram as primeiras mestiçagens, os primeiros amôres entre os

homens brancos invasores e as mulheres côr de bronze, das quaes a de Iracema é o expoente litterario. Depois, as das florestas e das aguas, dos despenhadeiros e dos paúes, em cujo meio se podem incluir as varias herdadas do indio, symbolisadoras dos perigos do mattagal e do rio — a do caipora, a do batatão, a do sacy e a da yára ou mãe d'agua. Nesta segunda categoria ainda se podem incluir a dos gigantes que devoram os passageiros, a dos pescadores mysteriosos que pescam á noite sem que ninguem os veja, as das arvores que sugam os aventureiros como polvos, segurando-os ao passar com as pontas dos galhos e a das serpentes que nem o fôgo chamusca ou que vôam pelo ar, como a Caninana.

As lendas da mãe d'agua, do sacy-pererê e do caipora ou *currupira,* como dizem alguns sertanejos de Nordeste, são por demais conhecidas, não valendo a pena reedital-as. A seu respeito corre mundo uma série de versos populares, que têm até influenciado producções litterarias de maior alcance. A esse respeito pode-se consultar o «Cancioneiro do Norte», de Rodrigues de Carvalho, pags. 54 e 61. Infelizmente não houve quem recolhesse todas as historias e versos relativos ás primeiras lutas e ás primeiras mestiçagens com o indio. Ellas perderam-se já na memoria dos sertões e será quasi impossivel determinar hoje em dia os primeiros limites desse cyclo admiravel. As lendas adaptadas do indio pelo contacto que com elles teve o bandeirante viveram me-

lhor até nossos dias. Ha livros sobre o sacy endemoniado. Todo o mundo conhece o poder do caipora sobre os caçadores e as caças, o mesmo poder do salmão encantado dos Hupas da California sobre os pescadores e as pescarias.

LENDA DO BATATÃO

O batatão, que a gente do interior de Sergipe chama Jan de la Foice, (*) é o fogo fatuo. As gentes do Mediterraneo acreditam que o fogo de Sant'Elmo guia os navegantes. Os nossos sertanejos, herdada a crença do bandeirante antigo, crê que elle corre atraz das pessôas, para lhes fazer medo, e que serve para enganar os viajantes, ensinando-lhes os caminhos de maneira errada e fazendo-os cahir nos atoleiros e nos pantanos. O indigena chamava-o *mboy-tatá*, cobra de fôgo, de onde boitatá, como se diz no sul do Brasil, batatão, como se diz no norte.

A crença é indiana e adoptada pelo invasor, porque no fundo ella era commum aos povos europeus. Os celtas da Galhia ou da velha Bretanha chamavam a essa chamma *fôgo dos druidas* e attribuiam-lhe diversas virtudes. Ainda hoje os inglezes o denominam *Jack with a lantorn* e acreditam que, com essa lanterna, o tal Jack leva os caminheiros por trilhos errados.

(*) Viria d'algum francez: Jean De la foyse?

LENDA DO GORJÁLA

O Gorjála é um gigante preto e feio, que habita as serras penhascosas. A sua ferocidade lembra a do Polyphemo de Homero, do qual é um descendente creado na imaginação sertaneja. Anda com as suas pássadas immensas pelas ravinas, escarpas e grotões. Quando encontra um individuo qualquer, mette-o debaixo do braço e vai comendo-o ás dentadas!

Outróra, muita vez quando um explorador desapparecia nos logares invios, desconhecidos, por ter tombado num despenhadeiro profundo ou por ter sido devorado pelos indios, os seus companheiros affirmavam que o Polyphemo-Gorjála o devorára ás dentadas... Os seringueiros da Amazonia conhecem o Gorjála sob a forma do gigante batalhador, encouraçado de cascos de tartaruga, chamado Mapinguari.

LENDA DOS ZARIGUÊS (*)

Os Zariguês são gigantes como o Gorjála, uns tendo três olhos, outros dois e outros um como os Cyclopes antigos. Esses monstros horriveis devoram gente e perseguem as mulheres, para violental-as. São talvez descendentes em linha recta dos celebres

(*) R. Carvalho no «Cancioneiro do Norte» já uma canção sobre os Zariguês, em que se nota até a superposição das tres linguas: a do branco, a do indio e a do negro.

Olhapins da peninsula iberica, de que nos fala João Ribeiro no seu bello livro « Folk-Lore ».

LENDA DO PESCADOR

Noite de lua ouve-se nos rios ou nas lagôas o rumor dum homem que pesca de tarrafa. Ouve-se distinctamente a sua marcha cautelosa dentro d'agua, espalhando circulos concentricos, marulhosos, sob o luar triste. E não se vê ninguem. Nessas noites, é bom não ir pescar. O pescador não gosta de rivaes na pescaria. Pode acontecer uma desgraça ao audacioso que lá fôr.

As galhadas, os balseiros que descem os rios e podem bater num homem, á noite, quando pouco enxerga, levando-o, ou os buracos profundos em que se desapparece para sempre nas lagôas traiçoeiras, deram origem, por certo, a esta lenda. (*)

HISTORIAS DE ONÇAS

As onças outróra, como actualmente em Matto Grosso, encheram os sertões de Nordeste. Eram tal vez mais numerosas que os indios e duma audacia ainda maior que a das tabas guerreiras. Dahi o terem ficado perpetuadas no «folk-lore» em dois cyclos differentes: no dos Bandeirantes, em historias das lutas contra ellas; no dos Vaqueiros em canções sobre as devastações por ellas praticadas nos rebanhos.

(*) Vide G. Barroso «Praias e Varzeas», *O Pescador.*

Pumas ou jaguares, vermelhas, pretas, pintadas, sussuaranas, maçarocas, ellas fôram dos maiores entraves encontrados pelos primeiros colonisadores do Brasil. Deante dos mosquetes, dos trabucos e das ronqueiras os indigenas desappareciam, mas ellas continuavam a desafiar a pertinacia dos caçadores, a devorar os bandeirantes tresmalhados ou a arruinar os estabelecimentos incipientes. A memoria collectiva do sertão perdeu os cantos em que se falava do indigena e ainda hoje canta o destemor e a ferocidade das onças, bem como narra as suas estrepolias, quer sob a forma de satyra, quer sob a forma de verdadeiros relatos. Até os cantadores matutos nos seus desafios ainda se comparam ás onças, embora hoje raros exemplares restem dellas, acuados pelas devezas das serras mais invias:

« Sou peor que a onça preta,
Sou peor que o tigre macho:
Quando urro em cima da serra,
Estremece o lagedo em baixo!

Henry Koster, que fez a longa travessia do Recife a Fortaleza, a cavallo, em 1812, constantemente fala de onças e recorda historias de onças, que guardavam bem vivas na memoria os moradores daquella região, os quaes, no emtanto, já haviam perdido de todo a memoria das lutas contra os indios. Essas historias são quasi todas semelhantes. Nellas, sempre depois de tenaz perseguição, a onça é morta

pela valentia dum homem, á faca! Ainda hoje se perpetúa o gosto por esse traço de heroismo. As gestas sertanejas pintam Antonio Silvino lutando braço a braço com uma onça. Entre as historias de onça do sertão, ha uma que pela sua veia satyrica merece menção especial:

A ONÇA E OS DOIS COMPADRES

Era no tempo das primeiras colonisações. Querendo vêr-se livre duma onça que devastava o seu estabelecimento agricola, um fazendeiro recem-estabelecido no sertão convidou um seu visinho e compadre para ir matal-a. Ambos armaram-se e fôram

Armaram-lhe uma tocaia em regra. Amarraram um carneiro ao pé duma arvore. Numa aroeira alta, defronte, subio um dos compadres, escanchando-se num galho, de arma aperrada. O outro metteu-se num buraco, alli perto, cobrindo-o com palhas de carnahuba sobre travessas de mororó.

De madrugada, naquella incommoda postura, ouviram o rugido da onça. Aterrorisaram-se! O de baixo encolheu-se. Deu uma tremedeira no de cima, que deixou cahir a espingarda. O carneiro berrou tres vezes. A onça appareceu. Era uma pintada enorme, ferocissima. Veio, lentamente, abanando a cauda e sentou-se, sem fazer o menor caso do carneiro, sobre o tapume do buraco em que se escondia um dos caçadores. E com as suas redondas pupillas amarellas ficou fitando o outro, que se abraçára ao

galho da aroeira, para não cahir com o paroxysmo de sua tremura. Seu olhar duro, impassivel, insistente não o deixava um momento. Então, o desgraçado, rilhando dentes, gaguejou:

— Onça, debaixo do teu rabo tem um!

Ouvindo isso, o de baixo, tremeu com mais força, a poeira da terra entrou-lhe nas narinas. Sentio um formigar no nariz e na garganta. Quiz conter-se e não poude: soltou um *espirro* formidavel... (*)

Ao ouvir aquelle estampido debaixo de si, a onça não esteve pelos autos, deu ás de Villa Diogo! Dizem que ainda hoje corre...

Quando a gente da visinhança, alarmada com a demora dos compadres, foi procural-os, o do galho estava louco, convencido de que era macaco, e o do buraco estava morto, cheio de formigas.

(*) O sertanejo é um pouco rude neste trecho do raconto, que ahi vae inteiramente polido *et pour cause*.

RESUMO DO CYCLO DOS BANDEIRANTES

1. Lendas relativas ás lutas com o indio.
2. Lendas de amor, relativas á mestiçagem.
3. Lendas sobre os perigos:

   a) O caipora,
   b) O sacy-pererê,
   c) A Yára,
   d) O batatão,
   e) O Gorjála,
   f) Os zariguês,
   g) O pescador,
   h) Historias de onças.

b)

O CYCLO DO NATAL

O Cyclo do Natal

E' velhissimo o costume de fazer festas burlescas ou mesmo sérias nas ceremonias religiosas da Quaresma e do Natal, ou durante essas épocas, maximé durante a segunda. O fim dum anno e o começo de outro sempre deram motivo a alegrias populares. Ha toda uma série de festas que se succedem de Dezembro a Abril: Natal, Anno-Novo, Reis, Carnaval, Quaresma. Segundo Morat, ellas correspondem inteiramente ás Saturnaes, Calendas de Janeiro, Lupercaes e Liberalia dos latinos. Vêm, aliás, de muito mais longe: das festas Sacœ de Babylonia e da Kronia atheniense, que déram as Saturnaes romanas, as Mascaradas da Idade Média, ás festas dos Loucos e do Burro, os cortejos da Quaresma e do Carnaval (*). Em quasi todas essas diversões populares era costume escolher um rei. No Nordeste brasileiro esta tradição se manteve nos Reis dos Mouros e dos Christãos, nos Reis dos Congos; em outros logares do Brasil, no celebre Imperador do Divino.

A data do Nascimento de Christo deu origem a um sem numero de festas populares, de cantigas

(*) Moret «Mystères Egyptiens».

e de representações theatraes primitivas, que formam um vasto e interessante cyclo. Umas vieram do elemento portuguez, das suas tradições e da sua alma. Outras se originaram do indio. Outras do negro escravo, que transplantou para o nosso sólo usos e lembranças da terra natal. Algumas vieram do mestiço, já quando estavam situados os primeiros estabelecimentos agricolas. E, por fim, esse mesmo mestiço modificou quasi todas, adulterando-lhe partes ou transformando-lhe intenções e palavras.

Quando me entendi, já os bailados e côros chamados *janeiras*, *reisados* e *cheganças*, grupos de figurantes que andavam pelas portas das casas a cantar e bailar, representando os seus papeis, tinham desapparecido. Representavam, então, dentro de cercados, sobre tablados ou em navios fingidos, tendo as suas singelas cantigas primitivas reunidas em verdadeiros autos, que reproduzo neste livro ajudado da memoria e de notas que me forneceram pessôas do logar e ás vezes os proprios cantadores. Muitas cheganças ou reisados fóram pelo mestiço reunidas um auto unico como esse dos Fandangos, que, talvez pelo facto de cantarem bailando sempre, tem esse appellido de dansa hespanhola.

Os folguedos vindos da ancestralidade portugueza recordam os episodios das navegações e das lutas contra a mourama ou os costumes singelos das aldeias. Os Fandangos não são mais do que a combinação feita pelo mestiço da chegança dos Marujos, que cantavam pelas ruas carregando aos hombros

um navio e relembrando as cantorias ao redor dum barco semelhante, porém mais rico, na côrte d'El Rei D. Pedro, segundo Oliveira Martins, com a chegança dos Mouros e Christãos, resto, por certo, da velha representação do Rei dos Mouros, tendo de permeio, deturpada, a xácara da Nau Catharineta. Elles respiram toda a alma da grande e heroica aventura maritima de Portugal.

O Rei dos Mouros recordava a luta titanica de oito seculos, na Peninsula Iberica, contra o mouro invasor, cuja primeira pagina foi escripta pela espada de Pelayo nos montes das Asturias, cuja segunda pagina foi traçada por Affonso Henriques nos campos de Ourique e cuja ultima pagina gravaram os pelouros de Fernando e Isabel nos muros de Granada.

A vida campesina portugueza está perpetuada nas Pastorinhas, no Baile da Lavadeira, nos autos da Caridade e das Flôres, e em todas as interessantes lôas de Reis, com que é costume *se tirarem Reis* ou pedir guloseimas e dinheiro á porta das casas ricas ,nas noites de 5 para 6 de Janeiro.

O indio, que costumava cantar em circulo, dansando, os feitos de guerra e de caça, deu para o Natal a sua tão interessante e infelizmente desapparecida dansa dos Pagés, em que se misturavam os episodios guerreiros aos cynegeticos.

O africano trouxe das suas aringas selvagens da Nigricia, onde os embaixadores dos sultões orientaes de Zanzibar ou do Somal vinham, antes das

algemas de escravo trazidas pelo europeu, fazer ensanguentadas guerras de corso, a tradição que deu o Rei dos Congos, os Cucumbys com o seu rei e os Maracatús com a sua rainha. Já no Brasil, o negro deu as Tayéras.

O mestiço domiciliado nas fazendas creou o Bumba meu Boi, que resume expressões moraes, intellectuaes e vocaes das tres raças basicas, o reisado do Cavallo Marinho, que, posteriormente, se fundio no primeiro, os reisados da Borboleta, do José do Valle e do Antonio Geraldo.

Neste livro o leitor sómente encontrará autos ainda não publicados e conformes á sua ultima transformação, uns mais deturpados, outros guardando melhor a primitiva forma mais ou menos culta que lhes imprimiram os poetas populares de certa cultura, que os compuzeram. Os que fôram colleccionados por outros autores não figuram aqui. (*)

(*) Nos «Cantos Populares» de Sylvio Romero estão os bailes, cheganças e reisados da Lavadeira, dos Marujos, do Bumba meu boi (variante), da Borboleta, do José do Valle e do Antonio Geraldo, as Tayéras e varias lôas de Reis.

No «Cancioneiro do Norte» de Rodrigues de Carvalho, o Bumba meu boi (variante).

Nas «Festas e tradiçoes» de Mello Moraes Filho, os Cucumbys.

Nas «Idéas e Palavras» de Gustavo Barroso, o Maracatú. Este passou do Natal para o Carnaval, como o Bumba meu boi, na Parnahyba, Piauhy, passou do Natal para a festa de S. João.

AUTO DO REI DOS MOUROS

Este auto representa um episodio, transportado para o Brasil, da grande luta peninsular entre as duas raças, as duas civilisações rivaes, que, durante oito seculos, disputaram o predominio politico, social e ethnographico da Iberia. Havia nelle, segundo parece, muito dos mysterios ingenuos da Idade Media representados nas egrejas, deante dos fieis, e que eram o maior divertimento da época em que se glorificavam os famintos Gringoires.

A festa do Rei dos Mouros realisava-se no litoral. Era uma diversão de praieiros, de pescadores. Infelizmente nada resta della, senão a descripção que faz Koster no seu livro «Voyages au Brèsil». Elle assistio a essa representação no começo do seculo passado.

Formavam-se dois partidos: o dos mouros e o dos christãos. Os primeiros encerravam-se num castello ou forte, construido de taboas velhas, a cavalleiro da praia. Os ultimos enchiam uma flotilha de canôas e de jangadas. Sobre a areia alva, á sombra dos coqueiraes, erguiam-se dois thronos. Num sentava-se o Rei dos Mouros; no outro, o Rei dos Christãos. Ambos assistiam, assim, ao combate entre

os dois partidos, que se ia travar logo e cuja victoria era sempre da cruz contra o crescente.

Antes de começar a guerra, parlamentava-se como é de uso entre as gentes civilisadas. O Rei dos Christãos, brandindo o sceptro ameaçador, intimava o seu collega mouro a baptisar-se. Este recusava, aferrado aos dogmas de Mafamede. Os arautos christãos trombeteavam, declarando a guerra. E a pugna começava.

Canôas e jangadas abicavam á praia, dispárando tiros de ronqueiras carregadas de polvora sêcca, com bucha de côco, contra a cidadella dos infieis, a qual respondia valentemente. Depois, as tropas da cruz desembarcavam com suas armas e oriflammas tocadas pelo sol de laivos de oiro, como outróra, no inicio da monarchia portugueza, os cruzados desembarcaram deante de Lisbôa assediada por Affonso Henriques, para ajudal-o a tomal-a.

Os mouros sahiam do forte. Travava-se a batalha campal, em que ás vezes os imprudentes se feriam na ponta acerada das espadas e chuços que traziam, vestidos carnavalescamente: os christãos de velhos uniformes dos regimentos de Milicias, dos batalhões Auxiliares ou das companhias de Ordenanças: os mouros de saiotes lantejoulados e de cocares de plumas, onde reluziam espelhinhos como brilhantes enormes. Gritaria, choques de armas, tapezape de laminas de aço, esvoaçar de estandartes, tudo acompanhado pelo som dos tambores, das flautas, das violas e dos maracás! Finalmente, os aga-

renos eram vencidos, recuavam em desordem, entravam de roldão com seus vencedores pela alcáçova de taboas velhas a dentro. E no alto das ameias tremulava ao vento do oceano a bandeira branca com a cruz vermelha de Christo.

O Rei Mouro prisioneiro era trazido á presença do Rei Christão, humilhado, amarrado com cordas. Baptisavam-n'o com agua do mar, ao som de cantos de guerra e de victoria. A festa findava com dansas, batuques, «côcos de embigada», bebedeira e, ás vezes, pancadaria de verdade.

O auto do Rei dos Mouros foi morto pelo tempo e sómente algumas reliquias se salvaram. Certamente a *Chegança* dos Mouros, ou dos Christãos e Mouros, que o mestiço cearense reunio á *chegança* dos Marujos, formando o Auto dos Fandangos, em que as duas partes são bem visiveis, é tudo quanto resta do celebre Auto do Rei dos Mouros que Henry Koster presenciou.

AUTO DOS FANDANGOS

PERSONAGENS

a) christãos:

Tenente-general
Capitão-patrão
Immediato
Piloto
Capitão da artilharia
Medico
Capellão
Contramestre
Sargento de mar e guerra
Cabo da maruja
Calafate
Gageiro
Laurindo, Vassoura e Ração, marinheiros.

Côro de marinheiros, soldados e guardas-marinhas.

b) mouros:

Rei mouro

Embaixador, Ferrabraz de Mauritania.
Côro de meninos e de guerreiros mouros.

———

(Um tablado alto com a forma de navio, tendo mastros, cordames, vergas e outros apetrechos nauticos, cheio de bandeiras esvoaçando).

———

1.º acto: — CHRISTÃOS E MOUROS

O piloto apparece á frente da maruja:

Adeus, meus amores,
Que vou embarcar,
Até segunda feira,
Terça ou quarta, ao mais tardar.

Quem embarca? Quem fica? Quem vem?
Já são horas de embarcar.
A catraia está na praia
E a maré é préa-mar.

Côro.

Adeus, meus amores, etc.

. . . . . .

Quem embarca? etc.

Piloto.

Despeçam-se, marujos,
Que nós vamos embarcar.

Vamos todos p'ra Mourama,
Bem alegres pelejar!

Côro:

Quem embarca? etc.

Despeçam-se, etc.
. . . . . .
Quem embarca? etc.

Piloto:

Já me vou, já me despeço,
Já larguei vélas ao vento.
Não achei quem me dissesse:
— Deus te leve em salvamento!

Quem embarca? etc.

Côro:

Já me vou, etc.
. . . . . .
Quem embarca? etc.

Piloto:

Permitta Deus que achemos
Bom terral p'ra o mar, de terra!
Lá se vae de barra afóra
Esta nossa náu de guerra.

Quem embarca? etc.

Côro:

Permitta Deus, etc.
. . . . . .
Quem embarca? etc.

Piloto:

Lá se vae de barra afóra
Esta nossa náu de guerra,
Velejando pelo mar
Até chegar na Inglaterra.

Quem embarca? etc.

Côro:

Lá se vae de barra afóra, etc.

Quem embarca? etc.

Piloto:

Atraca a náu!
Sobe gageiro!

Gajeiro, trepado na amurada:

Em linha vejo tres vélas, *(bis)*
Velejando a barlavento. *(bis)*
Parecem ser dos inglezes, *(bis)*
Que vêm trazer mantimento. *(bis)*

Côro:

Em linha vejo tres vélas, etc.

O capitão-general, (1) coberto de dourados, de chapéu armado e espada, surge no convéz. Canta:

Dentro desta náu eu sou
Um tenente-general!
E tambem sou um fidalgo
Da nobre casa real! (2)

Côro:

Alerta! Alerta!
O' da sentinella,
Que lá vem mouros
Da Inglaterra! (3)

General:

Vejo o inimigo á prôa,
Para nos dar a batalha!
Eu não sei o que farei
Para a náu virar de bordo! (4)

Côro:

Vejo o inimigo, etc.

O General ao Immediato:

Supra bem a embarcação
De café, de pão, de vinho,
Que eu não quero que nos falte
Mantimento no caminho!

Immediato:

Alerta estou,
Meu general,
De armas na mão,
Defendendo a patria!

O', dê-me cá o estandarte,
Por tudo venho jurar
Que quem meu chefe agrave

A sete leguas irei buscar!
Derramarei todo o meu sangue
Pelo chefe general. (5)

Côro:

Alerta! Alerta!
O' da sentinella!
Que lá vêm mouros
Da Inglaterra!

Immediato:

Alerta estou,
Meu general,
De armas na mão,
Defendendo a patria!

Não temo nenhuma bala
De bacamarte e espingarda.
Se me apontares o tiro,
Augmento minhas *passada*,
Torço o corpo, a bala passa
E puxo por minha espada!

Piloto:

Vejo argelino (7) á prôa
Para nos dar a batalha!
Eu não sei o que farei
Para a náu virar de bordo!

Côro:

Vejo argelino, etc.

Como se viesse doutro navio, que encostasse na náu christã, apparece no convéz o embaixador mouro, armado, de capa e turbante.

Dae-me licença, senhores! *(bis)*
Que nessa náu quero entrar, *(bis)*
Com a minha fidalguia *(bis)*
Para comvosco falar! *(bis)*

Sem temor e sem pavor, (8) *(bis)*
Só por mim direi quem sou! *(bis)*
Venho trazer uma embaixada, *(bis)*
Que manda o rei meu senhor! *(bis)*

General:

Quem é teu senhor?

Côro:

Quem é teu senhor?

Embaixador:

— E' o sultão da Mauritania, rei-senhor de meio mundo, de meio-sol e meia lua, que só por mim manda embaixada! Ouve-me, general, e attende este illustre embaixador, que em tua presença espera! (9)

General:

— Senta-te, embaixador, para dar a tua embaixada e diz-me o que o teu rei de mim pretende e que partidos (10) são os teus.

Embaixador:

— Bem deves te lembrar que hontem, ha poucas horas, meu monarcha recebeu tuas atrevidas e soberbas embaixadas (11). Portanto, general, emquanto elle não vir a tua cabeça cortada, a sua corôa e o seu sceptro resgatados (12), não deixará que vejas teus deuses e que tenhas valor pelas tuas armas. Emfim, general, dá-me a resposta para que ao meu monarcha torne (13).

General:

— Segue, embaixador, que a resposta já está dada e diz ao teu rei que eu o espero a pé firme dentro da minha náu!

Embaixador:

— Para que, general?

General:

— Para matal-o, embaixador!

Embaixador, raivoso:

— O meu rei e o meu mestre tu matas, general?!

General:

— Sim, embaixador! Olha como dizes e repara como falas, que as embaixadas são dadas mais mo-

deradas!... Se não fôsse eu attender que és um illustre embaixador, pela força do meu braço e pela ponta da minha espada já te tinha feito retirar tuas atrevidas e soberbas embaixadas!

Piloto:

Deixa e parte, embaixador!
Sem temor e sem pavor,
Que fazes grande ameaça
Ao nosso governador!

Côro:

Vejo o inimigo á prôa,
Para nos dar a batalha!
Eu não sei o que farei
Para a náu virar de bordo!

Côro:

Vejo o inimigo, etc.

General:

Jesus, neto de Sant'Anna,
Filho da Virgem Maria!
Não permitta Deus que eu seja
Prisioneiro na Turquia!

O sargento avança para o embaixador e grita-lhe:

— Parte daqui, embaixador, que has de vêr pelõ punho do meu braço e pela ponta de minha es-

pada em quantas horas defendo a honra de meu general!

Piloto:

Vejo argelino á prôa,
Para nos dar a batalha!
Eu não sei o que farei
Para a náu virar de bordo!

Côro:

Vejo argelino, etc.

Os mouros approximam-se. Ouve-se o seu côro:

Eu sou o mouro argelino,
O senhor do pelejar!
Se pelejares commigo
Tua náu ha de afundar!

Eu sou o mouro argelino,
O senhor de meio mundo!
Se pelejares commigo,
Tua náu vae para o fundo!

General.

Tu és o mouro argelino,
Sou a fragata do rei!
Se quéres me atira ao fundo,
Que eu tambem te atirarei!

O Capitão da artilharia:

Todos os guerreiros mouros,
Que vêm de lá da Turquia,
Saberão p'ra quanto presta
Um capitão de artilharia!

Com o fogo da artilharia
Já ganhei muita victoria
E espero na Mãe de Deus
Ganhar o prazer da gloria!

Os mouros entram em chusma pela náu christã. O embaixador toma o seu commando. O general e os christãos defendem-se. As espadas retinem. Os tambores rufam. Ha um alarido e uma confusão.

Embaixador:

Fogo e mais fogo!
Fogo de arrazar!
Morra a christandade
Que eu quero afundar!

Côro de mouros e christãos, ao mesmo tempo:

Fogo e mais fogo!
Fogo de arrazar!
Morram os saloios (14)
Que nos querem afundar!

Cada um dos personagens principaes dum e doutro partido canta a primeira destas duas estrophes e o côro responde sempre com a segunda. Os mouros levam vantagem no combate. Os christãos esmorecem. Então, o embaixador avança para o general e diz-lhe:

— Emfim, general, vês a tua gente morta, tua náu lavada em sangue! Vem commigo ao meu reino que serei teu amigo constante, dar-te-ei prata, oiro e minas de diamante; dar-te-ei a minha irmã Florisbella, que é a senhora mais rica do Imperio!

O general responde-lhe, disposto a continuar a luta:

— Agradeço teus thesouros! Como não és baptisado, para mim não tens valor!

Olha para o céu e faz uma invocação:

— *Minha Nossa Senhora do Rosario,* ajudae-me a vencer a náu dos mouros e a resgatar a minha gente! Prometto que vos darei duas velas de libra, o traquete da minha náu e todo o dinheiro que ganhar na roda dum anno!

A maruja christã toma novo alento. Enthusiasmada pelos seus chefes, avança contra os infieis, desbarata-os, expulsa-os á ponta de espada. O general convida, então, o embaixador a entregar-se:

Entrega-te, bravo mouro! *(bis)*
Não persigas minha lei! *(bis)*
Pela fé de Deus te juro *(bis)*
Que tu não has de vencer! *(bis)* (15)

Embaixador:

Se tu a guerra venceres,
Não *me* has de *me* matar!
Que a minha fé é pura
E não ha de me faltar!

Côro:

Entrega-te, bravo mouro! etc.

Embaixador:

Se tu a guerra venceres,
Não será por valentão,
E' porque não te traspasso
Este duro coração!

Côro:

Entrega-te, bravo mouro! etc.

Embaixador:

Se tu a guerra venceres,
Não me has de me matar!
Que eu tenho o matto livre
E não me ha de faltar!

Côro:

Entrega-te, bravo mouro! etc.

Embaixador, deixando cahir a espada, exhausto:

Ai! já não posso
Mais combater!
Que a christandade
Me quer vencer!

Ai! já não posso
Mais pelejar!
Que a christandade
Me quer matar!

Côro.

Preso estás!
Entrega-te já!
E por ordem
Do *generá!* (16)

General:

Já está prisioneiro
Quem *com nós* veio pelejar!
Era um mouro pirata
Que nos queria matar.

Dize-me tu, ó bravo mouro,
Qual era a tua tenção?
Se era levar-nos prisioneiros
Ao teu senhor e sultão?

Embaixador:

Senhor, digo que queria
Pelo meu grande valor
Levar-vos prisioneiros
Ao guerreiro meu senhor!

General:

Cala-te, bravo mouro,
Não te faças valentão!
Olha que eu te arrumo
Um horrendo pescoção!

Côro:

Cala-te, bravo mouro, etc.

Embaixador:

Senhores, não me mateis
Sem eu primeiro falar,
Lá vem chegando meu pae,
Que me vem já resgatar!

Ha um dialogo curto, incisivo, brutal entre o tenente-general e o embaixador:

— Então, barbaro, queres te baptisar?
— Não, senhor!
— Não queres viver na lei de Christo?
— Nem quero saber disso!
— Falo-te em Deus e me viras as costas?
— Lá com isso não me importa.

O general canta para os guardas marinhas:

Levae, meus guardas,
Este traidor!
E tirae-lhe a vida
Com o maior rigor!

Embaixador:

Levae, meus guardas, etc.

Côro:

Adeus, meu pae, adeus!
Adeus, minha geração!
Só canto victoria
Se viro christão!

Senhores, não me mateis
Pela vossa piedade,
Que eu sou filho de *reis* (17)
Tambem tenho magestade!

De novo se trava entre o embaixador e o general o mesmo dialogo brusco de antes, e de novo o general e o côro cantam as coplas da parte:

Levae, meus guardas,
Este traidor!

O embaixador decide-se pelo baptismo, para salvar a vida:

Senhor general,
Pela magestade,
Dae-me o baptismo
Da christandade!

General:

— Então, barbaro, queres te baptisar?

Embaixador:

— Quero sim, senhor!

O dialogo prosegue:

— Quem são teus padrinhos?

— Nossa Senhora do Rosario e sua excellencia o senhor dom tenente-general.

— Como te has de chamar?

— Dom Malaca dos Santos Calunga Dendê Pimenta no Olho-que-faz arder! (18)

General:

Senhor padre capellão,
Faça do mouro um christão!

O general, e o capitão-patrão ladeiam o baptisando. O capellão pergunta-lhe:

— Mouro, queres te baptisar?

— Sim, senhor!

— Então, larga teus falsos idolos e crê nas tres pessôas da Santissima Trindade: Padre, Filho e Espirito Santo! Dom Malaca estás baptisado em nome do capitão-patrão desta náu!

Embaixador, gritando:

— Viva a minha madrinha Nossa Senhora do Rosario e viva o meu padrinho sua excellencia o senhor dom tenente-general!! (19)

Canta, após:

Graças aos céos
De todo o meu coração!
Ainda hontem era mouro
E já hoje sou christão!

Sobe na náu, acompanhado de quatro meninos, o velho rei mouro, pae do embaixador, trazendo o resgate do filho prisioneiro.

Rei:

Ninguem de mim tenha medo!
Eu não venho fazer mal.
Venho dentro desta náu
O meu filho resgatar.

O' general desta náu,
Ouvi-me sem ter temor,
Bem sabeis vós que eu sou
Da Turquia Imperador!

Meninos:

O' general desta náu, etc.

Rei:

Agora venho saber
Do triumpho da *victória,*
Como foi preso em combate
O filho que o pae adora!

O' general desta náu,
Que ouve missa com amor,
Bem sabeis vós que eu sou
Da Turquia Imperador!

Meninos:

O' general desta náu, etc.

General:

Não conheço nem reconheço
Da Turquia o Imperador.
Como não sois baptisado,
Para mim não tens valôr!

Côro:

Não conheço, etc.

Rei:

Quinhentos marcos de ouro
Te darei, meu *generá,*
Se tu deixares meu filho
O meu throno *governá.*

Minas de ouro, de diamante
Te darei, meu *generá,*
Se tu deixares meu filho
O meu throno *governá.*

Côro, dirigindo-se ao ex-embaixador:

Tu és o mouro
Já baptisado,
Que procura o reino
Da christandade;
Mas, se tu queres
Não ser louvado,
Volta ao imperio,
Rei coroado!

O rei, surprezo e indignado, volta-se para o filho e canta:

Filho indigno, fantastico!
Se a apparencia não me engana

Tu és mesmo meu filho
Ferrabraz de Mauritana! (20)

Ferrabraz:

Sim, soberano pae,
Por esse titulo me assigno
Vim dar este combate
Pelo meu grande destino!

Rei:

Já estás na lei divina,
Que eu tinha tanto odiado!
Como deixaste meus deuses,
P'ra mim está tudo acabado!

Côro:

Tu és o mouro, etc.

Rei:

Era melhor que tu fôsses
Imperador da Turquia,
Como eu queria que fôsses
E com toda a senhoria!

Ferrabraz:

De me vêr na christandade
Tenho já consolação.
Soberano pae, baptisa-te
E larga a tua nação!

Rei:

Esta penna que tu trazes
Amarrada na cintura
E' para escrever no inferno
Esta tua fé impura?

Ferrabraz:

Soberano pae, baptisa-te!
Arrecebe a lei de Roma.
Teus deuses são do inferno.
Larga essa lei de Mafoma!

O rei, louco de dôr, puxa o punhal da cintura e crava-o no peito, cantando:

Eu vim por esses rochedos
Rugindo como um leão.
Com este punhal que trago
Traspasso meu coração!

Cae morto! O filho murmura:
— Acabou-se o rei de Mafoma!

O côro canta:

O mouro morreu
Com sua mão se matou
Porque nãoquiz viver
Na lei de Nosso Senhor!

General:

Lançae ao mar, meus marujos,
Este infiel sem ventura!
A quem morre por seu gôsto
Não se deve sepultura.

Quatro marinheiros pegam o corpo pelas pernas e pelos braços, balançam-n'o para lá e para cá muito tempo, cantando plangentemente, acompanhados por todos os presentes, antes de atiral-o pela borda fóra:

O mouro morreu!
Lancemos ao mar!
O dinheiro delle
E' p'ra nós gastar!

2.º acto: — A TORMENTA DO GAGEIRO

(Reina paz no navio. Os marujos fingem embarcar para a continuação da viagem).

Côro.

Toca, toca a embarcar,
Rema p'ra nossa fragata,
Que o mar se vira em rosas
E a embarcação em prata.

Já me dóe o coração
E os olhos de chorar.
Quando o contramestre manda,
Toca, toca p'ra embarcar.

Patrão:

Embarca, embarca
A toda pressa,

Que a nossa náu
Deu um tiro de peça.

Côro:

Já não posso aturar
Do contra-mestre o rigor.
Vou vêr se o immediato
Me amostra mais amor.

Toca, toca a embarcar
Rema p'ra nossa fragata,
Que o navio é de ouro
E os mastros de prata.

Patrão.

Embarca, embarca
Sem mais demora,
Larguemos vela
De barra afóra!

Côro:

Já não posso aturar
Do immediato o rigor.
Vou vêr se o general
Me amostra mais amor.

Toca, toca a embarcar
E rema contra a vasante,
Que o navio é de ouro
E os mastros de brilhante.

Patrão:

Embarquemos, meus marujos,
Que nada nos ha de faltar,

Comer de barriga fôrra
E vinho de emborrachar! (21)

Senhor tenente piloto,
Trate da navegação.
Adeus, adeus, meus amores,
Prenda do meu coração!

Espalhada pelo convéz da náu, a maruja continúa a cantar em côro, como se contasse uma aventura da sua vida:

Da náu Catharineta, (22)
Noticias te quero dar.
Sete annos e um dia
Andou por cima do mar.
Não tinha mais que comer
Nem tão pouco o que manjar!
Botamos sóla de môlho,
P'ra no domingo jantar.
A sola era tão dura
Que a não pudemos tragar.
Botamos as sete sortes
Para vêr a quem matar.
As sete sortes cahiram
No tenente general.
— Não me matem, marinheiros,
Gente do meu natural,
Antes quero que me comam
Peixe, toninha do mar!

Assobe, arriba, gageiro,
Nesse teu tope real,
Vê se avistas terras de Hespanha
E areias de Portugal!
— Não vejo terras de Hespanha
Nem areias de Portugal,
Avisto sete espadas núas,
Para os guerreiros matar...
— Não me matem, marinheiros,
Gente do meu natural,
Antes quero que me comam
Peixe, toninha do mar!
— Avisto mais tres donzellas
Debaixo do parreiral,
Uma procura uma agulha,
Outra procura um dedal,
Uma tece caça fina
Que é mais fina que sêdal. (23)
— Desce p'ra baixo, gageiro,
Que alviçaras te quero dar.
Todas tres são minhas filhas,
Todas tres eu vou te dar:
Uma para te vestir,
Outra para te calçar
E a mais xiquitinha dellas (24)
Para comtigo casar.
— Eu não quero as tuas filhas
Que te custaram a criar,
Quero a náu Catharineta,
Para nella navegar.

— Esta náu Catharineta
E' do rei de Portugal.
Dar-te-ei leguas de terra
Aonde queiras morar.
— Eu não quero as tuas terras
Que te custaram a comprar.
Só quero a Catharineta
Para nella navegar.
— Esta náu Catharineta
E' do rei de Portugal.
Dar-te-ei tanto ouro e prata
Que tu não saibas contar.
— Não quero ouro nem prata
Que tu não podes me dar.
Quero a náu Catharineta
Para nella navegar.
— Esta náu Catharineta
E' do rei de Portugal.
Dou-te o meu rico capote
Que de ouro pesa um quintal.
— Não quero o teu capote
Que te custou a ganhar.
Só quero a tua alma
Para ao inferno levar.
— Sae-te daqui, ó cão sujo!
Mofino e arrenegado,
Que minha alma é de Deus,
Meu corpo do mar sagrado!

Os marinheiros, após a cantiga, agrupam-se pe-

los cantos e cantam baixinho, como se coxixassem: (25)

A mulher do capitão
E' uma santa mulher!...
Vae á missa de manhã,
Volta ás horas que ella quer...

O capitão volta-se e responde:

O' senhores que falais
Não preciso de teimar;
Se ella é minha mulher,
Deixae-a passeiar!

O côro canta a mesma copla allusiva ás mulheres do piloto, do cabo, do sargento, do guarda-marinha, do proprio tenente general e, por fim, á do contra-mestre. Todos respondem da mesma maneira que o capitão, porem o contra-mestre apparece com um ferro na mão e replica meio zangado. O capitão-patrão intervem, dando ordens, distribuindo serviços:

Eu não quero vêr motim
Dentro desta embarcação.
Vejo o bello contramestre
Com um pé de cabra na mão?...

Senhor cabo da maruja,
Tome conta do seu leme,
Que vento e mar são tantos

Que até o mastro treme!

Seu camarada de quarto,
Accenda essa *bitrala* (26)
Que vento e mar são tantos
Que até o mastro *estala!*

Senhor tenente piloto,
Trate de mandar dar fundo,
Que o vento e o mar são tantos
Que é o temporal maior do mundo!

Piloto:

Eu não vejo aqui tormentos
Que se não possam aguentar,
Nem tambem a embarcação
Em riscos de se afundar!

Capitão:

Senhor tenente piloto,
Mande ferrar algum panno,
P'ra depois não ir dizendo
Que se perdeu por engano!...

Piloto:

Sobe, sobe, meu gageiro,
Vae ferrar o joanete!
Ferra a gavea e a sobregavea,
Ferra' lá em cima o traquete!

O gageiro hesita em subir por causa do temporal. O capitão-patrão reforça a ordem do piloto.

Capitão:

Contramestre manda a prôa
E a camara é o capitão,
O gageiro commanda a gavea
E a cosinheira o fogão!

O gageiro marinha pelo mastro grande até o cesto da gavea, escancha-se na verga e canta, doloridamente:

Valha-me Deus,
Com tanto vento!
Nos defenda da tormenta
O divino Nascimento! (27)

Quem me mandou
Eu embarcar?
P'ra passar tormentos
Como vim passar!

Se eu soubesse da tormenta
Que haveria de passar,
Dentro desta náu de guerra
Nunca houvera de embarcar!

Desde que apanhei tormenta
Nunca mais tive alegria.
Era o mar, a chuva, o vento
Que na prôa *retinia!*

Desde que apanhei tormenta
Dum terrivel temporal,
A minha Virgem do Rosario
Pedi p'ra nos ajudar.

Gageiro:

O' lá da prôa!
Senhor contra-mestre!

Contramestre:

Que queres tu?

Gageiro:

Grande tormenta

Contramestre:

Que queres tu?

Gageiro.

Grande tormenta
E o vento é tanto
Que nos atormenta!

O' lá da prôa!
Tenente piloto!

Piloto:

Que queres tu?

Gageiro:

Mande alguem para arriar.

Piloto:

Que queres tu?

Gageiro:

Mande alguem para arriar.
Que o vento é tanto

Que caio ao mar!

Meu capitão, suba, suba!
Neste meu tope real,
Venha vêr grande tormenta
Por sobre as ondas do mar!

Capitão:

Meu gageiro, eu subirei
Neste teu tope real,
Pois eu sei que hei de morrer
Dentro das ondas do mar!

Contramestre e piloto ao mesmo tempo:

Senhor capitão, suba, suba!
Não queira esmorecer,
Que o divino Nascimento
Sempre nos ha de valer!

Capitão.

Sènhores piloto e contramestre,
Estamos com a náu perdida,
Com muito pouca esperança
De escaparmos com vida!

O capitão começa a subir no mastro com a in-

tenção de atirar-se da gavea no mar, para morrer, porque perdeu a náu com a tempestade. Canta:

Ai! vou morrer, meu gageiro,
Desse teu tope real.
Sei que tenho de morrer
E vou lançar-me no mar!

Piloto e contramestre juntos:

Vinde cá, meu capitão,
Não queira lançar-se ao mar
Que a Virgem da Conceição
Ha de vir nos ajudar!

Gageiro, alegremente:

Alviçaras, meu capitão!
Alviçaras lhe quero dar!
A tormenta já amaina,
Já podemos navegar!
Pode ir, senhòr piloto,
Ao seu quarto socegar,
Que já passamos os baixos, (28)
Já podemos navegar!

Venha cá, senhor patrão,
Com seu rosto de alegria,
Que eu deste tope avistei
O rosario de Maria!

O gageiro desce do mastro. A lufa-lufa em que a marinhagem fingia estar mettida, dobrando velas,

puxando cabos, dando ás bombas, cessa de repente. O capitão dá a sua ultima ordem de manobra por causa da tempestade:

Senhores piloto e contramestre,
Tratemos de marear!
Que a tormenta já passou
E já podemos navegar!

Côro:

Corre, corre, embarcação,
Por essas ondas do mar,
Velejando a barlavento
Até chegar a Portugal!

3.º acto: — A MORTE DO PILOTO

Capitão:

Remae, remae, meus marujos,
Remae que temos bonança!
Deixemos, deixemos no mar
Leva remos!
As nossas tristes lembranças.

Côro:

Remae, remae, etc.

Capitão:

Senhor tenente piloto,
Trate da navegação,
Que é p'ra depois não ir dizendo...
Leva remos!
Lá se foi o remo da mão.

Côro:

Senhor tenente piloto, etc.

Capitão:

Eu e os meus camaradas
Não cansamos de remar,
Que é p'ra no dia da festa...
Leva remos!
Nós não podermos faltar.

Côro:

Eu e os meus camaradas, etc.

Capitão:

Senhor tenente piloto,
Aproveitemos o vento,
Para festejarmos em terra...
Leva remos!
O divino Nascimento.

Côro:

Senhor tenente piloto, etc.

O Capitão continúa a cantar, em varios tons, conforme a metrica dos versos, acompanhado pelo côro:

O' Lisbôa! O' Lisbôa!
Lisbôa de peccado!
Se eu não fôsse a Lisbôa, (29)
Nunca seria soldado.

Quando meu mestre me manda
Correr a náu pela prôa,

Vêm-me sempre á lembrança
As meninas de Lisbôa...

Fragatinha hollandeza
Que andas no mar de Lisbôa,
Com vento su-sudoeste
Já te passei pela prôa!

Senhores, mandae soccorro
A'quella pobre galera,
Que está cercada de mouros
Nos mares da Inglaterra!

O' Lisbôa! O' Lisbôa!
As costas p'ra ti vou dando,
Não sei o que fica atraz
Que meus olhos vão devorando...

O' Lisbôa! O' Lisbôa!
As costas p'ra ti vou dando,
Que o traquete está na amura
E a amura se amurando.

Adeus, terreiro do Paço!
Adeus, memoria real! (30)
Não volto neste logar!
Viva o nosso general!

Quero bem á sinhá Mariquinha.
Eu a venero por ser bonitinha.

Quero bem á sinhá dona Rosa.
Eu a venero por ser formosa.

Quero bem á sinhá Francisca.
Eu a venero por ser arisca.

Quero bem á sinhá dona Rita.
Eu a venero por ser bonita.

Triste vida é a dos marujos,
De todas a mais cançada,
Que pela triste soldada
Passam tormentos!
Passam tormentos!
Don! Don!

Lembro-me de certas senhoras,
Com quem eu tratei em terra. (31)
Hoje estão me fazendo guerra...
Com meu dinheiro!
Com meu dinheiro!
Don! Don!

Tenho medo do peixe-arraia
E tambem do tubarão,
Que não morda meu coração...
E minha alma!
E minha alma!
Don! Don!

As nossas necessidades
Nos obrigam a embarcar,
Passando o tempo no mar!
Em aguas e aguaceiros.
Em aguas e aguaceiros.
Don! Don!

Andamos na furia do vento,
Quer no verão, quer no inverno!
Só se parece com o inferno
A tempestade!
A tempestade!
Don! Don!

No meu quarto de dormir,
Quando estou a descançar,
E' quando ouço gritar:
O' leva arriba!
O' leva arriba! (32)
Don! Don!

O chefe, então, me grita,
Falando de tal maneira:
Mande vêr a cevadeira
E concertar o panno!
E concertar o panno!
Don! Don!

Antes queria ser padre,
Sendo vigario collado,

De casamento e baptisado
Ganhando offerta,
Ganhando offerta,
Don! Don!

Triste vida, companheiros!
Não podemos descançar!
Cada qual em seu logar!
O' leva arriba!
O' leva arriba!
Don! Don!

Arrenego de tal vida
Que nos dá tanta canseira
Que sem uma bebedeira
Não passamos!
Não passamos!
Don! Don!

Cessam os cantos em côro. Ha outra scena.

Calafate:

Appareça, meu commandante,
Para esta náu commandar. *(bis)*

Capitão:

Que tendes, calafatinho,
Que te ouço resingar? *(bis)*

Calafate:

E' o tenente piloto
Que de mim se quer vingar! *(bis)*

Capitão:

Senhor tenente piloto,
Tenha cuidado commigo, *(bis)*
Mande dar as rações
A quem estiver carecido! *(bis)*

Piloto:

Olhe, senhor capitão,
Não me venha agoniar. *(bis)*
Olhe que eu estou vendo
A agulha de marear! *(bis)*

Capitão:

Olhe, senhor piloto,
Não seja tão malcreado, *(bis)*
Onde ha campo e espadas
As razões são escusadas! *(bis)*

Piloto:

Arreda, arreda, gente!
Que eu quero me vingar! *(bis)*
A cara deste bregeiro
Eu já vou arrebentar! *(bis)*

Capitão:

Arreda, arreda, povo!
Que eu quero me vingar! *(bis)*
Com esta minha espada
O piloto hei de matar! *(bis)*

Todo o mundo se afasta, dando espaço para que os dois possam lutar. O capitão logo aos primeiros golpes prostra ferido o piloto.

Piloto, cahido sobre o convéz:

Grande foi a estocada
Que me deu o capitão,
Com a ponta da sua espada
Traspassou meu coração!

Desde muitas madrugadas
Não me podia tragar!
E assim o capitão
A vida me quiz tirar!

Chamem nosso capellão,
Que eu me quero confessar.
A ferida é muito grande.
Della não julgo escapar!

O tenente general apparece, no meio da turba multa que rodeia o official ferido, imponente e zangado.

Que faz o *seu mar e guerra* (33)
Dentro desta embarcação
Que não vem vêr o piloto
Que está cahido no chão?

O sargento de mar e guerra, apparecendo afogueado e furioso contra o capitão-patrão:

Que é que tem, senhor piloto
Que o vejo desmaiar?

Se foi aquelle brejeiro
Eu o vou arrebentar!

O capitão ouve e adianta-se, de espada em punho, desafiando o sargento:

Senhor sargento de mar e guerra,
Queira já se *arretirar*,
Senão com esta espada
A vida lhe hei de tirar.

O sargento põe-se em guarda:

Venha, se é homem, para cá,
Que eu já ando á sua espera!
Você não conta victoria
Com o sargento mar e guerra!

O padre capellão de bordo surge numa das extremidades do navio. Os circumstantes não permittem que o capitão se bata com o sargento. Este, avistando o padre, chama-o:

Venha cá, chegue-se á prôa,
Senhor padre capellão,
Venha vêr nosso piloto
E ouvil-o de confissão.

Capellão, chegando e curvando-se para o ferido:

Que é que tem, senhor piloto,
Que o vejo desmaiar?

Piloto:

Foi o capitão-patrão
Que a vida me quiz tirar.

Capellão:

Eu já contava com isso
Que fósse elle quem te deu,
E' impossivel quem foi mouro
Não ter sangue de judeu!

Se me livrares a crôa,
Minha mão sagrada está,
Dá-me um jogo de pistolas
Que te ajudarei a matar!

Capitão, ouvindo os insultos do sacerdote e repellindo-os:

Senhor padre capellão,
Queira já se *arretirar*,
Senão com a mesma espada
A vida lhe hei de tirar!

O capellão diz, com lealdade, ao ferido:

Faça modos de viver!
Não se fie em oração.
Eu tambem hei de morrer.
Chame o doutor cirurgião! (34)

Piloto:

Chamem o cirurgião,
Que me quero receitar,

A ferida é muito grande,
Della não julgo escapar!

Sargento de mar e guerra:

Venha cá, chegue-se á prôa,
Senhor doutor cirurgião,
Venha vêr nosso piloto
Que está cahido no chão!

O medico de bordo, apparecendo:

Que tem, senhor piloto,
Que o vejo desmaiar?
Se foi aquelle brejeiro,
Já o vou arrebentar!

Piloto:

Em gottas de meu sangue
Já me vejo consumido.
Aqui dentro desta náu
Não vejo um só amigo!...

O piloto desmaia. Todo o mundo pensa que elle morreu. Todos os olhares cravam-se ferozmente no capitão. O general manda prendel-o:

Senhores guarda-marinha
E sargento mar e guerra,
Prendam o senhor capitão,
Para conselho de guerra!

Os dois avançam para elle, que entrega a espada

Patrão:

Obedeço-vos pela ordem
Do chefe de mar e terra.
Agora, já que estou preso,
Façam conselho de guerra!

O piloto, voltando a si, canta, suspirando:

Valha-me Nossa Senhora,
Que ella me queira valer.
Aqui dentro desta náu
Vejo meu sangue correr!

O medico, chamando um marinheiro:

Vem cá, Laurindo!
Vae na botica,
Com todo o cuidado
Traz de lá arnica.

Laurindo, voltando a correr momentos depois:

Meu rico homem,
Meu bello senhor,
Aqui está a arnica
Em seu favor!

O medico fazendo o curativo da ferida do piloto:

Unguento enorme! (35)
Cura esta ferida!

Com balsamo cheiroso
Te darei a vida!

Piloto, levantando-se:

Graças aos céos!
Estou menos doído.
Quem me deu a vida
Foi o Senhor Nascido!

General:

Senhor Guarda-Marinha,
Solte o capitão-patrão,
Que ao nosso bom piloto
Já lhe bate o coração.

Piloto:

Eu bem conheço
Que ainda não estou forte,
Mas este bregeiro
Morrerá de ma morte.

Graças a Deus,
De todo o coração,
Que escapei de morrer
Nesta embarcação!

Capitão:

Graças a Deus,
De todo o coração,
Que não estou mais prezo
Nesta embarcação!

A náu é chegada a porto de salvamento. A tripulação finge que vae desembarcar nas catraias e canta em côro:

Enrola o panno e arreia o ferro,
Com prazer e contentamento,
Vamos louvar de Jesus
O Divino Nascimento.

Rema quem rema,
Que não sei remar!
Rema p'ra terra
Que remo p'ra o mar!

Acerta o remo
De ré pela prôa!
Nós já estamos
No mar de Lisbôa.

Rema quem rema,
Senhor marinheiro!
Que quem não remar
Não ganha dinheiro.

Rema quem rema,
Daquella fragata!
Que o remo é de ouro
E a malagueta de prata!

Saltemos do mar contentes,
Com prazer e alegria

Vamos louvar a Jesus
E a grande Virgem Maria!

Saltemos do mar contentes
Com saudades extremosas,
Desembarcando felizes
Desta nossa náu de rosas.

Toquem lá os seus apitos,
Encastoados de prata.
Vejo bello commandante
Dentro daquella fragata.

Toquem lá os seus apitos,
Encastoados de ouro.
Vejo bello commandante
Dentro desta náu-thesouro.

Toquem lá os seus apitos,
Encastoados em latão.
Vejo bello commandante
Dentro desta embarcação.

Remar, remar, marinheiros!
Remar que temos abundancia,
Deixemos, deixemos no mar
As nossas tristes lembranças.

Remar, remar, meus marujos,
Remar com todo o sentido,

Se não tiveres cuidado,
Lá vae o remo perdido.

Remar, remar, meus marujos,
Remar com todo o cuidado,
Se não tiveres sentido,
Lá vae o remo quebrado.

Côro de guardas-marinha, desembarcando após a marinhagem:

Trago fazendas bem finas
Para as moças do Brasil.
Tambem trago ramalhetes
De flôres da côr de anil.
Dou-te vinte mil cruzados
Pela fazenda real.
Trago fazendas bem finas
P'r'as moças de Portugal.

O capitão-patrão communica ao tenente general que os guardas-marinha trazem fazendas de contrabando, que vão vender em terra. O general intervem

Saberá vossa excellencia,
Senhor tenente general,
Que esses guardas-marinha
Vendem fazenda real.

Venham cá, guardas-marinha,
Dizei-me porque razão,

Vendeis os contrabandos
Sem licença do patrão?

Côro de guardas-marinha:

São falsos que nos levantam
Dentro dessa embarcação.
Se vendemos contrabandos,
E' com licença do patrão.

O general ordena que elles sejam presos. Os rapazes supplicam a todos que intercedam por elles para que possam desembarcar, dirigindo-se a cada um de per si. E cada um delles replica assim:

Guarda marinha,
Soffre tua dôr!
A semelhante homem
Não peço favor.

E todos os figurantes cantam em côro, para terminar o auto:

Lá vae a barca nova
Que do céo cahio ao mar:
Nossa Senhora vae dentro
Com os anjinhos a remar.

S. Francisco é o piloto,
S. José o capitão,
Ambos levam a porto certo
A feliz embarcação!

Notas ao Auto dos Fandangos

1. Os fandangos se originam da velha xacara da náu Catharineta e de outras poesias semelhantes, que perpetuavam as aventuras maritimas dos portu guezes. Nessas poesias, o chefe da náu é sempre um capitão-general, posto que existia na época dos des cobrimentos e das conquistas. Como durante a es-cravidão, que foi quando todos esses divertimentos populares tiveram maior desenvolvimento, porque da vam do dia de Natal ao de Reis certa liberdade aos humildes; como durante a escravidão, isto é, durante a monarchia, o maior posto do exercito brasileiro, depois do de marechal do Imperio, era o de tenente general, nas cantorias o velho titulo portuguez foi substituido pelo outro, muito naturalmente.

2. Ainda allusão aos fidalgos da casa real, que, mesmo sem entenderem de navegação, os reis de Por tugal punham á frente de suas esquadras e expedi ções. Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral e tantos outros fôram fidalgos da casa real.

3. Não posso explicar esta Inglaterra aqui. Deve ter sido a ignorancia popular que a enxertou no auto primitivo, que, por certo, foi feito por gente mais instruida, segundo se nota em certas partes.

4. Esta quadra do piloto não rima nunca. Tal vez com as deturpações do tempo as suas rimas se tenham perdido.

5. No Nordeste não é raro transformar o l final das palavras em r, especialmente em Pernam

buco. Quando a rima se não fizesse assim, far-se-ia pela prosodia *á* tanto dos verbos em ar como dos vocabulos em al.

6. V. a nota 4.

7. Os que representam nos Fandangos pronunciam *azelino*. Quero crêr que não será outra coisa senão argelino.

8. A parte do embaixador lembra um pouco a dos Congos.

9. Os dialogos em prosa estão ahi como são no auto popular. Parecerão, no emtanto, um pouco acima do nivel do povo rude, porque, para evitar confusões e tornar o seu conhecimento mais acessivel, ponho-lhe pontuação e graphia commum em vez da sua prosodia popular. Escrevo aqui o mesmo trecho tal qual como é pronunciado pelos *fandangueiros* Vêr-se-á como tudo muda:

« E' o surtão da Maritania rei sinhô de meio mundo de meio sólo e meia lunha que só pru mim manda imbaxada ouve-me generá e attende este illustre imbaxadô que in tua presença espera. »

10. *Partidos:* opiniões ou intenções.

11. *Embaixadas:* no sentido de recados, de palavras.

12. *Resgatados:* desaffrontados.

13. Este « torne » e outros termos semelhantes são reminiscencia das primeiras formas mais cultas do auto.

14. Salvio aqui parece estar em sentido pejorativo, empregado por ambos os partidos, uns contra

os outros. Em algumas variantes se diz — Adão Salvio e Dom Salvio, o que talvez viesse de dom Salema, nome vindo do arabe Salim, empregado para denominar, outróra, personagens mouros e talvez referente ao embaixador.

15. A prosodia popular de lei é *lê* e de vencer *vencê*, mais ou menos.

16. V. a nota 5.

17. O povo de Nordeste nunca diz rei e sempre *reis*.

18. Traço de ironia o nome com que se baptisa o mouro. Ha nelle ridiculo e tradições, de envolta. O primeiro nome Malaca lembra toda a poesia popular que se originou da cidade tomada por Albuquerque, cantada por Sá de Miranda e cuja ultima reminiscencia no Brasil é esse nome perdido num auto de Natal. Dos Santos, porque é o nome mais commum entre o povo. Quem não tinha appellido de familia tomava dos Santos, se era homem, da Conceição, se era mulher. Calunga, boneco, titere. Dendê nome dum côco, cujo azeite é commumente empregado nas comidas do Norte, ahi mettido para rimar com a caçoada Pimenta no Olho que faz *ardê* ...

19. O baptisando repete esse viva, referindo o nome de todos os personagens presentes.

20. Reminiscencia dos romances de cavallaria espalhados entre o povo: «Aventuras dos Doze Pares», «Bernardo del Carpio», nos quaes muito se fala no celebre Ferrabraz de Alexandria, que vem

das Gestas do grande cyclo de Carlos Magno. Em todo o Nordeste, hoje em dia, Ferrabraz é synonimo de sujeito levado do diabo.

21. O povo diz *esborrachar*.

22. E' sobremodo interessante o que resta da xácara da Náu Catharineta, guardada na memoria do povo nordestino e entremeiada nesse auto dos Fandangos, como uma narração de aventura, ella que, certamente, foi a fonte maior de onde o proprio auto se originou. Transcrevo, na integra, do «Romanceiro» de Garrett, tomo III, paginas 103 e seguintes, a Náu Catharineta, para que pelo confronto se possa julgar do que ficou dessa tradição no Brasil e em Portugal:

Lá vem a nau Catharineta
Que tem muito que contar!
Ouvide agora, senhores,
Uma historia de pasmar.

(No Nordeste este inicio transformou-se).

Passava mais de anno e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.

(Garrett recolhe um verso duma variante do Minho: Sete annos e um dia, em vez de — passava mais de anno e dia. Esse verso é o da dos Fandangos).

Deitaram sola de môlho
Para o outro dia jantar.
Mas a sóla era tam rija
Que a não poderam tragar.

(Na xácara, conta-se o que os navegantes fizeram. Na cantoria dos Fandangos, como são os proprios marinheiros que se attribuem as aventuras, dizem o que elles praticaram. Dahi a differença nos tempos dos verbos.)

Deitam sortes á ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cahir a sorte
No Capitão General.
— Sobe, sobe, marujinho,
Aquelle mastro real,
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.

(Na xácara não existe, o que é curioso, com variante alguma, a fala do general aos marujos, para que o não matem, que parece accrescimo do proprio Nordeste.)

— Não vejo terras d'Hespanha,
Nem praias de Portugal.
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.
— Acima, acima, gageiro,

Acima, ao tope real!
Olha se enxergas Hespanha,
Areias de Portugal.
— Alviçaras, meu capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo tres meninas
Debaixo dum laranjal:
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.
— Todas tres são minhas filhas,
O' quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a hei de casar.
— A vossa filha não quero
Que vos custou a criar.
— Dar-te-ei tanto dinheiro
Que o não possas contar.
— Não quero o vosso dinheiro
Que vos custou a ganhar.
— Dou-te o meu cavallo branco
Que nunca houve outro igual.
— Guardae o vosso cavallo
Que vos custou a ensinar.
— Dar-te-ei a náu Catharineta,
Para nella navegar.

— Não quero a náu Catharineta
Que a não sei governar.

(Uma variante lisboeta approxima-se neste ponto mais da forma que o rimance assumio entre as gentes do Nordeste. Nella, o gageiro deseja a náu Catharineta e o capitão general responde que a não pode dar de alviçaras, porque pertence ao rei de Portugal.)

— Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te hei de dar?
— Capitão, quero tua alma
Para commigo levar.
— Renego de ti, demonio,
Que me estavas a tentar!
A minha alma é só de Deus,
O corpo dou eu ao mar.

Tomou-o um anjo nos braços
Não n'o deixou afogar.
Deu um estouro o demonio,
Acalmaram vento e mar,
E á noite a náu Catharineta
Estava em terra a varar.

(Nos Fandangos falta absolutamente este final.)

23. *Sêdal:* Com toda a certeza *cendal.*

24. *Xiquitinha:* engraçadinha.

25. E' notavel este traço de satyra contra as mulheres dos que têm por profissão andar embarcados...

26. *Bitrala:* bitacula.

27. O Natal que o auto celebra, homenageando-o.

28. *Baixos:* baixíos.

29. Os cantos em que se fala de Lisbôa e de Portugal mostram quanto é lusitano este auto brasileiro e que profundas tradições são estas, de navegadores e de lutadores, que, transplantadas para outro meio, não morrêram e antes absorveram as naturaes do paiz e mesmo as de outras raças que posteriormente vieram: negros, hollandezes, etc.

30. V. a nota 29. *Memoria real.* Talvez a estatua de D. José I ao meio do Terreiro do Paço.

31. *Tratei.* Conversei, frequentei.

32. *Leva arriba:* voz antiga de commando nos preparativos de partida dum navio. A estrophe é expressiva. Com effeito, o marinheiro, quando melhor se acha em terra, tem de embarcar.

33. *Seu mar e guerra:* abreviação de senhor sargento de mar e guerra. Os sargentos commandantes dos destacamentos de soldados a bordo, fusileiros ou infantaria de marinha, são ainda hoje, como nesses *tempos de mouros,* encarregados do policiamento.

34. Os fandangueiros pronunciam *surgião* ou mesmo *sufião.*

35. *Enorme.* Tem no Nordeste a significação lata do *Kollossal* allemão: grande e tambem optimo, excellente, magnifico. *Unguento enorme,* unguento magnifico.

AUTO DAS PASTORINHAS

PERSONAGENS

As Pastoras, mais ou menos uma duzia de mocinhas vestidas de branco, com chapéus floridos, conduzindo cestinhos com fructas, ovos, flôres, mel e outras offrendas. Entre ellas, as chamadas Golosa, Açucena e Espia.

O Archanjo Gabriel.

A Mestra.

A visinha, contra-mestra ou Dona Olga.

O Zabumba.

O Pastor.

A Cigana do Egypto.

Os Cabóclos.

As duas Gallegas de Oraré.

(Numa grande sala ou num terreiro, ao ar livre. As dansas e cantorias se realisam deante duma lapinha estrellejada de luzes, onde, rodeando o berço de Jesus, ha todos os bonecos que se puderam reunir; soldados francezes de chumbo, animaes bravios e mansos, estradas de ferro e negras de panno fazendo renda, a mesma lapinha que Julio Diniz descreve numa de suas paginas mais interessantes.)

Côro de pastoras:

Entrai, pastorinhas,
Entrai em Belem, *(bis)*
Que já é nascido
Jesus nosso bem! *(bis)*

Vamos vêr Maria,
Ora, vamos vêr!
Vamos vêr Deus Menino,
Ora, vamos vêr!
Vamos vêr em Belem,
Ora, vamos vêr!

Entraremos, entraremos
Nesta casa de alegria,
Onde mora o Bom Jesus,
Filho da Virgem Maria.
Viva, viva o Menino Deus!
Meu coração é todo teu!

Vamos vêr os montes
E os valles tambem,
Publicando as glorias
Feitas em Belem.

Nasceu Jesus na lapinha,
Nasceu nosso Creador,
Nasceu o Verbo Encarnado,
Nasceu nosso Redemptor.

Nasceu quem por nosso amor
No mundo vem padecer.
Vinde já, vinde com pressa
O Divino Infante vêr.

Já deu meia noite,
O gallo cantou,
Em Belem nasceu
Nosso Salvador!

Noite ditosa e feliz,
Noite pura e côr de rosa.
Noite bôa, noite fina,
Noite bemaventurosa!

Já deu meia-noite,
Vae romper o dia,
Que bello menino
Nasceu de Maria!

Já deu meia noite,
Já resplandeceu,
Que bello menino
Na lapa nasceu!

Alviçaras, pastoras,
Que nascido está,
Quem este mundo
Veio *libertá!*

Alviçaras, vamos a Belem!
Visitar Maria,
Visitar Maria,
E Jesus tambem!

Bateu azas, cantou o gallo,
Quando o Salvador nasceu.
Cantam anjos nas alturas:
«Gloria nos céos se deu!» (1)

Sou captiva de Jesus,
Baptisei-me em Belem.
Quem tiver inveja disso
Faça como eu fiz tambem!

Em Dezembro, a vinte e quatro,
Meia-noite deu signal,
Rompa aurora e primavera
Que hoje é noite de Natal!

Uma pastora pergunta:

Toda a gerarchia do sr. S. José?

Resposta do côro:

No dia de hoje desceu em *Israé!*

Côro:

Todos os anjos, todos os anjos
Desçam do seu throno

E neste presepio
Nos sirvam de abono!

O sol e a lua
Com seu resplendor
Esclareçam o throno
Do meu Creador!

As pedras mais finas
Haveis de cravar
No throno de Deus,
Para o enfeitar!

Vamos, lindas pastorinhas
Á' lapinha de Belem!
Vamos vêr o Deus Menino
Que nasceu p'ra nosso bem!

Lá no céu brilhou a estrella,
Que esplendor a noite tem!
Vamos, lindas pastorinhas
A' lapinha de Belem!

Ao se approximarem as pastoras do presepio illuminado, onde o Menino Deus dorme sobre as palhas, um anjo lhes apparece, impedindo-lhes a passagem.

Anjo:

Sou o archanjo Gabriel,
Espirito angelico sou,

Que desci dos céos
Pelo vosso *amô!*

Dos céos á terra
Pude baixar,
Para vos remir,
Para vos salvar!

Gloria! Gloria! no alto céo (2)
Ao nosso Deus seja dada,
E na terra a paz dos homens
P'ra sempre seja guardada!

O', pastoras, que portento,
Que grande céo de prazer!
O Creador do Universo
Teve agora de nascer!

As pastoras, ajoelhando:

Cheias de prazer
E contentamento,
Viemos louvar
O seu nascimento.

Gloria! Gloria! no alto céo!
Paz na terra que a ella baixou!
Pelo seio da Virgem Maria
Veio a estrella que o mundo salvou!

Prostradas todas por terra,
Adoremos com fervor
O Deus Menino nascido,
Jesus, nosso Salvador!

O archanjo se afasta. As pastorinhas dansam ao redor da Lapinha, cantando louvores a Maria e a Jesus, interpellando ás vezes S. José.

Côro.

Cantemos pastoras
Com muita alegria,
Adorando o filho *(bis)*
Da Virgem Maria. *(bis)*

Estes louvôres
Que damos a Maria
E' porque hoje nasceu
O Deus da Alegria.

S. José, que moda é essa?
Largue o prato e a colher,
Homem não vae á cosinha
Em logar que tem mulher! (3)

Entra o Zabumba, tocando o seu pequeno tambor e cantando:

Vem este Zabumba,
Meu Deus e Senhor,

Tocar uma marcha
Em vosso louvor.

Eu não sou, pastoras,
Quem não saiba amar,
Sou menino dengoso
Que só quer brincar!

Eu me chamo Zabumba,
Zabumba do Fonsêca;
Sou piloto duma barca,
Para toda a sêcca...

Meu sangue é illustre
De caudal segundo.
Vejo que é patente
Tudo isto no mundo.

Sou capitão de maldade,
Meus avós fôram vaqueiros,
Conhecidos pelas varzeas
E tambem nos taboleiros.

Levo commigo, nas costas,
Um sacco de tatú assado
E outro sacco de farinha,
Com muçú amoqueado.

Venho da roça do preto João
E seria tôlo ou selvagem

Se não tivesse provado
A minha matalotagem.

Levo um dez reis p'ra bebida,
Que são mais de vinte leguas
Desde aqui até Belem,
E é preciso fazer treguas...

O' meninas, o que quereis
E' casar e é brincar.
Não é assim como dizeis
Para todos enganar?...

Tenho pena de quem
Não souber comprehender.
Ora, venham, meninas,
Commigo aprender.

Eu não sou, pastoras,
Quem não sabe amar,
Sou menino dengoso
Que só quer brincar.

Apparece a mestra da escola. As meninas e o zabumba calam-se, timidamente.

Mestra:

Vejam que horas são estas
E as meninas sem chegar!
Deixem ellas virem
Que hão de logo apanhar!

Uma das pastoras bate palmas.

Mestra:

— Quem é?

Pastora:

— Sou quem quero! Falo com a mestra?

Mestra:

— Entre e dobre a lingua! (4) Chame Senhora Mestra.

Pastora:

Está aqui esta camisa,
Senhora Mestra,
Que mamãe mandou
P'ra coser com brevidade
Que é para a festa.

Mestra:

Diga á sua mãe
Que aprompte os cobres
E deixe as meninas *chegar,*
Em breve será cosida.

A fazenda não é má,
E' fina, ha de durar.
Eu sem oculos não enxergo
Ellas é que vêm cortar... (5)

A Mestra passeia para lá e para cá. As pastoras entram para a escola, cantando:

A bençam, Senhora Mestra.
Deus lhe dê muito bom dia *(bis)*
E tambem a sua graça
Seja vossa companhia! *(bis)*

Mestra:

As bençams de Deus as cubram
E as façam vir mais cêdo,
Se não hão de apanhar,
Já que de mim não têm medo.

Antes que vocês se sentem,
Tomem o que hão de fazer:
Ha de ser esta camisa
Que breve se ha de coser. (6)

Uma pregue as duas mangas,
Outra a vá bem pespontando,
Outra pregue a abertura
E outra vá alinhavando.

Uma faça as casas todas,
Outra côsa o collarinho,
Outra faça os embainhados
E outra pregue os *botãosinho*.

Vou á casa da visinha
E breve hei de tornar

Deixo aqui uma *espia,* (7)
Emquanto vou conversar.

Golosa, diga ao Zabumba
Que faça a lettra deitada,
Apare bem sua penna, (8)
Não faça lettra rasgada! (9)

A mestra sáe. Golosa dirige-se ao Zabumba.

Golosa:

Zabumba, a mestra disse
Fizesse a lettra deitada,
Aparasse bem a penna,
Não a fizesse rasgada.

Que ella ia até á visinha
E breve havia de tornar
Deixava aqui uma espia
P'ra nós todas espiar...

Côro das pastoras, fingindo coser, todas sentadas:

Que é da minha agulha?
E tambem meu dedal?
Não foi outra senão Golosa,
Que é a mais buliçosa!

Golosa:

Viram que fui eu? Digam-me já
O' linguas de taramella!

Procurem agulha e dedal.
Não fui eu que peguei nella!

Uma pastorinha:

Pastorinhas que teceis,
Galantes o fio mais fino,
Venham, pastoras,
Trazer panninhos,
Para enfaixar *(tris)*
O Deus Menino!

Trazei, pastoras, incenso,
Misturado com canella,
Para botar na Lapinha,
Reaccender o cheiro della!

Zabumba:

Meninas, larguem isso,
Deixem-se dessa funcção,
Levantem-se para brincar,
Que é chegada a occasião.

Golosa:

Eu não, Zabumba, eu não!
Se a mestra souber, ha de ralhar.

Zabumba:

Diga á mestra, menina,
Que vá bugiar!

As pastoras levantam-se, fazem uma roda de mãos dadas como a da Ciranda, Cirandinha, cantam em côro:

A mestra pedio *(bis)*
Para não se brincar.
enganamos ella, *(bis)*
Ora, vá bugiar!

De não ser menina *(bis)*
Tudo inveja tem,
Para vir brincar *(bis)*
Hoje tambem.

Grande inveja tem *(bsi)*
Quem não é creança.
E' a pura raiva *(bis)*
Do fél da vingança!

Apresenta-se o pastor, interrompendo o folguêdo, a cantar:

Vim dos montes onde habito.
E onde tenho meu cuidado,
Somente para te vêr,
Cordeirinho Immaculado!

Côro:

O' lêlê, victoria! O' lêlê, victoria!
Já nasceu o Rei da Gloria!

Pastor:

Vim dos campos onde habito,
Onde pastoreio o gado,

Somente p'ra te adorar,
O' Jesus immaculado!

Côro:

O' lélé, victoria! etc.

A mestra entra. As meninas fingem esconder-se com medo della, que anda para lá e para cá, impaciente.

Mestra:

O' que calor está fazendo!
Vejam como estou suada!
A costura que deixei
Já terá sido acabada?
Creio que brincaram muito
E coseram pouco ou nada!

Onde estão, que não me falam?
Que as chamo e que não vêm?
Deixaram-me a casa só?!
Aqui não vejo ninguem!

As meninas puxam-lhe dum lado e doutro o vestido, dando-lhe tambem beliscões.

Mestra:

Quem me puxa? E' bicho ou gente?
Quem está me beliscando?
Acuda-me todo o mundo!
Que já estão me matando!

Visinha:

Que alarido grande é esse?
Quem soccorro está chamando?
Que é isso, minha visinha?
Porque você está gritando?

Pastoras:

Tendo acabado a tarefa,
Estavamos aqui brincando.
A Senhora Mestra pensou
Que nós lhe estavamos dando.

Mestra:

Se não me deram, sinto
Que queriam me *espancá*...

Visinha:

Visinha, perdôe as meninas,
Que hoje é noite de *Natá*.

Mestra:

Só isso, minha visinha,
Fazia eu me alegrar.
As meninas estão perdoadas
Vamos a Jesus louvar!

Côro:

O' peccador, olha lá,
O Menino Deus nascido está!
O' peccador, vamos vêr,
Quem por nós nasceu ha de morrer!

Emquanto as pastoras cantam, ouve-se ao longe

a voz da Cigana que se encaminha para o presepio, voz que se approxima a pouco e pouco:

Sou uma cigana do Egypto,
Dos montes venho a Belem
Para applaudir o Messias,
Jesus, para nosso bem.

Côro:

Ai! ai! que dôr na minha alma!
Vêr o Menino deitado nas palhas!

Cigana:

Sou uma cigana do Egypto,
Dos montes venho adorar,
Venho applaudir o Messias,
Jesus, para nos salva

Côro:

Ai! ai! que dôr, etc.

Cigana:

Passando por certas portas,
Rico cheiro rescendeu.
Dizei-me, lindas pastoras,
Se o Deus Menino nasceu?

Côro:

Ai! ai! que dôr, etc.

Cigana:

Dizei-me o que significa
Numa bandeira uma cruz,
Com tres lettras no centro
I. H. S. Jesus?

Côro:

Ai! ai! que dôr, etc.

Cigana:

Eu já vinha de tão longe
E já ouvia me chamar:
Vinde, vinde, ciganinha
O Deus Menino adorar.

Côro:

Ai! ai! que dôr, etc.

Cigana:

Ciganinha do Egypto
A caminho de Belem,
Vinde vêr o Deus Menino,
Que nasceu p'ra nosso bem.

Côro:

Ai! ai! que dôr, etc.

Cigana:

Acordae, pastoras,
Do somno em que estaes,
Vinde vêr nascido
O Deus dos mortaes!

Côro:

Ai! ai! que dôr, etc.

Cigana, junto ao presepio:

Ai! ai! que dôr na minha alma!
E no meu coração!
Vêr o Menino
Deitado no chão!

Côro das pastoras, protestando:

O' lêlé! isso não!
Deitado nas palhas!

Cigana:

Nasceu hoje, na Verdade
Quem do céo veio da luz
E que para nosso bem
Vae morrer sobre uma cruz!

Canta o gallo de prazer,
Salta o gado de alegria,
Os passarinhos gorgeiam,
Annunciando este dia.

Os anjos trazem a nova
E encontrar eu bem queria
Pastora que me dissesse
Se já é chegado o *Messias*.

Côro das pastoras:

E' chegado o Messias!
E' chegado o Messias!

Cigana:

O Menino Deus é meu! é meu!

Açucena, avançando:

O Menino Deus é meu senhor!

Cigana:

O Menino Deus é meu! é meu!

Açucena:

O Menino Deus é o meu amor!

A Cigana, enfurecida com a disputa, corre sobre a Açucena, ameaçando-a com um punhal!

Açucena:

Valha-me o Menino Deus,
Que ha muito tempo é meu!

Cigana:

A quem a vida por elle dá!...
Elle deve saber *pagá*

Açucena:

Eu, pela defesa do Bom Jesus,
Delle mesmo terei a luz!

Cigana, mais ameaçadora:

Açucena, vaes morrer!

Açucena:

Você tambem morrerá!

Cigana, levantando a arma:

Açucena, perdes a vida!

Cigana:

Deus uma outra me dará!

Açucena:

Açucena, a morte é temida.
Não queiras perder a vida!

Açucena:

Estou prompta a pelejar
E o meu Deus me ha de ajudar!

Cigana, apunhalando-a:

Morra! morra! inimiga!
Morra! morra! traidora!
Açucena, eu venci!
Ficarei por vencedora!

Açucena cáe morta. A mestra accorre, cantando, tristemente, á frente das pastoras:

Pastoras deste retiro,
Venham vêr e admirar
Um throno cheio de luz
Para Jesus festejar!

Já morreu esta pastora,
Companheira tão querida!
Qual foi a ingrata mão
Que tirou sua triste vida?

Foi esta má inimiga
Quem a matou sem razão,
Ficará p'ra seu castigo
Segura por nossa mão.

A mestra manda que a Cigana se entregue á prisão e vae procurar, para tentar salvar a pastora

apunhalada, o medico, doutor Esculapio Cipó Essencial (10)

Côro:

Venha logo! venha logo!
Nosso querido doutor!

Doutor, entrando e dirigindo-se á cigana:

Esteja presa, senhora,
A' ordem do ouvidor! (11)

Cigana:

O' como é engraçado!
Rio-me desta prisão...

Mestra:

Está fazendo zombaria.
Segure-lhe bem a mão!
Ella está disfarçando,
Porque pretende *fugir.*

Cigana:

Fugir eu? Porque razão?
Que delicto commetti?

Mestra:

Com teu punhal amolado
A outra fôste matar,
Pensando que do castigo
Livre havias de ficar.
Dizes que a não matastes,
Olha bem como está morta!

Cigana:

Foi uma dôr que lhe deu,
Torceu-se e cahio na porta!

Mestra:

Vejam só essa desculpa
E o punhal quem ensanguentou?

Cigana.

Quem lhe disse que isto é sangue?
Isto é tinta de *pintô*...

Mestra:

Não sabes arranjar desculpas
Nem mesmo o que estás dizendo;
Condemnada por ti mesmo,
Tu estás toda tremendo!

Cigana:

Não tenho raiva de você
Seu doutor Cipó!
Seu meirinho ruim
Que não tens dó!

Côro de pastoras ajoelhadas:

No momento em que *(bis)*
Açucena expirou,
Morreu a pastora *(bis)*
Tão cheia de dôr! (12)

Mestra, pondo a mão sobre o peito da Açucena:

O vosso corpo está frio,
Sem côres as faces estão,

Da brilhante luz do dia
Não sentes mais o clarão!

Teu coração ardente
Para sempre se gelou
E teu pallido semblante
Para sempre se finou!

Correi, meu pranto, correi!
Vinde meu rosto enxugar!
Vinde, vinde, companheiras,
A minha dôr consolar!

Não recebi dos teus labios
O beijo do coração,
Açucena já não existe,
Acabou nossa união!

Côro:

De que nos serve, Senhor!
Viver sem consolação?
A morte da Açucena
Nos tirou toda a affeição!

O doutor, apezar de medico, nada faz para reanimar a pastora cahida, limitando-se ao ridiculo papel de meirinho, segurando a Cigana. Esta afinal mostra-se arrependida e canta:

Meu Jesus, eu vos confesso
Que estou bem arrependida,

Sentindo o corpo tão fraco
Que se acaba a minha vida!

Quando te matei, Açucena,
Não estava no meu *destino,*
Não estava em mim por certo,
Quando fiz tal desatino.

Mas, Açucena, prometto
Render-vos a fé mais pura
Acompanhar vosso corpo
P'ra dentro da sepultura!

Ai! céos, quem ao meu gemido
Não se inclina em meu sentido!

Valha-me Deus, que á luz do dia
Meu corpo darei á terra fria!

Mestra, continuando a sua lamentação, curvada para o corpo da Açucena:

Morreu a nossa pastora
De nossa dôce companhia!
Grande tristeza nos faz
E falta fará um dia!

Continúa com a mão sobre o coração da pastora cahida e sente-o bater. Canta, alegrando-se:

Já lhe bate o coração,
Já lhe dá signal de vida,

Já vem mudando de côr
Nossa pastora querida!

O pulso da Açucena
Já está com seu valor.
Levantai-vos, companheiras,
P'ra dar graça ao Creador.

Foi milagre neste dia
De Jesus Nosso Senhor!
Pois quem morre por Jesus
Resuscita em seu amor!

Côro:

Isso tudo foi sonho
Ou foi caso contado?
Açucena voltou!
Das praias saudosas
Do céo dos felizes
Três vezes tornou!

Açucena, levantando-se:

Senhoras, viva sou!
Não morri, pois viva estou!

Estende a mão á Cigana, perdoando-a:

Eu vos perdôo o passado.
Levantai-vos, companheiras,
P'ra dar graça ao Creador,
Pois quem morrer por Jesus
Resuscita em seu amor.

Cigana, apertando a mão da Açucena:

Dê-me tua mão de amiga,
Pois nisto haviamos de dar,
Que o Senhor Menino Deus
Elle nos ha de ajudar.

A Açucena e a Cigana passeiam de braço dado deante das pastoras, cantando com o côro:

Vinde archanjo, embaixador!
Vinde adorar *(bis)*
O rei do Senhor!

Capellas tão lindas viemos colher
Aos pés de Jesus *(bis)*
As offerecer!

Côro:

Diz o povo alegre
Que nos traz a guia
O Santo Menino
Da Virgem Maria!

Viva! Viva! Viva!

Cigana:

Venham, pastoras dos montes,
Tragam os cobres que têm, *(bis)*
Que é p'ra enfaixar o Menino,
Eu tambem dou meu vintem. *(bis)*

Côro:

Cigana do Egypto, que quereis vós?
Se o Infante é nascido,

Isto é cá para nós! *(bis)*
Não é para vós.
Vamos guardar Belem.
Isto é cá para nós!

Cigana:

Se o Deus Menino nasceu,
Pastoras, p'ra que negar, *(bis)*
Que eu sou Cigana do Egypto,
Venho de longe adorar! *(bis)*

Côro:

Cigana do Egypto, etc.

Cigana:

Deus vos salve, D. Olga,
No logar em que estaes!

D. Olga:

Deus te salve, Egypcia,
No caminho em que vaes!

Cigana:

Dizei-me, rica senhora,
Com gosto e alegria,
Se este caminho é errado,
Vinde servir-me de guia.

D. Olga:

Suba naquelle outeiro,
Desça naquelle logar,
Dentro duma mangedoura
Lá o haveis de encontrar.

Esta Cigana do Egypto
Veio de longe a Belem,

Em busca do Deus Menino,
Adorar o Summo Bem.

Cigana:

Eu sou cigana direita, (13)
De Portuguez não tenho nada,
Venho lêr a buenadicha
Do Menino Deus humanado.
Seus beicinhos rubicundos,
Seus olhinhos engraçados
São signaes de conhecer.
Parae, pastoras, parae,
Pedi licença primeiro!
Já que somos creaturas
Daquelle Deus verdadeiro.
Dai-me, ó linda Senhora,
Este menino p'ra mim.
Nascido de nove mezes,
Ha de ser tão paciente,
Ha de ser tão padecente! (14)

Adeus, pastorinhas,
Que já vou embora.
P'ra o Menino Deus
Vou tirar esmola.

Côro:

Adeus, ciganinha,
Que já vaes embora!
P'ra o Menino Deus
Vaes tirar esmola.

Ciagna:

Adeus, pastorinhas,
Volto p'ra as florestas,
P'ra o Menino Deus
Vou tirar as festas.

Côro:

Adeus, ciganinha, etc.

A Cigana, estendendo o seu pandeiro ás dadivas dos circumstantes, canta, pedindo as esmolas que servirão para as despezas do auto e para a illuminação da lapinha.

Ciagna:

Quem dá uma esmola
A' pobre da cigana,
Que vós bem sabeis
Que ella não engana.

Meu Menino Deus,
Por vossos louvores,
Vaes ser Rei dos Reis,
Senhor dos Senhores.

Vossos cabellinhos
São de ouro fino,
São galantesinhos,
Desde pequenino!

Dai-me vossa mão,
P'ra cigana lêr.

Verdades puras
Ella vae dizer.

Dai-me vossa mão,
Pois direi assim,
Vejo em tua mão
O Senhor do Bom Fim.

Vem rompendo a aurora
Em bella *maravia* (15)
Vejo na tua mão
Jesus, filho de Maria. (16)

Meu Menino Deus,
Protegei a cigana,
Pois vós bem sabeis
Que ella não engana.

Dai-me uma esmola,
Mesmo dum vintem.
Quem dá uma na terra
No céo ganha cem!

Pastoras, eu já cheguei
Bastantemente cançada,
Das esmolas que tirei
Já estou muito enfadada. (17)

(Entrega as esmolas ás pastoras).

Côro de pastoras:

O menino está chorando,
S. José que se ha de fazer?
Vamos fazer a papinha,
Para vêr se quer comer.

As pastoras fingem que fazem aquillo que cantam. Agora, fingem mexer o mingáo do Menino Deus; depois, fingem lavar a sua roupinha.

Côro:

Emquanto o menino dorme,
O boi arranja as palhinhas.
Vamos á beira do rio
Lavar suas camisinhas.

Os panninhos estão lavados,
Camisinhas de Jesus.
Que elle nos queira lavar
Lá na fonte, ao pé da cruz.

Lá na fonte, ao pé da cruz,
Lavar os nossos peccados,
Assim como de Magdalena
Lavou os seus perdoados.

Alevantai-vos, pastoras,
Que o cantar é demasia,
Vamos pagar a offerta
Do verdadeiro Messias.

As pastoras, que se tinham abaixado para fingir que lavavam roupa, erguem-se e bailam em direcção á lapinha.

Côro:

Naquellas longes campinas
Ha um pobre lavrador,
Com seu saquinho de trigo,
Offerecendo ao Senhor.

Vamos a Belem,
Vamos caminhando;
Porém, como é longe,
Vamos cantando.

Dê licença, bôa gente.
Somos pastoras de Belem,
Que uns festejam em Nazareth,
Outros em Jerusalem.

Vamos a Belem, etc.

Gloria a Deus nos altos céos
E paz aos homens tambem,
Que o Senhor da Redempção
E' chegado e o Summo Bem.

Vamos a Belem, etc.

Mestra:

Desde hontem venho
Por valle e monte,

Desgostosa e consumida
Caçando (18) com desvelo
Uma ovelhinha perdida.
Por ser pequenina
Me faz grande pena,
Os pés tinha negros
E a cabeça pequena.

Pastor:

Lá dos montes onde habito,
Onde tenho meu cuidado, *(bis)*
Venho somente te vêr,
Cordeirinho Immaculado. *(bis)*

Festas em todas as egrejas
E tres missas em cada *altá,* (bis)
Rompe a aurora e primavera,
Que hoje é noite de *Natá! (bis)*

Lá dos montes da Rocha Alegre,
Onde cantam passarinhos, *(bis)*
Ouço uma voz excellente
Louvando ao Deus Menino. *(bis)*

Vamos aos montes,
Pastoras bellas!
Vamos aos montes,
Pastoras bellas!
Colher as flôres
E tecer capellas! (19)
Colher as flôres

E tecer capellas!
Flôres mimosas
Que no jardim temos!
Flôres mimosas
Que no jardim temos!
Lindo ramalhete
Nós colheremos!
Lindo ramalhete
Nós colheremos!

As pastoras avançam com seus cabazes de fructas e de outras coisas, afim de offerecel-as ao Senhor Nascido. Cantam:

Dai-nos a manguinha
E o maracujá,
A laranja dôce,
Que é um doce manná!

Vinde, vinde, pastoras,
Vinde offertar
A um Redemptor
Tão singular!

A Mestra depõe um cestinho de romãs deante do presepio.

Mestra:

A romã de bom preço
Que das fructas é rainha.

Como Rei, vida minha,
Essa vos offereço!
De vêl-a comvosco appeteço.
Neste mundo enganoso,
Espero em vós, meu esposo,
Uma graça haveis de dar:
Dentro do meu coração
Haveis de me coroar!

A Visinha ou Contra Mestra tambem traz a sua dadiva, cantando:

Trago ovos e farinha,
Para manjar vos fazer,
Para vêr se quer comer
Algum dedo de papinhas. (20)
Embora vossa boquinha
Creio jamais comerá
Senão o leite virginal
De vossa mãe, Virgem Pura,
Que é um favo de doçura
E um celeste *manjá*. (21)

Entra um grupo de indios, de cabôclos, que tambem se dirigem a Belem, render culto a Jesus. (22)

Cabôclos:

Vamos, vamos a Belem
Vêr o que ha por lá,
Se existe algum *pastô*

Que o Messias adorou.
Se isto assim *jó*,
Vou levar o que *offertá*,
Que eu não sou cabôclo
De lá do Pará. (23)

Côro:

Sou menina bella,
Joven sinhá;
O meu bem me chama
E eu não vou lá.
Passe p'r'aqui,
Passe p'r'aqui,
Passe p'ra cá!

Cabôclos:

Estando eu no meu
Mocambo de palha, (24)
Ouvi lá de dentro
Uma voz nascer. (25)
Todo o corpo estremecia
E todo o povo gemia.
Subi de rêde acima,
Desci de rêde abaixo,
Avistei a luz do facho.
De alegre fiquei contente, (26)
Vendo o verdadeiro *home*
Que nestes tempos de fome
Por escripto se dizia
Que elle vinha!

Côro:

Sou menina bella, etc.

Cabôclos:

O' quanta gente tenho
No mocambo de palha!
Se isso tudo fôsse meu...
Mas é só parentalha...
Eu venho do Assú,
E só como tatú,
De machado nas costas
E cabaça de *mé*,
As *apragata* (27) no pé.
Graças a Deus
E a todas creados,
Já vimos o Messias
Por nós desejado,
Tão lindo elle é
E tão engraçado!

Côro:

Cantemos alegres
O tão festejado,
A gloria do rei
Por nós coroado!
Tão lindo elle é
E tão engraçado!

Entram as gallegas, vestidas de camponias portuguezas, cantando:

São chegadas as gallegas
Lá dessas terras de alem,

Que vão todas bem contentes
Adorar Christo em Belem.

Amigas sejamos todas
Na mais perfeita união,
Adorar o Deus Menino,
Nossa vida e salvação.

Uma pastora:

Vejam, caras meninas
As duas gallegas mimosas,
Acudindo ao meu chamado,
Eil-as aqui pressurosas.

Dizei-me se estão dispostas
Para a jornada seguir?

Gallegas:

Vossa pergunta, pastora,
Faz-nos vontade de rir!

Pois que nesta occasião,
Em que tudo é alegria
Vamos render nossas graças
A Jesus, José, Maria!

Nossa chegada, pastoras,
Vos causou melhor agrado.
Antes de nossa partida
Vamos dansar um trocado?

As gallegas e pastoras dansam uma contradan-

sa em que umas passam pelas outras e, ás vezes, as duas theorias de bailadeiras se embaralham, produzindo agradavel effeito.

Gallegas:

Vejam as duas gallegas de Oraré,
De longe vieram a pé, assim é,
Fazendo sua jornada sem ter nada.
Quem se mata é porque *qué!*

Vejam nosso cordeirinho bonitinho,
Tão mansinho que elle é, assim é.
De longe nos acompanha, não tem manha,
De mimoso que elle é.

Vamos dansar um bocado de trocado,
Como se dansa na aldeia e sapateia,
Tem no corpinho elegancia com pujancia,
Forme-se linda cadeia! (28)

Bailam todos os pastores com mil flôres,
Bailam com alegria neste dia,
Em que o mundo festeja na egreja
A Jesus, a Jesus, filho de Maria.

Pastoras:

Vejam as duas gallegas de Oraré,
De longe vieram a pé, assim é,
Fazendo sua jornada sem ter nada,
Quem se mata é porque *qué!*

Num pequeno fogareiro, em frente ao presepio, as pastoras queimam algumas palhinhas, que symbolisam as da mangedoura onde Jesus está deitado, e cantam, finalisando a sua modesta representação, em côro:

Queimemos, queimemos,
Lindas pastorinhas,
Queimemos, queimemos,
As nossas palhinhas.

As nossas palhinhas.
Já vão se queimar
E nós pastorinhas
Já vamos chorar.

Recebe este incenso,
Celeste menino,
Que incenso de pobre
Não pode ser fino.

Louvemos, louvemos
A Nosso Senhor
E até para o anno
Se eu viva fôr.

Notas ao Auto das Pastorinhas

1. O verso primitivo devia ser com certeza: «Gloria in excelsis Déo!»

2. V. a nota 1.

3. A ironia popular não perde occasião de manifestar-se, mesmo nas coisas profundamente religiosas como essa.

4. *Dobre a lingua:* frase corriqueira do Nordeste, que corresponde ao *sabe com quem está falando!* do Sul.

5. Ainda a profunda ironia do povo. As mestras das escolas do interior (No Rio tem havido casos identicos...) têm o costume de fazer as suas alumnas executarem varios trabalhos domesticos seus, sem cuidarem de ensinar-lhes o que devem. E' isso que o motejo do auto alcança.

6. V. a nota 5.

7. *Espia:* toda a vez, no interior de Nordeste, que a professora ou o professor deixam a aula ordenam a um alumno que della tome conta, como censor. Esse habito parece que é geral. Mas no Nordeste o alumno que desempenha esse papel recebe a alcunha pouco lisongeira de espia ou espião...

8. Por este verso se pode aquilatar mais ou menos da velhice do auto. No seu tempo ainda não havia pennas de aço. As pennas eram de pato ou de ganso e havia necessidade de aparal-as antes de escrever.

9. *Lêttra rasgada.* Critica á mania das pro-

fessoras que não consentem que os alumnos saiam da copia dos *traslados* em materia de calligraphia, obrigando-os a terem umas lêttras muito bem fetinhas, porem sem caracter, sem personalidade. Dahi a prohibição da lêttra rasgada ou natural.

10. *Esculapio Cipó Essencial:* o nome desse medico, cujo papel é o mais ridiculo possivel, mostra bem quanto a satyra popular não perdôa aos profissionaes da medicina os seus defeitos e a necessidade que o povo tem dos seus serviços. Já no auto do Bumba meu Boi a critica é tão maldosa, senão mais.

11. *Ouvidor:* este titulo dá bem a medida do tempo em que as Pastorinhas devem ter nascido. São contemporaneas do Bumba meu Boi, no qual tambem se fala do Ouvidor e do Juiz de Fóra.

12. Devido á prosodia popular tudo quanto termina em *ôr* rima com o que finda em *ou* e em *ô*, do mesmo modo que as terminações *al*, *ar* e *á* tambem rimam, assim como *il*, *ir* e *i*, etc.

13. *Direita:* pura.

14. Estes versos estão tão corrompidos pelo tempo que é impossivel conhecer da sua forma primitiva e só se pode conserval-os como estão.

15. *Maravia:* maravilha.

16. *Caçando:* procurando.

17. *Capellas:* no sentido de ramalhetes ou corôas de flôres.

18. *Dedo de papinha.* No Nordeste, a gente do povo não dá a papinha ou mingáo ás creanças

com uma colher e sim com o dedo. Passa o dedo no mingáo e mette-o na bôcca do menino. E' barbaro, mas é assim. Dahi o verso, que precisa, para ser comprehendido, desta ligeira explicação.

19. Ha uma notavel ingenuidade nesse elogio ao leite da Virgem Maria, a mesma ingenuidade que fez com que santos e doutores da Egreja escrevessem sobre assumptos semelhantes.

20. Como não perdôa aos medicos e á gente da justiça, a satyra popular não perdôa aos cabôclos. Em tudo lhes reserva papel secundario, debicando-os. Faz isso no Bumba meu Boi. Faz nas pastorinhas. Faz sempre.

21. Deve haver ahi uma allusão, que, com o tempo, se perdeu.

22. *Mocambo:* choça, esconderijo.

23 e 24. V. a nota 14.

25. *Apragata:* alpercata.

26. E' a unica quadra em que a forma curiosa dos versos e suas rimas foi respeitada. Nas outras, o tempo a estragou.

AUTO DA CARIDADE (1)

PERSONAGENS:

A Caridade, de vestido branco, com um coração vermelho, bordado ou applicado sobre o peito, manto azul celeste semeado de lantejoulas e estrellas, corôa, ramo de oliveira na mão.

O Mendigo, esfarrapado, de chapéu desabado, bordão, sacola e barbas veneraveis.

O Galan, de rico traje de pastor, meias de sêda, cajado doirado.

Dois anjos, que acompanham a Caridade, um de cada lado, trazendo corôas de flôres em pequenas bandejas.

Quatro pastoras, de branco, com pequenos cajados floridos.

(A scena se passa deante da lapinha, como nas Pastorinhas. Em frente ao presepio, deve haver um tamborete ou um tronco, onde o mendigo se senta. A musica muda continuamente de rythmo e é dôce e saudosa.)

Mendigo:

Triste de mim nesta vida,
Tive por sorte — soffrer!

Meu coração desfallece,
Cançado de padecer.

Côro de pastoras, bailando:

Ai! soffro debalde,
Ninguem me consola,
Em vão bato ás portas,
Pedindo uma esmola.

Mendigo:

Ai! triste, canto que o canto
Não raro adormece a dôr,
Canta a vêr se Deus piedoso
Te manda um consolador!

Côro:

Ai! soffro debalde, etc.

Mendigo:

Creio, porém, que debalde
Tambem invoco o bom Deus!
Talvez me esteja fechada
A immensa porta dos céos!

Côro:

Ai! soffro debalde, etc.

Mendigo:

Pobre, cercado de magoas,
Sem amigos e sem pão,
Sou desprezado no mundo,
Valho menos que um cão!

Côro:

Ai! soffro debalde, etc.

Mendigo.

A fome, o frio me affligem,
A doença me faz soffrer!
Que vida triste esta vida
Que longo o meu padecer!

Côro:

Ai! soffro debalde, etc.

Mendigo:

Três filhinhos tenho em casa.
Coitadinhos! lá estão,
Chorando a falta de roupa,
Morrendo de inanição!

Côro:

Ai! soffro debalde, etc.

Mendigo:

Grande Deus, porque me deixas
No mundo penando assim?
Levae-me á vossa morada
Tende compaixão de mim!

Esconde o rosto nas mãos, sentando-se no tronco. Entra o galan, cantando:

Tantos campos, tanta terra,
Tanta campina sem gente!
E eu andando contente *(bis)*
Para vêr o Omnipotente.

Côro de pastoras:

Cantemos, todas cantemos
Graças ao Menino Deus.
Rendamos graças, rendamos,
Rendamos graças aos céos.

Galan:

Elle nasceu p'ra remir
Toda humana creatura.
No pagode (2) onde estiver
Ninguem faça diabrura.

Cuidei achar alegres companheiros
Por esta bella estrada
E eis-me sosinho a caminhar a tôa,
Sem folia e sem nada!

Isso de andar calado, macambusio,
Como um diabo que p'ra forca vae,
Sem risos, sem galhofa e sem bebida
Não é cá com o filho de meu pae!

Vou esperar um pouco, talvez breve,
Que por ahi venha alguem.
Grupos e grupos de pastoras passam,
Num delles hei de me encaixar tambem.

O mendigo, levantando-se e approximando-se do galan de chapéu na mão:

Meu senhor, muito bôa noite!

Galan, desdenhoso:

Eu direi antes bom dia,
Porque a aurora no horisonte
A nascer já principia.

Mendigo:

Tem razão. Ha muito tempo
Que o gallo cantou alem
E a estrella d'alva desponta
Nas collinas de Belem.

Galan, impaciente:

Mas, emfim, com essa conversa
Que deseja vosmincê?

Mendigo:

Que, em honra do Deus Menino,
Uma esmolinha me dê.

Galan:

Vi logo a historia qual era.
Uma esmolinha? Ora esta!
Minha bolsa está vasia,
Gastei tudo lá na festa.

Mendigo:

Pelo amor do Deus Menino
Uma esmolinha pequena!
Meus filhos choram com fome...
Ai! meu senhor, tenha pena!

Galan:

Pena? Eu tenho de mim proprio!
Porque não vae trabalhar?

E' muito melhor officio
Do que o de mendigar.

Mendigo:

Eu bem quizera o trabalho,
Pois emquanto trabalhei
Tive o que dar a meus filhos
E nunca esmola implorei.

Mas a doença me opprime,
O braço não mais supporta...

Galan:

Pois, meu caro, sinto muito,
Mas vá bater a outra porta.

Mendigo:

O' grande Deus das alturas!
O' divina Providencia!
Manda depressa um soccorro
A' minha triste indigencia!

O mendigo torna a sentar-se. O galan, aborrecido:

Que massada! Vá plantar batatas

Depois, olhando ao longe:

Emfim ao longe alguem diviso,
Para alegria, mais não é preciso,
Pois são duas meninas bem gaiatas!

Entram duas pastoras, bailando e cantando:

Salve, noite venturosa!
Salve, dia sem igual!
Em que do divino infante
Celebramos o Natal!

Bemdito seja o Messias,
Nosso Deus e Salvador,
Que nasceu hoje no mundo
Somente p'ra nosso amor!

Galan, cumprimentando-as:

Bom dia, gentis pastoras!

Pastoras:

Bom dia, senhor galan.

Galan.

Cada qual mais engraçada,
Mais mimosa e mais louçan!

Primeira pastora:

Muito obrigada! Mas faça
O favor de se arredar
Um bocadinho p'ra o lado,
Porque queremos passar.

Galan:

Onde vão assim tão cêdo
Quando a aurora mal desponta?

Segunda pastora:

Nós vamos assim tão cêdo
Onde não é da sua conta.

Galan:

Acceitam por companheira
A minha humilde pessôa?

Primeira pastora:

Que esperança? Coitadinho!
Nós sabemos o caminho
E' alem disso a estrada é bôa.

Galan, mysterioso e comico:

Ha bichos ahi no matto!
Eu vi de cobras um rôlo!...
Tigres, leões, elefantes!...

Primeira pastora para a segunda:

Já viste rapaz mais tôlo?

Segunda pastora:

Deixe-nos seguir viagem
E vá andando, senhor,
Pois de todos os perigos
Esse dos falsos amigos
E' com certeza o maior...

Entram outras duas pastoras, cantando e dançando:

Nosso repouso tranquillo
Deixamos com alegria,

A' voz do anjo celeste
Que a grande nova annuncia.

E ás pressas corremos
A' gruta feliz,
Onde o Rei Supremo
Vir ao mundo quiz.

Primeira pastora:

Foi uma felicidade
Que vós chegasseis agora!

Terceira pastora:

Desejavas companheiras?
Então, vamos embora.

Segunda pastora:

Não vês que este sujeitinho
Está no caminho plantado?

Terceira pastora:

Este fedelho? O' menina
P'ra que serve teu cajado?...

Se nos impede a passagem
Esse carinha de máu,
Não façamos ceremonia
E lhe arrumemos o páu!

Galan, rindo:

Olá, senhora azougada, (3)
Aquiete-se, diabrete!

Deixe em paz minhas costellas
E tambem o seu cacete.

O que eu queria era apenas
Ir no seu grupo tambem,
Porque julgo que as senhoras
Se dirigem a Belem.

Porem como as contraria
O meu desejo innocente...

Quarta pastora:

Pois se é a Belem que vae,
Não vejo inconveniente.

Primeira pastora:

Porque, então, não disse logo
E se pôz a tagarellar?
Em nossa jornada santa
Não se deve vadiar...

Concedemos-lhe a licença,
Comtanto que vá calado
E serio, senão lhe dansa
Nas costas o' meu cajado.

Todos em côro, reunidos num grupo só, caminhando:

Em marcha, pois, pastorinhas,
Para vêr o Salvador.
Quem tem Jesus por norte
Vae seguro e sem temor!

O mendigo, levantando-se e approximando-se das pastoras de chapéu na mão:

Permittem que as interrompa
Por um instante, pois não?

Primeira pastora:

Se lhe pudermos ser uteis,
Teremos satisfação.

Mendigo:

Uma esmolinha, senhoras,
Pelo amor de Deus Menino!
Tende dó deste mendigo,
Deste afflicto peregrino.

No' coração das creanças
Deus pôz amor, piedade,
Ninguem como ellas comprehende
O encanto da caridade.

Dai, pois, ó meigas pastoras,
Para meus filhos uma esmola.
Feliz do que enxerga o pranto
Do pobre e a dôr lhe consola!

Primeira pastora, dando-lhe uma esmola:

Com muito gosto reparto
Comvosco o que trago aqui!

Mendigo:

O' minha bôa menina
Deus tome conta de ti.

Segunda pastora, esvasiando sua cestinha no chapéu do mendigo:

Para matar vossa fome,
O' meu infeliz irmão,
Dou-vos o almoço que tenho,
Um pouco de queijo e pão.

Mendigo:

Minha bella pastorinha,
Haja sempre no teu lar
Tranquillidade, alegria,
Abundancia e bem estar.

Terceira pastora, dando-lhe o seu bracelete:

Nem comida nem dinheiro
Pude hoje trazer commigo.
Dou-vos a minha pulseira,
Vendei-a, meu pobre amigo.

Mendigo:

Deus, em troca desta joia,
Te offereça, ó minha flôr,
De sua graça os thesouros
E as joias do seu amor.

Quarta pastora:

Ai! como as bôas meninas,
Que acabam de alliviar
Vossa penuria, eu não tenho
Nada, nada que vos dar!...

Mas vossos filhos têm fome,
Eu quizera soccorrel-os...

Ah! cortarei para elles
A trança dos meus cabellos.

Mendigo:

O' generosa menina!
O' formoso coração!
Deixa ahi os teus cabellos
Que não os acceito não!

Quarta pastora, singelamente:

Mas porque? Crescem de novo,
São os meus bens de raiz...

Mendigo:

Como és compadecida!
Como és bôa e feliz!

Recuso a dadiva tua!
(4) Olha, eu tenho uma creança,
Que possue, como tu, linda,
Negra e setinosa trança.

No momento em que é mais forte
Da minha vida a procella,
Sinto allivio em beijar
Os lindos cabellos della.

Teu pae talvez tambem goste
Dos teus cabellos gentis.
Deixa-os ahi, minha filha!
Vae, Deus te faça feliz!

Dirigindo-se ás outras tres:

E vós, anjos de bondade
Que attendestes ao mendigo
Deus largamente vos pague
O bem que fazeis commigo.

E a recompensa é segura
Na eternidade dos céos,
Porque, bem sabeis: quem dá
Aos pobres empresta a Deus!

A musica toca em surdina. Todos fazem silencio. A Caridade vem, vagarosamente, entre os seus dois anjos. As pastoras deitam-se no chão, como quem vae dormir.

Pastoras, adormecendo:

Durmamos, jamais posso ouvir.
Minha lyra se encerra no dormir.

Emquanto todas dormem, a Caridade chega-se a ellas, cantando:

Vinde, correi, ouvi, pastoras!
A maravilha que aconteceu!
Longe de vós os vãos temores,
Logo vereis o nosso Deus.

Escutai, escutai!
Gloria no céo se deu! (5)
Vamos louvar o Salvador,

Que já nasceu,
Que já nasceu,
Demos louvor!

A segunda pastora acorda, esfregando os olhos.

Segunda pastora:

O' que visão tão formosa!

Primeira e terceira pastora, tambem acordando a esfregar os olhos:

São anjos! Anjos que vêm
Dar-nos ainda a noticia
Do mysterio de Belem.

Galan, despertando:

O' que noite de prodigios

Mendigo, tambem:

Bemdito seja o Senhor!

Quarta pastora, tambem:

Silencio! escutemos todas
Com respeito e santo amor.

Caridade:

Natal! é o grito de alegria.
Cantemos todos á porfia
O nascimento do Senhor.
Natal! Natal! do Salvador!

Eu sou a filha mais bella
Do nosso Deus de Bondade,

Sou a rainha das virtudes,
Sou a excelsa caridade!

Baixei do céo hoje
Com o dôce Jesus,
P'ra trazer aos homens
Paz, amor e luz.

O galan e o mendigo, sem chapéu, ajoelham e saúdam a Caridade, erguendo os braços.

Primeira pastora:

Gloria á Caridade!

Todos:

Gloria!

Segunda pastora:

Gloria á suprema bondade!

(Todas as pastoras atiram flôres sobre a Caridade).

Caridade:

Sim! Gloria a Deus nas alturas
E paz sobre a terra a todos
Os homens de bôa vontade!

Mendigo:

Senhora, sois vós aquella
Que chamo em meu soffrimento?
Sois vós o amparo do pobre,
Do triste o contentamento?

Viestes, emfim, á terra
De hoje em deante reinar
E nos corações humanos
P'ra nossa dita habitar?

Caridade:

Entre vós, povo escolhido
Desde o Sinai sou a lei,
Mas para o Universo inteiro
Com Jesus — Deus Verdadeiro
Agora que eu o encarnei. (6)

No seio de Deus habito
E ardo em toda verdade
Como chamma inextinguivel,
Porque Deus é Caridade!

Fui eu quem trouxe o Messias
Para os homens resgatar
E eu hei de em todo o mundo
Sua doutrina espalhar.

Portanto, exultai, ó povos!
E approximai-vos de mim.
Pobres, tende confiança,
P'ra consolar-vos eu vim!

Ricos, de vossa cegueira
Deixae que se rompa o véo!
Eu sou a unica chave
Que abre a porta do céo.

Inimigos, congraçai-vos
Junto ao berço do Senhor.
A' guerra succede a paz!
Ao odio succede o amor!

Côro:

Gloria a Deus nas alturas!
Que em sua immensa bondade
Vem unir os corações
Com o laço da Caridade.

Caridade, ás pastoras:

Recebei, minhas filhas bem amadas,
Estas bellas corôas que aqui estão,
Symbolisando as flôres perfumadas
Que cultivaes em vosso coração.

Deus me manda trazel-as, não como (7)
Recompensa por ora; outras corôas
Lá se lavram no céo com joias finas,
Para premio immortal ás almas bôas.

Mas como as dôces flôres da alegria,
Que ao coração naturalmente vêm,
Quando se cumpre a lei da caridade,
Quando se acaba de fazer o bem.

A Caridade corôa as quatro pastoras, dizendo a cada uma:

Sejam estas simples flôres
O vosso melhor trophéo,

Emquanto esperaes a Santa
Corôa eterna do céo!

Abraça, depois, o mendigo, envolve-o no seu manto, recitando:

Não chores, filho meu!
As tuas dôres pacientes
São cantadas no céo!

Escuta, acaba de nascer na terra
Pobre, como tu és, o Salvador!
Não tem um berço, os homens o desprezam
Entretanto, é o grande Creador!

E' o grande Creador, mas vae á gruta
E lá o verás chorando sobre a palha,
Entre dois animaes. Da humana gloria
Não tem nem quererá uma migalha.

Vae adoral-o e implora-lhe, humilhado,
Paciencia, esperança, amor e fé.
Junto delle has de achar sua mãe terna
E o modesto esposo São José,

Que são pobres tambem e desprezados
Por esta sociedade mal guiada,
Onde o vicio se mostra com orgulho
E a virtude se esconde envergonhada. (8)

Vae adoral-o e estuda no presepio
Da paciencia a altissima lição.

Aprende a achar conforto na esperança
E na fé a melhor consolação.

A Caridade, canta, então, dirigindo-se ao Galan:

Vem cá, ó tu que insensivel
Viste o mendigo chorar,
Vem, eu quero no teu seio
A minha luz derramar!

Diz-me, filho, para onde
Os teus passos dirigias
Logo que aqui chegaste?

Galan:

Ia adorar o Messias!...

Caridade, admirada:

Para adorar o Messias?
Como? pobre filho meu,
Se tão duro aos infelizes
Se mostra o coração teu.

Não sabes que aquelle Infante,
Nascido em tanta humildade,
Só recebe as homenagens
Que lhe leva a Caridade?

Galan, baixando a cabeça:

Não sabia, senhora!

Caridade:

Pobre moço! Tem razão.
O mundo até hoje entregue

Ao orgulho e corrupção,
Esquece o altivo nobre,
Que é do escravo e do pobre
Deante de Deus irmão!

Mas o que os homens não sâbem
Ou não desejam saber
E' que é pae dos desgraçados
O Deus em que dizem crêr. (9)

E que esse Deus, cujas ordens
Merecem acatamento,
Quiz que fôsse o amor ao proximo
Seu segundo mandamento!

Ah! meu filho, unicamente
Vis, idolátras, (10) pagãos
Podem esquecer, coitados!
Que uns dos outros são irmãos.

Vós, porém, povo escolhido,
Vós, os filhos da Verdade,
Não podeis calcar aos pés
O dever da Caridade!

Galan:

Nunca achei na minha infancia
Quem, ó Virtude divina!
Beber fizesse minha alma
O nectar (11) dessa doutrina.

Caridade:

Graças a Deus que desponta
Hoje em Belem nova luz!
De agora em deante os homens
São ensinados por Jesus.
Vão por um novo trilho
Enveredar, ó meu filho!
Irão amar uns aos outros
Com esse amor que produz
Do sacrificio a belleza,
Vendo que o Deus das alturas
Quiz, para honrar a pobreza,
Pobre, mui pobre nascer.

Quebrarão do orgulho os laços
E se estenderão os braços,
Cheios de immenso prazer,
Como amigos, como irmãos,
Para terem a enorme dita
De formar a grei bemdita,
A santa grei dos christãos!

Portanto, ó filho, se ainda
No teu joven coração
Não entra p'r'os infelizes
Nem amor, nem compaixão,
E' que tambem, ó desgraça!
Nelle não poude caber
O amor de Jesus, que, humilde,
E pobre veio nascer.

Se tu souberes, meu filho,
Que coisa divina é dar,
Não negarás á tua alma
Esse prazer ineffavel,
Essa ventura invejavel
Duma dôr alliviar.

Quando o pobre sósinho geme,
Por elle vela seu pae.
E quando mão bemfazeja
Seu pranto enxuga, piedosa,
Sobre essa mão generosa
Do céo uma bençam cáe!

Mas o coração de pedra
Que piedade não tem
Esquece que nesta vida
E' curto o contentamento
E que pode o soffrimento
Bater-lhe a porta tambem! (12)

Rico! ó creatura ingrata!
Vê que beneficios Deus faz..
Pois imita a Deus e, quando
Fôres ao templo, comtigo
Leva a benção do mendigo.
Se não a levares, não vás!...

A Caridade, termina, voltando-se para a assistencia:

Filhos da terra, remidos
Pelo Christo Salvador,

Corações rectos e nobres,
O' dae a Deus, dae aos pobres
Amor, amor, muito amor!

Galan, ajoelhado:

Perdôa, ó virtude excelsa!
Perdôa a minha dureza!
E' que eu nunca vira, nunca,
Do teu ensino a belleza!

De hoje em deante dos pobres
Serei amigo e irmão.
Jamais repellirei d'alma
Tua dôce inspiração.
O' Caridade admiravel,
O' filha do céo amavel!
Eu vou seguir os teus passos,
Cinge minha alma em teus braços,
Melhora meu coração!

O Galan continúa, abraçando o mendigo:

Perdôa tambem tu, pobre mendigo!
A minha feia acção de ainda ha pouco.
Cheguei aqui ignorante e louco,
Cheio de orgulho e de maldade cheio.
Mas agora ferio-me a luz celeste
E eu vejo as trevas da miseria minha.
Quero seguir em pós esta rainha,
Que me chamou e me acolheu ao seio.

Toma a bolsa que te disse
Estar vasia. Era mentira.
Tem ouro. Desse ouro tira
O bem estar que não tens
E roga a Jesus que em troca
Desta illusoria riqueza
Do céo na immensa grandeza
Me dê verdadeiros bens!

Mendigo:

Senhor Deus, que nos escuta
E vosso coração vê,
Augmentae vossa fortuna
E premio eterno vos dê!

Caridade:

Agora, todos irmãmente unidos,
Como filhos dilectos do senhor,
Vamos á gruta de Jesus nascido
Render-lhe dôce preito de louvor.

Todos formam um grande bailado: os anjos á frente, a Caridade após; depois, o galan e o mendigo; por fim, as quatro pastoras. Todos cantam.

Primeira pastora:

Gloria á Caridade!

Côro.

Gloria!

Segunda pastora:

Gloria á suprema bondade!

Côro.

Gloria!

Caridade:

Sim! Gloria a Deus nas alturas
E paz na terra a todos
Os homens de bôa vontade!

Côro:

Vamos, pastoras queridas
A' cidade de Belem,
Que hoje nasceu o Messias
Que nos vem trazer o bem.

Vamos, pastoras queridas,
Vamos e não demoremos.
Que a aurora já desponta
E já são horas, marchemos!

Infante divino,
Querido Senhor,
Que pobre nascestes
Pelo nosso amor,
Sê nossa ventura,
Todo nosso bem,
O' luz da altura,
O' flôr de Belem!

A Caridade, ajoelhando-se em frente da lapinha, canta esta lôa:

Aos pés do teu berço humilde
Traz a sua adoração

Esta virtude sahida,
Jesus, de teu coração!
Dá que no peito dos homens
Eu habite, grande Rei,
E que, por mim dirigidos,
Na senda da tua lei,
Elles se unam, se queiram
Em santa fraternidade,
E assim se reforme o mundo
Com o poder da caridade!

Côro de pastoras, bailando:

O' dôce Menino,
Jesus Salvador,
Acceita a homenagem
Do nosso louvor.

O galan ajoelha-se junto á Caridade e canta tambem á sua lôa:

Cégo, ó divino Infante,
A vossa luz eu não via,
Mas em minha alma contricta
Ella a raiar principia.
Fazei que nunca se apague
No meu pobre coração
Do vosso nobre exemplo
De amor a impressão!

Côro de pastoras, bailando:

O' meigo Menino,
Jesus Salvador,

Acceita a homenagem
Do nosso louvor.

O mendigo tambem se ajoelha e canta a sua lôa:

Piedoso Jesus nascido
Em tão medonha indigencia,
Dai a este pobre mendigo
O conforto e a paciencia!
Quando o mundo me repellir
Com despreso e com dureza,
Fazei que eu volte meus olhos,
Senhor, á vossa pobreza!

Côro de pastoras, bailando:

O' dôce Menino,
Jesus Salvador,
Acceita a homenagem
Do nosso louvor.

As quatro pastoras ajoelham-se por sua vez, tiram as suas corôas de flôres, e offerecem-n'as a Jesus, cantando a sua lôa:

Aqui estão estas corôas
Que a caridade nos deu.
São vossas, Verbo Encarnado,
Porque vieram do céo.
Sobre nós, Jesus querido,
Tende sempre fito o olhar
E dae forças á nossa alma

P'ra no bem perseverar.
Fazei que, esquecendo a terra
E os prazeres que ella encerra,
Amemos a vós somente.
E na Gloria, eternamente,
Possamos tambem vos amar!

Levantam-se todos e bailam, cantando:

O' meigo Menino,
Jesus Salvador,
Acceita a homenagem
Do nosso louvor.

Todos marcham, fazendo evoluções antes de se retirarem. Cantam:

Vamos ás nossas moradas
Cheios de Santa alegria,
Porque p'ra nós sorrio
Jesus, filho de Maria.

Em vossa alma fique
Gravada a lembranaça
De tanta alegria
E tanta esperança!

Jesus seja sempre
Nosso terno amor,
Nosso dôce amparo,
Nosso Salvador!

Gloria ao Deus eterno
De summa bondade!
Gloria ao Deus Menino!
Gloria á Caridade!

Notas ao Auto da Caridade

1. Este auto é, ás vezes, mutilado e reunido como uma simples scena, embora longa, ao das Pastorinhas.

2. *Pagode:* divertimento.

3. *Azougada:* espevitada.

4. *Olha,* isto é, escuta, ouve.

5. O verso primitivo devia ser: «Gloria in excelsis Déo!»

6. Pelo que ha nesta estrophe (Sinai, etc.) e o que ha noutras está visto que este auto foi feito por alguem de certa cultura, mais modernamente que os outros, porquanto esses estão eivados de corruptelas, augmentos e diminuições, emquanto este mantem melhor a sua estructura inicial.

7. Este *enjambement* apoia a nota precedente.

8. Ha nisto tudo muito das *tiradas* doutrinarias das *moralisationes* medievaes.

9. Idem.

10. A prosodia vulgar no Nordeste é *idolátra.* De outra forma até quebraria o verso.

11. Este *nectar* é irmão daquelle *Sinai* e mais uma prova em favor da nota 6.

12. V. as notas 8 e 9.

AUTO DA PORTIA DAS FLORES

PERSONAGENS:

A Rosa, de saiote verde e corpinho côr de rosa.

A Flôr de Laranja, de saiote verde e corpinho branco.

A Sempre-Viva, de saiote verde e corpinho amarello.

O Cravo, de calções verdes, curtos, e blusa encarnada.

O Lyrio, de calçõesinhos verdes e casaquinho branco.

Cada personagem deve trazer na mão um ramo da flôr que representa.

(A scena, como a das Pastorinhas e da Caridade, passa-se toda deante da lapinha.)

Rosa, cantando:

Desço agora, alegremente,
Do meu throno de verdura,
Para adorar o Messias
Cheia de amor e ternurá.

A rosa bella,
Côr da alvorada,
Do que as flôres todas
Mais perfumada,
Ao Deus Nascido
Vem adorar
E o chão da gruta
Alcatifar.

Flôr de laranja:

Justo é que a natureza
Se encha hoje de prazer
E que as flôres todas venham
De amor o culto render.

Ao Encarnado
Verbo de Deus,
Que fez as aguas,
A terra e os céos!
Ao poderoso
Seu Creador
Tragam as flôres
Culto de amor.

Dirigindo-se á Rosa:

Deus vos salve, flôr mimosa!
Ides acaso a Belem?
Se assim é, muito me alegro,
Pois para lá vou tambem.

Rosa, com desdem:

Quem és tu, branca flôrsinha?
Do jardim não te conheço.

Flôr de laranja:

No pomar é que floresço

Rosa:

Logo vi pelos teus modos
Que não és flôr de salão.

Flôr de laranja:

Deveras, formosa dama?
Pois, na minha opinião,
Mais vale ser flôr do campo
Do que habitar o jardim,
Se lá pela vossa côrte
A polidez é assim.

Rosa, rispidamente:

Sabes, flórsinha insipida,
A quem ousas replicar?

Flôr de laranja:

Sei que falo a uma collega
De apparencia não vulgar;
Porem que o merito perde
De sua grande belleza,
Porque lhe sobeja orgulho
E falta delicadeza.

Sempre-Viva, entrando em scena a cantar:

Meu canteiro abandonando,
Cheia de immenso prazer,

Vou á gruta abençoada
Minha vida ofefrecer.

A Sempre-Viva,
Constante flôr,
Ama e adora
Seu Creador,
E toda humildade
Vae neste instante
Beijar as plantas
Do Deus Infante.

Rosa.

Sê bem vinda, Sempre-Viva!

Sempre-Viva:

Como passaes, linda Rosa!

Rosa:

Passo bem, muito obrigada.

Sempre-Viva:

Sempre querida e formosa,
Não é assim?

Rosa:

Mais ou menos...

Sempre-Viva:

Dizei-me: ides a Belem?

Rosa:

Vou.

Sempre-Viva:

Quem nos dera que chegasse mais alguem!
Convidei o Cravo e o Lyrio,
Que me disseram que sim;
Mas julgo que ainda estão
Quietos lá no jardim.

Rosa:

Apósto que elles não tardam
A ter comnosco tambem,
E pelo aroma que sinto
Cuido que o Lyrio ahi vem.

Lyrio, cantando:

Do valle em que vivo occulto
Deixo a sombra tão querida,
Para exhalar meu perfume
Aos pés de quem me deu a vida.

O Lyrio timido,
Com alegria,
Vem vêr a pura
Virgem Maria.
E com delicias
Servir de alfombra
A quem como Elle
Nasceu na sombra.

Sempre-Viva:

Porventura branco Lyrio
Vem o Cravo por ahi?

Lyrio:

Não sei, cara Sempre-Viva,
Porque sosinho sahi.

Rosa, com enfado:

O Cravo é pedante e gosta
De se fazer esperar,
Por isso não me surprehende
Que tarde tanto a chegar.

Sempre-Viva:

Collega, a vossa linguagem
Nos causa grande extranheza,
Nem é de bôa amizade
Nem de amavel gentileza.

Lyrio:

Certamente a linda Rosa
Falou por simples gracejo!

Rosa:

Ora, disse o que sentia
E bem entendo o que vejo.

Faz-se o Cravo soberano
No jardim, dominio meu;
Porem debalde se agita,
Porque a rainha sou eu.

Lyrio:

Questão de rivalidade,
Que mal não pode trazer
A' paz, amor e harmonia
Que entre todos deve haver.

Sempre-Viva:

Que dizes, Flôr de laranja,
Tão bella e tão reservada?

Flôr de laranja:

Que a conversar com a Rosa
Prefiro ficar calada.

Rosa, avançando para ella:

O' camponeza insolente,
Fóra da minha presença!

Flôr de laranja, rindo:

Para virar-vos as costas
Não careço de licença.

Porem agora não quero
Fazer-vos esta vontade!

Lyrio:

Minhas caras companheiras
Não se zanguem, por piedade!

Hoje é noite de alegria,
Noite de riso e de amor,
Cessem disputas e enfados
Em honra do Salvador.

Sempre-Viva:

Diz bem o candido lyrio,
Tregua a inimizade agora.
Lá vem o Cravo esperado.
Chegue elle, vamos embora.

Cravo, cantando:

O rei das flôres, humilde,
Vem curvar-se á dôce lei
De Jesus recem-nascido,
Verdadeiro e unico Rei!

Deus das Alturas,
Feito menino,
Se acha entre os homens
Qual peregrino.
Vamos á gruta,
Cheirosas flôres,
Levar-lhe aroma,
Levar-lhe flôres!

Sempre-Viva:

Illustre cravo encarnado,
Foi grande a vossa demora,
Aconteceu-vos transtorno
Ou estaes preguiçoso agora?

Cravo:

Minha bella Sempre-Viva
Côr de ouro como o sol,
Cá não estou ha mais tempo,

Porque achei um rouxinol
A cantar no meu caminho...

Sempre-Viva:

E parastes para ouvil-o?

Cravo:

E' que o bom do passarinho
Chamou-me p'ra conversar
E, contra a minha vontade,
Fui obrigado a escutar.

Rosa:

Diga logo, senhor Cravo,
Com franqueza e bizarria,
Que cavalheiros galantes
Já não os ha hoje em dia...

Cravo:

Pois eu me preso de sêl-o
E é geral a opinião
Que mais delicado principe
Não pisa em nenhum salão.

Rosa, zombanao:

Ora, rapaz, tome siso
E deixe-se de presumpção!

Cravo, energico:

Siso devia tomar
Quem por toda a parte busca
Desfazer um nome feito,
Cujo brilho nada offusca.

Quem com intrigas mesquinhas
E palavrões de vaidade
Cede aos desejos da inveja,
P'ra fazer guerra á verdade!

Rosa:

Porventura taes palavras
A mim dirigidas vêm?

Cravo:

Se tomou a carapuça,
E' que ella lhe assenta bem!...

Lyrio:

Ainda mais outra contenda!
Lembrem-se, irmãos, por favor,
Que hoje é a noite ditosa
Do Natal do Salvador!

Cravo:

Tens razão, amigo Lyrio;
Mas é que aquella senhora
Tem sempre a linguinha prompta
P'r'offender-me a toda a hora!...

Nem vê que, como vassalla
De minha real corôa,
Ella deve acatamento
A' minha augusta pessôa.

Rosa, encolerisada:

Vassalla?! Que estaes dizendo?
Conter-me mais já não sei.

Respeito á tua pessôa!?
Quem é que te chama rei?!

Soberana proclamada
Em todo o jardim sou eu,
Pelas graças, pelo encanto
Que a natureza me deu!

Cravo, resolutamente:

Pois se és rainha e senhora,
Eu serei rei e senhor!

Rosa:

Um escravo revoltado
E' o que és, ó traidor!

Cravo:

Rosa, não queiras zangar-me.
Já sabes quão forte sou.
Teme as minhas justas iras,
Vê que ninguem me curvou!

Os meus direitos não cedo
De belleza nem perfume.
E, se a negal-os te atreves,
E' que te cega o ciume!

Rosa:

Ciume!? A flôr, que a alvorada
Beija com mais terno amor,
Não tem de outra ciumes
Que a toda é superior.

Nenhuma flôr como a Rosa
Tem no mundo acceitação;
Nenhuma como ella pode
Supportar comparação!

Eu sou a filha mais bella
Da fecunda natureza,
A graça da Primavera,
Que sem mim não tem belleza!

Não ha ornato de flôres,
Ou fingidas ou reaes,
Que despensem meus encantos,
Elegantes, sem eguaes!

Não tangem lyra os poetas
Que não se lembrem de mim.
Sobre jarros de ouro e prata
Eu brilho em todo festim.

Contemplo a face mimosa
Da joven pura e singela,
E vê se o pejo não leva
Minha côr ás faces della?

E, quando houver corrido
O immenso dominio meu,
Vem confessar que das flôres
A soberana sou eu.

Cravo:

Tudo que dizes, menina,
Não passa de gabolice.
Todos de si dizer podem
A mesma ou maior tolice.

O cravo é a mais importante
Flôr que a natureza cria.
Seu perfume é tão suave
Que a alma alegra e inebria.

As suas petalas fôram
Recortadas em setim,
No céo, entre auras de incenso,
Pelas mãos dos cherubins!

Para obtel-o nas festas
Não se poupa sacrificio;
E o que se dá para havêl-o.
Ninguem chama desperdicio.

Mas sobretudo nos bailes
E nos festins de noivado,
Mais do que todas as flôres,
E' o cravo apreciado!

Entre as flôres, pois, me cabe
De direito a primasia.
Hei de vencer qualquer uma
Na mais renhida porfia!

Flôr de laranja:

Mais que a flôr de laranjeira
Nos enfeites de noivado?
Protesto, Cravo! tu nunca
Foste nem és estimado!

Não vindes assim depressa
Da discussão triumphar,
Porque tambem ha quem queira
Comtigo as armas terçar.

Como a flôr da laranjeira
Nenhuma flôr se desata
Por entre as folhagens verdes
A' luz dum luar de prata.

Eu sou candida, eu sou meiga,
Sou mimosa qual nenhuma!
Que odôr mais puro e saudavel
Que o meu a noite perfuma?

Rara nas salas, embora,
Não ha festas de amor
Em que jamais se dispense
Minha brancura e valor.

E a bella festa de nupcias
Em que a noiva jocunda
Com flôres de laranjeira
A pura fronte circumda!

Na medecina empregada,
Eu dou optimo producto.
E, quando o vento me esfolha,
Cáe a flôr, mas fica o fructo.

Tenho muitos predicados,
Viva embora no pomar,
Pois não é merecimento
Ser deste ou aquelle logar.

Sempre-Viva:

Já que as collegas procuram
Seus dotes engrandecer,
Entro tambem na porfia
E os meus procuro dizer.

Disputam todas, vaidosas,
Mimo, perfume, belleza,
Pois quero desafial-as
Para disputar firmeza.

Sois tão franzinas, tão pobres
De resistencia e de alento,
Que vos desfolhaes depressa
Ao leve sôpro do vento.

Mas eu me conservo bella
Qual fui nos dias da infancia,
Symboliso a eternidade
E sou a flôr da constancia!

O firme amor entre os homens
E' tido em estimação,
E é raro achar-se na terra
Uma perenne affeição.

Se a mocidade e a belleza
Pudessem duraveis ser,
Para os homens, que ventura!
Para as moças, que prazer!

Portanto, quando offereço,
Aberta, a corolla de ouro,
Guardam-me todos, sorrindo,
Como se guarda um thesouro.

Viva, pois, a Sempre-Viva,
A flôrsinha sem egual,
Que é symbolo de lembrança
E de affeição immortal!

Côro do Cravo, da Sempre-Viva e da Flôr de laranja:

Os nossos direitos
Defender queremos
E pela victoria
Lutemos, lutemos!

Rosa:

Deante de taes grandezas
Que acabam de expender
Ha da rainha das flôres
Covardemente ceder?

Flôr de laranja e *Sempre-Viva:*

Não queremos, soberana,
Nem corôa, nem brazão!
Se teimaes em vosso intento,
Rebenta a revolução!

Rosa:

Pois sim! Jamais a estultice
Me ha de fazer recuar!
Hei de a meus pés humilhados
Vossas cabeças curvar!

Cravo, rindo:

Vae chamar tuas cohortes,
Vae buscar teus esquadrões,
Que os porei daqui p'ra fóra
Com dois ou tres caxações!...

Rosa:

A zombar de mim te atreves
Vassallo atrevido e louco?!

Cravo:

A tão grande soberana
Castigar-me custa pouco.

Rosa, desembainhando um longo espinho verde:

Já de joelhos, covardes!
Para pedir-me perdão.

Cravo, fugindo a rir:

Ui! que ella com o espinho
Espeta-me o coração...

Lyrio, contendo a Rosa que avançava contra o Cravo:

Linda Rosa, por piedade,
Aos meus pedidos cedei!

Rosa:

Deixe que castigue a insania
Deste ridiculo rei!

Lyrio:

Rosa, reflecte, que a ira
Não dá razão a ninguem.

Rosa, batendo o pé:

Deixa-me!

Cravo, rindo:

Se não guardas o espinho,
Vaes espetar-te tambem.

Rosa:

Sou a Rainha, a Senhora,
Posso punir um delicto!

Cravo:

Pois quando achar quem te ature
Tenha lá seu faniquito!

Sempre-Viva e *Flôr de laranja:*

Não ha rainha sem throno,
Nem throno sem vassalagem.
Ficae só, todas sahimos,
Não vos damos homenagem.

O Cravo, a SempreViva e a Flôr de laranja vão retirar-se. O Lyrio os detem.

Lyrio:

Esperae, caras amigas,
Não fiqueis tão enfadadas,
Terminae o vosso pleito,
Dando a mão de camaradas.

Mimosa Flôr de laranja,
Minhas palavras escuta!
Sempre-Viva delicada,
Vê como é feia esta luta.

Pois é possivel que o Lyrio
Assim vos supplique em vão?
E que ao seu conselho amigo
Não queiraes dar attenção?

Vieram todas contentes,
Para adorar o Messias
E hão de trocar em desgosto
Nossas santas alegrias?

Ah! como esquecer podeis
Com tanta facilidade
Que o Rei do Céo e da Terra
Dá exemplo de humildade?

Nós que sahimos do nada
E ao pó devemos voltar

Queremos, cheios de orgulho,
Nossa grandeza exaltar,

Emquanto Elle, o Excelso,
Deus Eterno, ó Maravilha!
Desce do solio da Gloria
E ás creaturas se humilha!

Oh! deixae dessa loucura,
Respeitae a Divindade
E não disputeis grandezas
Perante a sua humildade.

Flôr de laranja:

Fala o Lyrio com prudencia,
Como se fôsse um juiz!

Sempre-Viva:

E acho que todas devemos
Approvar o que elle diz!

Lyrio:

Pelo amor de Deus Menino,
Rende-te, ó Cravo! primeiro,
Pois tu não és delicado?
Pois tu não és cavalheiro?

Por suas mãos ninguem póde
A primasia tomar.
E compete á sociedade
Louvor ao merito dar.

Se cada um só consulta
Do amor proprio a opinião,
No afan de elevar-se altivo
Chega a perder a razão.

Deixemos, portanto, aos outros
Julgar o nosso valor
E do bem em que nos achamos
Demos graças ao Senhor!

Cravo:

Por minha parte já cêdo
A tão sensatas razões
E deixo para outro dia
Tão enfadonhas questões.

Lyrio:

Não é tregua de momento
O que peço, amado Cravo,
Pois tu desejas ser sempre
De tuas paixões escravo?

Não! A real liberdade
E a que nos faça senhores
Desses nativos instinctos,
Causas de mil dissabôres.

Se de reinar entre as flôres
Tens a ambição e o anceio,
De tua causa a justiça
Confia no bom senso alheio.

Se o sceptro mereceres
Por excellencias reaes
De tuas mãos ninguem hade
Arrebatal-o jamais.

O mesmo direi á Rosa,
Cuja imponente belleza
E' o encanto das salas
E a gloria da natureza.

Cessem, pois, questões inuteis,
Cessem odios, sempre vis,
E sejam tão razoaveis
Os dois quanto são gentis.

Cravo:

Collegas, o amigo Lyrio
Poude emfim me convencer
Com as reflexões acertadas
Que ora acaba de fazer.

E, quando a escutal-o attento,
Sua modestia contemplo,
Mais do que suas palavras
Faz-me impressão seu exemplo.

Todos á propria belleza
Demos um grande valor,
Só elle, humilde e calado,
Não fez gabos de valor.

Sempre-Viva e *Flôr de laranja:*

E' verdade! Nada disse
O Lyrio em abono seu

Cravo:

Quando áliás tantas graças
A natureza lhe deu.

Sempre-Viva:

Pois já que não quiz, humilde,
Suas graças exaltar,
Proponho em que nós todos
Falemos em seu logar.

Flôr de laranja:

Perfeitamente!

Cravo:

Apoiado!

Lyrio:

Caras flôres, obrigado!
Mas tratemos de seguir
Para Belem.

Sempre-Viva:

Paciencia!
Meu senhorsinho, ha de ouvir!

Flôr de laranja:

Ha de ouvir! Não tem remedio.

Cravo:

Duas palavras somente.
Começa tu, Sempre-Viva,
Porque fôste a proponente.

Sempre-Viva:

Entre as flôres mais notaveis
Que brilham no verde hastil
O lyrio elegante eleva
Seu magestoso perfil.

Branco como leite e neve,
Macio como setim,
Sua corolla garbosa
Honra o mais rico jardim.

Flôr de laranja:

Urna de aroma suave,
Deus quiz do lyrio fazer!
Perfume dôce e agradavel
Como o seu é raro haver.

Cravo:

Lyrio conquistas a palma
Do maior merecimento,
Porque da humilde modestia
Nos destes o ensinamento.

Sempre-Viva á Rosa:

Bella Rosa, esquece as iras
E vem o Lyrio saudar.
Ao côro de nossas vozes
Vem tua voz ajuntar.

Rosa:

Sim, não quero da harmonia
Ser a nota discordante,
E antigos resentimentos
Esquecerei de ora em deante.

Saúdo o Lyrio e convenho
De todo o meu coração
Que elle merece os louvores,
Que em toda a parte lhe dão.

Quando o poeta procura
Comparar um puro alvor,
E' do Lyrio que recorda
A candidissima côr.

E assim pelo seu encanto,
Pela sua singeleza,
O Lyrio foi escolhido
Para emblema da pureza.

A mãe de Jesus Infante,
De Jesus, nossa alegria,
Tem nelle o ornato mais bello:
O Lyrio é a flôr de Maria!

Pois quando esse Nascimento
Veio o Archanjo annunciar,
Trouxe lyrios lá do céo,
Para a sua fronte ornar!

E o puro esposo da Virgem,
Que tão venerando é,
Empunha um ramo de lyrios:
O Lyrio é a flôr de José!

O Lyrio é mimo celeste,
E' da innocencia o penhor!
As almas em que elle brota
Têm a bençam do Senhor!

E o Cordeiro Immaculado,
Que á pureza nos conduz,
Entre lyrios se apresenta:
O Lyrio é a flôr de Jesus!

Cravo:

Bravos, Rosa!

Sempre-Viva:

Muito bem!

Flôr de laranja:

Viva o Lyrio! Viva a Rosa!

Cravo á Rosa, estendendo-lhe a mão:

Agora, sim, fôste grande,
Porque fôste generosa!

Rosa, apertando a mão do Cravo:

Raiou em meu coração
A luz do céo e vos peço,
Irmãos, a todos perdão!

Cravo, Sempre-Viva e Flôr de laranja:

E nós, ó querida Rosa,
Perdão pedimos tambem,
Pelo amor do Deus-Humilde,
Do Deus nascido em Belem!

Cravo:

Esqueçamos o passado
E, em signal de união,
Abracemos-nos contentes,
Com sincero coração!

Emquanto os quatro se abraçam, diz o Lyrio:

Que prazer, formosas flôres!
Que prazer me daes, emfim!
O', que alegria suprema
Eu sinto ao vêr-vos assim!

Cessa o orgulho, finalmente,
De vibrar os golpes seus
E em vossas almas leaes
Vence a união, vence Deus!

Graças ao Senhor Supremo,
Que transforma a treva em luz
E sobre as almas geladas
Do bem o calor produz!

Cravo:

Agora que estamos todos
Na mais completa harmonia
Vamos adorar Aquelle
Que nos sustenta e nos cria.

Sempre-Viva:

Viva a União!

Todos:

Viva! Viva!

Rosa:

Viva o Amor que no Bem conduz!

Flôr de laranja:

Viva a Paz!

Cravo:

Viva a Humildade!

Lyrio:

Viva o nome de Jesus!

Cravo:

Vamos a Belem depressa
E seja o Lyrio querido
Quem nos guie á Santa Gruta
De Jesus recem-nascido!

Vão dois a dois: o Cravo com a Rosa, a Flôr de laranja com a Sempre-Viva. O Lyrio guia-os á frente. Cantam, marchando:

O' noite cheia de encantos!
O' noite cheia de amor!
Em que veio á luz do mundo
Nosso excelso Creador!

Bailam, cantando:

O' noite gloriosa!
O' noite immortal!
Em que a terra alegre
Celebra o Natal.

O' Deus Sempiterno
Que humanar-se quiz!

Noite, bemdizemos!
O' noite feliz!

Param a dansa e marcham:

Creador de céos e terra,
Estas flôres que fizestes
Offerecem-vos sentidas
Os perfumes que lhes destes.

Dansam:

O' noite gloriosa!
O' noite immortal! etc.

Lyrio, falando:

Em honra do Deus Menino,
Flôr do céo immaculada,
Em torno de sua gruta
Formemos uma grinalda!

Todos dansam de mãos dadas, rodeando o presepio:

Estas flôres reunidas
Cercam os pés do Senhor
Nesta grinalda singéla,
Nesta grinalda de amor!

Soltam-se as mãos, desfazendo a roda e bailam separados, cantando:

Flôres mimosas,
Tão bellas e puras,
Ornemos o berço
Do Rei das Alturas!

Lyrio, falando:

Em honra do Deus Menino,
Que a vossa bondade acceite
Estas flôres reunidas
Num pequeno ramalhete.

Dansam todos em grupo, fingindo um ramalhete, cantando:

O' flôres singelas,
Louvae o Senhor,
Deus Omnipotente,
Vosso Creador!

Lyrio, falando:

Dispersas todas as flôres,
Ornem esta Gruta Santa,
Onde nasceu pelos homens
Jesus em pobreza tanta.

As flôres separam-se umas das outras e cantam em côro:

Meu Jesus, em vossa Gruta
Estas flôres espalhadas
Se dariam por ditosas
Se por vós fôssem pisadas!

Dansam a cantar:

O' flôres mimosas,
Tão bellas e puras,
Ornemos o berço
Do Rei das Alturas!

O Lyrio canta de joelhos esta lôa:

O Lyrio prostrado adora,
Senhor, a excelsa bondade
Que vos fez nascer no mundo
Em tão profunda humildade!

Côro, cantando e bailando:

A Rosa engraçada,
O Cravo cheiroso,
Gentil Sempre-Viva,
O Lyrio mimoso,
A Flôr de laranja
A Jesus consagram
Seus puros amores.

O Cravo canta de joelhos a sua lôa:

O Cravo vem, reverente,
Com respeito e santo amor,
Sua homenagem trazer-vos,
Meu Deus, meu Rei, meu Senhor!

Côro:

A Rosa engraçada, etc.

De joelhos, a Rosa tambem canta uma lôa:

Maria, que sois chamada
A Rosa de Jericó,
Eu vos saúdo humilhada,
Rojando a fronte no pó!

Côro:

A Rosa engraçada, etc.

Lôa da Flôr de laranja, ajoelhada:

A Flôr de laranja offerece
Seu perfume salutar
A Jesus, Autor das Flôres,
Que veio a terra habitar!

Côro:

A Rosa engraçada, etc.

Lôa da Sempre-Viva, ajoelhada tambem:

A constante Sempre-Viva,
Cheia do mais firme amor,
Offerece ao Deus Menino
O seu eterno louvor!

Côro:

A Rosa engraçada, etc.

Todos cantam, marchando:

Meu Jesus, estas flôrsinhas
Com o maior contentamento
Dão mil parabens aos homens
Pelo vosso Nascimento!

Todos cantam, dansando:

O mundo não sabe
Que graça infinita
Lhe trouxe esta noite
Risonha e bemdita!

Louvemos, ó flôres!
O Deus das Alturas

Que vem confundir-se
Com as creaturas!

Todos cantam, marchando:

Quando a rajada do vento
Nossas petalas arrancar,
Mandae, Jesus, que ellas venham
Em vossa gruta pousar! (*)

Todos cantam, bailando:

Voltemos, voltemos
Ao nosso jardim!
Nunca flôres houve
Felizes assim!

Vimos e adoramos
Nosso Creador,
O Deus das Alturas,
O Eterno Senhor!

Voltemos, voltemos
Ao nosso jardim!
Cantando louvôres,
Hossannahs sem fim!

(*) No fim deste auto, que é, por certo, devido a algum poeta de bôa inspiração e certa cultura, e que o tempo quasi não deturpou, esta quadra é de tal belleza poetica que não podemos deixar de chamar a attenção para ella.

AUTO DOS PAGÉS

Era um auto de pura origem indiana, com bailados e cantorias. A sua tradição infelizmente se perdeu. Desse folguedo, que tambem se realisava pelo Natal ,não resta um unico verso na memoria do povo.

Conta João Brigido no seu livro « Homens e Factos », á pagina 242, que o principal personagem do auto era uma serpente, que os indios combatiam e matavam, bailando e cantando. As scenas eram ruidosas e cheias de incidentes, que lembravam a vida do selvagem nas selvas: lutas, caçadas, rastreamentos.

Essas representações datavam de longa antiguidade. Em Ruão, deante de Catharina de Medicis, cincoenta tabajaras levados de Pernambuco, sob a chefia do pagé Morbicha, acompanhados de alguns marinheiros normandos, a effectuaram, semi-nús com seus adereços e suas pennas, brandindo tacapes, atirando frechas, ao lugubre som dos maracás.

A Grande Serpente, que apparecia na ultima scena, era um immenso canudo de panno pintado de varias côres, mosqueado de negro, dentro do

qual, como no Boi Suruby, um homem fazia todos os movimentos necessarios. Esse animal, antes de combater os indios e de ser morto por elles, discutia em verso com o pagé. Em torno do seu *cadaver* os figurantes todos dansavam, alegremente, *cadaver,* os figurantes todos dansavam, alegremente, triumphalmente.

Segundo o citado escriptor cearense, a ultima dansa dos Pagés foi levada a effeito no Icó, no coração do Ceará, no anno de 1837.

AUTO DOS CONGOS

PERSONAGENS:

D. Henrique Cariongo, rei dos Congos.
Principe Sueno, (1), herdeiro da corôa.
Secretario do Rei, seu filho tambem.
Embaixador de Loanda.
Officiaes dos Congos e de Loanda, soldados de ambas as partes, musicos e dansarinos.

(A scena passa-se num vasto terreiro bem espanado, onde sobre um estrado se acha o throno do rei dos Congos, ladeado pelos musicos, e, deante delle, duas fileiras de dansarinos, entre os quaes passeia, de espada na mão, o Secretario.)

Secretario, de saiote e cocar de plumas:

Pretinhos dos Congos
Para onde vão?

Côro dos dansarinos, de saiote e cocar:

Vamos ao Rosario, (2)
Festejar Maria.
Festeja, festeja com muita alegria *(bis)*
Vamos ao Rosario,
Festejar Maria.

Secretario:

A gallinha quando come
Pinica no chão.

Côro:

O collegio, legio, legio,
O collegio da nação! (3)

Secretario:

Olha o chão, olha o chão,
Pinica no chão.

Côro.

O collegio, legio, legio,
O collegio da nação!

——«:»——

Secretario:

Nossa licença já temos,
ó lê lê!
Da mãe de Deus do Rosario,
ó lê lê!
Nossa licença do delegado,
ó lê lê! (4)

Côro:

Toca, toca p'r'o serviço,
São horas de trabalhar,
O que os Santos Reis não querem
Não se deve adorar.

Secretario, olhando maliciosamente o publico e dando á voz intonação ironica:

Engana, meu bem, engana,
Engana que estás olhando,

Se tu não querias os Congos,
Para que estavas chamando? (5)

Côro:

O' gingana, ó gingana, ó ginganoé! *(bis)*
Ginganoé, gilaguello, ó gibagalóé! (6)

Secretario:

Minha Gingana, Gingonia,
Quem te mandou perguntar?
A mochila da macaca
Só serve para apanhar!

Côro:

O' Gingana, etc.

Secretario, mais ironico ainda:

Os branquinhos estão dizendo
Que todo negro é ladrão.
Os branquinhos tambem roubam
Com sua penna na mão!...

Côro:

O' Gingana, etc.

———«:»———

Secretario e côro ao mesmo tempo:

Rabeca, viola, pandeiro, maracá!
Viva nosso rei
Que já vem dansá! (7) *(bis)*
Com rabeca, viola, pandeiro, maracá!

Secretario:

Já é chegado, já é chegado
Nosso rei do seu passeio.

Pelos boatos que correm,
Vamos ter o bombardeio!

Secretario e côro:

Rabeca, viola, etc.

Secretario:

Nosso rei foi visitar
Seus vassallos em campanha.
Pelos boatos que correm,
Devemos saber quem ganha!

Secretario e côro:

Rabeca, viola, etc.

(Cada mudança de versos é feita de accôrdo com uma mudança de rythmo das musicas primitivas, bahianos geralmente, da orchestra, composta de gazás ou maracás de fôlha de Flandres, de violas, de sanfonas e de zabumbas. As dansas e contradansas, os passes do Secretario, que não cessam emquanto todos cantam, tambem mudam de accôrdo com as cantigas e a musica, numa variedade interessante que espanta pela sua rapidez e immensidade de combinações. Durante todo o auto dá-se o mesmo. Os dansarinos param unicamente, quando os principaes figurantes falam em prosa.)

O rei D. Henrique Carilongo apparece, seguido do principe Sueno e de alguns officiaes. E' geralmente um negro alto, de calças brancas, sobrecasaca preta, usada, manto de setineta vermelha semeado

de estrellas de papel, corôa de papelão doirado á cabeça, o sceptro na mão. O principe veste roupagens de forma antiga e côres berrantes, manto vermelho tambem, chapeu emplumado, espada á cinta. Os officiaes trajam velhas fardas do exercito e da policia, bonés ou gorros com pennachos, arrastando espadões antigos, de cavallaria.

Os dansarinos abrem alas. O Secretario corre por entre ellas, gritando:

Simungá, conguê, alielô! (8)
Mumbica, Mombaça, Rei meu *Sinhô!*

Depois, canta triumphalmente:

Arreda, deixa passar,
Nosso rei D. Cariongo!
Com a sua divindade, *(bis)*
Nosso rei para seu throno!

Côro:

Arreda, deixa passar, etc.

Secretario:

Nosso rei está com vontade
De ir ao throno de Maria,
Neste instante, nesta hora,
Hoje mesmo, neste dia!

Côro:

Arreda, deixa passar, etc.

Secretario:

Nosso rei subio á côrte,
De seu throno se apossou,

Com a sua fidalguia
No seu throno se assentou!

Côro:

Arreda, deixa passar, etc.

Secretario:

Alma perdida anda no mundo,
No mundo sem alegria,
Somente porque não reza
O rosario de Maria.

Côro:

Arreda, deixa passar, etc.

Secretario:

Minha Virgem do Rosario,
Cantemos vossos louvores:
Os anjos cantam no céo
E na terra os peccadores.

O rei e a côrte atravessam o terreiro entre as duas alas do côro, acompanhados pelo secretario, que se desfaz em mesuras. D. Henrique sobe o estrado e assenta-se no throno, os officiaes circulam-no, o principe senta-se num degráu aos seus pés. As dansas e as musicas param.

Rei, gritando:

— Secretario! Secretario! Vaqueiro da minha perúa (9), chaveiro do meu thesouro doirado!

Secretario:

— Senhor! Senhor! Obedeço a *sua* (10) chamado.

Côro, cantando:

Maracondé, maracondé!
E' de bombaié! *(tris)*

Para a cantoria. O Secretario ajoelha-se aos pés do rei, dizendo:

— Cusangana (12), aqui está *sua* secretario, chaveiro de seu thesouro doirado.

Rei, dando uma pequena intonação de canto á voz:

Abençam de zamuripunga
Que no céo te ponha já,
Amulá, amulequê, (13)
Amulequé, amulá!

Alevanta, *minha* filho,
Amulá, amulequê,
Amulequê, amulá,
Temos muito que *fazê!*

Vae fazer umas *ginitrias,* (14)
Mas bem feitas, bem *fazida*
Que *minha* coração, pique, pá! (15)
Fique muito agradecida.

Secretario, levantando-se e dando um brado de alarma:

— Eh! mungá!

Côro, respondendo em brados:

— Eh! munguê!

Secretario:

— Ai! lerê, lerô!

Côro:

— Ai! lerô, lerê!

Quando o secretario se afasta do throno, saracoteando, o rei berra de novo, esganiçado:

— Secretario! Secretario! vaqueiro das minhas gallinhas, chaveiro do meu thesouro doirado!

Secretario:

— Senhor! Senhor! Acudo a *sua* chamado.

Rei:

— Secretario, tudo está prompto?

Secretario:

— Prompto está!

Rei:

— Rabeca, viola, pandeiro, maracá?

Secretario:

— Rabeca, viola, pandeiro, maracá!

Rei:

— Então, pode *começá.*

Secretario, cantando e dansando:

Que tirá, bambê!
Que tira, bambá!
Que tira, que cimba!
Que eu quero *oiá!*

Côro:

Quatro pés, quatro pés
De imbambaiá.

Este pé, este pé
Me mandaram *cortá!*

Secretario:

O' baião do guaiamun, (16)
O' quixambê!
O' lelê, ó lelê!
O' quixambê!

Côro:

Quatro pés, quatro pés
De imbambaiê.
Este pé, este pé
Me mandaram *vendê.*

Secretario:

O' baião do aratú,
O' quixambê!
O' lelê, ó lelê!
O' quixambê!

Côro.

Quatro pés, etc.

As danças e contradanças continuam. As musicas proseguem nas suas variações, de accôrdo com ellas. E o secretario sempre a *tirar* as cantigas, que o côro responde. O rei e a côrte olham em silencio aquelles divertimentos. De quando a quando, o rei boceja, enfastiado.

Secretario:

Senhor cadete
Da gola encarnada.

Côro:

Não namore a moça
Que ella é casada.

Secretario:

Senhor cadete
Da gola azul.

Côro:

Não namore a moça
Que ella é do sul.

Secretario:

Senhor cadete
Da gola branca.

Côro:

Não namore a moça
Que ella é de França.

Secretario:

Senhor cadete
Da gola preta.

Côro:

Não namore a moça
Que ella é sujeita. (17)

———«:»———

Secretario:

Maria, teu pae não quer
Que eu converse com você:
Sacuda-lhe areia nos olhos,
Que cego não pode vêr...

Côro:

Maria, parte o baralho, *(bis)*
Quem ama não tem trabalho *(bis)*

Trá-trá-trá, trá-ri-rá! *(bis)*
O' Maria Camungá! *(bis)* (18)

Secretario:

Maria, estende o lenço,
Assentemos e conversemos,
Se houver uma má palavra, (19)
Somos solteiros, casemos!

Côro:

Maria, parte o baralho, etc.

Secretario:

Lá na praia do pharol
Eu vi Maria assentada,
Esperando pelo frêsco
Da serena madrugada.

Côro:

Maria, parte o baralho, etc.

Secretario:

Minha mulata bonita,
Diz-me de onde tu *é*,
Ararai!

Côro:

Sou filha de pae Mané. *(bis)*

Secretario:

Minha mulata bonita,
Diz-me o que ha na funcção, (20)
Ararai!

Côro:

Sou filha de pae João. *(bis)*

Secretario:

Minha mulata bonita,
Quanto é um camarão?
Ararai!

Côro:

Um camarão é um tostão! *(bis)*

Secretario e côro:

Carta de onde vem, ó tolina! (21)
Quem te fez que te notou, ó tolina!
Foi uma prenda querida, ó tolina!
Que nasceu de nosso *amô,* ó tolina!

Eu bem queria saber, ó tolina!
P'ra seguir o bom caminho, ó tolina!
Andando sobre as passadas, ó tolina!
Miudas dum passarinho, ó tolina!

Queria ter um amor, ó tolina!
Mesmo que *seja* um perigo, ó tolina!
Vou carregar uma mulata, ó tolina!
Para casar-se commigo, ó tolina!

Secretario:

Tomba daqui, tomba dalli,
Tomba dacolá!

Côro:

Nunca vi quem está tonto
Saber *bailá!*

Secretario:

Sinhá Mariquinha,
Eu não sei *bailá!*

Côro:

Mas porém (22) tique-tique,
Tome lá, dê cá!

Secretario:

Sinhá Mariquinha,
Não coma meu arroz!

Côro:

Este arroz, sinhásinha,
E' de nós dois!

Secretario:

Tenho minha saia de cassa
Arrodeada de bico.

Côro:

Avôa, pavão!
Deixa avoar! (23)

Secretario:

Ponha a laranja no chão,
Tico-tico, tico-tico!

Côro:

Avôa, pavão! etc.

Secretario:

Quando meu bem fôr embora,
Eu não fico, eu não fico!

Côro:

Avôa, pavão! etc.

———«:»———

Secretario:

O cannavial fraquinho.

Côro:

O' Macambira!

Secretario:

O cannavial pegou fogo!

Côro:

O' Macambira!

Secretario:

Grita, negro Salvador!

Côro:

O' Macambira!

Secretario:

Abro a bôca, apago logo!

Côro:

O' Macambira! (24)

———:»———

Secretario:

Catharina, minha negra,
Teu senhor quer te vender,
Para o Rio de Janeiro,
Para nunca mais te vêr!

Côro:

O' lelê, ó lelê!
O' lelê, já me vou!

Secretario:

Santo Antonio é bom santo,

Que livrou seu pae da morte,
Mas não livrou mãe Maria
Da ponta do calabrote! (25)

Côro:

O' lelê, ó lelê! etc.

Secretario:

Chabariri está doente,
Está doente duma dôr.
Chabariri só merece
Lapada de chiquerador! (26)

Côro:

O' lelê, ó lelê! etc.

Secretario:

Chabariri está doente,
Está de cabeça amarrada,
Chabariri só merece
Uma porção de lapada.

Côro:

O' lelê, ó lelê! etc.

———‹ . ›———

Secretario:

Que santo é aquelle
Que anda acolá?
E' São Benedicto
Que vae p'r'o *altá!*

Côro:

Meu São Benedicto,
Cabello de ouro!
Livrai-me, meu santo,
De terra de mouro!

Olhas para o céo
E vês uma luz?
Avistas a cama
Do Senhor Jesus!

Côro:

Meu São Benedicto, etc.

Secretario:

Olhas para o céo
E vês um andor?
Avistas a cama
De Nosso Senhor!

Côro:

Meu São Benedicto,
Cabello de véo,
Levai-me, meu santo,
Da terra p'r'o céo!

———«:»———

Secretario:

Se partes o côco,
Me dá um pedaço,
Espreme o leite,
Que eu quero o bagaço! *(bis)* (27)

Côro:

Piriquiti!
Piriquiti!
O' quixobê!

Secretario:

Certa mulatinha
Mandou-me chamar,

Puxou a cadeira,
Mandou-me sentar!

Côro:

Piriquiti! etc.

Secretario:

Certa mulatinha
Mandou-me dizer
Que uma noite destas
Ella vinha me vêr!

Côro:

Piriquiti! etc.

Secretario:

Minha jaca está bôa,
Está bôa de comer.
Quem comer minha jaca
Gumita (28) até morrer!

Côro:

Piriquiti! etc.

Secretario:

Meu padrinho Santo Antonio
Me bote sua abenção. (29)
Só peço que Deus me ajude
E bote a jaca no chão.

Côro:

Piriquiti! etc.

Secretario:

Se a perpetua cheirasse,
Era a rainha das flôres,

Mas como ella não cheira
E' rainha dos amôres.

Côro:

Piriquiti! etc.

Secretario:

Santa Catharina
Do cabello louro,
Eu não quero morar
Em terra de mouro!

Côro:

Ai! santinha! ai! loló *(bis)*
Minha gente venha vêr
A massa do pão de ló (30)

Secretario:

Eu subi de páu acima,
Fui pegar um papagaio.
Minha Santa Catharina,
Me segure, senão caio!

Côro:

Ai! santinha! etc.

Secretario:

Eu desci do páu abaixo
Com risco de despencar.
Minha Santa Catharina,
Faz papagaio falar!

Côro:

Ai! santinha! etc.

Secretario:

Papagaio morreu,

Afogado no mar.
Papagaio morreu,
Sem saber falar!

Côro:

Ai! santinha! etc.

Secretario:

Papagaio morreu,
Afogado no *mé.* (31)
Papagaio morreu,
Porque não dava o pé!

——«:»——

Secretario:

Ninguem pisa milho
Como pisa ella!
Pisa todo o dia,
Não pisa uma panella!...

Secretario:

Peneirou! peneirou! *(bis)*
Peneira o milho *(bis)*
Negro *trovadô! (bis)*

Secretario.

Ninguem pisa milho
Como mãe *Antonha!*
Pisa todo o dia,
Não pisa uma pamonha!...

Côro:

Peneirou! peneirou! etc.

Secretario:

Ninguem pisa milho
Como o pae João!

Pisa todo o dia,
Não pisa um pão!... (32)

Côro:

Peneirou! peneirou! etc.

Secretario e côro, alternando as vozes, numa dansa tremelicada e horrivelmente lenta, trisando as coplas:

— Minha mãe, tem couve?
— Couve tem!
Mas não é p'ra panella
De ninguem!

— A creoula na feira...
— Tambem. tem.
Mas é só p'ra quem leva
Seu vintem!

——«:»——

Secretario:

O beijinho de amor
Faz chorar,
Soluçar!

Côro:

Faz chorar!
Faz chorar!
Faz soluçar!

Secretario:

A despedida do amor
Faz chorar,
Soluçar!

Côro:

Faz chorar! etc.

——«:»——

Côro:

O' lelé, ó lelé!
O' pretinho de Guiné!

Secretario:

Esta vae para louvar
O tenente-*coroné!*

Côro:

O' lelé, ó lelé!
O' pretinho de Loanda!

Secretario:

Esta vae para louvar
Seu capitão Miranda! (33)

——«:»——

Ha um rumor de passos, de vozes e de armas numa das extremidades do terreiro. Danças, cantos e musicas param. O côro abre alas. O rei grita:

— Secretario! Secretario! vê que barulho é esse em *minha* portão, que barulho é esse no fundo de *minha* quintal!?

O Secretario corre e, defrontando o Embaixador entre seus officiaes, de espadagão, capacete e manto rubro ondeante, pergunta:

— Senhor, eu venho vêr quem é o atrevido que tem o máu costume de levantar o reposteiro

para vêr o que se passa na côrte? Venho saber o que quereis? (34)

O Embaixador replica:

— Senhor, eu sou o embaixador que traz a embaixada da rainha Ginga para D. Henrique, rei Cariongo.

O rei indaga:

— Secretario! E' homem baixo ou alto?

Secretario, em meio canto:

E' homem de muito bôa,
De muito bôa estatura,
Traz uma lança na mão
E a espada na cintura!

Rei, ao principe Sueno:

Vae, meu filho e diz a elle
Que entre do reino adentro.
Entre com grande cautela.
Se quizer de paz é paz!
Se quizer de guerra é guerra!
Aqui dentro do meu reino
Tenho gente como terra! (35)

Principe e secretario, cruzando as espadas com as do Embaixador e seu sequito, recuando e avançando, alternadamente, dois, três passos:

Entra, rebelde, entra!
Com o rei tu vaes falar.
Não entres com arrogancia,
Se tu pretendes voltar!

Embaixador:

Licença, nobres vassallos,
A este nobre marquez,
Que já chegou no imperio
De vosso adorado *reis*. (36)

Dêm-me licença, senhores!
Que eu quero subir ao throno,
Para dar minha embaixada
A Henrique rei Cariongo!

O principe e o secretario embainham as armas e afastam-se. Os dansarinos estendem-se em alas. O Embaixador e os seus companheiros passam por entre ellas, marchando magestosamente, a cantar, voltando-se ora para a direita, ora para a esquerda.

Embaixador:

Eu por este reino adentro
Entro com grande valor,
Sem temer de D. Henrique
Nem dos ministros o pavor!

Estas medalhas que possúo
Eu ganhei-as em Binguéllos. (37)
Eu venci toda a mourama
E tomei trinta castellos!

Principe, secretario e côro:

Entra e sobe, embaixador,
Vae falar á Magestade.

Entra e sobe, vae ao throno,
Vae dar a tua embaixada.
Se fizeres qualquer insulto,
Has de ser assassinado! (38)

Secretario ao rei, referindo-se ao embaixador:

Pelas divisas que traz
Nos seus trajes de Inglaterra,
Bem parece embaixador
Que vem ameaçar guerra!

Embaixador:

Senhor, eu não sou guerreiro,
Nem da guerra trago instrucção.
Sou um illustre cavalheiro,
Representante da nação!

Senhor, eu não sou guerreiro,
Nem da Vasconha ou da Persia,
Sou embaixador do Haiti,
Onde a guerra nunca cessa! (39)

D. Henrique, rei Cariongo,
Filho de gentis guinés,
Mandou-me o meu monarcha
Ajoelhar-me a teus pés!

O embaixador, que se ajoelhára, põe-se de pé e, avançando com imponencia, dá a sua empolada e desaforada embaixada ao rei, que, todo tremulo,

ridiculamente se encolhe sobre seu throno, fazendo tregeitos comicos.

Embaixador:

— Henrique, rei Cariongo, magno Henrique, forte rei, manda dizer-te *minha* monarchia que, se não retirares as tuas tropas e não baixares as tuas armas deante da sua bandeira de tres estrellas, não ficarás por muito tempo sentado no throno!

D. Henrique esboça um gesto vago de resposta. O embaixador avança, ferozmente, para elle. O principe, o secretario e os officiaes apontam as pontas das espadas ao peito do embaixador e de seus companheiros, cantando:

Preso e morto, embaixador,
Este cruel assassino!
Veio matar rei meu senhor,
Que mandou rainha Gino! (40)

Principe:

Presos estão,
Bravos guerreiros
Entreguem as armas,
Estão prisioneiros!

Côro.

Presos estão, etc.

Principe:

Quem te mandou
Vir combater?

Agora, infeliz,
Tens de morrer!

Côro:

Quem te mandou, etc.

Embaixador, supplicante:

Senhor rei, não me mateis,
Não me mateis por piedade.
Tambem sou filho de rei,
Tambem tenho magestadè!

Sou filho do rei Catroqueis,
Afilhado da Virgem Maria,
Almirante da Loanda, (41)
Embaixador da Turquia!

O Embaixador e seus companheiros ficam ajoelhados, de cabeça baixa. O secretario canta:

Illustre rei, meus senhores
Louvaes as minhas *alviças*, (42)
Pois estão prisioneiros
Os grandes chefes Loandiças! (43)

Principe:

Ouçam, queridos vassallos
O que diz a Magnifica: (44)
«Os brabos se derribam
Os mansos em socego *fica!*»

Pode-se tomar por exemplo
Este homem de grande posto,

Com o fim de grande traidor,
Acabando por seu gosto!

Chorem e solucem as saudades,
As saudades que se vão!
As lagrimas de tua rainha
Farão cortar coração!

Rei:

Tens visto, embaixador
Em que estado deu a guerra.
Teus soldados todos mortos
E tu cahido na terra!

Tu todo banhado em sangue,
Que te vale teu dinheiro?
A morte para ti vem,
Prisão p'r'a os teus *companheiro!*

Levanta-te, embaixador
E dize-me tu quem és.
Quem é o teu monarcha
Que te mandou aos meus pés?

Embaixador, com arrogancia, embora ameaçado:

Meu monarcha é grande rei,
Meus filhos são gigantes de figura.
Cada golpe que elles dão
Leva um á sepultura!

Meu monarcha é grande rei
Com elle não se vae *falá.*

E' rei de Manabim
Imperador de Camindá. (45)

O principe pede ao rei que perdôe o embaixador e o mande embora, buscar seu exercito para um combate leal. O côro implora tambem o perdão real, cantando:

Henrique, rei Cariongo,
Senhor de toda a Bragança,
Patrão da Christandade,
Esteio da segurança,
Vós sois senhor dos senhores
Amigo fiel da França!

O embaixador parte. Sae, orgulhosamente, cantando:

Esta espada em minha mão
E' fogo, raio e corisco!
Quem avança á minha frente
Corre perigos e risco!

Delle faço um desgraçado
Como tenho feito a *muito*.
Quem minha espada beija
Vira logo num defunto!

O principe responde-lhe ás bravatas com outras:

Embaixador, não temas
Que tua arrogancia e orgulho

Façam cahir nossas armas
Quando houver o barulho!

Meu pae tem tres nobres filhos
Para honrar o som do clarim.
Vamos ao campo da morte!
Não partirás sem mim!

O embaixador continúa a caminhar para ir embora, cantando:

Sou forte, não esmoreço,
Guerreiro forte, afamado!
O forte só teme a Deus
E não pode temer mais nada!

Não me julguem sem conhecer,
Como guerreiros vos chamais,
O que eu fiz na moirama,
O que eu fiz a D. Thomaz! (46)

Juro pela fé de Deus,
Não mostrarei covardia.
Bem sabes que p'r'o combate
Tenho bôa pontaria!

Eu já entrei em Londres, (47)
Valeroso campeão,
E pretendo levar em ferros
O chefe desta nação!

Antes de deixar o terreiro, o embaixador volta-se para o principe e ameaça-o:

Mais tarde virei,
Principe tyranno,
Só para dar-te
O desengano!

O embaixador desapparece. O principe ergue a mão para o rei e canta:

Imperador, dai-me ordens
Que me vou *arretirar!*
Morra esse embaixador
Que a embaixada veio dar!

Côro:

Morra esse embaixador, etc.

Secretario:

O', quem fôr guerreiro,
Venha combater,
Que esse embaixador
Já nos quer vencer!

Côro:

Que esse embaixador, etc.

As duas filas de dansarinos armam-se de terçados e reunem-se num grande pelotão. Um official traz a bandeira real. O principe e o secretario ladeiam-n'o e passeiam dum lado para o outro, os tres, deante da tropa, que marca passo, a cantar.

Principe:

Papae, eu vou á guerra,
Juraram de me matar!

Principe e côro:

Ou morrer ou vencer! *(bis)*
Ou a bandeira tomar!

Principe:

Papae, eu vou á guerra,
Vou arriscar a vida!

Principe e côro:

Ou morrer ou vencer! *(bis)*
Ou a vida por perdida!

Principe:

Papae, eu vou á guerra,
O inimigo combater!

Principe e côro:

Ou vencer ou morrer! *(bis)*
Ou morrer ou vencer!

Secretario, fazendo os dansarinos e soldados evoluirem militarmente:

Tenho dois milhões de ouro
Para comer na batalha.
Já vi o signal de guerra
Que se içou na muralha!

Côro:

Quando a columna embarcou,
Mulher, menino *chorou!*

Secretario:

Senhora dona da casa,
Mande pagar meu dinheiro.
Para eu comer na guerra,
Se ficar prisioneiro!

Côro:

Quando a columna, etc.

Secretario:

Choram as mães por seus filhos
E as mulheres pelos maridos,
Chora a irmã pelo irmão
E as damas por seus queridos!

Côro:

Quando a columna, etc.

O embaixador volta á frente do seu exercito, com estrepito, *tirando* uma cantoria marcial.

Embaixador:

Retirem-se, rebeldes!
Deixem a columna passar!
Para Henrique Cariongo
Do seu throno derrubar!

Côro de soldados do embaixador:

Avante! Avante!
Guerra! Guerra!
Alerta! Alerta!
Guerra! Guerra!

Embaixador:

Henrique, rei Cariongo,
Falso e sem magestade,
Fôste tu que duvidaste
Da minha sinceridade!

Côro de soldados:

Avante! etc.

Embaixador:

Quando de casa sahi,
Foi-me bem recommendado
Pegasse o rei Cariongo,
Levando-o preso e amarrado!

Côro de soldados:

Avante! etc.

Embaixador:

Hoje será o dia
Da batalha e da victoria!
Uns hão de morrer com bençam
E outros viver para a gloria!

Côro de soldados:

Avante! etc.

As tropas do principe avançam para as do embaixador e ambas cantam as mesmas quadras, unisonamente, ao barbaro som duma marcha cadenciada, que os instrumentos da orchestra primitiva attacam com vigor:

Toca! toca! avança! avança!

São horas de combater,
São horas, ninguem descança,
Vamos vencer ou morrer!

Seu tenente general,
Não me venha insultar.
Com tropas do meu monarcha
Não tenho medo de brigar!

Eu bem não queria ser
Soldado de infantaria,
Para não me vêr mettido
Agora nesta agonia!

Fui paisano, sentei praça
E depois eu fui sargento,
De sargento fui alferes
E já hoje sou tenente!

Pelejar até ganhar
Com minha arma segura.
Pegar os inimigos
E levar á sepultura!

Coragem, meus soldados,
Que nós vamos combater!
Quando entrar na luta,
E' vencer ou é morrer!

Coragem, meus soldados,
Que nós vamos guerrear!

Quando entrar na luta,
E' morrer ou é matar!

Pega n'arma, meu soldado!
Pega n'arma e leva ao peito.
Quando entrar na luta,
Faz pontaria com geito!

As duas forças chocam-se, os terçados se encruzam, os grandes mantos vermelhos ondêam, as espadas retinem e toda aquella multidão canta, soturnamente:

— Fogo e mais fogo!
Morra quem morrer!

— Esta batalha
Nós *ha* de vencer!

— Fogo e mais fogo!
Vamos combater!

— Esta batalha
Nós *ha* de vencer!

— Fogo e mais fogo!
Vamos pelejar!

— Esta batalha
Nós *ha* de ganhar!

A luta é renhida e prolongada. O exercito de

D. Henrique perde a batalha. Dispersa-se, derrotado. O embaixador aprisiona o principe e vem com elle entre guardas até o throno do rei, que está acabrunhado, soluçante.

Principe:

Entregou seu diadema
A's mãos do seu vencedor,
Perdeu [illegible] a batalha!
O povo morre de dôr!

O embaixador quer obrigar o principe a ajoelhar-se e beijar a sua bandeira. Elle recusa. O embaixador condemna-o á morte. O principe canta, despedindo-se:

Adeus, meu lindo pae!
Adeus! Adeus!

O côro repete, toda a vez que elle nomeia de quem se despede, o estribilho:

Adeus! Adeus!

Principe:

Adeus, meu secretario!
Adeus! Adeus!

Do mesmo modo diz adeus aos officiaes, aos soldados e, por fim, ao «povo todo». Depois, voltando-se para o pae, canta, tristemente:

Adeus, meu pae querido,
Que nunca mais hei de vêr!

Carrasco, suspende o golpe!
Para sempre, vou morrer!

D. Henrique Cariongo ergue-se do throno, desce os degráus do estrado, põe a mão sobre o hombro do embaixador e procura subornal-o, para salvar-se e salvar o filho:

Vinde cá, embaixador!
Vem commigo ao meu thesouro.
Dou-te prata e diamantes,
Dou-te dois milhões de ouro!

Indignado, o embaixador afasta-se e retruca com voz estentorea:

O general de meu monarcha
Não se vende por dinheiro!
Segue, segue para Loanda,
Vaes morrer prisioneiro!

O principe continúa a cantar o seu lugubre *adeus! adeus!* acompanhado por um novo côro lamentoso:

Ai, gurum! ai, gurum!
Ai, gurum! ai, guerê!
Gengá! Gengá!
Oiá, moçambiquê! (48)

O carrasco dá o golpe com a sua espada sobre o principe. O rei cáe desmaiado. O principe

estende-se morto, rigido, no chão. Então, o secretario canta:

Papae, cubra o paço de luto,
Que dôr eu sinto no coração!
Elle foi morto na batalha!
Mataram meu bello irmão!

Choremos, lindos vassallos,
A morte de meu irmão!
Elle foi morto na guerra,
Não tiveram compaixão!

O principe foi attrahido
E morto sem piedade,
Pelo infame embaixador
A quem demos liberdade!

Vae terminar o auto. O embaixador forma seus soldados em columnas cerradas, entre as quaes prende o rei, e parte á sua frente, cantando victoria, acompanhado em côro por todos os presentes:

Parabens, nobres guerreiros,
Pela victoria alcançada!
Foi preso o rei Cariongo,
E toda a ilha foi tomada!

Notas ao Auto dos Congos

1. *Principe Sueno*. A's vezes, os negros cantadores tambem o chamam Principe Sereno.

2. Antes de dansarem num logar determinado, em terreno murado ou cercado, os Congos andavam dando as suas representações pelas ruas, parando á porta das casas das pessôas que os chamavam e lhes davam esportulas. Primeiramente, iam á egreja do Rosario rezar, pois Nossa Senhora do Rosario era a padroeira dos negros. E' a esse costume que os versos se referem.

3. *O collegio da nação*. Parece que ahi o poeta barbaro que compoz os congos pretendeu referir-se á reunião das personagens principaes da nação negra naquelle local, que representa a côrte. Não se dizia na edade media o collegio dos nobres, para significar a reunião dos principaes da nobreza? Não se chama ainda hoje, na Egreja, a reunião dos cardeaes o Sacro Collegio?

4. A policia nas cidades e villas do Nordeste concede licenças pagas, sem as quaes os divertimentos populares da ordem dos Congos não se podem realisar. E' a isso que o Secretario allude.

5. Ainda reminiscencia de quando os Congos vagavam pelas ruas á disposição de quem os chamava e lhes pagava para dansarem. V. a nota 2.

6. Parece que o divertimento primitivo era todo ou quasi todo em lingua africana. Com o tempo se foi transformando, ficando-lhe somente certos estre-

bilhos e uma ou outra quadra, cuja significação ninguem mais conhece.

7. *Dansá.* Esta é a prosodia commum do povo em todas as palavras que terminam por ar. Para evitar confusões e esclarecer bem todos os pontos escreveremos, sempre que a rima fôr de ar com á, as palavras em ar com o simples a accentuado, como neste caso.

8. V. a nota 6.

9. *Vaqueiro da minha perúa.* O papel do rei dos Congos é ao mesmo tempo gaiato e serio, um tanto tragico e um tanto comico. Dahi sempre se escolher para elle um negro espirituoso.

10. Os figurantes geralmente affectam certos erros de linguagem, como esse, por exemplo, afim de lembrar os seus antepassados, os da Outra Banda, filhos da Africa, que falavam mal a nossa lingua e que fôram os primeiros a representarem os Congos.

11. V. a nota 6.

12. Idem.

13. Idem.

14. *Ginitrias.* De ginitriar, fazer passos curiosos. Certamente de ginetear.

15. *Minha* coração: v. nota 10. *Pique, pá!* O rei, dizendo isto, faz um gesto com a mão, mostrando que o coração lhe está pulando no peito

16. Nestes versos o secretario fala dos dois crustaceos guaiamun e aratú, e os dansarinos imitam na dansa o seu modo de andar na areia das praias.

17. Até 1858, no exercito brasileiro, os regimentos de fusileiros, especialmente, não se distinguiam por numeros na gola e sim pela côr desta: havia-as azues, amarellas, pretas, encarnadas. Os cádetes, nesse tempo, eram os filhos de officiaes que serviam na tropa e usavam a gola da côr do regimento em que haviam sentado praça. Esta cantiga é, portanto, até um documento sobre os costumes militares da época.

18. *Maria Camungá.* Certamente o nome duma escrava afamada por esta ou por aquella razão.

19. *Se houver uma má palavra,* isto é, se falarem mal.

20: *Funcção:* festa.

21. Este estribilho *ó tolina,* que nada quer dizer talvez fôsse originariamente *ó tão linda!*

22. No falar das gentes do Nordeste é muito commum a repetição *mas porem.*

23. Todo o povo gosta de accrescentar sons onde pode. Não ha ninguem no Nordeste que não prefira dizer avoar, avôa a vôar, vòa. E' até figura de grammatica.

24. Nome commum dos negros das fazendas. Um negro qualquer muito conhecido como a Maria Camungá.

25. Da ponta do açoite. Lembrança da escravidão.

26. A mesma lembrança.

27. Ha no decorrer da representação dos Congos varias allusões aos trabalhos domesticos e cam-

pestres dos negros na fazenda antiga. Ahi está o preparar do chamado leite de côco para os petiscos da cosinha. Adeante se verá a colheita dos fructos com a historia da jaca. Depois, a confecção de quitutes ainda, na cantiga da massa do pão de ló; o procurar dos papagaios novos para educar e sua educação; o plantio das hortaliças, na da *couve tem*. E, por fim, o proprio pisar do milho, em que os negros roceiros com geito e manha sabiam descansar o corpo...

28. *Gumita:* vomita.

29. A pronuncia é longa, não por necessidade poetica, porem por habito local.

30. V. nota 27.

31. Idem.

32. Idem.

33. Todo o cantador popular *louva*, elogia em verso os presentes, afim de receber gratificações. Os Congos não escapam á regra geral. Desde que o secretario aviste entre os assistentes uma pessôa de certa ordem, faz o seu louvor e, depois, lhe atira o lenço, em cuja ponta o «louvado» amarra uma moeda ou uma cedula, restituindo-o.

34. Reproduzo com a maior exactidão, de accordo com notas locaes minhas e de pessôas serias que têm assistido aos Congos, todas as palavras dos seus personagens. O que não faço é guardar-lhes a prosodia.

35. As rimas populares não são rigorosas: elle, para o povo, rima com cautela como cautela rima

com guerra. A palavra terra é empregada no sentido de areia.

36. *Reis*. E' como o povo diz. Só mantive a graphia accorde com a prosodia popular ahi, por causa da rima.

37. Com toda a certeza Benguéla.

38. V. a nota 35.

39. Idem.

40. Essa rainha de que falam os Congos ora é chamada Ginga, ora Gingo, ora Ginia e ora Gino.

41. A's vezes, o negro que faz de embaixador transforma Loanda em Allemanha ou em Londres, o que é comprehensivel, pois que ouve falar nestes dois nomes geographicos diariamente, os quaes na pronuncia popular se prestam á confusão com o primeiro, e esqueceram este, que era tão somente conhecido de seus paes e de seus avós, que de lá tinham vindo.

42. Alviçaras.

43. Loandistas.

44. E' assim que a gente rude do Nordeste pronuncia o nome da celebre oração *Magnificat*.

45. Logares d'Africa, cuja memoria se perdeu com a morte dos negros da Outra Banda.

46. Allusão a qualquer lenda de cavallaria, das muitas que, como a dos doze pares de França, correm por entre o povo do Nordeste.

47. V. a nota 41.

48. Nestes versos a reminiscencia da linguagem africana é completa.

AUTO DO "BUMBA MEU BOI!"

PERSONAGENS HUMANOS:

Capitão ou Cavallo-Marinho.
Vaqueiro.
Matheus, negro escravo.
Sebastião, cabôclo escravo. (1)
Valentão ou Capitão de mato.
Mané-Gostoso ou feiticeiro.
Galante, menino, filho do Capitão.
Arrelequinho, idem. (2)
Pastorinha, menina, irmã do Capitão.
Fazendeiro rico.
Zabelinha, personagem muda, á garupa do Capitão, representada por uma boneca.
Catharina ou Catita, negra escrava.
Doutor-cirurgião.
Padre-capellão.
Sacristão.
Advogado.
Sinh'Anninha, uma negra bebeda.
Duas *damas*. (3)
Fiscal municipal.
Cinco indios emplumados.

Três caipóras.
Zé do Abysmo, o Privilegio.

PERSONAGENS ANIMAES:

O Boi-suruby.
As emas.
O urubú.

(Côro de cantadeiras, sentadas a um banco. Orchestra geralmente composta duma clarineta, duma viola, dum violão, duma sanfona, dum zabumba e dum pandeiro.)

A scena decorre no terreiro duma fazenda ou duma casa de povoação do interior, no qual param as pessôas que passam. Todos os personagens ficam escondidos por traz duma *empannada,* grande biombo de algodãosinho estendido em varas, e só apparecem quando chega a sua vez, recolhendo-se logo que terminam o seu papel. As cantadeiras iniciam a funcção, cantando sósinhas, em côro. Deante dellas os dois escravos, Matheus e Sebastião, dansam um bahiano repinicado. Os outros figurantes vêm chegando a pouco e pouco. (4).

Côro:

Toca bem esta viola
No bahiano *gemedô,*
Que o Matheus e o *Bastião*
São dois cabras *dansadô.*

No passo da jurity,
No passo do *roxinó*,
Se Bastião dansa bem,
O Matheus dansa *mió*.

O tocador de viola
Tem os olhos muito esperto.
O som da sua viola
Parece com o céu aberto.

A musica muda de *toada*. O côro canta outra canção com estribilho:

Côro:

Tome seu chapéu barraca,
Que é quasi um barracão.
Estas mocinhas de agora
Só querem usar balão.

Estribilho:

Ai! ai! meus canarios verdes!
Ai! ai! meus *curió!* (5)
Ai! ai! quem de mim tem pena!
Ai! ai! quem de mim tem dó!
Tenho pena da rolinha, (6)
Que anda *ralando* só! (7)
Tenho pena, ai! ai! ai!
Pena que me faz dó!

Minha mãe, vi os balões
Das mocinhas do Icó,

Quem não tem balão de ferro
Bota balão de cipó.

Ai! ai! meus canarios, etc.

Minha mãe, vi os balões
Das moças do Cariry.
Arreda, mamãe, arreda!
Deixa meu balão *subi!*

Ai! ai! meus canarios, etc.

Minha mãe, vi os balões
Das moças do Ceará
Arreda, mamãe, arreda!
Deixa meu balão *passá!* (8)

Chega o Valentão. Vem dansando, aos pinotes. A cadencia da musica vae pouco e pouco augmentando. E elle sapateia tão velozmente que quasi se não vêm as suas pernas. Traz um amplo chapéu de palha de carnahuba, um cordão de bentinhos e amuletos ao pescoço, a longa faca *parnahyba* no cinturão, o cabo da garrucha apparecendo no cós, o bacamarte ao hombro.

Valentão:

Amigos, vamos a ella.
Antes que ella venha a nós,
Vamos vêr o *cabra* que corre (9)
E o cabrito que *arremões!* (10)

Côro.

Ai! ai! meus canarios, etc.

Valentão:

Sou valentão afamado,
Todo o mundo pode vêr,
Qualquer barulho que topo
Logo me ponho a correr!

Côro:

Ai! ai! meus canarios, etc.

Valentão:

Atirei no limão verde,
Lá na torre de Belem,
Deu no ouro e deu na prata,
Deu no peito de meu bem! (11)

Côro:

Ai! ai! meus canarios, etc.

Valentão:

Vou-me embora, vou-me embora,
Como digo sempre vou;
Se eu fôsse fôrro não ia.
Como sou captivo vou!

Côro:

Ai! ai! meus canarios, etc.

As duas *damas* vêm pelo terreiro, espionando seus namorados e falando que vão á missa. De quando em quando, fazem uns passos ligeiros de dansa.

Primeira dama:

De onde vindes, mana?

Segunda dama:

Eu venho da missa.

As duas:

Vamos-nos embora,
Que lá vem a justiça!...

Primeira dama:

Se a justiça vem,
Ella irá embora,
Porque eu sou a dama
Do Juiz de Fóra...

Segunda dama:

Se a justiça vem,
Perde seu valor,
Porque eu sou a dama
Do *seu* ouvidor...

As duas:

Mana, vamos por aqui
Pelo quartel encostada,
Que eu estou vendo o amante
Que me traz *inquizillada!*

O ouvidor e o juiz
Andam bem doentes...
E nós somos damas
Dos seus escreventes... (12)

Surge Sinh'Anninha (13), a negra bebeda, com cuja vida ninguem pode e que vive a dar escandalos.

Sinh'Anninha canta, acompanhada pelo côro:

Sinh'Anninha vá embora,
Não venha me abodegar,
Quando fôr para outra sala
Você tem de apanhar!

Senhora dona do gado,
Sua candeia na mão,
Seu cabello aguaribado,
Chiquinha veste o balão!

Sinh'Anninha bebe fumo
No seu cachimbo de prata,
As fumaças que ella bota
São suspiros que me *mata!*

Senhora dona do gado, etc.

Sinh'Anninha, negra velha,
Do cabello de fumaça,
Te peneira (14), minha negra,
Que é p'r'o povo achar graça.

Senhora dona do gado, etc.

O Matheus e o Sebastião estão de calças de brim grosso, camisa de algodão, chapéu de couro,

vara de ferrão em punho e uma bexiga de boi, cheia de vento, na mão, com a qual açoitam todos aquelles que surgem no terreiró, depois que acabam a sua cantiga. A Sinh'Anninha sáe, corrida a pancadas. Vae entrar o Cavallo-Marinho ou Capitão. E' um mestiço alto, de chapéu armado com plumas, casaco de enfeites dourados, montado num cavallo de páu, com saiote comprido, que envolve as pernas do individuo. Sobre a garupa traz uma boneca de panno, a Zabelinha, sua filha. Seguem-n'o, ladeando-o, dois meninotes de roupas berrantes: Galante e Arrelequinho.

Cavallo-Marinho:

O sol entra pela porta
E a lua pela janella,
Vim atraz duma resposta,
Não saio daqui sem ella.

Côro:

Cavallo-Marinho
Vem se apresentar,
A pedir licença
Para dansar.

Cavallo-Marinho:

Appareço, meu amor,
Agora com novo alento,
Deixo de estar escondido
Ao ronco deste instrumento.

Côro:

Cavallo-Marinho

Dansa bem bahiano,
Bem parece ser
Um pernambucano!

Cavallo-Marinho:

O' meu pae, ó minha mãe!
Trago a chave do thesouro
E venho negociar
Em prata, fazenda e ouro.

Côro:

Cavallo-Marinho
Vae para a escola
Aprender a lêr
E a tocar viola.

Cavallo-Marinho:

Chuva que tem de chuver
Nos ares vem peneirando: (15)
O amor que tem de ser meu
De longe vem se chegando.

Côro:

Cavallo-Marinho
Dansa no terreiro,
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.

Cavallo-Marinho:

O' lua que alumias
Este mundo de meu Deus,
Alumia a mim tambem,
Que ando perdido dos meus!

Côro:

Cavallo-Marinho
Dansa na calçada,
Que o dono da casa
Tem gallinha assada.

Cavallo-Marinho:

Senhor dono da casa,
Varra bem o seu terreiro,
Para o meu boi dansar
Mais o seu vaqueiro.

Côro:

Cavallo-Marinho
Por tua mercê,
Manda vir o boi
Para o povo vêr.

O Cavallo-Marinho avança para o banco das cantadeiras numa dansa ainda mais *repinicada,* brádando:

— Matheus, Sebastião, Galante e Arrelequinho, acompanhem meus passos.

Cantam:

Cavallo-Marinho:

Vou-me embora, vou-me embora!

Côro:

Balaio meu!

Cavallo-Marinho:

Para minha terra vou.

Côro:

Balaio meu!

Cavallo-Marinho:

Que eu aqui não sou querido...

Côro:

Balaio meu!

Cavallo-Marinho:

E na minha terra eu sou!

Côro:

Balaio meu!

Cavallo-Marinho:

Na estrada passo eu.

Côro:

Balaio meu!

Cavallo-Marinho:

Louvado seja Deus!

Côro:

Balaio meu!

O Cavallo-Marinho vae mandar chamar o Vaqueiro e o Boi, quando apparece o feiticeiro Mané Gostoso, com o seu urú cheio de hervas, cascaveis de cobra, e sabugos de milho ao pescoço, pulando e cantando:

Mané Gostoso,
Perna de páu,
Elle dansa, elle toca
No seu birimbáu!

Côro:

Todo rio caudaloso (16)
Vae fazer barra no mar,
Já te dei meu coração,
Para que me vens falar?

Ai! ai! ai! sinhásinha
Sapato de vidro
Quem dansa mazurka
Diverte commigo!

Mané Gostoso:

Eu sou o Mané
Que mora na lata,
Que é casado
E tem a mulata!...

Côro.

Todo o rio, etc.

Mané Gostoso, como Sinh'Anninha, foge debaixo das *bexigadas* dos dois escravos. Dirigindo-se, então, á Zabelinha, o côro canta duas vezes esta cópla:

Zabelinha come pão,
Que daremos, Zabelão.
Cachaporra (17) p'ra seu amo
Que é um grande villão!... (18)

A pastorinha, toda de branco, de chapéu flori-

do, e de cajado, apparece no extremo do terreiro, cantando dolentemente:

Deste monte vou sahindo,
A' procura do meu gado,
Que deixei, lá nas campinas,
Enterrado e afogado!

Sapateiro novo,
Fazei-me um sapato
Da sola bem fina,
Para eu dansar com o salto!

Todos que me ouvem
Me devem um vintem.
Eu sou pastorinha
Danso muito bem!

Cavallo-Marinho:

Deus *te* salve, Rosa,
Em *vosso* estado!

Pastorinha:

Deus *te* salve, ó maninho,
Em *vosso* cavallo!

Cavallo-Marinho:

Deus te salve, Rosa,
Lindro serafinho! (19)

Pastorinha:

Deus *te* salve, ó maninho,
Em *vosso* caminho!

Cavallo-Marinho:

O' gentil menina,
Pastoreando o gado!

Pastorinha:

Eu nasci, ó maninho,
Para esse fado!

Cavallo-Marinho:

Por essa montanha
Corres grande perigo.
Dize, pastora, ó maninha,
Se queres vir commigo?

Pastorinha:

O senhor vá embora,
Saia-se daqui,
Que vim vêr meu gado, ó maninho!
Que aqui perdi!

O Cavallo-Marinho dá nova ordem para que se chame o Vaqueiro, afim deste trazer o Boi; porem novos visitantes apparecem, impedindo o inicio da vaqueijada. São um grupo de cinco indios emplumados e armados de arcos e flechas, seguidos de tres meninos com uma urupema á cabeça, cobertos de lenções brancos, que nada dizem e dansam, assobiando. São os caipóras, que acompanham os cabôclos, vindos, talvez, duma malóca visinha, dos quaes o Matheus e o Sebastião têm um horror pro-

fundo, fazendo tregeitos comicos e dizendo graçolas a proposito. Os indios cantam:

Somos cabôclos guerreiros
Que viemos guerrear,
Com nossas flechas na mão,
Nossos arcos de alongar!

Côro de todos os presentes, entremeado de assobios dos caiporas:

Xê! xê! xê! girimanha!
Somos cabôclos da ilha Romanha.

Indios:

Somos cabôclos guerreiros
De lá da Varzea do Cisco,
Que fazemos toda guerra
Para frechar pae Francisco.

Côro:

Xê! xê! etc.

Indios:

Cantando e chorando
Por essa montanha,
Procuramos pae Francisco,
Nariz de pamonha.

Côro:

Xê! xê! etc.

Indios:

Cantando e chorando
Por essa bibóca,
Procuramos pae Francisco,
Nariz de tabóca.

Côro:

Xê! xê! etc.

Indios:

Cantando e chorando
Por essa campina,
Procuramos pae Francisco
E mãe Catharina.

Côro:

Xê! xê! etc.

Indios.

Cabóclo, rei dos bichos,
Natural de Culumin,
Cabôclo não vae á missa,
Porque não tem borzeguim.

Côro:

Xê! xê! etc.

Indios:

Cabóclo, rei dos bichos,
Natural do Quixelô,
Cabôclo não vae á missa,
Porque não tem paletô.

Côro:

Xê! xê! etc.

Indios:

Cabôclo, rei dos bichos,
Natural de Carrapato,
Cabôclo não vae á missa,
Porque não usa sapato.

Côro:

Xê! xê! etc.

Indios:

O', meus cabôclos guerreiros,
Eu quero bem *te* dizer,
Se *tu* fôres para a guerra,
E' morrer ou é vencer!

Côro:

Xê! xê! etc.

Caceteado com os indios, o Cavallo-Marinho faz um signal e, logo, os dois escravos avançam para elles, mettem-lhes as bexigas e põem-n'os fóra, ás carreiras. Então, as emas do sertão, feitas de cipó e palhas, com grandes pescoços elasticos e bico de páu, fazem a sua entrada, correndo os espectadores que se approximam dos figurantes a bicaradas. Os homens, que estão debaixo dellas, movem os seus pescoços com rapidez assombrosa e as bicaradas são tão fortes que, ás vezes, as victimas dellas se zangam e provocam conflictos. O côro canta, meio soturnamente:

Olha o passo da ema,
Peneiro ê!
Lá do meu sertão,
Peneiro ê!
Todo o passaro vôa,
Peneiro ê!
Só a ema não!
Peneiro ê!
Vou-me embora, vou-me embora!
Peneiro ê!

Lá para o meu sertão,
Peneiro ê!
Todo o passaro vôa,
Peneiro ê!
Só a ema não!
Peneiro ê!

Corridas as emas, como o fôram os outros visitantes, o Cavallo-Marinho manda chamar o vaqueiro. Este chega, vestido de couro, montado num cavallo semelhante ao do Cavallo-Marinho. Entra, dansando e cantando com o côro:

Vaqueiro, chapéu de couro,
Barbicaixo de corrêa,
Quantas carreiras deu hoje?
Quantos bois botou na peia?

Não me córte os pendões da couve,
Não me tore (20) os pendões do alho,
Você diz que couve é couve,
Couve é, cebola e alho!

Vaqueiro chapéu de palha,
Barbicaixo de cordão,
Quantas carreiras deu hoje?
Quantos bois botou no chão?

Não me corte os pendões, etc.

O vaqueiro *aboia* (21) longamente. Entra, ladeado pelo Matheus e o Sebastião, o Boi-Surubv,

que vem dansar para o povo vêr. E' feito duma grande canastra leve, de cipó, coberta de panno pintalgado, com uma cabeça de boi e chifres. Debaixo, ha um homem agil e forte, que finge todos os movimentos do animal. O côro canta:

Vem, meu boi lavrado,
Vem fazer bravura,
Vem dansar bonito,
Vem fazer mesura!

Vem dansar, meu boi,
Aqui neste terreiro,
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.

O Vaqueiro dirige a dansa do boi, dando-lhe ordens:

Allô, meu boi!

Côro:

Eh! bumba!

Vaqueiro:

Dansa de frente!

Côro.

Eh! bumba!

Vaqueiro:

Faz uma mesura!

Côro:

Eh! bumba!

Vaqueiro:

Espalha essa gente!

Côro:

Eh! bumba!

O boi faz ameaça de carregar sobre os circumstantes. Todo o mundo corre. O vaqueiro e o côro continúam:

— Meu boi laranjo!
— Eh! bumba!
— Meu boi bargado!
— Eh! bumba!
— Dá volta e meia!
— Eh! bumba!
— Fica socegado!
— Eh! bumba!

Do mesmo modo, o boi dansa, levanta-se, deita-se, torna-se a levantar e, por fim, começa, sempre obediente, a dar marradas em quem o vaqueiro manda:

— Dá de fingimento! (22)
— Eh! bumba!
— No teu vaqueiro!
— Eh! bumba!
— Dá no Matheus!
— Eh! bumba!
— E no seu companheiro!
— Eh! bumba!

Toda a vez que o Suruby avança para dar chifradas em alguem, o vaqueiro previne, cantando:

— Matheus, olha o boi!
— Eh! bumba!

Emquanto o boi vae fazendo as suas brincadeiras, a negra Catharina, uma preta rebelde, terrivel, surge, dansando, com um cacete de jucá na mão. O côro recebe-a:

Catharina, meu amo
Mandou-te *chamá,*
Lá na bananeira,
Lá no *bananá.*

Catharina, minha negra,
Teu senhor quer te vender,
Para o Rio de Janeiro,
Para nunca mais te vêr.

O vaqueiro tem a idéa infeliz de fazer o bo correr sobre a megera. Ella levanta o cacete, me te-lhe na cabeça, derruba-o e foge. Ha uma desc lação. Todo o mundo sente profundamente a ma vadez feita áquelle boi tão bem ensinado. E toman se todas as medidas necessarias ao caso. O Cap tão manda chamar o medico, para vêr se pode cur o boi; o padre, para confessal-o, e o capitão c mato, para prender a negra fugida.

O Cavallo-Marinho, chicoteando os escravos:

O meu boi está p'ra morrer,
O' Matheus vá já chamar
O doutor para o curar,
O padre para o benzer!

Chame o capitão do matto,
Que dê todas *providença*
Para trazer essa negra
A' minha nobre presença!

Emquanto os escravos procuram as pessôas indicadas, o Zé do Abysmo ou Privilegio, um boneco [illegible] e magro, com a cabecinha pequenina perdida [illegible] fim do longo pescoço, passeia para lá e para á, mudamente, agitando os braços, puxados por um ordel pelo sujeito que está escondido dentro delle.) côro canta, referindo-se a elle:

Senhor *Prevelegio*
Dos caracóes,
Tu só és ferreiro
Para fazer anzóes!... (23)

Entra o padre, com um ramalhete de flôres, à mão, dansando, de batina arregaçada, acompanhado pelo sacristão, que não esconde o seu espanto.

adre:

Quem me vêr assim dansando
Não julgue que fiquei *louco*.
Não sou padre, não sou nada,
Secular sou como os *outros*...

Côro.

O' gentes, que quer dizer
Um padre nesta funcção?

E' signal de casamento
Ou d'alguma confissão?

Padre, entregando com desprezo o seu ramo de flôres ao sacristão:

Ramaiête de *julô*
Isto é lá para o sacristão.
Quem tiver moça bonita
E' p'r'o padre capellão... (24)

Côro:

O' gentes, que quer dizer, etc.

O valentão, o mesmo do principio do auto, vem se apresentar, cantando:

Sou filho do Carne-Morta,
Homem que nunca brigou,
Meu pae morreu de postemas
Das pancadas que levou.

Côro:

Eu te amarro, ladrão!
Eu te atiro, negro!
Eu te acabo, cão!

Valentão:

Um valentão afamado
Como eu não pode haver:
Qualquer susto que me fazem
Logo me ponho a correr...

Côro:

Eu te amarro, etc.

O capitão do mato corre para o seu serviço e o côro annuncia o medico:

Sentinella, brada as armas!
Que lá vem nosso *doutô*,
Com seu chapéu na cabeça,
Quebrando de paletô! (25)

O medico vem discutindo com o Matheus:

Medico:

O' negro, teu desafôro
Já chegou aonde foi.
Quando fôres me chamar
E' p'ra gente e não p'ra boi!

Matheus:

Ai! uê! *seu doutô!*
Seu doutô, ai! uê!
Um troquinho miudo
Tu vaes receber...

O medico só depois de muito instado se resolve a receitar o boi cahido. Receita uma ajuda (26). E' quando todos os meninos que assistem á farça fogem e se escondem. O Matheus e o Sebastião correm, procurando agarrar um delles para servir de «ajuda». Quando porventura conseguem segurar um, mettem-n'o debaixo da armação do boi e o sujeito que está lá dentro puxa-lhe as orelhas, dá-lhe umas palmadas, de modo que, alem de passar pelo ridiculo de servir de «ajuda», a creança ainda é ma-

chucada. Dahi o horror dos meninos. Os dois escravos, ao se approximarem do boi para lhe dar a «ajuda», param surprezos. A negra Catharina ou Catita vem, trazendo amarrado o valentão.

Catharina:

Não é nada, não é nada
Que faça mal ao coração!
Trago preso e amarrado
Este *brabo* capitão.

Côro:

Senhor capitão do mato,
Veja que o mundo virou,
Foi ao matto pegar negra
E a negra o amarrou! (27)

Devido ao effeito da «ajuda», o boi levanta-se. Mal dá os primeiros passos, a preta furiosa corre novamente sobre elle e abate-o com mais furiosas cacetadas. Morto o boi desta vez, a Pastorinha e o Capitão cantam um dueto sentido:

Cavallo-Marinho:

O meu boi morreu,
Que será de *mi?*

Pastorinha:

Manda buscar outro, ó maninho,
Lá no Piauhy!

Cavallo-Marinho:

O meu boi morreu,
Que será de nós?

Pastorinha:

Manda buscar outro, ó maninho,
Lá no Piancós!

Um rapaz coberto com uma capa preta acerca-se do cadaver do boi. E' o urubú. Os escravos vão afugental-o, quando surge o fiscal, gritando:

— Eu sou o fiscal geral da Camara Municipal! Que carniça é essa na praça publica?

Matheus:

— E' o boi Suruby do senhor capitão Beiço-Mole, que a negra Catita matou.

Fiscal:

— Retirem já essa carniça dahi!

Os dois obedecem, mas o fiscal obriga-os a varrer à rua, que está suja e fedendo. A musica attaca uma melopéa plangente. Os dois cantam:

Seu fiscal,
Não me prenda,
Que eu *barro!* (28)

Fiscal:

Barre a rua, negro!
Barre a rua!

Esta cantilena prosegue até que o Capitão cha-

ma o fiscal, passa-lhe uma gorgeta ás escondidas e manda-o embora. Apparece um fazendeiro. Sob o pretexto de que o boi morreu nas terras do mesmo, o Capitão quer que elle o pague. O fazendeiro, apezar de ricaço, recusa-se ao pagamento. A uma ordem do amo, os dois escravos seguram-n'o e mettem-lhe as bexigas, cantando:

Você paga ou não paga,
Senhor fazendeiro?

Fazendeiro:

Eu pago o boi,
Pago o vaqueiro
E pago ao Matheus,
E ao seu companheiro!

Côro:

Bate nelle
Ai! que gosto!
Na *cacunda*
Do camello!

Os dois.

Você paga ou não paga,
Senhor fazendeiro?

Fazendeiro:

Eu já não disse que pago?
Deixem o pobre corcundo!
Eu pago o capitão,
Pago a todo o mundo!

Córo:

Bate nelle
Ai! que gosto!
Na *cacunda*
Do camello!

Vem o advogado, mandado buscar para derimir a contenda entre o fazendeiro e o capitão. Canta, dansando deante do banco das *tiradeiras*.

Advogado:

Ouvi os seus instrumentos,
Gostei de ouvil-os tocar,
E lembrei-me de meu pae
Que á força fez-*me* estudar!

Capitão:

Tenho commigo uma questão
Que me traz atropellado,
Esta questão se procede
Duma roça e dum gado.

Advogado:

Responda ao que lhe pergunto
E não me fique calado:
O gado comeu a roça
Ou a roça comeu o gado?

Capitão:

Nem o gado comeu a roça,
Nem a roça comeu o gado.
Mandei chamar o doutor,
Porque estou atrapalhado!

Advogado:

Responda ao que lhe pergunto
E não me fique calado:
Se a roça comeu o gado.
Você está condemnado!...

Capitão:

O gado comeu a roça,
Que a roça não come gado.
Mandei chamar o doutor,
Porque estou atrapalhado!

Advogado:

Responda ao que lhe pergunto
E não me fique calado:
Se o gado comeu a roça.
Tambem está condemnado!...

Capitão:

Dê-me então um conselho
Que estou atrapalhado.
Um conselho que me livre
De ser assim condemnado.

Advogado:

Vou lhe dar um bom conselho,
Conselho bem acertado,
Mas se na palma da mão
Depositar-me um cruzado! (29)

A um signal do Cavallo-Marinho, os dois escravos surram com as bexigas o advogado, que foge

debaixo de vaia. Mané Gostoso, acompanhado da Catharina volta á scena e, pondo o Arrelequinho com os braços no pescoço e a cabeça no hombro do Matheus, e as pernas nos hombros do Sebastião, constróe o tear da fazenda. O Galante, entre os dois escravos, faz de lançadeira. Ao som dos instrumentos, os escravos dansam e o Galante roda entre elles, emquanto a Catharina e o Mané Gostoso acompanham o movimento do tear, cantando:

Da Bahia me mandaram,
O' tear de aroeira!
Olha a negra Catharina,
Que está na lançadeira!

Córo:

O' tear! O' tear!
O' tear de aroeira!

Mané Gostoso e *Catharina:*

Da Bahia me mandaram,
O' tear de junqueira!
Venham vêr a Catharina
No voltar da lançadeira.

Córo:

O' tear! O' tear!
O' tear de junqueira!

Mané Gostoso e *Catharina:*

Da Bahia me mandaram,
O' tear de gamelleira!

Olha a negra Catharina
Como puxa a lançadeira!

Côro:

O' tear! O' tear!
O' tear de gamelleira!

O Privilegio alinha todos os figurantes. Depois, fal-os formar uma roda deante do banco das cantoras, que os vão chamando e apresentando aos applausos do publico, um a um.

Cantoras:

Bravo do Cavallo-Marinho,
Loló!

Côro de todos os presentes:

Bravo do passo delle,
Meus *curió!*

Cantoras:

Dê um passo e saia fóra,
Loló!

Côro:

Bravo de quem dansou,
Meus *curió!*

Cantoras:

Bravo da roda-grande,
Loló!

Côro:

Bravo de quem dansou,
Meus *curió!* (30)

(Estes versos todos são repetidos para cada um

dos personagens, desde o Cavallo-Marinho ao Urubú. E, assim, termina o auto do Boi Suruby).

Notas ao Auto do "Bumba meu boi!"

1. *Matheus* e *Sebastião*. São os dois escravos do Capitão: um negro, o Matheus, esperto, velhaco, engraçado, repentista, pilherico, cheio de iniciativa; outro, o cabôclo, Sebastião em alguns logares, Gregorio noutros e Fidelis noutros, tôlo a mais não ser, guiando-se pelo que diz o companheiro e não tendo outra vontade senão a delle. Ahi transparece mais uma vez a eterna satyra matuta contra os indios e seus descendentes, que se furtavam ao trabalho.

2. No Boi primitivo não havia nem o Arrelequinho (Arlequim), nem o Galante, personagens sem importancia, enxertados sem razão de ser. Reminiscencia o primeiro do Arlecchino dos velhos autos italianos.

3. *Dama* na linguagem do Nordeste é synonimo de mundanaria ou meretriz: *muié-dama*, diz o povo.

4. Os personagens nunca chegam ou sáem sem dansar. Os dois escravos dansam continuamente. A musica muda de tom a cada bahiano novo que elles iniciam e a cada personagem novo que surge.

5. *Curió*, pequeno passaro do bico grosso, dorso negro e papo côr de ferrugem, muito cantador, que em certas regiões se está tornando raro.

6. Já ouvi muitas *tiradeiras* de Boi cantarem *rolinha* e muitas outras *rôxinha*. Pelo verbo do verso seguinte parece-me que á primeira forma é a verdadeira.

7. *Ralando*. Com toda a certeza é corruptela de *arrulando*.

8. E' interessante essa critica feita á moda celebre dos balões ou *paniers* e serve para mostrar mais ou menos em que epoca fôram compostos esses versos.

9. Ha ahi um como trocadilho. Cabra se diz no Nordeste do mestiço de indio e negro. E cabra ahi tambem se refere ao animal desse nome, que corre ao menor motivo.

10. *Arremões:* remóe.

11. E' de pura origem portugueza, lisboeta mesmo, esta quadra. Veio de lá para o Nordeste.

12. E' maravilhosa a critica desse pequeno dueto. As *damas*, como pertencem aos potentados do logar, o Juiz de Fóra e o Ouvidor, que eram, nos tempos coloniaes, verdadeiros autocratas, não temem policia ou justiça. Ao mesmo tempo, como esses magistrados devem ser idosos, ellas divertem-se com os escreventes... Velha historia...

13. *Sinh'Anninha:* o nome da negra bêbeda é bem empregado: Sinh'Anninha chama-se no Nordeste a caxaça.

14. *Peneirar* tem varias significações. Ahi está como rebolar-se todo na dansa.

15. Outra accepção do verbo peneirar: chuvendo muito fino, comparação com o que passa pela peneira.

16. Geralmente as cantadeiras dizem: «Todo rio *escandeloso*... Isto mostra como é difficil obter a verdadeira forma das cantigas primitivas, no meio das deturpações de quasi tres seculos.

17. *Cachaporra:* era um cacête antigo, muito usado, grande, de cabeça exaggerada, com o qual os officiaes de justiça applicavam sóvas.

19. *Lindro serafinho:* lindo seraphim!

20. *Tóre:* de *torar*, cortar, aparar.

21. *Aboiar:* se diz no sertão de chamar o gado com uns gritos demorados, sonoros e tristes.

22. O vaqueiro é esperto: nelle manda dar de fingimento. A satyra da arraia-miuda não perde ensejo.

23. Perdeu-se a memoria da pessôa ou do facto de que essa figura ridicula era a critica ferina. Ella continúa a fazer parte do auto do Boi, mas os que o organisam, annualmente, não a sabem explicar. No Ceará, denominam-n'a Privilegio, Zé do Abysmo ou, «com licença da má palavra», Caga-p'rati. Na Parahyba, o seu nome é Margarida.

24. Todos os versos a respeito do Padre traduzem uma critica mordaz á sua vida e aos seus habitos. O «folk-lore» do Nordeste está todo cheio de criticas semelhantes e peores. Henry Koster, que viajou de Pernambuco ao Ceará, no começo do seculo XIX, observou, já nesse recuado tempo, que os sertanejos nordestinos discutiam o merito dos

padres, conheciam os seus defeitos e os ridicularisavam. (V. Henry Koster, « Voyages au Brèsil », tomo I, pagina 257).

25. *Quebrando de paletô.* No interior do Nordeste, outróra mais do que hoje, só se andava de calças e camisa, mesmo de camisa e ceroulas, quasi sempre a camisa por fóra das calças e das ceroulas. Até havia o habito de se pôr um soldado de policia á entrada das cidades, o qual obrigava os matutos, antes de penetrarem nas mesmas, a enfiarem as camisas ou *timões* por dentro das calças ou das ceroulas. Esse costume está documentado em versos populares do littoral, nas *emboladas* dos *côcos de embigada:*

Matuto bésta,
Bota a camisa p'ra dentro,
Bota o ôlho no sargento
Da guarda-municipal...

Chamava-se ao acto de guardar as fraldas da camisa — *passar o panno* e, ao entrarem roceiros nos povoados, era commum ouvir-se a ordem do rondante: — Passe o panno, cabra!

Dahi a importancia do doutor, que vem *quebrando* de *paletô*...

26. *Ajuda:* clyster.

27. A critica aos valentões e capitães do matto, pegadores de negros fujidos, é tão ferina quanto o motejo sobre os padres, os fiscaes e os medicos.

28. *Barro:* varro.

29. Esta satyra é ainda mais bem feita e mais mordaz que todas as outras.

30. As cantadeiras geralmente dizem *Meus carinhó!* ou, então, *Iscarió!* Nem uma nem outra coisa têm razão de ser. Parece que o estribilho deve ser mesmo *meus curiós,* pois que esse nome de passaro do logar já é um como *leit-motif* de varios côros.

Canção de Janeira

Janeiro vae,
Janeiro vem,
Feliz daquelle
A quem Deus quer bem!

Janeiro vem,
Janeiro vae,
Feliz daquelle
Que tem seu pae!

Janeiro vem,
Janeiro foi
Feliz daquelle
Que tem seu boi!

Janeiro foi,
Janeiro era,
Feliz daquelle
Que tem sua terra!

Janeiro ia,
Janeiro vinha,

Feliz daquelle
Que tem gallinha!

Janeiro vinha,
Janeiro ia,
Deus nos proteja
E a Virgem Maria!

RESUMO DO CYCLO DO NATAL:

1 Auto do Rei dos Mouros
2 Auto dos Fandangos
3 Auto das Pastorinhas
4 Auto da Caridade
5 Auto da Porfia das Flôres
6 Auto dos Pagés
7 Auto dos Congos
8 Auto do Bumba meu Boi
9 Baile da Lavadeira
10 Chegança dos Marujos
11 Chegança dos Mouros
12 Chegança dos Cucumbys
13 Chegança do Maracatú
14 Reisado da Borboleta e do Picapáo
15 Reisado do Cavallo-Marinho
16 Reisado do Antonio Geraldo
17 Reisado do José do Valle
18 Versos das Tayêras
19 Lôas de Natal e de Reis
20 Cantigas, entre as quaes as canções de Janeira.

NOTA: — Em todo este livro só publicamos peças de «folk-lore» ineditas. As que estão já colleccionadas por outros folk-loristas constam unicamente dos resumos das classificações em cyclos, que, parece, somos os primeiros a fazer no Brasil.

O CYCLO DOS VAQUEIROS

O Cyclo dos Vaqueiros

Todo o sertão de Nordeste, aliás todo o interior do Brasil, está cheio de canções que perpetuam desta ou daquella forma os factos principaes da aspera vida dos criadores de gado e especialmente daquelles que têm por habito e profissão cuidar e pastorear as manadas e os rebanhos. Ora, os factos principaes alludidos são, em primeiro logar, a devastação que fazem nas crias das eguas, das vaccas, das ovelhas ou das cabras as feras da região, as onças pintadas ou jaguares, maçarócas ou sussuaranas.

Não é de hoje que os povos pastoris guardam essas tradições. Poderiamos atraz de suas fontes irmos buscal-as no javali feroz do Erymantho, que Hercules destruio, ou naquelle outro javali terrivel da Lydia, matador de pequenas rezes e de homens, do qual nos fala Herodoto. Entre todas as gentes que se occupam da pecuaria, os animaes ferozes locaes são cantados em versos rememorativos de suas proezas devastadoras. Por toda a Europa correm as fabulas, as lendas, as balladas e outras poesias acerca dos lobos que attacam os rebanhos

e os mesmos pastores. Puymaigre recolheu algumas do Paiz Messino e da França. Simon Lassourse deu-nos uma, tambem franceza, em que se encontra esta quadra:

Un jour le loup sortant du bois,
Avec sa guele ouverte,
De la plus belle du troupeau
La belle fit la perte.»

Marcoaldi encontrou versões identicas em diversas partes da Italia. Ferraro achou algumas variantes no mesmo paiz. Wolf apanhou outra variante em Veneza. E Bujeaud foi apanhal-a no oeste francez.

O sertão, não tendo lobos nem javalis a perpetuar, perpetúa a memoria ensanguentada das onças vorazes.

Em segundo logar, na relação dos factos a que nos referimos, vem a *péga* no matto dos *barbatões*, touros que nasceram na catinga e alli se crearam, sem jamais têrem vindo ao curral, outros que fugiram para logares bravios, mesmo outros tangidos para a selva, afim de se tornarem ferozes, pelos proprios fazendeiros, para que se tenha um bicho celebre atraz do qual andem os vaqueiros ou de que falem os troveiros da ribeira. Os mais velhacos, mais fortes, mais valentes, mais difficeis de pegar desses animaes logo são cantados em longas xácaras, nas quaes se exaggeram suas proezas e se

aproveita a occasião para motejar da maioria dos que os perseguiram.

O terceiro facto digno de registro na tradição oral rimada, que a memoria collectiva do sertão guarda carinhosamente, é a vaqueijada, a reunião de toda a vaqueirama duma região para a apartação dos gados reunidos da redondeza, durante a qual ha festas e se praticam as proezas de equitação e de péga do gado communs no sertão.

Dessa origem commum, gyrando em torno da vida dos vaqueiros se tem desenvolvido um verdadeiro cyclo de canções, cujo resumo damos no fim deste capitulo e do qual publicamos as melhores cousas do que até hoje está inteiramente inedito.

A ONÇA DO SITIÁ

Eu sou a celebre onça,
Maçaroca destemida,
Que mais poldrinhos comeu,
Apesar de perseguida!
Achando-me perto da morte,
Vou contar a minha vida.

Não foi em manhã de flôres,
Que vim ao Mundo, isso não!
Nasci em noite de horrores,
Ao pipocar do trovão...
Minha mãe urrou com dôres,
E ouviu-se em todo o Sertão.

No tempo em que eu era moça,
Só pegava algum bodinho;
Pr'a variar, — um poldrete;
De vez em quando, um burrinho.
E, quando me achava farta,
Ia dormir de mansinho.

O Tito por mim passou
Muita noite mal dormida,
Muitas vezes me esperou,
Onde fiz minha comida;
Algumas me vaqueijou,
Sem eu ser vacca parida...

Zé Machado blasonava
Que vida eu só gosaria,
Em quanto lhe não comesse
Um poldro de sua cria.
Por birra, comi-lhe dois;
Se mais tivesse, eu comia!

Um tal de Chico Duarte
Deu-me um tiro á traição.
Apontou-me no vasio,
Mas ferio-me no colchão.
Dessa vez fiquei com vida,
Só porque tremeu-lhe a mão.

Perto da casa do Vêspo,
Carneei qu'era um brinquedo!

Elle nunca abrio a porta
E digo aqui, em segredo:
Ou era por muito somno,
Ou era por muito medo.

Passeiando no Pezó,
Ia eu bem distrahida,
Quando cahi na gaiola,
Que para mim fôra erguida.
Lá deixei a minha unha,
— Porem escapei com vida.

Estava eu comendo um poldro
Da «Lagôa» (*) no cercado;
O velho Mané Caetano,
Deu commigo e, de assustado,
Soltou um grito medonho:
Foi um grito estrangulado!...

O major Francisco Antonio
Tem um burro que é judeu.
Para defender o lote,
Tamanho couce me deu,
Que me arrancou uma preza.
Vejam la se não doeu!...

Acho-me velha, doente,
Com o pé todo aleijado;

(*) Faz parte da descripção nome do municipio de Quixeramobim — Ceará.

Falta-me um olho e um dente;
O quarto desconjuntado...
Sem orelha, me arrastando
Num andar escambimbado. (*)

Aos doze de Fevereiro,
Dia de Segunda-feira,
Conheci que era chegada
Minha hora derradeira,
Quando ouvi a tropelada
De quem vinha na carreira.

Doente e de pança cheia,
Fui bem depressa alcançada
Pelo feroz Seriema
E por elle vaqueijada! (**)
Botou-me pr'o taboleiro,
Jogou-me muita pedrada.

Hei de morrer de facada,
Minha sina cumprirei,
Já tenho idade avançada,
Bôa vida desfructei;
Sobe a mais de nove contos
O prejuiso que eu dei!

Do lado que eu não via,
Seriema me furava;

(*) Escambimbado — esbandalhado.
(**) Vaqueijada — perseguida, tangida.

O *Destemido* mordia (*)
Do lado que eu coxeava.
Mata-me João Seriema!...
— Se pudesse, eu te matava!...

Adeus, meu Felix Roberto,
Meu Mariano e Raymundo.
Ai! quantas saudades levo
Do bello Riacho Fundo!
Meu mulato Raphael....
Triste é a sorte do mundo!...

A vista me vae fugindo;
Meu peito está arquejando;
A ancia que estou sentindo
Vae o alento me tirando.
Janjão, o inferno é lindo...
Lá estarei te esperando!

A ONÇA DO CRUXATU (**)

Sou onça sussuarana,
Filha da onça pintada,
Sou neta da maçaroca,
Trouxe sina de engeitada.
Nasci no Curral do Meio,
Onde fiz minha morada.

(*) *Destemido* — nome de cão de caça.
(**) *Cruxatu*, fazenda no município de Quixeramobim, Ceará.

Cresci, comendo cabritos,
E, por não achal-os mais,
Desatei minha redinha,
Mudei-me p'r'o Cosmo Paes,
Onde fiz a minha furna
Entre suspiros e ais.

No Cosmo Paes como bódes,
Na Lama e no Muricy,
Cruxatú, Curral do Meio,
Angicos e Cangaty.
Quando tomo algum espanto,
Vou matar no Pirangy.

Quando vou ao Bom Jesus,
Mato as cabras do Pompeu.
E o *marinheiro* Luiú, (*)
Que para onça é judeu,
Já tem morto algumas outras,
Porem quem come sou eu.

Victorino, por malvado,
E tambem por ser bregeiro,
Amarra um bóde no matto
E me espera um mez inteiro.
Mas, quando o leva p'ra casa,
Vou tiral-o do xiqueiro!

(*) *Marinheiro*, portuguez.

Esse tal de Victorino,
Fazendo de mim desdem,
Rebolou-me uma foice, (*)
Signal de não querer bem...
Fiquei olhando p'ra elle,
Balançando meu sedém! (**)

Zé Pimenta, irmão delle,
E' homem de laborão; (***)
Mas eu como suas cabras,
Coma elle seu feijão.
Essa pirraça lhe faço,
Só por ter aquelle irmão.

Dizem que a velha Thomazia
Anda agarrada ao rosario,
P'ra que eu não coma seus bodes,
Nem do seu neto Macario;
Porem, quando tenho fome,
Nem reza de bom vigario!

Xico Caetano e Tonho,
Vendo que eu estava acuada, (****)
Já pensavam em me matar
Com arma desmantelada.
Quando eu os fui avistando,
Grande foi minha risada!

(*) *Rebolou-me* — atirou-me.
(**) *Sedém* — canta.
(***) *Laborão* — grande trabalho.
(****) *Acuada*, cercada pelos cães.

Senhor Miranda esperou-me (*)
Com espingarda de soldado,
Estava com elle o Guilherme,
Menino Tonho dum lado.
— Capitão, deixe-se disso!
Deus lhe dê outro cuidado.

Meu coronel, vá embora,
Com seus queijos p'ra cidade.
Eu só comi seus bodinhos
Por soffrer necessidade.
Não me persiga por isso.
Deixe-me por caridade!

Seu vaqueiro anda dizendo,
Por ter uma alma damnada,
Que, mesmo depois de morta,
Me dará muita facada.
A raiva que elle me tem
Me serve de caçoada.

O Matheus e o Rodrigo,
Por terem morto um gatinho,
Espalharam que era eu,
Porem era um meu sobrinho,
Que, por falta de experiencia,
Morreu como um passarinho.

Velho Miguel e seus filhos

(*) Coronel Antonio Leal de Miranda, proprietario da fazenda Cruxatú.

Não gostam nada de mim.
Barros, Florencio e Narciso
Desejam é dar-me fim,
Só porque eu como carne,
Não me sustento em capim...

Diz que é muito valente
O velho Mané Pereira,
Que se gaba de ter morto
Muita onça verdadeira.
— Vá matar as suas emas,
Que velho não tem carreira!

Vou vivendo bem nutrida,
Sem ter medo de careta.
Ando sempre bem disposta.
Commigo ninguem se metta.
Não tenho medo de chumbo
Nem das pragas do Marrêta.

Felistribina Facão,
Ando solta no sertão,
De bode cheia a barriga,
Aos donos fazendo figa,
Como porco com fartura,
Chumbo ou faca não me fura!

Não tenho roupa, ando núa,
Me sustento em carne crúa.
A bençam, meu amo, emfim!
Engorde bódes p'ra mim...

A ONÇA MAÇAROCA (*)

(FRAGMENTO)

Eu sou a celebre onça,
Maçaroca destemida,
Mais de quinhentos poldrinhos
Eu sangrei por esta vida!
Se não é isto a verdade,
Tenho a memoria perdida.

O BOI MOLEQUE

(FRAGMENTO)

Na fazenda da Bôa-Agua,
No termo do Quixadá,
Na catinga do Espinheiro,
Nas aguas do Setiá,
Havia um boi afamado
Que não podiam pegar.

Uma vacca Piauhy
Por nome ella «Coração»,
Deu cria deste bezerro
O qual ficou barbatão, (**)
Nunca viu rêlho ao pescoço,
Nem porteira nem mourão.

(*) Na memoria collectiva do sertão parece que desta xácara só resta este inicio.

(*) *Barbatão* — bravio, creado no matto, que nunca esteve no curral e nunca foi marcado com o signal da fazenda.

Nasceu em noventa e quatro
Este cujo mocambeiro,
Que não sahia á bebida
Nem fóra no taboleiro,
Só com medo do Justino,
Que foi seu senhor primeiro.

O Justino encommendava
A quem alli campeasse,
Se visse o garrote preto
Que o não esperdiçasse, (*)
Lhe fizesse o beneficio (**)
E, depois, então soltasse.

Até ficar boi de anno
Só vivia amocambado, (***)
Não sahia do taboleiro
Nem mesmo com outro gado,
Só procurava bebida,
Sendo da sêde obrigado.

. . . . . .
. . . . . .(****)

Apresentou-se o Cazuzinha
P'ra pegar o mocambeiro,

(*) *Esperdiçasse* — deixasse perder-se.
(**) *Beneficio* — Castrar e ferrar com a marca do fazendeiro.
(***) *Amocambado* — escondido.
(****) Não foi possivel obter algumas estrophes que faltam entre esta e a seguinte.

E na casa do Justino
Disse ainda no terreiro:
— O nome de seus vaqueiros,
Por favor diga primeiro.

— Este é José Thomé,
Um velhote espertalhão.
Aquelle, Antonio Cambraia;
Aquelle *Hermoge* Girão. (*)
Qualquer um delles tres
E' corda de barbatão!

No outro dia, bem cedo,
Toca vaqueiro a chegar:
Chegou José Seraphim
Com dois filhos p'ra ajudar,
Chegou mais Luiz Ferreira
Que era o fama do lugar.

E Hermoge disse, então:
— Na varzea da Gitirana,
Se a verdade não me mente
E o espirito não me engana,
O boi levantou-se agora
Da sombra duma umburana.

E logo sem dizer nada
Pegou pernas ao « Picaço »,

(*) *Hermoge* — Hermogenes.
(**) *desfarço* — costume,

Sahiu quebrando mofumbo
Na forma de seu desfarço, (**)
Abrindo forquilha em banda,
Deixando tudo em bagaço.

O resto da vaqueirada
Sai acamando o cipó,
Derriando o marmeleiro
E faxiando moróró,
Quebrando páo pelo meio
E da rama tirando o nó.

. . . . . (*)

O restante desta historia
Não foi possivel tirar,
Porque muito vaqueiro velho
Depois de se enrascar,
Se empenharam com o poeta
P'ra elle não continuar.

O BOI MYSTERIOSO

(FRAGMENTO)

. . . . . (**)

O coronel disse a elle:
Eu fico penalisado,
Não digo que se demore,

(*) Faltam aqui outras estrophes.

(**) Não foi possivel obter o começo desse poema de origem sertaneja, embora um tanto mais culto, que nasceu das historias de bois bravos.

Porque seu pai tem cuidado.
Veja se volta em janeiro,
Que me acha preparado.

Então, o Sergio sahiu,
Não poude se demorar.
O coronel Sizenando
Não deixou mais de pensar,
Porque forma aquelle boi
Ninguem podia pegar.

Chamou o escravo e disse:
Monte n'um cavallo e vá
A' fazenda do Desterro,
Diga ao vaqueiro de lá,
Que eu mando dizer a elle
Que sem falta venha cá.

O escravo cumpriu logo
O dever de portador,
Achou a casa fechada,
Perguntou a um morador
Se sabia do vaqueiro,
Elle disse: — Não Senhor.

Então, o morador disse:
Na noite de sexta-feira,
O indio foi ao curral,
Deixou aberta a porteira,
Sahio montado a cavallo
E levou a companheira.

Voltou o escravo e disse
Tudo que tinha sabido,
Que na sexta-feira, á noite,
O indio tinha sahido
E carregou a mulher
Como quem sáe escondido.

Inda vá mais esta agora!
O coronel exclamou.
Aquelle bruto sahio
E nem me communicou,
Que diabo teve elle
Que até o gado soltou?

No outro dia foi lá,
Achou a casa fechada.
Então a porta de frente
Tinha ficado cerrada,
Até a mala da roupa
Inda estava destrancada.

O fazendeiro com isso
Ficou muito constrangido.
Pensava logo em um crime,
Que podesse ter havido
O indio não tinha causa
Porque sahisse escondido.

Então, mandou gente atraz
Pelo mundo o procurar.
Não achou uma pessôa

Que dissesse: eu vi passar.
Em todo sertão que havia,
Elle mandou indagar.

Então, o povo dizia
Que o indio era feiticeiro
E uma fada pediu-lhe
Que não fosse mais vaqueiro.
A fada transformou elle
Em um veado galheiro. (*)

Os faladores diziam
Que elle foi assassinado
E talvez o coronel
Tivesse mesmo mandado
Matar elle e a mulher,
Para ficar com o gado.

Outros diziam o contrario,
Até juravam que não.
Os dois cavallos do indio
Aonde botaram, então?
Mesmo assim o coronel
Não fazia aquella acção.

Bem encostada ao indio, (**)
Uma velha fiandeira

(*) O sertanejo distingue duas especies de veados: o galheiro e o garapú ou capoeiro, sem chiffres.
(**) Isto é, encostada á casa ou morada do índio.

Morava numa casinha
E fiava a noite inteira.
Disse que quasi se assombra
Alli, numa sexta-feira.

Disse: — á meia noite justo,
Eu inda estava fiando,
Em casa do Bemvenuto
Ouvi gente falando.
Espiei por um buraco,
Vi chegar um boi urrando!

A velha disse: — Deus mande
A cascavel me morder,
Se de lá de minha casa
Não ouvi o boi dizer:
— Bôa noite, Benvenuto!
Eu só venho aqui te vêr.

O boi disse outras palavras,
Que eu de lá não pude ouvir.
O cabôclo e a mulher
Disso ficaram a sorrir.
O boi, o indio, e a mulher,
Todos tres eu vi sahir.

Ahi fui guardar o fuso
E a cesta do algodão,
Credo em cruz! dizia eu,
Aquillo é arte do *cão*,

São cousas de fim de mundo,
Bem diz frei Sebastião!

O coronel a principio
Inda não acreditou,
Porem, depois, reflectindo
Uma acção que o indio obrou;
Quando rastejavam o boi
O indio não foi, voltou.

E, então, desse dia em deante
O boi ninguem mais o viu,
Não houve mais quem soubesse
Aonde elle se sumiu.
Foi igualmente a fumaça (*)
Que pelos ares subiu.

Como o indio e a mulher,
Tudo desappareceu,
Tanto que diziam muitos
Que o diabo os escondeu.
Durante deseseis annos
Novas delles ninguem deu.

Sergio, o vaqueiro de fóra,
Todos os mezes escrevia.
Perguntando ao coronel
Se o boi ainda existia,

(*) *Igualmente* — assim como.

Dizendo, quando quizer,
Me escreva, marcando o dia.

Faziam dezeseis annos
Que o boi estava sumido.
Até por muitas pessôas
Elle já estava esquecido.
Quasi todos já pensavam
Que elle tivesse morrido.

O coronel Sizenando
Tinha como devoção
Festejar todos os annos
A imagem de São João.
Todo o anno era uma festa,
Não havia excepção.

Uma noite de São João,
Na fazenda Santa Rosa,
Só a noite de Natal
Seria tão venturosa,
Porque em todo o sertão
Aquella era a mais garbosa.

Duas classes alli dançavam
Em redobrada alegria.
No salão da casa grande,
Os *lordes* da freguezia.
Em latada de capim
A classe pobre que havia.

O povo deve saber
Do estylo do sertão:
O que não fizer fogueira,
Nas noites de São João,
Fica o odiado do povo,
Tem fama de máu christão.

O coronel Sizenando
Derrubou uma aroeira
E vinte e oito pessôas
Carregou essa madeira
Para o pateo da fazenda,
E fizeram uma fogueira.

Estava a noite vinte tres
Do mez do Santo Baptista
Como outra no sertão
Nunca tinha sido vista
Só faltava alli a musica,
Discurso e fogo de vista.

Estava o povo todo alli,
Uns dançando, outros bebendo.
Um prazer demasiado
Em tudo estava se vendo,
Mais de cincoenta pessôas
Assando milho e comendo.

Meia noite mais ou menos,
Poude o povo calcular,

O gallo, pai do terreiro,
Estava perto de cantar,
Quando viram um touro preto
No pateo se apresentar.

Metteu os cascos na terra,
Cobriu tudo com poeira,
Soltou um urro tão grande,
Que ouviu-se em toda ribeira!
Deixou em cima da casa
Todas as brazas da fogueira!!

Dos cachorros da fazenda
Nem um sequer acudiu.
O gado urrava com mêdo,
Parte do povo fugiu.
O coronel Sizenando
Foi o unico que sahiu.

Inda viu o vulto d'elle,
Que, pelo pateo ia andando,
Chamou os cachorros todos,
Esses fugiam, uivando!
O povo todo em silencio,
Já muitos se retirando!...

Então, acabou-se a festa,
O povo se debandou.
Dos moradores de perto
Lá um ou outro ficou.

Aquelle clarão garboso
Em escuro se tornou.

A VAQUEIJADA (*)

(FRAGMENTO)

. . . . . .

Quando o novilho arrancou
Espantado da porteira,
Os vaqueiros o seguiram
Em desmedida carreira:
Antonio tarrafiando
E João fazendo esteira...

Antonio, ao fazer mão
Na «bassoura» do animal,
Atirou-o sobre o chão
Num choque descommunal!...
— Bravo!... viva o bom vaqueiro!
Gritou o povo em geral.

Luiz e Manoel Damasceno,
— Segundo pareo — correram
Atraz dum novilho preto,

(*) A vaqueijada é o maior divertimento do sertão: reunião de todo gado de uma ribeira que, deante de grande e festiva assistencia, os vaqueiros rodeiam e repartem, fazendo proesas de montaria. Infelizmente, só obtivemos a parte final deste longo poemeto sertanejo a respeito.

Que no chão logo estenderam.
Ao Ceará Mirim essa
Carreira offereceram.

Bonifacio e João Gregorio,
Que eram o pareo terceiro,
Perseguiram e derrubaram
Um boi, que cahio ligeiro.
Ouviram-se muitas palmas
E gritos: — Viva o vaqueiro!

Ao correr o quarto pareo,
João Francisco e Mané Moura,
Manoel, que *tarrafiava*, (*)
Dum boi pegou na *bassoura*, (**)
Porem perdeu a mucica (***)
E o bicho foi embora.

Então, o pareo caipora,
Bastante desconfiado,
Voltou de cabeça baixa,
Pelos outros foi vaiado,
Resolveu não correr mais,
Ficou de bode amarrado! (****)

(*) *Tarrafiar* — approximar-se do boi, correndo a cavallo.
(**) *Bassoura* — borla de cabellos á ponta da cauda das rezes.
(***) *Mucica* — empuxão com que se derruba o boi pelo rabo.
(****) *Bode amarrado* — de cara amarrada.

O quinto pareo, formado
Por Francisco Damasceno
E pelo Joaquim Antonio,
Perseguio um boi pequeno,
Que cahio logo adeante,
Antes de tomar terreno. (*)

Formou Francisco de Mello,
Com o Torquato Teixeira,
O sexto pareo, que deu
Uma bonita carreira,
Offerecida em homenagem
Da Imprensa Brazileira. (**)

Perseguiram um novilho
Que pelo pateo estirou...
Torquato fazendo esteira,
Francisco tarrafiou
E deu tal queda no bicho
Que o mocotó passou!...

O setimo pareo, que fôra
Formado por Zé Thomaz
E Anacleto Tiburcio,
Perseguiu um boi sagaz

(*) *Tomar terreno* — adeantar-se, obter uma certa distancia dos cavalleiros.

(**) E' costume, nas vaqueijadas de luxo, offerecer cada pareo ou prova a uma pessôa notavel presente ou ausente. Com certeza algum jornalista presenceava a vaqueijada descripta na canção.

Que conseguiu ir-se embora,
Deixando-os muito atraz.

Correu o oitavo pareo,
— Feito por Felix Chicó,
E o vaqueiro João Felix —
Que num touro carombó
Deu uma queda tão grande
Que o mocotó deu nó!...

O nono pareo, formado
Por Herminio Graciano
E por Demetrio Gomes,
Deu um quedaço deshumano,
Logo ao sahir da porteira,
Em um boiato de anno. (*)

Mendes e José Barbalho,
Pareo decimo na corrida:
Mendes deixou uma vacca
Com uma perna partida,
Que, não podendo se erguer,
Ficou no pateo cahida.

Não correu o pareo onze,
Feito por Mané Praieiro
E por Satyro Gouveia.
Acanhados, o dia inteiro

(*) *Boiato ou boiote* — boi pequeno, novo.

Passaram, olhando as carreiras
E ouvindo os «viva o vaqueiro!...»

José Pedro e Mané Marques,
Pareo doze na carreira,
Mané tarrafiando,
E José fazendo esteira, (*)
Marques puxou um novilho, (**)
Logo ao sahir da porteira.

Miguel Barbosa foi pareo
Treze com Isidro Machado.
Barbosa deu tal mucica
Em um boiato lavrado,
Que o bicho morreu da queda,
Tendo o pescoço quebrado.

O quatorze e ultimo pareo
— Feito por Manoel Soares
E o vaqueiro João Bueno —
Correu: Manoel, pelos ares
Açoitou um boi que a perna
Quebrou em quatro lugares!...

Ao depois que cada pareo

(*) *Fazendo esteira*, seguindo o boi, a cavallo, correndo lateralmente, quasi emparelhado com elle.

(**) *Puxou* — Puxando pela cauda é que se derruba a rez. Puxou está por abreviação, como derrubar.

Cruel a rez derribava,
A musica harmoniosa,
Um dobrado executava,
Dando mais solemnidade
Ao drama que se passava...

A festa continuou
Sem o menor incidente;
Todo o povo que alli estava
Mostrava-se alegremente:
Então, um doutor inspirado
Fez um discurso imponente.

Sobre a concurrencia da festa
Expressou-se o orador,
Fallando da creação
E do homem creador;
E concluiu exaltando
Dos vaqueiros o valor...

Quando o dia succumbiu,
As carreiras terminaram;
Então, os vaqueiros o gado
Dos curraes todos soltaram,
E acompanhados do povo
Do pateo se retiraram...

Gente, expressei-me mal
Por faltar-me habilidade;
Quiz pintar-vos deste drama

Toda a naturalidade :
Borrei, embora, a pintura,
Mas não fugi da verdade. (*)

O NOVILHO DO QUIXELÔ

(FRAGMENTO)

Foi um caso que aconteceu
P'r'as bandas do Quixelô,
Um bezerro que nasceu
Que o povo se admirou.
Elle nasceu de manhã,
Ao meio dia se assignou (**)
E ás cinco horas da tarde
Com cinco touros brigou! (***)

(*) Esta descripção é a que foi feita por um poeta matuto, duma grande vaqueijada, em que houve dansas, discursos e musica. Ha outras versalhadas semelhantes, sobre episodios de vaqueijadas menos pomposas, infelizmente difficeis de se obter. Desta mesmo falta o principio.

(**) *Assignou* — assignalou, isto é, foi marcado na anca com o ferro em braza e nas orelhas com talhos.

(***) Não pude conseguir o resto desta poesia, que, no fundo e forma, se parece um pouco com a do Boi Surubim, citada por Sylvio Romero, embora tenha seu cunho especial e não seja variante della.

RESUMO DO CYCLO DOS VAQUEIROS

1. O Boi Barroso
2. O Rabicho da Geralda
3. O Boi Espacio
4. A Vacca do Burel
5. O A. B. C. do Vaqueiro
6. O Boi Surubim
7. O A. B. C. do Boi Prata
8. O Boi Victor
9. O Boi Pintadinho
10. O Boi Adão
11. O A. B. C. do Bóde dos Grossos
12. A Onça do Sitiá
13. A Onça do Cruxatú
14. A Onça Maçaróca
15. O Boi Moleque
16. O Boi Mysterioso
17. A Vaqueijada
18. O Novilho do Quixelô

NOTA — Não me foi possivel encontrar a xácara do Boi Barroso, embora esteja espalhada do sul do Brasil, de onde é originaria, ao norte. A canção do Rabicho da Geralda está nos «Contos Populares» de Sylvio Romero e no «Cancioneiro do Norte» de Rodrigues de Carvalho. E', aliás o mais bello poema do cyclo. No primeiro desses livros, se encontram ainda: duas variantes do Boi Espacio, a Vacca do Burel, o A. B. C. do Vaqueiro, o Boi Surubim e o A. B. C. do Boi Prata. No segundo, se acham: o Boi Victor, o Pintadinho e o Adão. Aqui neste capitulo estão incluidos: as Onças do Sitiá, do Cruxatú e Maçaróca, o Boi Moleque, o Boi Mysterioso, a Vaqueijada e o Novilho do Quixelô. O A. B. C. do Bode está no capitulo dos A. B. C.

(1)

O CYCLO HEROICO

O Cyclo Heroico

Na falta de outros heróes para celebrisar nos seus cantos, os sertanejos se voltaram para os cangaceiros, muitos delles simples criminosos em luta com as forças de policia, vagabundeando ferozmente com o seu bando de sicarios a roubar e matar, muitos delles typos de revoltados contra as prepotencias locaes ou as injustiças do meio, especie de cavalleiros andantes ou de heróes aventureiros. Diz Van Gennep que a paz mata as epopéas. Com effeito, só a guerra ou, na sua falta, as lutas continuas á mão armada, impostas como regra geral ás sociedades anarchicas ou primitivas como a do sertão, podem fazer gerar um cyclo de poemas, de canções e de lendas heroicas. Por isso, a inspiração dos cantadores do interior do Nordeste toda se voltou para os grandes criminosos, cuja fama sinistra enche todos de espanto. E muitos dos grandes cyclos de lendas e poesias epicas se originaram no crime: assim, o cyclo dinamarquez do regicidio de Mark Stig, o grande cyclo dos haïduques ou cangaceiros dos Slavos meridionaes e todas aquellas canções mediévas que celebraram as proezas do celebre bandido Fulki Fitz Warin.

Celebrando a bravura, a força e, ás vezes, o amor ou a esperteza dos bandidos mais celebres, o cyclo heroico do sertão nordestino, cujo resumo procuramos fazer, é pelos seus exaggeros tão interessante quanto o dos *juluh* islamicos e mesmo quanto áquelle dos hebreus em que entram as historias de Josué e de Caleb, tão bem explanado pelo grande Renan.

Nelle ha pontos de contacto com as velhas gestas de Roldão e das guerras carlovingias, alguns dos quaes estão apontados nas notas ás suas principaes poesias aqui publicadas. E elle é para a gente sertaneja o que é para os cossacos o cyclo das balladas de Steuka Razine, para os yugo-slavos o cyclo de Marko Kraliewitch, para os hespanhóes o cyclo de Bernardo del Carpio e do Cid Campeador, para os kirghizes o grande cyclo de cantos epicos reunidos no livro de Radloff. Porque no fundo as almas dos povos são irmãs.

HISTORIA DO VALENTE VILLELA

Deu-se um caso notorio,
Notavel de se adular, (*)
Dum valentão que havia,
Como eu vou relatar,

(*) *Notavel de se adular.* E' assim que a tradição reza; mas não lhe vejo sentido nem lhe encontro explicação. Talvez originariamente fosse *de se admirar*.

Morava em um terreno
De Provincia e capital.

Onde esse homem morava
Não se faziam pagodes, (*)
E a feição desse homem
Era igual á de Herodes:
Tinha um palmo de barba
E um e meio de bigodes!

Dirigio-se um alferes,
Cercado de muita gente.
— Hoje o valentão do mundo
Trago inquirido na frente, (**)
Que eu nunca cerquei homem
P'ra elle ficar contente.

E, apressado, ajuntou
Sua afamada escolta.
Ao sahir foi avisado:
— Muito vae, porem não volta!
O homem lá não se entrega,
Pode contar com a derrota!

A tropa viu a casa,
Para deante arrancou,
Pela frente e por trazeira
Todos os *béccos* tomou, (***)

(*) *Pagodes* — festas.
(**) *Inquirido* — amarrado.
(***) *Béccos* — sahidas.

E como era necessario
O delegado falou:

— Vilella, componha a casa,
Quero fazer diligencia,
Não queira se exagerar
Com actos de resistencia,
Que o preso tambem se solta,
Tenha santa paciencia.

— A minha casa cercada?
Sim senhor! Já me *debaro,* (*)
Eu sei que aqui *vinheram*
Foi *apuz* de meu *sucaro*
Quero, porém, que me diga:
Com quantos me *arrodiaro?* (**)

O delegado falou
Como alferes de couraça:
— Você está arrodeado
Por cento e oitenta praças;
Me renda as armas, Vilella,
Se não quer vêr a desgraça!

— *Seu* delegado, eu tenho
Destreza e vigilança,
Toda tropa, quando chega,

(*) O cantador imita nesta sextilha o modo de fallar especial do valentão. *Debaro* — *desbarro* — de *desbarraçar* — desembaraçar: *me debaro* — me desembaraço.

(**) Confesso minha ignorancia quanto ao que signifiquem *apuz* e *sucaro*. *Arrodiaro* — *arrodearam* — sitiaram.

Falla com muita arrogança;
Amigo, falar é fôlgo, (*)
Obrar precisa sustança.

O delegado falou
Com bôa comportação: (**)
— Se quer ser preso com honra,
Se renda, não faça acção. (***)
O preso tambem se solta,
Se entregue á voz de prisão!

— Nunca vi preso com honra,
Tenho esta opinião;
Nem que o Maldito se encante,
Eu não me entrego á prisão;
Antes quero que se diga:
— Morto sim, mas preso não!

— Vilella, abra esta porta,
Que é o melhor que acho.
Se não quizeres abrir,
Mando botal-a abaixo.
E, se cruzares o batente, (****)
O sangue corre em riacho!

(*) *Falar é fôlgo, obrar precisa sustança* — dictado sertanejo: falar é folego, para obrar é que é preciso ter força! *Sustança*, de substancia, força.

(**) *Comportação* — bons modos.

(***) *Fazer acçao* — lutar.

(****) *Cruzares* — atravessares. *Batente* — chama se no Norte batente não á madeira da porta, como devia ser, porém á soleira.

Se botar a porta abaixo,
Delegado, não engano,
Antes da porta cahir
De dentro sáe um tucano, (*)
Se eu queimar as alpragatas, (**)
Chove bala mais dum anno!

— Vilella, abra esta porta!
Que eu já lhe tomei o posto.
Se não quizeres abrir,
Tens de vêr o diabo solto,
Pois a ordem que eu trago
E' levar-te preso ou morto!

— Tenho sido rodeado,
Mas isso não *improvoca,* (***)
E visto bala zoar,
Só milho abrindo pipoca;
Pagarei a quem mostrar
No meu corpo uma barroca!... (****)

— Vilella, você abrande,
Deixe de tanta *doidiça,*
Que mesmo eu tenho pena
De vêr a sua carniça,
Eu só vim, porque *vinheram*
Officiaes de Justiça.

(*) *Tucano — jeu de mots* em cano — de arma de fogo.
(**) *Alpragatas* — alpercatas.
(***) *Improvoca* — provoca.
(****) *Barroca* — cicatriz ou buraco de bala.

— Pois vá lendo seu mandado.
Quanto ao artigo primeiro,
Eu aqui em minha casa
Sou o Imperio Verdadeiro,
Mesmo aqui só canta um gallo
Que sou eu, no meu terreiro!...

— Vilella, abra esta porta,
Olhe que eu fallo é serio,

Você hoje vai na frente
Isso é quero porque quero!
Ou no *cráuá* p'ra cadeia, (*)
Ou na rêde p'ro cemiterio!

Vilella gritou de dentro:
— Vamos vêr quem perde ou ganha,
Cuide em si que eu saio fóra,
Vou lhe rasgar as *intrauha*,
Não morro dentro da furna,
Vou me acabar na campanha.

Mal esta voz se ouvio,
Começou o desmantelo,
Tudo que foi soldado
Damnou-se no marmelleiro! (**)

(*) *No cráuá* — nos ferros.
(**) *Damnou-se no marmelleiro* — *Damnou-se* — espalhou-se, correndo com medo. *Marmelleiro* — geralmente o terreno no sertão é coberto de arbustos com este nome.

Só ficou o delegado,
Numero um! no terreiro.

Quando Vilella sahio,
No encruzar do batente,
Foi gritando em alta voz:
— Renda as armas, *seu* tenente,
Que está com o Diabo na vista,
O *cão miudo* na frente! (*)

O delegado de revolver,
Sentia o queixo tinindo,
O dedo amolegando
E o fumaceiro subindo:
Bala batia em Vilella,
Voltava p'ra traz zunindo!!

Vilella se dirigio
De feição enfarruscada:
— Conheça lá, *seu* alferes,
Que não sou de caçoada
Não estremeça que morre,
Renda as armas, camarada!

Renda as armas, não senhor!
Me trate melhor, sujeito! (**)
Hoje aqui se contará

(*) *Cão miúdo* — um dos muitos appellidos sertanejos do diabo.

(**) *Sujeito* e *individuo* são duas palavras que o sertanejo emprega de modo pejorativo. São verdadeiros insultos.

Direito pelo direito.
Você hoje ha de pagar
As mortes que ja tem feito.

Arre lá, *seu* delegado,
Já não aguento o *furtum*, (*)
Porque quem já matou vinte
Pode *interar* vinte e um;
Inda hoje não almocei,
Com você quebro o jejum!

De brigar o delegado
Estava muito cançado,
Se embaraçou no punhal
E ficou paralisado.
Vilella tomou as armas:
— Morra agora, delegado!

— Conheça, *seu* delegado,
Que a desgraça sou eu,
De cento e oitenta praças,
Só o senhor não correu,
Faça suas orações,
Bote os olhos, cuide em Deus!

O delegado ahi disse:
— Ai meu Deus tão poderoso,
Vós governaes o mundo

(*) *Furtum* — cheiro.

E sois tão maravilhoso.
Livrai a mim de engulir
Este bocado amargoso!

— Faça suas petições,
De uma talvez não arrede,
Está me chegando a ira
Do interior p'ra o *intede,* (*)
Para lhe matar logo
O coração já me pede.

Nisto sahio a mulher:
— Velho, quem pede *é* eu,
Veja, Deus foi judiado,
Mas salvou muito judeu,
Não se dê por aggravado,
Este não lhe offendeu.

— Mulher, *tem* certos pedidos (**)
Que não se devem attender.
Este homem veio aqui
Ou me matar ou prender;
Mas é o gosto que tenho
Dar-lhe fim no meu poder.

— Homem, você repare
Como elle está compassivo.

(*) *Intede* — ? —.
(**) *Tem*. O sertanejo, na maioria dos casos, emprega o verbo ter pelo verbo haver.

Você deve se lembrar
Que Deus não foi vingativo
Se ha de matar a elle,
Mate a mim, deixe elle vivo!

— Eu não sei porque as mulheres
Gostam de ser tão chorosas;
Com o que não lhes pertence, (*)
Querem ser tão piedosas;
Mas, quando ficam zangadas,
São malcreadas, teimosas!...

Vilella soltou o alferes:
— Siga lá sua jornada,
Vá embora, vá dizendo
Que teve uma advogada.
A quem perguntar você diga
Quem foi seu anjo da guarda!

Quando o alferes sahiu
Foi triste, muito massado,
Maginando como contava
O caso que foi passado.
Deu um laço no cipó,
Morreu no matto enforcado.

Vilella em casa disse:
Mulher, não matei o homem,

(*) *Lhes pertence* — entende-se com ellas.

Eu me vou para as montanhas,
Vou morrer de sêde e fome,
Vou comer as hervas *brabas*
Que os bichos do matto come.

Quando ella cuidou que não,
Já elle tinha sahido
E sem que ella presentisse
P'ra onde elle tinha ido.
Não sabia onde habitava
O seu esposo e marido.

Este homem ganhou o mundo
Com quarenta annos de idade,
Internou-se nas montanhas,
Soffrendo necessidades,
Purificando assim
As suas perversidades.

Morreu com noventa annos,
Cincoenta de penitencia,
Soffrendo muitos *trabalhos,*
Humilde, com paciencia,
Morreu, salvando-se, foi santo
Por causa da Providencia. (*)

(*) Não ha nessa fuga e penitencia nas mattas do valente Vilella qualquer coisa da retirada dos Quatro Filhos Aymon na floresta da Argonne, segundo contam as gestas antigas da França? V. «La legende des Quatre Fils Aymon», capitulo V, edição illustrada de Lannette — Paris — 1883.

CANÇÃO DOS GUABIRABAS

(POESIA DE UGOLINO, CANTOR PARAHYBANO DO TEIXEIRA)

Ajunte-se o povo todo,
Uma companhia inteira,
Vou contar uma desgraça
Que succedeu no Teixeira.

O Cyrino só morreu
Por ser muito confiado.
Quando sahio do Teixeira,
Elle sahio avisado.

Logo botaram o piquete
Num logar muito terrivel,
Onde havia de passar
Mané Cyrino, infallivel. (*)

Quando elle foi chegando
O piquete se apressou,
Moreira estava de parte
Pelos outros assobiou.

Bacamarte de Cyrino
A escorva ahi derramou,

(*) *Infallivel* — infallivelmente.

Cyrino mais que depressa
Com nova *porva* escorvou.

Elle *upou-se* na sella (*)
Com a cara de leão:
— Cabra me saia de peito, (**)
Não me atire de *treição!*

Moreira metteu os pés,
Pisou com *cola* na rama: (***)
— Cabra, tenho o couro séco,
Cabra, *cadê* tua fama!

— O' que tiro desastrado
Que cortou-*me* o cinturão,
Largue o costume, *cambada,*
De atirar em homem á *treição!*

Elle ahi nessa voz
Sobre a sella se deitou,
Com os bofes dependurados;
Metteu as mãos arrancou!!

O cavallo de Cyrino
Ahi correu enfreiado,

(*) *Upar-se* — erguer-se.
(**) *De peito* — de frente.
(***) *Cola* — colera.

Foi bater no Jatobá,
Todo de sangue manchado.

Chegando no Jatobá,
Sellado, enfreiado e *solto,* (*)
Guabiraba foi dizendo:
— Meu mano foi preso ou morto!

Saltou Manoel Rodrigues,
Atacando a cartucheira:
— Hoje entra o *cola* de novo (**)
Lá na villa do Teixeira!

Entra peste de sarampo!
Entra raio abrazador!
Entra peste de bexiga!
Entra cabra matador!

Montaram a cavallo,
Pegaram a consultar:
— Vamos logo ao Salão
Antonho Tavares matar?

Desceram de rua abaixo,
Para o açude da Nação, (***)

(*) *Solto* — sem cavalleiro.

(**) *Cola* — o cholera, que em tempos idos já dizimára a gente da villa.

(***) O grande açude do Salão, construido pela Inspectoria de Obras contra as Seccas.

Toparam o padre Vicente
Com uma imagem na mão.

— Padre, você vá embora,
Vá guardar Nosso Senhor!
Não deixareis de matar,
Emquanto vivo fôr!

Disse o padre Vicente,
Com o Senhor no meio da rua:
— Senhor Manoel Rodrigues,
Que tenção é esta sua?!

— A minha tenção é esta,
Pode assentar na lista,
Não escapa hoje gallinha
Da familia dos Baptista.

Palavras não eram ditas,
Delfino tinha chegado,
No *afindar* da conversa
De balas foi traspassado.

— Manoel Rodrigues não me mate,
Deixe eu me confessar,
Seja mais assocegado
No seu modo de matar!!

— Você não se confessa,
Quem lhe diz isto sou eu,

Você hoje ha de morrer
Como meu mano morreu!

Mataram Antonio Tavares
E o *mouco* do Salão.
Morreu Delfino Baptista,
Innocente e sem razão.

Liberato se escondeu
Em cima da Pedra d'Agua,
Trancou-se a rua toda,
Quasi o Teixeira se acaba.

Delfino perdeu a vida
E nunca mais foi vingado,
O Guabiraba pensava,
Que elle era o delegado.

Para cantar, só o Romano!
P'ra tocar, Chico Ferreira!
P'ra matar, só Guabiraba!
Para glozar, só o Nogueira!

CANTIGA DOS GUABIRABAS

Cyrino, quando morreu,
Morreu por ser malcreado;
Logo no entrar da rua,
Cyrino foi avisado.

O cavallo do Cyrino,
Com tres tiros que levou,
No saltar de uma barreira
Cyrino *arrevirou!* (*)

— Meu cavallo a estas horas
Já chegou em Jatobá,
Para esta minha morte
Meu irmão vir *despicar!* (**)

O cavallo de Cyrino
Enfreiado chegou sôlto.
Ou é caso de prisão,
Ou Cyrino já foi morto!

Guabiraba levantou-se,
Apertou a cartucheira:
— Vamos vêr um caso novo
Qu'aconteceu no Teixeira!

Palavras não eram ditas,
O Guabiraba chegou,
Metteu mãos ás espingardas
E o Baptista arrevirou.

— Cabra, tu não te enganas
Piso na ponta da rama!

(*) *Arrevirou* — virou, cahiu de lado.
(**) *Despicar* — vingar.

Se tu tens o couro sêcco,
Eu quero vê tua fama!

— Ai! ai! *seu* João Guabiraba!
Eu não lhe peço perdão,
Só quero que não me mate
Sem a minha confissão!

— Cabra, tu não te confessa,
Quem te diz isto sou eu!
Tu has de morrer hoje
Que nem Cyrino morreu!

Fui em cima, fui em baixo
Fui lá dentro na Missão.
Lá vem seu padre Vicente
Com sua imagem na mão.

Senhor João Guabiraba,
Que tenção é esta sua
De sahir de sua casa
P'ra matar homem na rua?

Senhor Padre Vicente,
Não mato por devoção.
Só ando no *despique*
Da morte de meu irmão!

Eu lhe juro que acabo
Com todos que estão na lista,

E adeus que vou me embora
Tenho matta que passar
Faço dos olhos candeia,
Para não *entropicar*. (*)

Nem gallinha mesmo fica
No terreiro do Baptista!

A VIDA DOS GUABIRABAS

(VERSOS DE LEANDRO GOMES DE BARROS, POETA POPULAR DA PARAHYBA)

Deixo agora os cangaceiros
Da nossa actualidade,
Para contar a historia
De outros da antiguidade,
Quatro cabras destemidos,
Assombro da humanidade!

Os guabirabas eram um grupo
De tres irmãos e um cunhado,
Todos assassinos por indole,
Cada qual o mais malvado.

(*) *Entropicar*— tropeçar. Como os factos que as poesias sobre os Guabirabas contam sejam os mesmos, ha nellas pontos de contacto que fazem com que pareçam variantes.

Aquelle sertão inculto
Tinha essas féras creado. (*)

O mais velho dos irmãos
Tinha o nome de Cyrino,
Esse não havia cobra
Que lhe igualasse o destino,
Desde pequeno que tinha
Propensões para assassino!

Se chamavam os outros dois,
João Guabiraba e Jovino.
Esse tal João Guabiraba,
Dos tres era o mais ferino,
O tal Manoel Rodrigues
De todos o mais assassino.

O tal Manoel Rodrigues,
Dos outros era cunhado,
Esse era alto e tinha
O cabello afogueado,
O couro da testa d'elle,
Se conservava enrusgado.

(*) Comparae esta estrophe com a da canção da gesta medieval dos piratas normandos, que começa assim:

Cil Loth hebroc et ses treiz fiz
Furent de tute gent haiz

que está no capitulo V da «Chronique Anglo-Normande» — edition Delagrave.

. . . . . (*)

Na fazenda Jatobá,
Do capitão Serafim,
Fôram morar estes cabras
Com esse destino assim,
Sem temerem autoridade,
Sem temerem nada emfim.

Então, nos dias de sabbado,
Iam todos quatro á feira,
Com bacamarte e pistolas,
Punhal, facão, cartucheira,
No meio das autoridades,
Passeavam no Teixeira!

Era Delfino Baptista,
O delegado actual. (**)
Achou que aquelles bandidos
Iam de encontro á moral
E mandou pedir em officio
Auxilios na capital.

Delfino não obtendo
Auxilio do Presidente,
Então, chamou Liberato,
Que era primeiro supplente,

(*) Faltam algumas estrophes.
(**) *Actmal*, isto é, naquella occasião.

Passando-lhe o exercicio,
Dando parte de doente.

Cyrino, sabendo disso,
E temendo uma traição,
Foi ao Delfino e disse:
— Vou prevenil-o, patrão,
Se soffrermos qualquer cousa,
E' feia a nossa questão!

Então, Delfino lhe disse:
— Eu não o quero offender,
Passei o exercicio a outro,
Porque tenho o que fazer,
Não fiz ísto no intuito,
De outra pessôa o prender.

Liberato quando se vio
Com o exercicio passado,
Mandou dizer a Cyrino,
Que já era delegado,
O Teixeira de hora em diante,
Tinha de ser respeitado.

Cyrino mandou dizer-lhe,
Que um delegado era asneira,
Só se estivesse doente,
Deixaria de ir á feira,
Sabbado esperasse elle,
Que ia só ao Teixeira.

Disse Liberato: — Eu juro,
Por minha honra e criterio,
Deus me mate n'esta hora,
Se eu não estou falando sério,
Se elle vier, fica preso,
Ou morto no cemiterio.

No sabbado, pelas dez horas,
Veio um homem na carreira
E disse: — *Seu* delegado,
Cyrino está no Teixeira,
Está carregado de armas,
Passeiando pela feira!

O coronel Ildefonso
Veio e disse a Liberato:
— Você inda é muito moço,
Convém que seja pacato,
Uma fera como aquella
Só se cerca bem no matto.

Eu sei Cyrino quem é,
Ninguem o pega á mão núa!
E' certo que a vida delle
Se mede bem com a sua;
Mas você o cerca, trocam tiros,
Baleiam gente na rua.

Liberato, conhecendo
Que o *parecer* ia bem, (*)

(*). *Parecer* — conselho.

Então disse ao coronel:
— Cercal-o aqui não convem.
E prevenio á sua gente
Que não sahisse ninguem.

Cyrino foi avisado
Que sahisse do Teixeira,
Que o delegado já quiz,
Cercal-o mesmo na feira,
Que um piquete de dez homens,
Esperava-o na ladeira.

Cyrino, disse, sorrindo:
— Com isso eu não tomo abalo,
Dez homens contra mim só,
São dez pintos contra um gallo,
Para eu matar elles todos,
Basta os cascos do cavallo!

Póde dizer-lhe, que eu disse,
Que hoje não saio do Teixeira,
E se elle duvidar,
Daqui a pouco acabo a feira,
Se não quer cercar-me aqui,
Vá me esperar na ladeira.

Então, Liberato estava,
Com dez cabras escolhidos,
Ou para melhor dizer,
Dez monstros bem conhecidos,

Desses que com a desgraça,
Acham que estão bem servidos.

Com elles, José do Carmo,
Que era tambem outra fera,
Um desses que por desgraça,
Uma mãe no ventre gera,
Cobra tinha medo delle
Façam idéa o que era!

Tinha mais Joaquim Cabôclo,
Outra cobra verdadeira;
Joaquim do Couto e mais outros,
Que eram da mesma maneira.
Constava de gente assim
A policia do Teixeira!...

Cyrino soube que a tropa
Se emboscava na ladeira.
Então, disse: — O delegado
Só sabe fazer asneira.
Eu hei de dar um exemplo
Aos *cachimbos* do Teixeira. (*)

Cyrino tinha um cavallo
Que se chamava Retroz.
Dentre todos os cavallos
Era aquelle o mais veloz.

(*) Appellido insultuoso dos policiaes: *cachimbos*.

Conhecia o senhor delle
Pela pisada e a voz.

Era quasi um cavallo ruço,
Tinha quasi a côr de pombo,
Se media sete palmos
Do casco da mão ao hombro,
Nunca deu uma topada
Nem o mais pequeno tombo.

Cyrino disse: — Eu agora,
Só volto segunda-feira,
Voltou na segunda e soube,
Que a policia do Teixeira,
Sahio desde a madrugada,
E emboscou-se na ladeira.

Então, Liberato disse,
Quando Cyrino passasse,
Chegando ao meio do piquete,
Um da tropa assobiasse,
Désse-lhe voz de prisão,
Antes que nelle atirasse.

Cyrino ia prevenido,
Quando no piquete entrou,
Vio quando José do Carmo,
Atraz delle assobiou.
O cavallo de Cyrino,
Dando dous passos, parou.

Foi quando Joaquim do Couto,
Gritou-lhe: — Cabra, se renda!
Cyrino, disse: Cabrito,
A mim não vejo quem prenda,
Esse mulato, aqui morre,
Mas não *afróxa* contenda!

José do Carmo enfrentou-o,
E lhe disse: *Seu* Cyrino,
Esteja preso, entregue as armas,
Veja que não sou menino!
Quem é preso um dia se solta,
Deus é quem dá o destino.

Então, Cyrino lhe disse:
— Negro, tu estás enganado!
Vocês são dez, eu sou um,
Mas ainda estou animado;
Levem-me morto num páu,
Mas não morto e algemado!

João Luz falseia um pé
E de ladeira abaixo rola.
Cyrino do cinturão
Tira e dispara a pistola.
O cabra cahio, morrendo
Em forma de tatú bola.

João Luz, olhando Cyrino,
Exclamou: — Cabra damnado,

Você deu-me agora um tiro
Que estou quasi liquidado!
Não tem nada, se eu morrer,
Desse tiro és perdoado!

E disse a José do Carmo:
— Não afrouxe o cangaceiro!
Ellas palavras elle disse
No suspiro derradeiro.
Olhou Cyrino e lhe disse:
— Te espero lá, companheiro...

Aonde o piquete estava
Era um logar apertado
Entre duas grandes serras,
Escuro e embaraçado.
Duas grutas muito fundas
Se viam de cada lado.

O cavallo de Cyrino
De toda forma pulava,
Dava saltos para traz
E até no chão se deitava,
Com a sombra dos inimigos
Tres, quatro metros saltava.

José do Carmo o enfrentou,
Disparou-lhe o bacamarte;
Um tiro muito pesado
Varou-o de parte a parte! (*)

(*) O cantor refere-se aqui ao Cyrino e não ao cavallo.

Cyrino gritou: moleque,
Sinto não poder matar-te!

Trinta caroços de chumbo,
Duas balas de latão,
Tudo isso pegou nelle
Abaixo do coração;
Quando o cavallo pulou,
Elle cahio sobre o chão.

Quando o cavallo Retroz (*)
Vio Cyrino assim deitado,
Partio para os inimigos,
Que só estando endiabrado,
Deu um couce num do grupo,
Que morreu aleijado!

Não parou nem um segundo,
Depois que de lá sahio,
Correu tres leguas numa hora,
Cousa que nunca se vio.
Bem na porta do senhor
Chegou cançado e cahio!

Os irmãos, assim que viram
A sella em sangue banhada,
Chamaram Mané Rodrígues

(*) Este Retroz, com o Exhalação de Jesuino Brilhante, são no sertão o que foram na França das Gestas carlovingias o cavallo Bayard dos filhos de Aymon ou o Brida de Ouro de Roldão.

E deram parte á cunhada,
Dizendo a ella: — Não chore,
Porque a morte é vingada!

Disse ahi João Guabiraba:
— Vou afiar meu facão!
Amanhã entro na casa
Daquem matou meu irmão,
Não pretendo deixar lá
Nem um menino pagão!

E sahiram as quatro feras
Em procura do Teixeira.
Antes de entrarem na rua
Pegaram o velho Taveira,
Lascaram e o sangue delle (*)
Beberam por brincadeira!

Quizeram se dirigir
A' casa do delegado;
Esse estava prevenido,
Tinha o povo entrincheirado.
Combinaram uns com os outros
Vamos logo ao mais culpado.

Encontraram o padre Vicente
Essas féras sem destino,
Disseram a elle: — senhor padre

(*) *Lascaram* — cortaram o ventre ao meio, estriparam.

Mande o sachristão aos sinos
E pode escutar os tiros
Que vamos dar em Delfino.

Nessa conversa que estavam
Disse-lhe o padre Vicente
Que o Delfino Baptista
Nessa morte era innocente.
O culpado disso tudo
Foi Liberato sómente.

Mas elles nem escutaram
O que o padre dizia,
Cortaram em pequenas postas
Com a maior tyrannia,
Uma das melhores almas
Que naquella terra havia.

Então, mudaram-se elles
Para Pajeú de Flores,
Onde outr'ora elles já tinham
Praticado mil horrores;
Então, na *muda* pagaram (*)
Estes ultimos terrores.

Esse tal João Guabiraba,
No dia em que foi cercado,
Poude cravar duas presas

(*) *Muda* — mudança.

Na garganta de um soldado.
Fez tanta força nos queixos
Morreu e ficou pegado!! (*)

O tal Manoel Rodrigues
Junto com o tal Jovino,
Esses dois tiveram fim
Igualmente ao de Cyrino,
Foram mortos e queimados
Eis ahi o seu destino. (**)

CANÇÃO DO SANTA CRUZ (***)

Ha uns dez mezes, Santa Cruz
Foi á villa do Monteiro,
Soltou um seu protegido
Matou, prendeu, brigou muito!
Depois, foi p'r'o Joazeiro.

Prendeu as autoridades,
P'ra sua casa as levou;
Mas quando vio que a policia
Pernambucana ajudou
A's forças da Parahyba,
P'r'o Joazeiro arribou.

(*) *Pegado* — seguro.

(**) A luta entre Liberato e os Guabirabas está contada minuciosamente no meu livro «Heróes e Bandidos».

(***) Dr. Santa Cruz, bacharel muito conhecido, que, devido a questões politicas, tem chefiado cangaceiros.

Sete mezes Santa Cruz
No Cariry demorou-se,
Juntou muitos cangaceiros
E junto comsigo os trouxe
Para São José do Egypto,
Onde aos Dantas alistou-se.

Alli o dr. Santa Cruz
Esteve uns tres mezes parado,
Somente se preparando.
Quando se achou bem armado,
Entrou com trezentos homens
No parahybano Estado.

Ao passar pelas fazendas
De alguns dos seus intrigados (*)
Ia derrubando as casas,
Incendiando os cercados.
E aquelles que se oppuzessem
Seriam assassinados!

No logar Carrapateira,
Déram os combates primeiros
A' força parahybana,
Ficando prisioneiros
Da policia onze soldados
Em poder dos cangaceiros.

Dois desses soldados presos

(*) *Intrigados* — inimigos por intrigas.

Ficaram logo alliados (*)
Aos revoltosos e os nove,
Ao depois de desarmados,
Fôram para Pernambuco
Por Santa Cruz enviados.

Quando o major Genuino (**)
Se vio só e sem defesa,
Procurou o Pedro Bezerra
Na fazenda Fortaleza.
Não tinha ainda descançado
Quando se vio novamente
Por cangaceiros cercado!

Começou a vinte e tres
De Março esse tiroteio,
Que activo se prolongou
Mais de dois dias e meio.
Toda a fazenda se achava
Sob um tremendo arrodeio! (***)

O velho Pedro Bezerra
Gritava dentro de casa:
— Ninguem se entrega nem corre!
Nem que tudo vire braza!

(*) O soldado das policias do Nordeste, mestiço sertanejo do mesmo estofo que o cangaceiros, quasi sempre egresso do crime, passa-se para o inimigo com espantosa facilidade.
(**) O commandante da força policial.
(***) *Arrodeio* — cêrco, assédio.

Dizia, então, Genuino:
— Aqui só fome me atraza!

No tiroteio, Santa Cruz
Gritava: — Atira, negrada!
E dizia á cabroeira:
— Não afrouxe a rectaguarda!
Quem ouvisse o tiroteio
Julgava ser trovoada!

Santa Cruz disse a Vicente:
— Chame cem homens e vá
Depôr as autoridades
Da villa Taperoá.
Os que votarem com o Pinto
Expulse todos de lá!

Em Serra Branca tambem
Previna a população,
Que só deixarei em paz
Quem fôr da opposição. (*)
Se votar no Rego Barros
Terá minha protecção.

Disse o Vicente: — Doutor,
Isso mesmo hei de fazer.
Quem votar no Rego Barros
Eu garanto proteger.

(*) Geralmente, o cangaceiro representa o espirito de opposição do sertão ao governo, espirito que se manifesta pela bala e pela faca, porque não tem imprensa, nem tribuna, nem voto.

Porem quem fôr governista
Commigo se tem de haver.

Quando Vicente sahio
Da fazenda Fortaleza,
Chegou o Tenente Rangel
Com uma força em defesa
De Genuino, isso foi
P'r'os cangaceiros surpreza.

Então, o Tenente Rangel,
Tendo sessenta soldados
Sitiou os cangaceiros,
Que estavam entrincheirados.
Estes resistiram muito,
Porem fôram dispersados.

Mostrou Raymundo Rangel
Que sua farda honrava,
Salvando o Genuino,
Que quasi perdido estava,
Pois, se elle não chega logo,
A munição se acabava.

Vendo o doutor Santa Cruz
Abandonado o Monteiro,
Assaltou aquella villa
Com seu pessoal guerreiro,
Dizendo: — Aqui me pertence
Este municipio inteiro!

Só encontrou no Monteiro
As mulheres dos soldados,
Que com o Tenente Rangel
Tinham sahido vexados. (*)
Essas mulheres p'r'os cabras
Fôram *felizes achados*...

Santa Cruz dispõe agora
Dum pessoal muito forte,
Onde elle sentou as bases
Duma officina de morte! (**)
Que a cada instante fornece
P'r'o outro mundo transporte.

Em São José do Egypto
E' seu quartel general,
Onde dá as suas ordens
Ao seu feroz pessoal.
Devido a isso o governo
Recorreu ao Federal.

Veio a quarta companhia (***)
Para esta cidade, então,
Trazendo duzentos homens,
Armamento e munição.
Essa força do governo
Acha-se á disposição. (****)

(*) *Vexados* — apressados.
(**) A expressão é significativa.
(***) A extincta 4ª companhia isolada de caçadores.
(****) *A' disposição* — prompta para tudo.

Vendo o coronel Eufrasio
Que o doutor João Machado (*)
Lutava com revoltosos
No interior do Estado,
Preparou seu pessoal
E pôz-se logo ao seu lado.

Não dispensou o governo
Tão grato offerecimento
E nomeou-o delegado,
Lhe facultando elemento,
P'ra elle em todo o Estado
Fazer policiamento.

Tem o major Genuino
Mais de quinhentos soldados;
Tem o coronel Eufrasio
Trezentos homens armados;
P'ra lutar com Santa Cruz
Acham-se bem preparados.

Dizem os dois commandantes
Desse grande pessoal
Que Santa Cruz põe agora
Na luta ponto final,
Porque ou se entrega ou corre,
Ou o resultado é fatal!

Diz o doutor Santa Cruz

(*) Presidente da Parahyba nessa epoca.

Que isso não lhe faz medo,
Inda mesmo que elles levem
Metralhadora ou torpedo,
Só servirão p'r'os seus cabras
De distracção e brinquedo!

Porque seus cabras conhecem
Da guerra toda a manobra;
E elles p'ra matar gente
Têm coragem de sobra,
Pois só bebem sangue humano,
Só comem carne de cobra!

Têm, cabras, o couro duro
Onde bala bate e amassa,
Punhal enverga e não rompe,
Chuço quebra e não traspassa!
Com individuos assim
Nem o diabo quer graça!

NOTA — O poeta matuto não deixou passar despercebido e guardou-o para as gerações futuras, em versos rudes, o facto da primeira invasão da Parahyba pelos cangaceiros de Santa Cruz. E' mais uma tradição da pobre raça sertaneja que fica, assim, perpetuada. Esse testemunho é valioso. E' de notar que nelle não ha nenhuma paixão, nenhum *parti-pris*. O autor não se deixa levar senão pela verdade, que se destaca brilhante de naturalidade e de espontaneidade de suas rimas.

CANÇÃO DE ANTONIO SILVINO

Em mil novecentos e um,
A dezenove de Fevereiro,
Chegaram em Santa Luzia
Uns bandos de desordeiros,
Que andam no mundo roubando
Com o nome de cangaceiros.

Chegaram perto das ruas
E o chefe Antonio Silvino
Mandou logo em conferencia
Chamar o Padre Jovino,
Porque, temendo a entrada,
Respeitava a espingarda
Dum soldado, o Ubaldino.

Disse Silvino ao Padre:
— Perdôe a minha ousadia,
Que eu lhe mandei chamar
Para pedir garantia.
Se isto me prometter,
Passarei sem offender
Esta sua freguezia.

O Padre mandou na rua
Contar o que era passado,
Pedir comida e dinheiro
Para dar a esse malvado.
Foi assim que o Bom Pastor

O seu rebanho livrou
Desse lobo estomeado!

Fôram embora os cangaceiros,
Ficou o povo a pensar,
Dizendo: — Elles inda voltam
Aqui, a este logar!
Até que no outro dia
Chegou quem os perseguia
Com o fim de os acabar.

Era um Tenente que vinha.
Trazia ordem bastante
Para fazer o trabalho
Dum delegado volante, (*)
Entrando em qualquer Estado
A perseguir os culpados
Com ordem do Commandante.

Aqui reforçou a turma
Com quatro praças valentes,
Que inteirou vinte e cinco, (**)
Contadas pelo Tenente.
Sahio daqui, cauteloso,
Em uma noite perigosa,
Com dois paisanos na frente. (***)

(*) *Delegado volante*, que pode atravessar as fronteiras dos municipios e dos Estados.
(**) *Inteirou* — completou.
(***) *Paisanos* — guias.

Andaram em diligencia
O correr da noite inteira.
No outro dia bem cêdo
Fôram subir na pedreira,
Onde estavam os velhacos,
Que, quando viram os «macacos», (*)
Fôram fazendo carreira.

Ahi se travou a luta,
Bala vae e bala vem.
Um dos paisanos que ia
Fazia fogo tambem.
Mataram Pilão Deitado,
Que é o nome mais frexado (**)
Que nos cangaceiros tem!

Morreram na rectaguarda
Os dois sargentos guerreiros
Istolano e Nestor,
Que atiraram primeiro.
Foram quem recebeu a offensa
Da morte, a dura sentença
Das balas do cangaceiro.

No outro dia se ouvio
Do sino a tristonha voz,
Quando fizeram o enterro

(*) *Macaco* — alcunha de soldado de policia no sertão.
(**) *Frexado* — celebrado.

Daquelles bravos heróes,
Que, na luta mais temida,
Perderam ambos a vida
Pela defesa *de nós*.

No mesmo dia prenderam
Dois que vinham desarmados,
Que eram dos cangaceiros
Os dois mais desanimados.
Não fizeram resistencia,
Rendendo obediencia
Aos perigosos soldados.

Aqui estiveram calados,
Sem falar mal de ninguem,
Até que fôram levados
A' ordem não sei de quem.
Fôram entregues ao Tolentino
E no outro dia o sino
Rezou por elles tambem... (*)

Perdeste, terra bemdita,
A tua paz singular,
Pois o sangue que bebeste
Tornarás a vomitar.
Eu sei que tu não acceitas

(*) Essas execuções summarias são reciprocas entre a policia e os bandidos.

Tão horrorosas desfeitas
Sem um remorso guardar.

NOTA — Esta é a primeira canção sertaneja em que apparece Antonio Silvino. O seu nome mal se destaca do facto acontecido: a luta entre os seus cangaceiros e a policia, após a sua passagem pela localidade, onde mora o cantor. Nas canções posteriores, a sua personalidade começa a dominar o scenario e a comparsaria.

A VIDA DE ANTONIO SILVINO

(POEMA DE FRANCISCO DAS CHAGAS BAPTISTA, POETA POPULAR PARAHYBANO)

(FRAGMENTOS)

Pedro Baptista de Almeida
E Balbina de Moraes,
Casados catholicamente
Fôram meus legitimos paes;
Eram filhos deste Estado
E do Pageú naturaes.

. . . . . .

No bacamarte eu achei
Leis que decidem questão,
Que fazem melhor processo
Do que qualquer escrivão.
As balas eram os soldados
Com que eu fazia prisão.

Minha justiça era recta
Para qualquer creatura,
Sempre prendi os meus réos
Em casa muito segura,
Pois nunca se viu ninguem
Fugir duma sepultura...

. . . . . .

Meu pae fez diversas mortes
Porem não era bandido;
Matava em defesa propria,
Quando se via agredido,
Pois nunca guardou desfeita
E morreu por atrevido. (*)

. . . . . .

Estavamos todos juntos
Na casa de José Gato,
Apenas o Rio Preto
Estava doente no matto;
José matou uma rez
Para nos dar melhor trato.

Eram oito horas do dia,
Estavamos acalmados,
Quando inesperadamente,

(*) O pae de Antonio Silvino foi o celebre cangaceiro Baptistão.

Por cento e vinte soldados
Eu e os meus companheiros
Nos vimos todos cercados!...

. . . . . .

Era uma luta medonha,
Todo esse povo atirando!...
As balas perto de mim
Passavam no ar silvando;
O tiroteio imitava
Um tabocal se queimando!... (*)

. . . . . .

No tiroteio, os soldados
Seis cangaceiros mataram,
E pegaram nove ás mãos
Que tambem assassinaram:
Como se sangram animaes,
Elles aos homens sangraram!!

Em novecentos e cinco
Eu metti-me em questão feia,
A pedido de um amigo.
Dei uma surra de peia

(*) Veja-se em Eichof «Tableau de la litterature du Nord au Moyen Age» a Gesta de Ragnar o pirata norueguez. Ha um trecho que corresponde exactamente a esta descripção.

Em um sobrinho legitimo
Do Sr. José Gouveia!

. . . . . .

Quatro praças que lá estavam (*)
Em ceroulas as deixei;
Então, da Mesa de Rendas
Eu logo me apoderei:
O dinheiro que lá havia
Para o meu bolso passei.

Incendiei os papeis
Todos da arrecadação,
Deixei nús os empregados!
Conduzi a munição
Dos soldados e os deixei
Sem farda, Comblain e facão!

. . . . . .

Ergui-me *subsaltado,*
E um tiro disparei
Contra o fantasma, e, então,
Muito ligeiro acordei,
E ouvindo um grande rugido
Quasi assombrado fiquei.

Esse rugido abalou

(*) Em Barra de S. Miguel, Parahyba.

Até o mais fundo *reconco* (*)
Da furna, a serra tremeu
Desde do cimo ao tronco!...
Percebi rapidamente
Que duma onça era o ronco! (**)

Então, atirei na féra
Que, sobre mim se lançou
E deu uma tapa no rifle
Que distante o atirou,
E ouvindo o estampido,
Mais assanhada ficou.

Dei um pulo para traz,
E da pistola puxei,
Porem no mesmo momento
Que um tiro lhe disparei,
Deu ella n'arma outra tapa,
E desarmado me achei!...

Felizmente, nessa gruta
Entrava a luz do luar,
E o sólo era espaçoso...
Continuei a pular,
Me desviando da féra,
Que tentava me agarrar!...

(*) *Reconco* — recóncavo.

(**) As lendas heroicas todas se parecem. As da Argentina contam que Facundo Quiroga, o cangaceiro de La Rioja, bateu-se peito a peito com um puma. V. Sarmiento — «Facundo».

Num desses saltos, eu pude
Puxar da cinta o punhal,
E apertei-o na mão
Com uma ira infernal!
Dizendo: se eu não morrer,
Mato este audaz animal!

A onça era tão ligeira
Como a luz da *exalação!* (*)
Eu não voava, porem,
Mal sentava os pés no chão!...
Compreendi que em matal-a
Estava a minha salvação.

E, quando a féra avançou,
D'arma em punho a esperei,
E então no pé da guéla
Tal punhalada lhe dei,
Que o punhal enterrado
No corpo della deixei!...

Ella em minha mão esquerda
Deu uma grande dentada
E onde passou as unhas
Deixou-me a pele esfolada.
Só feriu-me no momento
Em que dei-*lhe* a punhalada...

A onça, ao vêr-se ferida,

(*) *Exhalação* — Estrella cadente. Tambem dizem ***zelação***.

Um enorme salto deu,
Rugindo com tanta força
Que a serra estremeceu!
Então, por sobre um lajêdo
O corpo em cheio estendeu...

. . . . . .

Na Lagôa do Remigio,
Fui á Agencia do Correio,
Botei p'ra fóra o agente.
Só porque este era feio,
Tomei-lhe o cobre dos sêllos
E contra mim ninguem veio.

. . . . . .

A dezoito de novembro
Eu em Pocinho cheguei;
Que o Padre Antonio Galdino
Me désse um jantar, mandei,
E que, servisse á mesa
Ao mesmo Padre obriguei.

Quando me retirei, o Padre
Lançou-me a excommunhão,
Missa de corpo presente
Celebrou em minha tenção.
Na noite do mesmo dia,
Me appareceu uma visão.

. . . . . .

Por detraz de uma cerca,
A policia se occultou,
Donde nos fazia fogo;
O meu rifle disparou
Trinta vezes contra ella,
Mas, nem um tiro acertou.

No pae de um meu companheiro
Uma surra eu tinha dado;
(Já faziam quatro annos)
E o cabra havia jurado
De matar-me á traição
Em um momento aprazado.

Este cabra traiçoeiro
Perto de mim atirava,
Por detraz de uma pedra;
Vendo qu'eu não o olhava
Atirou-me por detraz,
Quando eu menos esperava!

E uma bala de Mauser
Pelas costas me varou,
Saiu em cima do peito,
Um rombo enorme deixou.
Cahi no chão quasi morto.
O cabra alli me roubou.

. . . . . .

Tinha o dia amanhecido
Quando a policia chegou;
Então o alferes Teofanes
De mim se aproximou,
Mas, devido ao meu estado,
Elle não me interrogou.

Fui para Taquaritinga
Pela força conduzido;
Levaram-me numa rêde,
Porque eu estava tão ferido,
Que não andava e cheguei
Quasi que desfallecido.

Dois dias e uma noite
Eu passei encarcerado,
Na cadeia da cidade,
Sendo muito visitado;
A vinte e nove já eu
Me sentia melhorado.

. . . . . .

Os medicos já conseguiram
Meus ferimentos curar...
O resto de minha vida
Vou na prisão descançar,
Porque dos crimes que tenho (*)
Não espero me livrar.

(*) A vida de Antonio Silvino está intetramente descripta no meu livro «Heróes e Bandidos».

ANTONIO SILVINO E DESIDERIO

(FRAGMENTO)

. . . . . .

Se não me mandarem logo
De presente ao cemiterio,
Ou Desiderio me mata,
Ou eu mato Desiderio!

. . . . . .

OS COMPANHEIROS DE ANTONIO SILVINO

O primeiro desses cabras
E' o compadre Tempestade.
A hyena não iguala
A sua ferocidade!

A bala do rifle delle
E' tão ferina e certeira,
Que tem matado veados
Na mais activa carreira.
Seu punhal já tem varado
Miôlo de aroeira! (*)

Este cabra é carrancudo;

(*) *Miolo de aroeira* — cerne de durissima madeira em que os pregos não podem penetrar.

Nunca deu uma risada!
No dia em que está damnado,
Uma panthera assanhada
E' mais mansa do queelle
E muito menos malvada!

Bebe fogo e não se queima,
Pega corisco com a mão!!
Vidro ralado é p'r'a elle
Um excellente pirão!
Mata qualquer innocente
Sem raiva, sem precisão!

O segundo é um negro,
Que acode por Serrote.
Este é uma onça na furna,
Uma officina de morte!
Seu riffle não perde tiro,
Seu facão não falha corte!

Este negro, estando calmo,
Não dá um só tiro errado;
Muitas vezes uma linha
Com um tiro elle tem cortado.
Já o vi fazer proezas
De que fico admirado.

No dia em que se zanga
Come pedra e não se entala!
Fuma polvora com pimenta!

Por bolacha come bala!...
Atira até na mãe delle,
Se em sua frente encontral-a!

O terceiro é um mulato,
Que acode por Moita Brava,
Este cabra é mais valente
Do que um touro na cava;
Muitas vezes o pae delle
Ao vêl-o se assombrava!

Este só se alimenta
Do que vê á sua frente.
Quando tem sêde, por agua,
Só bebe sangue de gente!
O seu tiro é mais certeiro
Do que o bóte da serpente!

Para este não existe
Nem afago nem carinho.
Diz que chumbo derretido
P'ra elle é melhor que vinho.
Mata cobra com os dentes!
E dá murro em porco espinho!

O quarto é um cabôclo
Que acode por Violento.
A carne do cururú
E' seu unico alimento!

Este quando está brigando
E' ligeiro como o vento!

Este cabôclo é tão máu
E tem a cara tão feia,
Que o duro que olha p'ra elle
Ou corre ou fracatela!
Já matou mais de cincoenta
Somente de nó de peia!...

O quinto é um mestiço
Que attende por Gato Brabo.
Este cabra tem pegado
Muita onça pelo rabo!
E já tem dado de peia
Até no proprio diabo!

Este cabra, quando briga,
Faz coisas de admirar:
Dá saltos de oitenta braças
Não deixa bala o pegar!
Cem tiros em um minuto
Está cançado de dar!

O sexto é um cabra fulo
Que acode por Azulão.
Este, pegando um soldado,
Arranca-lhe o coração,
Assa-o na ponta do dêdo,
P'ra comêl-o com pirão!

Este cabra Azulão
E' tão perverso e valente,
Que só dá uma risada
Quando mata um innocente!
Come cabeça de cobra
E bebe sangue de gente!
. . . . . .

ANTONIO SILVINO E O PADRE

Meus camaradas, agora,
Por uns dias estou parado.
Se não bolirem commigo,
Me conservo acautelado.
Mas se houver quem me assanhe,
Fizer por onde eu extranhe, (*)
Jesus, que enredo damnado!

Cáe uma banda do céo,
Sécca uma parte do mar,
O purgatorio resfria,
Vê-se o inferno abalar,
As almas deixam o degredo,
Corre o diabo com medo,
O céo Deus manda trancar!

Admira todo o mundo
Quando passo num logar,

(*) *Extranhe* — zangue.

Os mattos afastam os ramos,
Deixa o vento de soprar,
Se perfilam os passarinhos,
Os montes dizem aos caminhos:
— Deixae, Silvino passar! (*)

Esses cangaceiros grandes
Que existem no sertão,
Em qualquer parte me vendo,
Falam de chapéu na mão,
Se precisam me falar;
Perguntam antes de chegar:
— Dá licença, Capitão?

Desde que entrou este anno,
Não offendi mais a um grillo.
Um padre ralhou commigo.
Eu me massei com aquillo!
Se me fizerem traição,
Dos *chaleiras* do sertão
Cada urubú tem um kilo!

Os grandes morrem na bala,
Os pequenos na correia,
Os fracos aleijo a murro,
Os brabos mato de peia,

(*) Em nenhuma gesta medieval ha trecho de *panache* e bravata mais bello do que este. Só ha um que se lhe assemelha. E' o da admiravel «Chronica» do Monge de S.t Gall, que descreve os rios da Italia recuando deante de Carlos Magno, quando elle desceu de França á frente dos seus Doze Pares!

Ou levo tudo amarrado
E officio ao delegado:
— Deixe morrer na cadeia!

A uns seis mezes passados,
Encontrei um capellão.
Perguntei-lhe: — Padre Mestre
Corre algum *arame* ou não?
O padre pôz-se a coçar-se.
Disse para disfarçar-se:
— Filho, não trago um tostão!...

Mas trago cousa melhor.
Se o filho quizer me ouvir,
O ouço de confissão,
Que pode bem lhe servir.
— A mim só serve dinheiro.
Confissão p'ra cangaceiro
Em que é que pode influir?

— Inflúe muito, filho meu!
E eu o posso absolver.
Eu sou ministro de Christo,
Faça o que eu mando fazer...
— *Seu* padre deixe de *dengo!* (*)
Eu tenho medo de *quengo.*
Você tem é de morrer!

O padre tanto illudio-me,

(*) *Dengo* — «partes» ; *quengo* — plano.

Tanto fez, tanto mexeu,
Pegou a fazer um assombro,
Que mais tarde me venceu.
E eu deixei-me illudir,
Como um tolo fui cahir
No laço que elle estendeu.

Eu disse: — Padre Mestre,
Eu receio a confissão
E não *afrouxo* meu riffle (*)
Nem solto o punhal da mão!
São as minhas garantias,
Quem sabe se Zacharias (**)
Está aqui perto ou não?

Ajoelhei-me, benzi-me,
Contei os peccados meus.
O padre acabou, dizendo:
— Que peccados são os seus?
Então, você já matou
Algum ministro de Deus?

Disse: — Ainda não matei,
Apenas fiz um attaque,
Porque o padre Custodio
Entende que chambre é fraque
E cavaignac é bigode,

(*) *Afrouxo* — largo.
(**) *Zacharias*, official de policia que perseguia Silvino.

Póz-se com salto de bóde
Quasi que morre do baque!

Só vinte contos de réis
Duma vez elle perdeu.
O padre, quando ouvio isto,
Coçou-se e estremeceu;
Mas disse: — Que hei de fazer?
Apenas posso dizer:
Antes elle do que eu!... (*)

— Filho, me dê o dinheiro,
Que o entrego ao sacerdote.
— Padre, não caio de cavallo
Nem embarco nesse bote.
Serei um menino tôlo
Que basta mostrar-lhe um bôlo
E elle vem para o xicóte?

— Meu filho, poucos peccados
São grandes como esse seu!
— Seu padre, não é peccado
Eu dar em quem já me deu.
E quem rouba de ladrão
Tem cem annos de perdão...
Foi o que calculei eu...

— Meu filho, roube o commercio,

(*) Toda a ironia deste poemeto é formidavel!

Desgrace um agricultor,
Deixe morrer na miseria
Os filhos dum criador,
Deus o póde perdoar;
Mas não perdôa se roubar
Um vintem dum confessor! (*)

— Dê-me o dinheiro, que o levo,
Dou ao padre; elle perdôa.
— Padre Mestre, eu dar dinheiro?!
Não ha cousa que mais dôa!
Emquanto eu mover um braço,
Juro que em meu espinhaço
Não ha barbado que rôa...

O padre disse comsigo:
— O' que sicario estradeiro!
Pelejei, porém não pude
Conseguir delle dinheiro.
Fui feliz em escapar.
O diabo é quem mais dá
Um conselho a cangaceiro!

Eu cá dizia commigo:
— Quem sabe se este patife
Não anda enchendo os ouvidos
Da policia do Recife?

(*) E' extraordinario que no sertão se tenha rimado esta satyra terrivel contra os padres!

Desgrace um agricultor,
Deixe morrer na miseria
Os filhos dum criador,
Deus o pode perdoar:
Mas não perdôa se roubar
Um vintem dum confessor! (*)

— Dê-me o dinheiro, que o levo,
Dou ao padre; elle perdôa.
— Padre Mestre, eu dar dinheiro?!
Não ha cousa que mais dôa!
Emquanto eu mover um braço,
Juro que em meu espinhaço
Não ha barbado que rôa...

O padre disse comsigo:
— O' que sicario estradeiro!
Pelejei, porem não pude
Conseguir delle dinheiro.
Fui feliz em escapar.
O diabo é quem mais dá
Um conselho a cangaceiro!

Eu cá dizia commigo:
— Quem sabe se este patife
Não anda enchendo os ouvidos
Da policia do Recife?

(*) E' extraordinario que no sertão se tenha rimado esta satyra terrivel contra os padres!

Mas se andar, está á tôa,
Hei de alvejar-lhe a corôa,
Tiro a ferrugem do riffle!

A CANÇÃO DO REI MANDOU ME CHAMAR

A bôcca dum aventureiro do mar, que corrêra aventuras pelo Mediterraneo em fóra, o genio de Victor Hugo póz uma altiva resposta aos offerecimentos que um rei lhe faz de sua filha. Após uma verdadeira odysséa, o chefe dos aventureiros aborda a Hespanha, com o seu grupo reduzido de trinta homens a dez. E canta:

« On fit ducs et grands de Castille
Mes neuf compagnons de bonheur,
Qui s'en allèrent à Seville
E' pouser des dames d'honneur.
Le roi me dit: — Veux tu ma fille?
Et je lui dis: — Merci, seigneur!

J'ai lá bas, oú des flots sans nombre
Mugissent dans les nuits d'hiver,
Ma belle farouche á l'oeil sombre
Au sourire charmant et fier,
Qui tous les soirs chantant dans l'ombre
Vient m'attendre au bord de la mer.

J'ai ma Faënzette à Fiesone,

C'est là que mon cœur est resté.
Le vent fraichit, la mer frissonne,
Je m'en retourne en verité!
O roi! ta fille a la couronne,
Mais Faënzette a la beauté. (*)

O grande poeta exprimio nestes versos, certamente com plena sciencia do que fazia, porque conhecia bem o rico «folk-lore» de seu paiz, um traço da velha *fierté* e do velho *panache* popular, que pertence ao fundo commum das tradições mais bellas da humanidade.

Muito antes delle, no seculo XVI, o autor do «Misanthropo» repetia na sua peça a canção popular que dizia assim:

«Si le roi Henri me donnait
Paris, sa grande ville,
Je dirais au roi Henri:
— Reprenez votre Paris,
J'aime mieux ma mie,
O guê!
J'aime mieux ma mie!

As formas e expressões differem um pouco. Aqui, em vez de ser uma princeza, é uma cidade que o rei offerece e que o cantor não troca por sua apai-

(*) V. Hugo — La chanson des aveenturiers de la mer — «Legende des siècles».

xonada, mas o fundo é identico, o sentido é o mesmo, o elemento moral não mudou.

Antes desses versinhos francezes, já se cantava na Sicilia, entre a gente do povo, a caminho dos campos de trigo, sobre o tavoado dos curricolos:

«Voghiu a Turridu
Nun voghiu curuna!»

A alma dessa cantiga vem de mais longe ainda. Surge, no fim da Idade-Média, na região de Montferrat, da seguinte maneira:

Um tambor volta da guerra, com uma rosa na mão. A filha do rei acha-a linda e pede-a. Elle responde que só a entregará pelo seu amor. O desejo da princeza é tão forte, que o rei resolve dal-a ao tambor. E este a recusa, dizendo que no seu paiz natal ha moças mais bellas, que melhor o amarão. Eis a sua resposta em dialeto local:

«Mi nun voi pi ra vostra bella figa,
Ar me pais un'é dir pi zulie.»

Na mesma época, por toda a França se contava a historia do mesmo tambor, e a sua resposta nos cantos francezes era:

«Sire le roi, je vous la remercie,
Ran, ran, ran, rataplan!
Dans mon pays il ya de plus jolies!»

Em quasi toda a Europa meridional, a mesma canção se repete com variações mais do que ligeiras, guardando sempre esse traço principal, caracteristico, do individuo que altivamente recusa a cidade ou a filha do soberano, porque ama uma mulher do seu paiz natal.

O visconde de Puymaigre, baseado em Ferraro, Bertoni, Chambrèsis, Bujeaud, Tarbé, Weckerlin e Champfleury, que recolheram essas canções nas suas obras sobre «folk-lore», ennumera as regiões em que ella se repete: Messina e arredores, Veneza, todo o oéste da França, Champagne, Borbonez e Lanquedoc.

Não conheço sua passagem — e forçosamente a teve — através da peninsula iberica, mas tenho a sua variante nos ardentes sertões de Nordeste, onde ainda hoje a cantam rude e deselegante, no emtanto ainda cheia de altivez e de orgulho selvatico:

Eu entrei de mar adentro
E fiz tanta estrepolia
Que o rei mandou me chamar
P'ra casar com sua *fia!*
O dote que o rei me dava:
Europa, França e Bahia,
Paizes de grande valor,
Terras de mil *maravia;*
Sobrados de dez andares,
Casas de seis *moradia,*

Muitos carros e liteiras,
Cavallos de estrebaria,
Muita moeda de ouro
Enchendo muita bacia;
E a musica do rei na frente,
Musica de pancadaria!
Eu fui e lhe respondi
Que era pouco e não servia,
Que eu voltava p'r'o sertão,
Móde casar com a Maria,
Que era a unica pessôa
Que meu coração queria!

RESUMO DO CYCLO HEROICO OU DOS CANGACEIROS

Poesias recolhidas por Sylvio Romero nos «Cantos Populares do Brasil»:

1 Canção do Cabelleira
2 Canção do Filgueiras
3 Canção do Lucas da Feira.

Poesias publicadas por R. de Carvalho no «Cancioneiro do Norte»:

4 Versos do Luiz do Rego
5 A. B. C. do Jesuino Brilhante
6 Canção do Quebra-Kilo
7 Versos do Liberato.

Poesias constantes da obra de Pereira da Costa «Folk-Lore Pernambucano»:

8 Dialogo do Cabelleira
9 Pelo signal do Luiz do Rego.

Poesias que estão em outros capitulos deste livro:

10 Pelo Signal dos Cangaceiros
11 A. B. C. da Revolta de 1912.
Poesias reunidas neste capitulo:
12 Historia do Valente Vilella
13 Canção dos Guabirabas
14 Cantiga dos Guabirabas
15 A vida dos Guabirabas
16 Canção do Santa Cruz
17 Canção de Antonio Silvino
19 Antonio Silvino e Desiderio
20 Os companheiros de Antonio Silvino
21 Antonio Silvino e o Padre
22 Canção do «Rei Mandou me Chamar»

e)

O CYCLO DOS CABOCLOS

O Cyclo dos Cabôclos

No acervo riquissimo do «folk-lore» brasileiro, os cabôclos deixaram, como tradição de sua vida e de sua acção na formação da nacionalidade, um vasto cyclo de canções, trovas, lendas e relatos, no qual apparecem sempre como preguiçosos ou toleirões. Releva dizer que essas historias e cantigas não são de autoria dos proprios indios domesticados, que se encostavam ás fazendas incipientes, nem daquelles que se agrupavam, sob a cruz jesuitica ou sob a espada dos capitães móres, nos aldeiamentos officiaes que deram origem a muitas das villas e cidades do Nordeste brasileiro. Quasi todas essas producções folk-loristicas, que gyram em torno dos pobres cabôclos, vêm do elemento branco, que o desprezava e combatia por duas maneiras — a guerra de corso e a diffamação, visto como elle se não submettia ao eito como o africano, nem era physicamente capaz de tanto esforço. Muito poucos se originam do negro, influenciado nesse sentido pelos remoques do branco ou mesmo procurando levar a palma ao indio amansado, numa natural emulação.

As qualidades de preguiça e de moamba do indio são constatadas pelos espiritos mais serios.

Varnhagem não se cançou de descrevel-as. Boehmer, na sua « Historia dos Jesuitas », baseado em declarações dos padres da Companhia, que tinham observado os indigenas do nosso continente demorada e profundamente, affirma que elles são preguiçosos, de intelligencia limitada, sensuaes, gulosos e sordidos, sómente trabalhando sob o aguilhão da necessidade e do medo, indifferentes a tudo desde que se não sintam vigiados. São essas as qualidades que o « folk-lore » se encarregou de ridicularisar e transmittir á memoria collectiva das gerações vindouras, num interessante cyclo de producções correlatas em prosa e verso.

Nesse cyclo tambem se podem incluir as versalhadas de autoria dos proprios cabôclos, feitas para defesa de sua raça maltratada. Esta, por exemplo:

A DEFESA DO CABOCLO

Tenho queixa de um homem,
Procede de bons parentes,
Por dizer numa conversa
Que cabôclo não era gente.

Cabôclo tambem é gente,
Pois nasceu pela razão.
Todos são filhos dum pae,
O qual se chamava Adão.

Adão nunca foi captivo

Nem tambem tomado em guerra.
Toda a vida o conheci
Por dono mesmo da terra.

Se ha outra geração,
Quero que me digam onde,
Pois de Adão foi que nascêram
Duques, marquezes e condes...

Quem tiver sua presumpção,
Presumir de ser verdadeiro,
Peço que, de hoje em diante,
Não me pise no terreiro!

Deus me ajude a sustentar
O que lanço pela bôcca,
Para poder assignar-me
Chaves Rodrigues Cabôclo!

A defesa é diminuta e mal feita deante dos attaques, mais espirituosos e numerosissimos. Um delles é o das canções que figuram os papeis publicos, certidões, proclamas de casamento, dos pobres cabôclos, os quaes os envolvem num ridiculo terrivel. Eis a certidão do nascimento dum descendente de indio, cantada ao som da viola por um troveiro sertanejo:

A CERTIDÃO DO CABOCLO

Nestes sertões atrazados,
Um cabôclo solteirão

Quiz casar-se, e' o Vigario
Exigio-lhe a certidão.

Era a dita certidão
De logar desconhecido,
E um vigario toupeira
Attestou-lhe ter nascido:

« Eu vigario descollado,
Na pagina numero vinte
Do livro dos baptisados
Achei a cousa seguinte:

Em mil oitocentos e quarenta
Achei que foi baptisado
Felix de côr exquisita,
Filho dum tal João Torrado

Sua mãe Anna Tapagem
De Souza Barba Commum,
Salmoura Puz de Oliveira,
Cuspe de Fumo em Jejum.

Fôram padrinhos do dito
Zé Bate-beiços Cotó
E Dona Maria Crueira
Alves de Sá Mocotó.

O mez e data não vão
Devido a pagina estragada,

O mais que achei escrevi
Sem que constasse mais nada.

Villa dos Desconsolados,
Doze ou dezoito de Maio,
O vigario Zé Coxixo
Montenegro Para-Raio.»

A satyra é formidavel. No emtanto, ha peor. As trovas que trocam os cantadores de desafio, quando um é negro e o outro cabôclo.... Essas são duma ferocidade terrivel. Nellas o cantador cabôclo defende a sua raça com unhas e dentes, e o cantador negro attaca-a, ao mesmo tempo que tambem defende a sua. Eis uma silva de quadras alternadas desses curiosos desafios:

SILVA DE QUADRAS DE DESAFIO ENTRE NEGROS E CABOCLOS

Cabôclo não vae ao céo
Nem que seja rezador,
Que tem o cabello duro
Espeta Nosso Senhor!

O negro não vae ao céo
Nem que seja resador,
Que o negro catinga muito,
Offende Nosso Senhor!

Tenho visto muito negro

No altar dizendo missa
E cabôclo ao mais que chega
E' a official de Justiça!...

P'ra fumar, fumo da terra;
P'ra mascar, só mapinguim.
Mais vale um cabôclo bom
Do que dez negros ruins!

Dizem, quando o negro morre,
Que Jesus Christo o levou;
Mas, quando cabôclo morre,
Foi caxaça que o matou!

Xique-xique é páo de espinho,
Umburana é páo de *abeia;*
Gravata de boi é canga,
Paletó de negro é peia!

Pulseira de bêsta é peia,
Lençol de burro é *cangaia;*
Mulher de padre é *visage,*
Cabôclo ruim é *canaia!*

Negro preto côr da noite,
Do cabello *pixaim,*
Pelo amor de Deus te peço,
Negro, não olhes p'ra mim!

O cabôclo é o rei dos bichos,

Coberto de carrapato,
E cabôclo não vae á missa
Porque não usa sapato.

Negro-preto de chapéu branco
Me dá um pezar de vêr,
Parece [illegible] tempestade,
Quando [illegible] para chover!...

Lençol de cavallo é sella
E a manta é cobertor:
Cabôclo vem do diabo,
Não vem de Nosso Senhor!

Branco ou preto ou cabôclo,
Isto de côr não procede,
Do escuro é que vem a luz,
O dia á noite *assucede*.

Além das quadras deprimentes, existe ainda na memoria do sertão, contra o cabôclo, as celebres *historias de cabôclos*, que as velhas contam ás creanças e que estas guardam até á velhice, para transmittil-as a outras creanças. Nellas, a zombaria contra a raça vencida é manifesta e a sua influencia no espirito nacional, apresentando o descendente do indio sob um aspecto de preguiça fatalista, de immobilidade deprimente, é tal, que eu considero a pagina do Géca Tatú uma *historia de cabôclo* da alta litteratura nacional.

Em todas essas historias, o cabôclo apparece como velhaco ordinario ou como toleirão. Dão-lhe os dois extremos: ou sabidão ou imbecil. Em qualquer dos casos, é sempre o cabeça de turco da verve do ambiente. Vejamos algumas dessas anecdotas sertanejas:

O CABOCLO E O OVO

Um fazendeiro devia pagar a um cabôclo o salario de um anno de trabalho. Chamou-o e disse-lhe:

— Vamos fazer uma adivinhação. Se você adivinhar, ganha, além do seu dinheiro, mais cincoenta mil réis; se não adivinhar, perde o dinheiro que lhe devo. Está feito?

— Está.

— Bem. Então, advinhe: que é, que é? alvo é, gallinha o pôz.

O cabôclo matutou largo tempo; depois, respondeu triumphalmente:

— Ou é mastro de navio ou cabo de sovela!

Perdeu o que levára um anno a ganhar.

O CABOCLO E A EGUA

Um cabôclo trabalhara um anno, para ganhar uma egua. Quando devia recebel-a, o amo lhe disse:

— Vou dar-te uma adivinhação. Se adivinhares, levas a egua; se não, eu fico com ella. Queres?

— Quero.

— Que é, que é que cacareja aqui e no canto põe um ovo? E' muito difficil e parece facil. Tome cuidado.

Após longa meditação, o tôlo replica:

— Meu amo, isto só sendo cabo de foice ou carapuça de alambique.

E perdeu a egua.

O CABOCLO E O AVARENTO

Um avarento tinha como creado um cabôclo. Duas, tres vezes por semana, para poupar dinheiro, obrigava-o a jejuar, dando como pretexto que era dia deste ou daquelle santo muito milagroso. No dia de todos os santos tambem o obrigou ao jejum. Dahi a dias quiz fazel-o jejuar de novo. O cabôclo respondeu que não, que já jejuara um dia por todos os santos...

O CABOCLO E A QUEIMADA

Um cabôclo traz ao amo a noticia de que encontrou uma cerca de plantação, sendo destruida pelo fogo nascido duma ponta de cigarro de qualquer passante descuidado. O fazendeiro pergunta-lhe:

— Porque você não derrubou as pontas do lance da cêrca, com essa foice que trazia ao hombro, para isolar o fôgo?

O outro rio idiotamente e retrucou:

— Eu não tinha ordem de vosmincê...

O patrão, furioso:

— Então, porque não esfregou a bunda em cima das labaredas para apagal-as?

E elle, espantado:

— Credo! patrão, eu não tenho bunda d'agua, não senhor!

O CABOCLO E O RECEM-NASCIDO

Numa fazenda, um cabôclo desmazelado servia de creado e sobre elle se lançavam as culpas de tudo quanto apparecia de mal feito. Nasce uma creança, filha do dono da casa. O cabôclo dirige-se ao pae e indaga, curiosamente, se o menino nasceu direitinho, sem defeito algum.

— Para que você quer saber? pergunta o dono da casa.

— E' porque, responde o cabôclo, o senhor é capaz de dizer que foi obra minha...

O CABOCLO, A MULHER E A ESPINGARDA

Um cabôclo gabava a um amigo a sua espingarda de caça. Ella era ajuntadeira de chumbo, alcançava tão longe e tão certeira, que elle, da porta de sua casa, matára um veado que passava sobre um morro, á grande distancia. O amigo, incredulo, perguntou quantos caroços de chumbo tinham alcançado o alvo.

— Dois.

— Dois só! E onde pegaram?

O cabôclo, atrapalhado com a mentira, explicou sem pensar:

— Um na cabeça e outro no pé.

— Impossivel! compadre. Você disse que a arma era ajuntadeira, como é que nessa distancia ella espalhou assim esses dois caroços?

O cabôclo não soube o que responder. Mas a mulher veio em seu auxilio:

— Não te lembras, *Mané,* que, quando atirastes no bicho, elle coçava a orelha com o pé? ...

O CABOCLO, O PADRE E O ESTUDANTE

Um estudante e um padre viajavam pelo sertão, tendo como bagageiro um cabôclo. Deram-lhes numa casa um pequeno queijo de cabra. Não sabendo como dividil-o, mesmo porque chegaria um pequenino pedaço para cada um, o padre resolveu que todos dormissem e o queijo seria daquelle que tivesse, durante a noite, o sonho mais bonito, pensando engabelar todos com os seus recursos oratorios. Todos acceitaram e fôram dormir. A' noite, o cabôclo acordou, foi ao queijo e comeu-o.

Pela manhã, os três sentaram-se á mesa para tomar café e cada qual teve de contar o seu sonho. O frade disse ter sonhado com a escada de Jacob e descreveu-a brilhantemente. Por ella, elle subia triumphalmente para o céo. O estudante, então, nar-

rou que sonhára ja dentro do céo á espera do padre que subia. O cabôclo sorrio e falou:

— Eu sonhei que via *seu* padre subindo a escada e *seu* doutor lá dentro do céo, rodeado de amigos. Eu ficava na terra e gritava:

— *Seu* doutor, *seu* padre, o queijo! Vosmincês esqueceram o queijo. Então, vosmincês respondiam de longe, do céo:

— Come o queijo, cabôclo! Come o queijo, cabôclo! Nós estamos no céo, não queremos queijo.

O sonho foi tão forte que eu pensei que era verdade, levantei-me, emquanto vosmincês dormiam, e comi o queijo...

O CABOCLO E A VERRUMA

Um cabôclo trabalhava como carpinteiro na casa dum fazendeiro. Ganhava por dia um salario e comia á custa da casa. Levava sempre comsigo um filho de quinze annos, que nada fazia e comia tambem o pirão do fazendeiro. Este reclamou, dizendo que o menino nada fazia. O cabôclo affirmou que o pequeno servia para lamber a verruma, quando ella esquentava, furando os mourões de aroeira. O dono da casa, sovina, retrucou que elle deixasse o filho em casa e, quando precisasse de alguem para lamber a verruma, o chamasse. Dito e feito, no dia em que veio sem o filho, o cabôclo chamou-o para lamber a verruma e passou-lh'a na lingua, escaldante...

O CABOCLO E O SOL

Um fazendeiro apostou com um cabôclo tantos meiro logar visse, de manhã, o primeiro raio do sol nascente. Ambos fôram de madrugada para o terreiro da fazenda. Estava escuro. O branco ficou de pé, olhando o nascente, á espera. O cabôclo sentou-se numa pedra, de costas para elle, olhando o poente. Intimamente, o fazendeiro ria da asneira do outro. De repente, o cabôclo grita:

— Meu amo, o sol! o sol!

Espantado que o outro visse o sol nascer no poente, o fazendeiro volta-se e, com effeito, um brilho de luz clareava ao longe, vindo do nascente por sobre as nuvens amontoadas, os talhados de granito das serras. Era o primeiro raio do sol. O cabôclo ganhou a aposta.

Esta historia é velha como o mundo. A titulo de curiosidade e de *rapprochement* litterario, leiamos o que conta Justino no livro XVIII do seu resumo da Historia Universal de Trogo-Pompeu:

« Emquanto todos os outros, reunidos desde o meio da noite numa planicie, tinham os olhos voltados para o nascente, somente elle dirigia o seu olhar para o poente. Procurar o primeiro raio do sol no occaso parecia a todos um acto de sandice. Mas, quando á approximação do dia os pontos mais elevados da cidade douraram-se com os primeiros

raios do astro, elle mostrou aos seus companheiros o que elles em vão procuravam vêr no nascente.» Foi assim que um escravo, segundo esse historiador, obteve o governo, quando duma revolta dos escravos, em Tyro.

O CABOCLO E A MOÇA

Um cabôclo dizia gostar profundamente da filha do fazendeiro em cuja casa trabalhava. Assoalhava que ella era sua namorada. Um dia, um trabalhador na roça lhe disse:

— Cabôclo, se o capitão souber dessa historia de você namorar a filha delle, manda dar-te uma surra. Toma cuidado!

E o tôlo respondeu:

— Manda nada. A moça não sabe, como é que o pae ha de saber.

O outro, espantado, inquiriu:

— Então, se ella não sabe, como é que você a namora?

E elle, todo ancho:

— Só namoro, quando ella me dá as costas.

O CABOCLO E A REDE

Um cabôclo hospedou-se numa casa e, quando quiz armar a sua rêde nos ganchos ou armadores da sala, não o poude fazer, porque a rêde era muito

pequena e a sala muito larga. O dono da casa zombou muito delle, que dormio no chão.

Chegando em sua casa, o cabôclo, para vingar-se, mandou fazer uma rêde enorme e voltou a hospedar-se no mesmo logar. Dessa vez não poude armar a rêde, porque era grande demais, ficava arrastando no chão....

A LOGICA DO CABOCLO

Indo de viagem, um cabôclo foi de companhia com um branco e contou-lhe muita historia mentirosa, não ficando calado um minuto. Ao despedir-se, numa encruzilhada, disse-lhe o branco:

— Adeus, cabôclo pau!

O cabôclo chegou em casa, pensando. Foi á mulher e disse-lhe:

— Você anda me enganando ahi com qualquer sujeito!

— Porque, marido, você diz este horrór?! Quem lhe metteu esta mentira na cabeça?

— Foi um homem branco que me disse na estrada!

— Disse como?

— Elle falou: «Adeus, cabôclo páu.» Ora, páu é duro, duro é chifre, chifre é corno, logo aquelle homem quiz dizer que você estava me enganando...

MOTTES E GLOZAS

Além das historias sobre cabôclos, ha ainda a incluir no mesmo cyclo as celebres glozas que os cabôclos fazem, desde que lhes dêm um motte, com a facilidade repentista que lhes é peculiar no sertão. Uma feita, indo de viagem, um fazendeiro notou que toda a vez que partia um pedaço dum bôlo, que levava, para comer, um cabôclo de mais ou menos quatorze annos, que lhe servia de arrieiro, approximava-se da sua cavalgadura; no emtantõ, quando delle precisava para qualquer serviço, elle desapparecia. E doutra feita que uma de suas filhas, de dentro da liteira de viagem, gritava pelo cabôclo que se sumira, disse em voz alta:

Dê-lhe um pedaço de bôlo
Que o cabôclo logo vem.

O meninote ouvio-o e glozou as suas palavras:

Na fazenda de meu pae,
O perequito tem comido,
O preá tem destruido
Milho e feijão que alli *hai*.
De alviçaras um vintem já,
Que Deus lhe pagará bem,
E, para vosso consôlo,
Dê-lhe um pedaço de bôlo
Que o cabôclo logo vem.

A lembrança da raça aborigene não foi somente

perpetuada nesses versos e racontos, de bôa ou de má intenção. Ella ainda vibra, na representação do Bumba meu boi, naquella canção dos indios da Ilha Romana, em cujos versos põe de fóra a cabeça mais uma vez o motejo cruel com que geralmente se perseguio sempre no nosso paiz o cabôclo infeliz.

RESUMO DO CYCLO DOS CABOCLOS

1. A certidão do cabôclo
2. Os proclamas de casamento do cabôclo, que me não foi possivel colher
3. As trovas sôltas,
4. O cabôclo e o ovo
5. O cabôclo e a egua
6. O cabôclo e a queimada
7. O cabôclo e o recem-nascido
8. O cabôclo, a mulher e a espingarda
9. O cabôclo, o frade e o estudante
10. O cabôclo e a verruma
11. O cabôclo e o sol
12. O cabôclo e a moça
13. O cabôclo e a rêde
14. A logica do cabôclo
15. Mottes e glozas.

(No trabalho de Pereira da Costa «Folk-Lore Pernambucano», ha varias quadras interessantes que pertencem a este cyclo.)

f)

POESIAS MNEMONICAS

1) A B C

2) Pelos Signaes.

Poesias mnemonicas

O ensino das creanças, rezam os velhos escriptores, começava na Grecia antiga pela poesia, porque esta era o meio mais facil de guardar, nessa época em que o livro era difficil, a narração dos acontecimentos e o perfil dos homens nelles envolvidos. E foi a memoria collectiva do povo grego quem primeiro conservou os cantos admiraveis dos rhapsodos.

Com a visão pratica que sempre os caracterisou, os jesuitas que primeiro ensinaram no sertão a grammatica e a rhetorica fizeram isso com livros didacticos em verso. Já tive nas mãos, numa fazenda, um curioso exemplar de grammatica portugueza antiga, toda em versos. Praticaram desta sorte, porque logo viram que a rudeza do povo sertanejo, o seu afastamento da faixa civilisada do littoral, as difficuldades de sua vida, tão cedo lhe não dariam outros meios de guardar o que aprendesse ou o que visse, senão por meio da propria memoria.

Effectivamente, devido á falta de communicações e de imprensa, de tribuna e de qualquer meio de guardar os factos que mais o emocionam, o sertanejo, obrigado em tudo e para tudo a só contar

comsigo proprio, conserva-os de cór, em versos. E, para ajudar a sua retentiva nesse grande trabalho, usa nas suas poesias de meios mnemonicos interessantes. Um, herdou-o de Portugal, profundamente expressivo da religiosidade fanatica e do clericalismo dominadores das aldeias lusitanas, é o *pelo signal*, consistindo em intercalar, formando sentido, entre uma estrophe e outra um dos trechos da conhecida oração. O segundo parece mais sertanejo e sahio das proprias escolas primarias das villas e povoados. E' o *a b c*. Cada uma das vinte e seis estrophes, quasi sempre sextilhas, da poesia, começa por uma lettra do alphabeto. Como nos antigos traslados de calligraphia usados nas escolas sertanejas figurava, depois do z, o til, os cantadores não o esquecem e, não podendo com elle começar palavra alguma, fazem a seu respeito uma pilheria, um arranjo ou um circumloquio:

A. B. C. do Bóde:

O til é lettra do fim,
Afindei o meu recorte,
O senhor Mané Maturino
Conferio a minha sorte,
Com espingarda de espoêta
Me deu a tyranna morte!

A. B. C. da Pobreza:

O til é lettra pequena,
Ponto de interrogação,
Incluido neste A. B. C.,

Escripto por minha mão.
Se com elle aggravo aos ricos,
A todos peço perdão!

A. B. C. da Revolta de 1912:

O til é lettra final,
Serve de composição,
Se al[illegible]a fez e eu falei,
Com [illegible]o de razão,
E' porque poeta não deixa,
E, se alguem de mim tem furia,
A todos peço perdão!

A. B. C. dos Rifões:

O til é lettra do fim
Que na carreira do *a b c* tem:
A fortuna com que nasce
E' a sina com que vem!...

A. B. C. do João André (J. Brigido, «O Ceará»):

O til não fique de fóra
Sem ter mais dilatação:
Enforquem o João André
E degradem a geração!

A. B. C. do Lavrador (S. Romero):

O til por ser do fim
Sempre dá uma esperança,
Na consolação dos affectos
Até chegar a bonança.

A. B. C. de Amores (idem):

O til por ser pequenino

Tambem goza estimação:
Estou esperando a resposta
Que venha da tua mão.

A. B. C. da Moça Queimada (idem):

O til é lettra do fim;
Findo em pedir tambem
A Deus que me dê gloria
Para todo o sempre, Amen!

A. B. C. do Araujo (idem):

O til não fique de fóra,
Entre já sem dilação;
Venham vêr o Araujo
Que já teve e hoje não!

A. B. C. do Jesuino Brilhante (R. Carvalho):

O til é lettra do fim,
Vae-se embora o navegante,
Me procure quem quizer
Cada hora e cada instante,
Me acharão sempre ás ordens
Jesuino Alves Brilhante.

A. B. C. do Frade (idem):

Falta o til que não pode ser escripto,
Porque o mundo já delle não faz conta,
Por ser um risco que é mesmo infinito,
Já hoje entre os homens pouco monta.
Não ha predestinado nem perfeito
Que não tenha seu til sempre na ponta.

A. B. C. do Bode dos Grossos

A

Avia um bóde nos Grossos
Do senhor Francisco *Gome*.
Para pegal-o no matto
Nunca nasceu *esse home*. (1)
Se não é como lhe digo
As apparencias me *consome*. (2)

B

Boi corredor de fama,
Sendo brabo em demasia,
Não era capaz de fazer
O que esse bóde fazia:
Quando avistava vaqueiro
Avoava, não corria!

C

Corria pelos serrotes
E o povo se admirava.
Parecia que a esse bóde
O *capirôto* ajudava, (3)
Pois cavallo bom de gado
A elle não se chegava.

D

Dizia elle comsigo,

(1) *Esse home* — um homem qualquer.
(2) *Me consome*, me *consomem*, isto é, me enganam.
(3) *Capirôto* — diabo.

Quando andava no serrote,
Só me temo e muito pouco
E' do creoulo *Thimote,*
Ou então de arma de fogo
Que pode me dar a morte.

E

Eu me temo do Thimote,
Porque, numa occasião,
Dizem que pegou um bode
Com força de oração,
E pode rezar p'ra mim,
Abrandar-me o coração.

F

Fiz um protesto commigo,
Pois é minha obrigação,
Não consentir que vaqueiro
No meu corpo ponha a mão,
Senão depois de eu morto,
Que morto não tem acção.

G

Grande fraqueza de homens,
Grande falta de *morá!* (4)
O João do velho Pedro,
Tambem veio me *pegá.*
De certo elle pensava
Que eu era como imbuá!... (5)

(4) *Morá* — moral.
(5) *Imbuá*, especie de centopeia, que, quando tocada, para e enrosca-se.

H

Homem que me perseguia
Era Mané Victorino,
Com uma furia muito grande,
No cavallo do Cyrino;
Mas eu dei sêbo nas unhas (6)
E o tirei desse destino. (7)

J

O João do velho Pedro
Do cabello de caipora,
Tem o corpo de macaco
E os pés de negro d'Angola!
Não é você que me pega
Regeito de tatú-bola! (8)

L

Lino Pereira Cacundo,
Com os seus pés de pavão,
Em cima do Caraúba (9)
Veio a mim uma occasião;
Mas eu dei geito no corpo,
Tirei-o dessa illusão.

M

Meus amigos não se cancem
Nem façam tanto zum-zum,

(6) *Dar cebo nas unhas* — correr, fugir.
(7) *Destino* — mania.
(8) *Tatú-bola*. No fundo, a mesma idéa do imbuá. Regeito quer dizer ahi artelho, jarrete.
(9) *Caraúba* — nome dum cavallo.

Que dez dos Linos Pereiras
Eu deixo de um em um.
Eu não sou feijão com casca,
Nem maxixe ou gerimun!... (10)

N

Não direi que não me peguem,
Nem que chumbo não me mate,
Mas se Lino me pegar
O demonio me arrebate,
Pois não sou sapo peiado
Que se pegue em qualquer parte.

P

Perseguio-me fortemente
O senhor Mané Victorino,
Todo cheio de orgulho
Num cavallo do Salvino;
Mas uma vez eu já fiz
Elle perder o destino.

Q

Quiz e pude me livrar
Das unhas de tanto lôbo.
Só não me pude livrar
Do demo da arma de fogo.
Se eu sei, não tinha nascido.
Eu só nasci foi de bôbo!

R

Rolando esse barulho,

(10) *Gerimum* — abobora.

Era só em que se falava.
Até o João da Velha Anna
Tambem disse que me pegava.
Coitadinho desse tôlo!
Que nem delle me lembrava.

T

Triste sou um bóde branco,
Ninguem melhor do que eu.
Zeferino e Manoel
Fizeram vez de judeu,
Me deram mais de dez tiros.
Nenhum delles me offendeu!

V

Voltavam elles p'ra traz,
Dizendo um para o outro:
— Não matamos aquelle bóde
Por arte do capirôto.
Como cousa que eu fosse
Ou grillo ou gafanhôto.

X

Xumbado, diziam elles,
Eu estava como renda.
São dois primos muito unidos,
Podem andar de encommenda,
Pois meu corpo estava limpo
Como peça de fazenda.

Z

Zangado, *seu* Maturino
Disse todo cheio de ira:

— Se eu fôr contra o bóde branco
Eu o trago na imbira. (11)
Quero mostrar a este povo
Como é que homem atira!

TIL

O til é lettra do fim,
Afindei o meu recorte,
O senhor Mané Maturino
Conferio a minha sorte,
Com espingarda de espolêta
Me deu a tyranna morte! (12)

A. B. C. da Pobreza

A

A pobreza neste mundo
Lamenta trabalhos seus.
Eu falo com causa justa,
Que tambem lamento os meus.
Resta-me só a esperança
Que o pobre é filho de Deus.

B

Bem sei que onde ha riqueza,
A prata, o ouro e o cobre,
A pompa e a fantasia,

(11) *Imbira*—corda de palhas de carnaúba.
(12) A memoria sertaneja perdeu já algumas estrophes deste a. b. c. Não pude encontrar as das letras I., K., O., S. e U.

A honra é o brazão do nobre.
Se hei de viver arriscado,
Prefiro antes ser pobre.

C

Coitado de todo aquelle
Que quer ter moeda forte
E se enche de orgulho e sobe.
Não penso assim, desta sorte,
Pois será sem resultado
Quando Deus mandar a morte.

D

Devemos amar a Deus
E abandonar a avareza,
Adorar com a fé mais pura
O autor da natureza,
Pensando ao mesmo tempo
Que no céo não vae riqueza.

E

Eu quero bem á pobreza,
Porque della sou irmão,
Embora ella me atraze;
Mas eu conheço a razão,
Pois que é herança minha,
Devido á culpa de Adão.

F

Feliz do pobre que soffre
Seus males com paciencia,
Com bôa resignação,

Com juizo e com prudencia.
O que soffre neste mundo
No outro Deus recompensa.

G

Grandeza neste mundo
Facilita a cada momento,
E' como a sombra da nuvem
Demuda-se com o vento.
Por ahi se reconhece
Que não é rico *omnipotento*.

H

Homem pobre cá na terra
E' tido como ninguem.
Segundo o rifão antigo,
Na terra vale quem tem.
Mas o que Deus tem p'r'o pobre
No seu tempo certo vem.

I

Ira-se um pobre na terra,
Perde da Gloria a esperança;
Seria a ultima cousa
Que tinha p'ra sua herança;
Perde tudo, nada lucra;
De que serve essa vingança?

J

Já falei no que sabia
Contra quem soffre pobreza.
Um pobre, filho de Deus,
Não precisa de riqueza;

Tendo thesouros no céo,
Para que maior grandeza?

K

Kalendario dos christãos,
Aberto, perfeito e puro,
Conselheiro da pobreza,
Caminho certo e seguro,
Luz para quem anda errado,
Clareza para o futuro!

L

Louvemos Deus de sermos pobres,
De gosto e de bôa vontade,
Trabalhemos pela fé,
Esperança e caridade,
Para vêr se nós herdamos
A feliz eternidade.

M

Maria sempre foi pobre,
Jesus nada possuio.
Seus tormentos dolorosos
Com paciencia cumprio.
Triumphante e glorioso
Nos altos céos *assubio*.

N

Ninguem fale por ser pobre,
Que fala contra a razão.
Ainda que Deus nos desse
A cada um um milhão

Tornava-se um embaraço
No caminho da salvação.

O

O trabalho mais horrivel
Que eu acho a soffrer
E' o trabalho do pobre,
E' querer e não poder;
Porem quem soffre por Deus
Tudo — nada vem a ser.

P

Pilatos foi grande homem!
Herodes, rei corôado!
Espelho de luz bem clara
Para quem vive enganado.
Porem todos nós sabemos
Qual foi o seu resultado.

Q

Quero ouvir alguem dizer
Porque me vejo atrazado,
Imagino ao mesmo tempo
Que ha muitos no mesmo estado.
Não sou só eu que padeço,
Com isto estou consolado.

R

Rico julga ser aquelle
Que tem bom regulamento,
Ama os preceitos divinos
E adora os dez mandamentos.

Se nesse mundo o desprezou,
No outro tem apozentos.

S

Só quero crêr, sendo pobre.
Que ha um Deus universal,
Que me livra de tentações,
Me purifica do mal
E me *separa* um cantinho (1)
Na Gloria Celestial!

T

Todo o homem fôsse rico,
Grande, nobre e poderoso,
Ficava o mundo composto
De avarento e de orgulhoso,
Tornando-se para o futuro
O tempo mais perigoso.

U

Um monarcha aqui na terra,
Um imperador, um sultão,
Um visconde ou um major,
Um duque ou um capitão,
Com a morte reduzidos
A cinza e poeira são!

V

Vê-se uma arvore revestida
De flôres arrodeada,

(1) *Separa* — reserva.

Dahi a pouco está despida
E pela luz dos sol ornada.
Por ahi se reconhece
Que riqueza não val nada.

X

Xaveiro que sois do céo,
Pedro ditoso e querido,
Vós que tambem fôstes pobre
Attendei nosso pedido,
Fazendo com que sejamos
Do bom Deus favorecido.

Z

Zombar deste A. B. C.
Feito e escripto por mim,
Se houver christão no mundo
Que o censure e ache ruim,
Esse ou vem de satanaz
Ou procede de *canhim*. (2)

TIL

O til é lettra pequena,
Ponto de interrogação,
Incluido neste A. B. C.
Escripto por minha mão.
Se com elle aggravo aos ricos,
A todos peço perdão!

---

(2) *Canhim*. Outra expressão que se não explica. Parece tratar-se do diabo: cão, capeta, capete, capirôto, canhêta e canhôto, como é chamado pelos matutos. Canhim é talvez uma outra forma, que desconheço.

A. B. C. da Sêcca dos dois Setes (*)

(1877)

(POESIA DE ANTONIO BAPTISTA DE MELLO, POETA PARAHYBANO, NATURAL DA VILLA DO TEIXEIRA)

INTRODUCÇÃO

Feito e escripto por mim,
Falo por mim contra todos,
Segundo meu máo estado,
Quem já fui e hoje sou,
Como me vejo tornado!
Tenho sido castigado.

A

Ando hoje feito triste
Como um pobre peregrino,
Soffrendo, envergonhado,
Da sorte o golpe ferino.
Se tudo della depende,
Devo cumprir meu destino.

B

Bens de fortuna não tenho
Para me remediar,
Quem me deve não me paga

(*) Este *a b c* não fala de tal sêcca, mas, como nella é que o cantador foi reduzido á pobreza, o povo assim o chama.

E a ninguem posso pagar.
Tenho pejo de pedir,
Muito medo de roubar.

C

Considerando na vida,
Não se pensa um só momento,
Sinto meu peito abrazado,
Meu coração sem alento,
Remorso na natureza,
Variar meu pensamento!

D

Dizem que o mesmo Deus
E' amante da pobreza,
Que uns vivem como pobres
E outros gozam de riqueza.
Deus abomina somente
A desgraçada avareza.

E

Eu padeço mais que todos,
Não tenho consolação,
Emquanto pude, fiz bem,
Falo com toda a razão,
Aquelles a quem mais fiz
Hoje desprezo me dão.

F

Figurei perante todos
Como sendo illustrado.
De camarada e amigo

Sempre fui bem visitado,
Dos melhores do logar
Onde vivia *socado*. (2)

G

Ganhei muitas amizades
Só pelos meus possuidos.
Aquelles que me occupavam
E que fôram bem servidos.
Hoje, elles passam por mim,
Fazendo-se desconhecidos.

H

Honrado só é o homem
Que bens de fortuna tem.
Amisade, — fiquei certo,
Só de adulação provém.
Um velhaco faccinoroso
Dizem que é homem de bem.

I

Infeliz eu tenho sido,
Mas não sou adulador.
Aqui mesmo eu conheço
Um homem rico e traidor,
Com faltas bem conhecidas,
Passando por bom senhor.

J

Jurar não é necessario,
Para falar a verdade,

(2) Recolhido.

Vejo com adulação
Muitos têrem amisade,
Vejo muita tyrannia
Em logar de santidade.

K

Kalice de cruel rigor
Com que hoje sou contemplado!
Tendo todos contra mim,
De todos sou desprezado.
Até pobres orgulhosos
De mim se têm afastado.

L

Lamentando a minha sorte,
Pelos transes que padeço,
A Deus eu peço soccorro,
Porem sei que não mereço.
Tenho que achar recurso
Na miseria de que careço.

M

Morto ando sem morrer.
Não se fala mais em mim.
No tempo em que eu podia,
Não me tratavam assim.
Eu já ando quasi morto,
Venha, morte, dar-me fim!

N

Não posso resistir mais,
Os meus passos são baldados.

Procuro, porem encontro
Todos os portos tomados.
Meu Deus, que será de mim?
Grandes são os meus peccados!

O

Onde estão os camaradas
Que me faziam festejo?
Como vivo na pobreza,
Fogem de mim, não os vejo.
Até os proprios parentes
Commigo falam com pejo.

P

Paciencia tive até hoje.
Ter mais? Não posso ter não!
Que a sorte me combate,
Conduz á desillusão.
Não ha desgraça maior
Do que viver na afflicção!

Q

Queria ter um logar
Para nelle residir,
Onde ninguem transitasse;
Eu sem vêr e sem ouvir;
Lamentando minha sorte,
Finalmente succumbir.

R

Rasgado hoje me vejo,
Descalço, de pé no chão,

Sem ter geito de comprar
E, se pedir, não me dão.
Como se póde viver
Em tamanha conclusão? (*)

S

Sociedade não vejo (**)
Perante a humanidade.
No mundo só val quem tem,
Esta é a pura verdade.
E já muito santarrão
Falta até com a caridade.

T

Todo aquelle que zombar
Deste meu penoso estado
Peça a Deus felicidade,
Para ser afortunado.
Se cair na indigencia,
Sabe o que é ser desgraçado.

U

Um só amigo me resta
De tantos por que fui cercado.
Conheço que é somente
Por ser elle delicado.
Muitos favores lhe devo,
Dos quaes lhe sou obrigado.

(*) Acabrunhamento.
(**) Sociedade por solidariedade.

V

Vejo a minha familia,
Soffrendo necessidade.
Eu, afflicto, sem poder,
Na mesma conformidade! (*)
Assim como Deus é servido,
Cumpra-se a sua vontade!

X

Xaropadas amargosas
Por vezes tenho bebido!
Boccados bem amargosos,
Calado, tenho comido!
Só Deus sabe o que padeço,
Soffrendo sem um gemido!

Z

Zeloso eu sempre fui
De compaixão e de amor.
Daquelles, que se encostaram
Em mim, consolei a dôr.
De muito bom coração
Sempre fui animador.

EPILOGO

Contricto, quero findar
Me lembrando do passado.
Eu só não sou peccador (**)

(*) Nas mesmas condições.
(**) Não sou o unico peccador.

Nem o ultimo culpado.
O que mais alto estiver
Pode findar desgraçado.

A. B. C. do Nicandro

(POESIA DO POETA PARAHYBANO NICANDRO NUNES DA COSTA)

A

A. B. C. cantae agora
A minha biographia,
Apontando aqui no Norte
Minha fulgente magia.
E me assista em todo tempo
Nossa Senhora da Guia!

B

Bom Deus e pae do meu ser,
Em uma era ditosa,
Em mil oitocentos e tanto
Era um cravo e uma rosa;
Crescendo, encontrei mudança,
Extranha e vagarosa.

C

Com dois mezes já falava,
Mostrando a intelligencia. (*)

(*) Esses prodigios dos meninos falarem, lêrem, prophetisarem muito cedo são de todos os «folk-lores» já um filho de Creso, rei da Lydia, prophetisou, segundo Plinio, aos seis me-

Os meus paes me creavam
Com perfeita paciencia,
Eu a ambos respeitando
Com a mais pura reverencia.

D

De seis annos, com bom gosto,
No trabalho me applicava.
Achei bôa a profissão;
Sem preguiça trabalhava,
Não sabendo meu porvir,
Nem para onde marchava.

E

Extranhando em minha vida
Essa sina maviosa,
Guiava-me a minha estrella,
Aurea fonte cuidadosa.
Guiava-me, parece, o fado
A' puberdade amargosa.

F

Fôram oitenta e oito annos (*)
De uma grande fartura,
Muito leite, muito queijo,
Muita carne com gordura.

---

zes de idade. Um outro tambem falou no berço, segundo a Vida de Santo Antonio; nos cantos catalães e provençaes ha traços identicos, diz o Visconde de Puymaigre. Entre os arabes ha outro que falou quatro horas depois de nascido!

(*) Refere-se ao tempo decorrido do começo do anno á sêcca de 1888 a 1889, como se verá da estrophe I.

No meio dos avexames
Acode um Deus da Natura.

G

Gozando quatorze annos
Em tão tenra mocidade,
No tempo da illusão,
Só vivia de vaidade,
Em passatempos profanos,
Um peralta em cega idade.

H

Hera um louco nesse tempo,
Tomei paixão de amor
E já sei que gosto tem
Já sei o que é pena e dor!
Triste daquelle que cáe
Nesse fogo abrazador!

I

Inverno no outro anno
Esperamos ,mas não veio.
Sim veio a necessidade
Nos botar um duro freio,
Fazendo ir buscar recurso
Lá onde fôsse menos feio! (*)

J

Já vinte annos contava,
Tive um desgosto mortal

(*) A emigração a que os sertanejos são obrigados nas sêccas em procura do littoral. Fazem a retirada. De onde *retirantes*.

E determinei-me a deixar
A minha terra natal,
Por via dum inimigo,
Para evitar tantos mal!

K

Kaim dos poetas antigos
Do tempo da idolatria,
Com Radhamanto e Eaco (*)
Por juizes de valia,
Só creio no Evangelho
Do Filho da Virgem-Pia!

L

Lembrai-vos de mim, ó Virgem!
E a padroeira Magdalena
Neste val de amarguras
Do seu servo não tem pena.
Nos dias de minha vida
Nunca vi peores scenas!

M

Mãe de Deus, mãe de doçura,
De mim tende compaixão!
Meu remedio, meu amparo,
Virgem, está em vossa mão.
Dos meus enormes peccados
Dae-me o ditoso perdão.

(*) Nicandro tinha certa instrucção bebida com os antigos professores de latim e rhetorica do sertão. Dahi estas reliquias de sceiscentismo sertanejo.

N

Não consintas que eu viva
Em estado semelhante.
Já conto vinte e dois annos,
Já passei de ser infante.
Tão moço em tanta afflicção,
Que dirá daqui por deante?! (*)

O

O presente eu estou vendo!
Que será o meu futuro? (**)
Neste valle de amargura
Não ha quem viva seguro.
Se Deus não guiar meus passos,
Não sei como andar no escuro.

P

Pego a pensar nesta vida! (***)
Neste mundo de enganos,
Vivem muitos libertinos.
Não se importam. São ufanos.
Deus tudo observa e vê
Nos mais intimos arcanos!

Q

Quem vive com os pés na terra
A tudo vive sujeito,
Ha de cumprir sua sorte.

(*) (**) E' preciso conhecer de *visu* o horror da sêcca para comprehennder o profundo sentimento destes versos.

(***) «Pego» — começo.

Olhem que isto é sem geito!
Feliz de quem traz a dita
De em paz morrer em seu leito!

R

Repouso na minha vida,
Não tive em pequena idade,
Soffrendo mil dissabôres
Em grande calamidade,
Sem encontrar uma éra
Que me dê prosperidade.

S

Se temos um anno sêcco,
Póde vir a ser peor.
Sêcca com epidemia,
Não ha castigo maior!
Nós só queremos no mundo
Escolher canto melhor.

T

Tenho bom comportamento.
Com o que Deus faz sobre a terra
Elle sabe o que está fazendo.
Deus é sabio, Deus não erra,
Sabe o que deve de haver:
A peste, a fome ou a guerra!

U

Usura, ré, é o tempo
De tu bem te aproveitar,

Dos objectos dos pobres
Por baixo preço comprar.
Quem morrer nesse peccado
Terá muito que penar!

V

Vejo as cousas como vão
E fico muito admirado:
A Nova-Seita vae andando (*)
De Estado para Estado.
O fim do mundo enganoso
Eu já vejo approximado!

X

Xirographia parece (**)
Obrigar a minha sorte.
Qual será a minha estrella
E qual será o meu norte?
E essa triste carreira
Será assim té á morte?!

Z

Zephyro, Borea e Notos (***)
Não me levem para o abysmo!

(*) Nova Seita — Protestantismo. Allusão á propaganda protestante no interior dos Estados do Nordeste.

(**) *Xirographia*. Certamente xylographia. No emtanto, não forma sentido. Parece que a difficuldade de achar uma palavra iniciada por x obriga o poeta a lançar mão dessa á tôa, si é que a tradição oral não corrompeu o sentido primitivo.

(***) Vide a nota sobre Radhamanto. Ainda o seiscentismo sertanejo. Mas as pessôas que sabem de cór este *a b c* no sertão não dizem Zephyro, Boreas e Notus, sim *Zephyro borras as notas*. E' assim que se perde o sentido original de muita coisa.

Peço a nosso eterno Pae
Que cesse esse paroxysmo,
Lavae todos os meus peccados
Benta agua do baptismo!

A. B. C. da Revolta de 1912, na Parahyba

(POESIA DE LAURINDO PEREIRA, O PIA', POETA DO TEIXEIRA, NA PARAHYBA)

A

Agora se revoltou
Herme em Rio de Janeiro, (1)
Com muita força e talento,
Como chefe verdadeiro.
Valente ou morre ou arriba, (2)
No Estado da Parahyba
Quer acabar cangaceiro!

B

Batalhão vive subindo, (3)
Cada hora, cada instante.
Já hoje contra o governo
Não ha mais quem se levante,

(1) *Herme* — o marechal Hermes, então presidente da Republica.

(2) *De arribar* — subir.

(3) *Subindo*. Allusão á remessa constante de forças para o interior perturbado da Parahyba. O sertanejo diz *subir* de quem demanda o sertão e descer de quem procura o littoral. Como os rios.

Nem os valentes guerreiros .
Quem foi ou é cangaceiro
Já hoje está sem garante. (4)

C

Combinaram dois Estados,
Parahyba e Pernambuco,
Vir de encontro a essa gente. (5)
E o rebate é o succo!
Vae-se vêr um bom serviço.
Quem entender menos disso
Ou está doido ou maluco!

D

Dei ordem a todo valente,
Alferes, sargentos, soldados,
P'ra fazer esse serviço.
Apois elles são mandados
No logar onde se encontram
Homens de *riffle* e punhal,
Que serão afusilados.

E

E' este o tempo chegado.
O *acto* agora está *séro!* (6)
Vão uns presos, outros mortos,
Isto quero porque quero!
Os que andam no cangaço

(4) *Garante* — garantia.
(5) Allusão ao convenio entre varios Estados do Nordeste contra o cangaceirismo, que, aliàs, não deu resultados.
(6) *Acto sero* — caso serio.

Têm de cahir neste laço:
Na cadeia ou cemiterio!

F

Faziam os cangaceiros
No mundo muita derrota; (7)
Juntava-se um grupo immenso
Sem temer nenhuma escolta.
Se vinha força do Estado,
Punham tudo em debandada,
Porque chegou a revolta.

G

Guerra foi annunciada.
Então, o grupo correu.
Por causa de muito aperto,
Quem não devia soffreu.
Já no primeiro ensaio
Houve um grande *esbandaio* (8)
E a maior parte morreu.

H

Horroroso estava o tempo!
Não havia mais respeito,
Apertavam rico e pobre,
Levavam tudo de *eito!* (9)
Parecia que este mundo
Era uma cousa sem geito.

(7) *Derrota* — maldade.
(8) *Esbandaio* — de esbandalhar.
(9) *Eito* — do eito da escravidão. Tratados todos como escravos.

I

Irado falou o chefe
Que a Parahyba governa!
Revoltou-se contra elles!
Muitos *encheram na perna* (10)
E não duvido que ainda tenha
Uns escondidos na brenha
Ou *socados* na caverna. (11)

J

Justamente é no que falo
E não perco este assumpto.
Hoje andam debandados,
Dizendo: — não me ajunto.
Tropeados, mortos á fome; (12)
Muitos mudaram de nome
Hoje se chamam defuntos...

K

Katucado pelas forças, (13)
Quando um pegam e têm nas unhas,
Para saber se é cangaceiro,
Apertam-lhe bem as cunhas.
P'ra os soldados os não matarem
Precisam que não são provarem
Com nove e dez testemunhas!

---

(10) *Encheram na perna* — deram ás de Villa Diogo, puzeram-se na perna, fugiram.
(11) *Socados* — mettidos.
(12) *Tropeados* — estropeados.
(13) *Katucados* — Difficuldades do K. De catucar.

L

Livrança tiveram todos
Do que fizeram em Patos. (14)
Mas veio nova sentença,
Todos ganharam os mattos.
Não têm para onde *fugi*
Os soldados são *suti*, (15)
Muito peores que gatos.

M

Mesmo assim, veio uma ordem
Levando tudo á escala, (16)
Seja pobre ou seja rico,
Se tiver crime não fala.
Foi preso, está sem futuro,
Antes de responder, juro,
Terá sentença de bala!

N

Nada têm o que fazer
Estão cercados a redor.
Cangaceiro e criminoso
Tem que ir tirar cipó. (17)
Não andam mais pelas ruas

(14) Allusão ao ataque e incendio de Patos, porque nâo foi ninguem punido.

(15) *Fugi* e *suti* — fugir e subtil: a prosodia serfaneja faz a rima.

(16) Uns depois dos outros: escalados.

(17) No Nordeste, os presos trabalham tirando cipó no matto para fazer cestas ou limpando as praças e ruas do matapasto.

Que as sentenças estão cruas
E vae de mal a peor!

O

Opprimidos, estão vendo
Na mais terrivel afflicção.
Por causa da má conducta
Estão nessa obrigação, (18)
Sem ter para onde correr.
A felicidade é morrer.
E de Deus haver perdão!

P

Perdoados podem ser,
Pela justiça divina,
Não por esta cá da terra.
Têm de cumprir sua sina.
Que por elles ninguem fala, (19)
Só cadeia, *réfle* e bala (20)
De Manulicha e carabina. (21)

Q

Quem se acha criminoso
Vive triste e descontente,
Por causa da obrigação (22)
Que ha hoje no presente.

---

(18) *Obrigação* — constrangimento.
(19) *Fala* — intercede.
(20) *Refle* — sabre-bayoneta Comblain das antigas policias.
(21) *Manulicha* — Mannlicher, primeiro fuzil do Exercito e hoje de algumas policias estadoaes.
(22) *Obrigação* — constrangimento.

A força não os garante
E esperam a cada instante
Morrer apressadamente.

R

Raro é o criminoso
Que a força hoje rodeia (23)
Que não vê se derramar
O sangue de sua veia.
Quando um é prezo, tudo diz
Que foi muito feliz,
Porque entrou na cadeia.

S

Succede ás vezes, por acaso,
Um receber voz de prisão,
Dando prova de seus crimes
Não fazer por prevenção. (24)
Esse não é desfeiteado,
Vae preso, porem honrado,
Porque lhe assiste razão.

T

Tendo commettido o crime
Só pela primeira vez,
Porque se vira aggredido
E assim obrigado fez,
Esse a força garante,
Porque tem attenuante
Pelos artigos da lei.

(23) *Rodeiar* — cercar, perseguindo.
(24) *Prevenção* — premeditação.

U

Um crime só é sem geito
Para quem vinga paixão,
Mata outro a sangue frio,
Sem motivo e sem razão.
E' castigado, porque erra.
E, pela justiça da terra,
Para elle ha prisão.

V

Veio a força do governo,
Tudo prompto e bem armado,
Espancando cangaceiro
E guarnecendo o Estado.
Falando de modo *séro*
De tudo quanto *quizero*
Era o tempo chegado.

X

Xilota, dando serviço, (25)
Matou gente até de *pisa*. (26)
Os terrenos duns p'r'os outros
Já hoje estão sem divisa. (27)
A força de Castro Pinto
Aonde vae não *alisa*. (28)

Z

Zangados contra o governo,

(25) *Xilota* — vadio.
(26) *Pisa* — pisadella e, por extensão, surra.
(27) *Divisa* — marco ou limite.
(28) *Alisa* — poupa.

Muitos em arma *pegou*,
Fazendo muito barulho
E causando grande horror.
Para provar os meus versos
As praças estão no *commerço* (29)
E os cangaceiros arribou. (30)

TIL

O til é lettra final,
Serve de composição,
Se alguem fez e eu falei
Com *motivo de razão*
E' porque poeta não deixa, (31)
E, se alguem de mim tem queixa,
A todos peço perdão! (32)

(29) *Commerço* — commercio. A rua das casas de negocio nas villas e povoados do interior ou o mercado. E' ahi que os cangaceiros, quando occupam um logarejo, passam o tempo a beber, jogar e fazer disturbios. Do mesmo modo procedem os soldados. Assim, quando um dos dois partidos alli se acha é que o outro foi derrotado.

(30) *Arribou* — arribaram, fôram embora.

(31) *Não deixa* — não esquece.

(32) Esta poesia se refere á grande invasão da Parahyba, em 1912, pelos bandidos de Santa Cruz, Neco Janucio, Dantas da Immaculada, Antonio Silvino, etc., a qual motivou a remessa de muita tropa estadoal e mesmo federal para o sertao. No fundo, o caso era politico.

Pelo Signal do Sertanejo

A fome está devastando
O Rio Grande do Norte;
E eu que estou perto da morte;
Pelo signal.

Se não chuver em geral
Logo no mez de Janeiro,
Não fica um só fazendeiro
Da Santa Cruz.

Eu por mim já me dispuz
A morrer de fome: é feio!
Mas de pegar no alheio
Livre-me Deus!

Aqui mesmo entre os meus
Pretendo a fome passar,
Porque me ha de ajudar
Nosso Senhor.

Elle que anda a favor
Dos mal arremediados,
Traz agora aperreados
Os nossos.

Mas hei de acabar os ossos
E no alheio não bolir,
Para não adquirir
Inimigos.

Desprezam-me os meus amigos
E, p'ra não perder a bola,
Vou dar p'ra pedir esmola
Em nome do Padre.

Se, implorando a caridade,
Não me matarem a fome,
Eu ainda peço em nome
Do Filho.

E se eu seguindo este trilho
Não me derem um só vintem,
Eu peço em nome tambem
Do Espirito Santo.

Se não me enchugarem o pranto,
Eu, que morrer não desejo,
Me mudarei para o Brejo,
Amen!

A fome faz com que,
Com a sua cruel sorte,
Eu esteja perto da morte
Pelo Signal.

Pelo Signal da Fome (1)

Se não chover em geral (2)
De janeiro p'ra diante
Morre gente a cada instante
Da Santa Cruz.

(1) Este Pelo Signal é uma var ant· d· primeiro.
(2) *Chover em geral* — chover no sertão todo.

Que matam mais que bexiga!
A essa gente persiga
Nosso Senhor!

Todo homem malfeitor
Merece grande castigo,
Pois elle é inimigo
Dos nossos.

Os cangaceiros mais grósso, (3)
Como Godê e Silvino,
Não se fazem do mofino
Inimigos.

Mas do alheio os amigos
Querem deixar-nos com fome.
Já se esqueceram do nome,
Do nome do Padre.

Se o governo por bondade
Livrar-nos delle não vier,
Damos-lhe os bens da mulher
E do Filho.

Quando apparece um caudilho,
Ameaçando o sertão,
Só temos a protecção
Do Espirito Santo.

(3) *Grossos* — graúdos.

Vamos procurar um canto,
Onde não vá cangaceiro
P'ra guardar nosso dinheiro,
Amen!

Ao futuro presidente
Offerecemos, então,
O nosso *pelo signal*,
Que serve de petição.

Pelo Signal da Beata

— Comadre, conhece o Junot? (1)
— Eu nunca o cheguei a vêr
— Pois o podia conhecer.
— Pelo signal.

— E' francez o general,
Impostor e usurario,
E ainda mais adversario.
— Da Santa Cruz.

— Santo nome de Jesus!
E não haver quem dê cabo
De semelhante diabo!
— Livre-nos Deus.

---

(1) Junõ, Junote e Jinote são os modos de pronunciar do vulgo.

Que matam mais que bexiga!
A essa gente persiga
Nosso Senhor!

Todo homem malfeitor
Merece grande castigo,
Pois elle é inimigo
Dos nossos.

Os cangaceiros mais gróssos, (3)
Como Godê e Silvino,
Não se fazem do mofino
Inimigos.

Mas do alheio os amigos
Querem deixar-nos com fome.
Já se esqueceram do nome,
Do nome do Padre.

Se o governo por bondade
Livrar-nos delle não vier,
Damos-lhe os bens da mulher
E do Filho.

Quando apparece um caudilho,
Ameaçando o sertão,
Só temos a protecção
Do Espirito Santo.

---

(3) *Grossos* — graúdos.

Vamos procurar um canto,
Onde não vá cangaceiro
P'ra guardar nosso dinheiro,
Amen!

Ao futuro presidente
Offerecemos, então,
O nosso *pelo signal*,
Que serve de petição.

Pelo Signal da Beata

— Comadre, conhece o Junot? (1)
— Eu nunca o cheguei a vêr
— Pois o podia conhecer.
— Pelo signal.

— E' francez o general,
Impostor e usurario,
E ainda mais adversario.
— Da Santa Cruz.

— Santo nome de Jesus!
E não haver quem dê cabo
De semelhante diabo!
— Livre-nos Deus.

---

(1) Junõ, Junote e Jinote são os modos de pronunciar do vulgo.

— Os malignos dos judeus,
Segundo o que se tem visto
Não fizeram tanto a Christo.
— Nosso Senhor.

— Tomára eu por favor
Que os seus perfidos soldados
Andassem bem separados.
— Dos nossos.

— Não ha quem lhe quebre os ossos
Já que trouxe cá o vil
Mais de cincoenta mil.
— Inimigos.

— Temendo acaso os perigos
Dos que lhe não fazem mal,
Até obteve a Pastoral.
— Em nome do Padre.

— Olhe, senhora comadre,
O pae viveu de roubar:
O que havia, então, a esperar
— Do filho.

— Faz sem pejo o peralvilho
De todo convento praça:
Paulistas, Jesus e Graça.
— E do Espirito Santo.

— Não haverá quem a um canto
Lhe dê estalo tão forte
Que o ponha ás portas da morte?
— Amen! (2)

LISTA DOS MAIS ESPALHADOS «PELOS SIGNAES»

1. Pelo Signal do Sertanejo
2. Pelo Signal da Fome
3. Pelo Signal dos Cangaceiros
4. Pelo Signal da Beata; contidos neste volume.
5. Pelo Signal do Bico Real, publicado incompletamente por Sylvio Romero nos «Cantos Populares».
6. Pelo Signal de Luiz do Rego, publicado por Pereira da Costa no «*Folk-Lore* Pernambucano».

---

(2) Este Pelo Signal é de pura origem portugueza. Deve ter vindo para o Brasil com D. João VI. Ficou desde então perdido e isolado no seio das populações nordestinas. Figuram-se nelle duas comadres conversando sobre o general francez, emquanto ao lado uma beata faz o Pelo Signal. E' regularmente feito e não foi quasi corrompido pelo tempo. O illustre escriptor portuguez Raul Brandão, no seu interessante e documentado livro sobre a invasão de Portugal pelos francezes, «El-Rei Junot», dá em appendice varios especimens de producções do «folk-lore» lusitano sobre este periodo. Não cita, porém, esta. Talvez a sua memoria, guardada no Brasil, se tenha perdido em Portugal.

g)

ANTHOLOGIA

Classicismo sertanejo

As poesias amorosas dos sertões de Nordéste têm um pronunciado sabor classico na sua fórma e nas suas comparações, sabor esse herdado da ascendencia lusitana e que se mantém puro, apesar da mestiçagem das tradições em verso. A memoria collectiva repete-as hoje, sem se lembrar mais de quem as creou. Mas a simples observação das referidas poesias é sufficiente para se colligir que fôram escriptas em outros tempos por gente de certa instrucção, talvez alumnos ou mesmo professores dos velhos seminarios do sertão ou das aulas de latim e rhetorica, fundadas pelos jesuitas e mantidas até mesmo officialmente, durante um certo tempo. Dahi, a gente ouvir com verdadeiro pasmo sahir dos labios de um simples violeiro quadras como esta:

Na Relação de Cupido
Eu fui desembargador,
Mas não me lembra ter dado
Sentenças contra o Amor...

Depois que esses seminarios e essas aulas das casas dos padres morreram, nunca mais o sertanejo

teve outra fonte de instrucção, além da escola publica primaria, com a sua professora sem estimulo, mal paga e sujeita ás remoções impostas pela politicalha, com a sua eterna carencia de material e com o seu limitado e mal administrado ensino. Nunca mais as gentes sertanejas tiveram quem lhes ensinasse latim [illegible]m as familiarizasse com os classicos. Portanto, [illegible] appareceram poetas eguaes aos dos tempos [illegible] Os raros que surgem recorrem á imitação dos seus maiores.

Foi, certamente, desses que proveiu aquelle curioso A. B. C. do Frade, a interessante poesia «O Inverno» e as admiraveis *decimas* das paginas 41, 42 e 44, publicadas pelo sr. Rodrigues de Carvalho, no seu livro «Cancioneiro do Norte». São dessa origem as poesias que damos aqui, talvez os exemplares mais curiosos desse curioso periodo litterario sertanejo, para sempre morto.

O BEIÇO DO MEU AMOR

O beiço do meu amor,
Nem alfenim, nem cidrão,
Nem doce de marmelada,
Nem batata, nem queijada,
Nem a maior perfeição,
Nem cheiro da melhor flôr,
Nem o mais fino sabôr
Do que da Europa vem,
Não tem o gosto que tem
O beiço do meu amor!

Essa doçura do labio amado deu sempre origem, em todos os «folk-lores» do mundo, a cantos e trovas. Nenhum poeta que a tenha provado a esquece, no Nordeste ou na Africa, na Asia Central ou no norte da Europa. E não se contém, perpetúa o assucar da bôcca desejada nas suas producções, ao som das cordas do seu instrumento preferido, por noites de luar, quando os amigos se reunem á porta da cabana ou da tenda. Os versos sertanejos do Beiço do meu Amor vêm de velhas coplas andaluzas, essas mesmas originarias de cantigas sicilianas, coplas andaluzas que passaram por terras de Portugal e de lá emigraram para o interior do Brasil. O sr. Lafuente recolheu a idéa original entre os troveiros marroquinos.

Eis, em prosa, o que em versos arabes cantava um poeta popular do Maghreb:

«Não ha bôcca egual á tua! A doçura da tua bôcca é a doçura do mel e nos teus labios risonhos ha ambar, ambrosia e assucar!»

Na maioria, as producções de sabor classico antigo do sertão revestem a fórma de motes e glosas, os primeiros em dois versos e as segundas em uma decima, ou os primeiros em quatro versos e as segundas em quatro decimas. A ultima fórma é mesmo mais commum que a primeira.

MOTE

Justos céos, por que me déstes
Uma alma capaz de amar?

GLOSA

Si homem vós me fizestes,
Podendo fazer-me um gato,
Beiços grossos, nariz chato,
Justos céos, por que me déste?
Uma pelle me puzestes
Côr da noite sem luar
A qual me priva casar
Com uma branca que me atiça;
Dar-me, pois, foi injustiça
Uma alma capaz de amar!

Reza a tradição matuta que estes versos fôram feitos por um negro que amava uma branca, que o atiçava sem lhe dar esperanças de casamento, antes mofando delle quando mais lhe sentia a paixão accesa. Accrescenta mais a tradição que esse preto era um excellente poeta, autor de outras producções perdidas, em nada inferiores a esta. Ora, se assim foi, creio que ninguem admittirá que, por mais talento que tivesse, esse preto não houvesse passado pelas aulas das casas dos padres.

Vejamos alguns motes e glosas de quatro decimas, até hoje ainda não publicados pelos collecionadores de producções folkloristicas no Brasil:

MOTE

Quebrar ferros, romper brenhas
Não acho ser valentia,
Valente é meu coração
Por te amar, cruel impía!

GLOSAS

Duras correntes quebrei,
Arrastei grossos grilhões,
Destrui fortes prisões,
Mil cadeias rebentei!
Tudo fiz e mais farei
Para que a meus braços venhas!
Pensando que tu não tenhas
Um coração firme e perfeito,
Pretendo por teu respeito
Quebrar ferros, romper brenhas.

Dahi subirei aos ares,
Entrarei dentro do céo,
Rasgar-lhe-ei o proprio véo;
Depois, lançar-me-ei aos mares,
Vou aondé me mandares;
Irei ter mão á Turquia,
Valido do meu escudo!
Inda fazendo isto tudo,
Não acho ser valentia.

Nem o mais fero gigante,
Nem Ferrabraz e Oliveiro
Com seu exercito inteiro
Têm *talento* semelhante!
Eu digo de instante a instante
E teimo pela razão,
Nem Carlos Magno e Samsão,

Nem Roldão com sua gente,
Nada disso é ser valente,
Valente é meu coração!

Farei a terra tremer,
O rochedo se arrasar,
Sol e lua escurecer,
Todo o mundo se acabar!
O mais que possa fazer,
A noite tornar-se em dia!
Pela tua tyrannia
Meu talento se occulta,
Meu coração tem a culpa
Por te amar, cruel impia!

No gosto classico desta poesia, ha duas cousas que tráem perfeitamente o sertanejo: *talento,* empregado na terceira decima como valor, força, e as rimas tão ao sabor da prosodia matuta de *ulta* e *culpa.*

MOTE

Deixa-me, triste cuidado.
Da minha lembrança vôa
Deixa esquecer esta ingrata,
Esta féra, esta leôa!

GLOSAS

Memoria, triste memoria,
Lembrança, triste lembrança,
Não me envie esta esperança,

Pintai-me esta triste gloria!
Foi sonho, illusão, historia,
Foi triumpho já passado,
Que o amor imaginado
E' uma pura mentira;
Não me provoques mais ira,
Deixa-me, triste cuidado.

Deixa-me viver contente,
Com discretas phantasias,
Lembrança de alegres dias,
Vai-te embora, deixa a gente!
Pensamento decadente
Que anda no mundo á tôa,
Já não me lembra a pessôa
A quem amei com engano,
Attende meu proprio damno,
Da minha lembrança vôa!

Vai para onde nunca mais
Me dês um leve tormento,
Vai para onde o vento
Leve os écos de meus ais,
Lá naquelles arraiaes
Onde de amor se não trata,
Aonde qualquer se jacta
De abandonar a Cupido,
Vai, pensamento querido,
Deixa esquecer esta ingrata!

Deixa esquecer esta impía,

Esta cruel, esta infame,
Esta não sei como chame,
O sumo da ironia;
Esta que da tyrannia
Tem sceptro, tem throno e corôa,
Esta que a mim me consome,
Esta a quem não sei o nome,
Esta féra, esta leôa!

Esta outra poesia é ainda de feição mais romanticamente classica do que as outras. Ella tem mesmo o Cupido, que os poetas do momento não podiam esquecer. E, para terminar, uns versos originaes do cantador Manoel Vieira do Paraiso, em que a lembrança dos estudos dos seminarios e das aulas de rhetorica e latim já se perde, misturada á propria veia sertaneja especial do trovista:

CANTIGA DE MANOEL VIEIRA

Da terra o movimento
Diurno é de rotação;
Tambem o de translação
Não pára um só momento,
Segue sempre em andamento,
Tendo seu eixo por guia;
E' egual á theoria
Do tal movimento ao meu;
Manuel Vieira nasceu
Com veia de poesia!

Assim como o polo arctico
Do calor tem pouco zelo,
Vive coberto de gelo,
Egualmente o Polo Antarctico,
Assim faz o homem pratico
Com a força que Deus lhe envia,
Como luz que alumia
E que nunca escureceu;
Manuel Vieira nasceu
Com veia de poesia!

E' sobremaneira interessante esta mistura sertaneja de «folk-lore», classicismo e geographia. Sobremaneira interessante e digna de nota.

Satyras e motejos

Não conheço nada mais terrivel nem mais profundo que a satyra popular dos sertanejos de Nordeste. Talvez porque sua vida é uma epopéa de resistencia e de dôr. Com uma ironia percuciente, com uma finura que transparece atravéz os versos rudes dos cantadores, elle zomba dos governos e dos homens. Ridicularisa a vaccina obrigatoria, o serviço militar, todas as medidas administrativas que lhe chegam em casa somente para restringir sua immensa liberdade, unico thesouro que possue na sua região assolada, sem estradas de ferro ou de rodagem, sem instrucção e sem justiça. Mas onde os motejos as-

sumem maiores proporções é nas cantigas a proposito dos impostos que paga e de cuja applicação é quem menos goza. Nunca houve povo que amasse o imposto. O sertanejo não faz excepção á regra geral.

Quasi sempre, as longas poesias do sertão que procuram zombar de qualquer facto ou de qualquer individuo tomam a forma de dialogos. Essa forma era muito commum na litteratura popular medieval. O sertanejo chama-a debate. Em Hespanha e Sicilia ha varios poemetos populares, figurando um dialogo entre a alma e o corpo. Essa forma litteraria está até apontada por Van Gennep e outros folkloristas scientificos no capitulo dos phenomenos de «megalosia» ou exaggero imaginario de todos os povos incultos em torno deste ou daquelle caso.

Vejamos uma poesia sertaneja de satyra aos impostos e áquelles que os recebem. E' de Manoel Vieira do Paraiso, cantor popular parahybano:

O PROCURADOR DO IMPOSTO

Vamos todos, meus senhores,
Nossos defeitos evitar,
Emquanto a misericordia
Nos convida a abraçar,
Pois adeante ella se ausenta
De quem hoje a desprezar.

Apresenta o narrante facto,
Que a ninguem se afigura,

A morte bem desgraçada
Que teve uma creatura,
Segundo a ella assistio
O frade José Pintura.

A freira Joanna Me Esquece,
Nessa mesma occasião,
Igualmente com o frade
Teve a mesma visão.
Ambos ficaram espantados,
Mudaram até de feição.

No anno de zero e oito,
A vinte do mez de agosto,
Ou dentro de Mamanguape,
Ou perto do seu encosto,
Morreu bem desesperado
Um procurador do imposto!

Um parenthesis. Curioso o anno de zero e oito. O sertanejo costuma appellidar os mezes e os annos de maneira interessante. Ha o «mez da férra», o «mez de mutuca», o «mez da chuva». Do mesmo modo, o anno de 1877 é o dos «dois setes», o de 1888 o dos «três oitos» e os de 1901 a 1909 os de «zero e um a zero e nove».

Esse infeliz exercia,
Com procedimento vil,
Sendo mesmo alem de tudo

Bem traiçoeiro e subtil
O logar em que de pragas
Recebem-se vinte mil!

Optima a observação de que os funccionarios do fisco são cobertos de pragas. O seu cargo é chamado mesmo no sertão — «o logar das pragas».

Esse homem era odiado
De negociante e matuto.
Collectava gente á força
Com muito grande insulto.
Tinha o coração de fera
E pratica de bicho bruto!

A's dez horas da manhã,
Esse infame agonisou.
Só chamando pelo diabo,
Com quem depois se achou.
A's onze horas e meia
Veio a morte e o levou.

Na noite do mesmo dia,
A tal freira e o tal frade
Tiveram em sonho o mysterio
Que estavam na Eternidade,
Vendo os castigos tocantes
Contra a usura e a maldade.

Viram a alma do procurador

Que a Deus se apresentava!
Viram o anjo da sua guarda
Que as costas lhe mostrava!
Ouviram a voz do Eterno,
Que a alma condemnava!

Então, falava São Pedro,
Que do céo é o chaveiro:
— Ide já para o Inferno,
Usurario, interesseiro!
Procurador de imposto
Não quero no meu terreiro!

Os homens fazem de accordo com os seus gostos e costumes o seu céo. O dos mahometanos é um grande harem. O dos germanos era um castello cheio de guerreiros. O dos indios era um paiz de caçadas faceis. O do sertanejo tem, como as casas das fazendas, o seu classico «terreiro», pateo limpo, ensombrado de arvores.

A triste alma descia,
Afflicta, se lastimando.
Fala-lhe assim o diabo:
— Quem está ahi prosando?
Que faz que não entra logo?
Quem é que a está empatando?

— Eu fui um homem no mundo
Na Mesa de Rendas empregado.

Diz o diabo: — Eu já sabia!
O negocio está damnado!
Você só entra no inferno
Depois de ser collectado!

Nunca houve castigo que mais agradasse á alma do povo, em todas as edades, do que a pena de talião. Olho por olho, dente por dente é o ideal da justiça popular. Dahi o prazer que se nota nessa satyra, uma das mil manifestações da *vox populi* do sertão, de castigar logo da primeira vez o collector de impostos, fazendo-o pagar, depois de morto, esses mesmos impostos, que tão avidamente cobrára em vida.

O diabo chamou o Coxo,
Que é do inferno o collector.
A alma, toda tremendo,
Exclamou: — E' um horror!
Diz o diabo: — E' teu exemplo
E é só o principio da dôr!...

A alma triste, afflictissima,
Desesperada, exclamava
Que se sujeitava a tormentos,
Mas que se não collectava.
— Diziam assim os pobres,
Porem você os obrigava!

A alma, então, respondeu:

— Sem dinheiro aqui estou.
E respondeu o diabo:
— Vá buscar o que roubou.
Você dos pobres no mundo
Nunca um tostão perdoou.

Disse a alma: — Desespero
Somente em imaginar!
Disse o diabo: — Que importa!
Póde você se damnar!
Quero dinheiro por força,
Venha para se collectar!

— Não ha mais santo que valha
A uma infeliz creatura?!
Respondeu-lhe o diabo:
— Santo aqui não faz figura.
Os santos até têm nojo
De quem in posto procura!

Disse a alma: — Que attaque!
Antes não fôsse nascida!
O' maldita Eternidade,
Tão horrorosa e temida!
Disse o cão: — A tua gloria
Gosaste na outra vida...

Collectou-se e estampilhou-se,
Com grande tormento e horror;
Os diabos a agarraram,

Com grande ira e furor;
Lançaram ella no poço
Do fogo devorador!

Disse a alma: — Maldita seja
A hora em que eu nasci!
Respondeu-lhe o diabo côxo:
— Vá cantando agora ahi!
Disse o Maioral: — E' pouco!
Tanto que nem senti!...

— Eu bem podia ter tomado
Conselho do meu vigario.
Disse o cão: — Não te empatei
De seguir o breviario...
O Maioral caçoou:
— Canta, canta, meu canario!...

— Maldito quem concorreu
Para eu cahir numa destas.
Disse o diabo: — Cuidado!
Com a estampilha da testa!
Embora você derreta,
Cuidado! Não queime esta!...

Não conheço no cancioneiro popular de povo algum satyra mais bem feita do que esta. O traço cruel e subtil do cuidado com a estampilha da testa é verdadeiramente delicioso! O troveiro vae levar a alma a maldizer o imposto que lhe sustentou o corpo em vida.

— Maldito seja o imposto!
Exclama a alma tambem.
Respondeu-lhe o cão côxo:
— Você canta muito bem!...
O Maioral disse assim:
— Bom peito o que você tem...

— Quem me dera um momento
Que eu ao mundo voltasse!
Disse o diabo: — Era bom
Que teus parceiros avisasses,
Para que deste manjar
A raça não participasse?...

— Malditos o pae e a mãe
Que a mim me deram o ser!
Disse o diabo: — Que graça!
Como aprendeu a dizer!...
Accrescentou o Maioral:
— Inda mais tem de aprender...

— Eu bem podia ter feito
Desculpas e penitencia.
Disse o diabo: — Tardia
A tua reminiscencia!
Tu, engolfado nos roubos,
Perdeste toda innocencia!

Déram-lhe os *cãos* a beber
Fel e enxôfre derretidos,

Ficando todos seus membros
Em chammas submergidos.
Mordia-se, despedaçava-se
Com os mais horriveis rugidos!

— O' quão caro me custou!
Não ha mais paz que me acceite!
Diz o diabo: — Foi barato
O preço do teu azeite.
No mundo prendeste bezerros,
Aqui bebes deste leite.

Para bem se comprehender o remoque desta frase final mister se faz uma explicação. Afim de poder tirar o leite das vaccas pela manhã cedo, os vaqueiros deixam os bezerros mamar um pouco á tarde, prendendo-os em seguida a noite inteira. Os pobres animaesinhos têm fome de seis da tarde ás seis da manhã, e o leite accumulado nos uberes das vaccas serve para os fazendeiros. Dahi a intenção do verso, mostrando que o agente do fisco deixára na terra muita gente com fome, tendo-se locupletado com o que lhe tirára.

Disse a alma: — Que padecer
Soffro eu eternamente!
Disse o diabo: — No deposito
Das fructas de ruim semente...
O Maioral affirmou:
— Quem fala assim não mente...

Será possivel appellação mais caracteristica, regional, original e ironica do que essa dada pelo matuto ao inferno: «deposito das fructas de ruim semente?»

— O' desengano terrivel!
O' que tamanha desgraça!
Respondeu-lhe o diabo:
— Nunca vi tão grande graça!
Todo o que fôr como fôste
Pelo mesmo gosto passa!

Nisto concordou o frade,
Dando ao negocio apreço,
Juntamente com a freira:
— Com isto não esmoreço.
Vou manifestar em publico
O sonho máu que conheço.

Uma verdade tão clara,
Comtudo faz bem desgosto
Que nella não acreditem

Os procuradores de imposto.
Antes pelo contrario:
Se a ouvem, viram o rosto.

Outro, assim, illudido
Pelos laços de Satanaz,
Diz que não é responsavel

Das injustiças que faz.
Até accrescenta assim:
— Destas culpas manda mais...

Como têm liberdade,
Continuam assim dizendo,
Augmentando sua riqueza,
Os ordenados crescendo.
Mas a morte os vae levando
E o inferno vae se enchendo!...

Quem cumpre com o que Deus manda
E expira na sua fé,
Seu cofre, sua riqueza
Na mão de Deus está de pé;
Mas quem seguir o contrario
Sabe o caminho qual é...

Essa «Emergencia do Diabo com o Procurador do Imposto», como a intitulou o seu autor, é um «rimance», comparavel pela sua ironica feição, pela espontaneidade da sua satyra a qualquer poesia popular no mesmo sentido dos antigos trovistas europeus, desde as renascenças parciaes de Carlos Magno e Oithão o Grande, até á época da Pucella e mesmo posteriormente. Não lhe encontro nenhum caracteristico de inferioridade.

Outra poesia no mesmo genero e digna tambem de nota é a que troça do sorteio militar, da sua applicação e das fraudes postas em pratica pelos conscriptos para escaparem ao serviço da nação.

Alerta! rapasiada!
O tempo não está de graça!
Moço, velho, cégo, e côxo,
Tudo agora assenta praça,
Bispo, e vigario collado
Vai tudo ao «páo de fumaça...»

Para que fazer soldado
De velho, cego e menino?
Está sem sal o mercado,
Róe a porca e quebra o pino?
Vamos vêr se alistarão
Um como Antonio Silvino!

Eu viajei para o norte
E vi um pobre aleijado;
Disse-me o visinho delle:
— Aquelle está alistado,
Mas para que serve aquillo?
Perguntei ao delegado.

Então, elle respondeu-me:
— Esse não pode escapar,
Só anda de quatro pés
E comtudo pode andar!
A patria tem precisão
De gente para rastejar...

Outro tem um filho doido,
Com uma perna cortada;

Disse-lhe o delegado:
— Você vae, meu camarada,
Tem-se precisão de doido,
Que é para atirar pedrada...

Disse o pae do pobre doido:
— Que faz na guerra este tôlo?
— Cahio-me na rêde é peixe
E o que sahir vae no bôlo.
Loucura não é defeito.
Ninguem briga com o miôlo...

Como vou eu sem ter pernas?
Perguntou um ancião.
Respondeu-lhe o delegado:
— Vai na corcunda de um são,
Um leva você nas costas
E a espingarda na mão.

Um velho caximboseiro,
Que *tem* ali no agreste,
Até eu disse ao juiz:
— Aquelle queira Deus preste.
Disse o juiz: — vai tambem,
E leva o caximbo mestre...

Tinha um filho uma viuva,
Sendo uma pobre mulher,
Disse ao filho: — ora, meu filho!
O governo não te quer.

O juiz disse: — este eu levo,
Arrume outro se quizer.

E, se não estou enganado,
Os padres tambem irão,
E ha de ficar bonito
Um padre com cinturão;
Naquella batina preta
Fica de luxo o latão!...

Disse um sertanejo velho:
— Não vou, venha quem quizer;
Compro a praça, embora gaste
Todos os bens que tiver,
Vendo as bêstas das meninas...
E o melado da mulher...

E' assombrosa toda a veia satyrica destas sextilhas rimadas por um pobre sertanejo perdido a mais de cem leguas da civilisação do littoral! E as que se seguem não lhe são em nada inferiores.

Disse-me certa mocinha,
Que em nossa casa vae,
Ella disse lá em casa:
— Tudo está dentro e não sae...
Não quizeram dispensar
Nem o porco do papae...

Até a meu irmão mais velho,

Que quebrou o espinhaço,
Furou o olho direito
E o doutor cortou-lhe um braço,
Disse o juiz: — você vae
Embora falte um pedaço!

Disse o juiz: — uma arvore
Se corta e deixa-se o tôco.
Ella cria novos galhos,
Fructifica e não é pouco.
Um homem, cortando um braço,
Briga bem com o cotôco...

A lei exige que, ainda
Estando morto e enterrado,
Arranque-se o esqueleto,
Para ser inspeccionado.
Quando nada, o povo diz:
— Isto é ôsso de soldado!...

Uma velha tem um filho,
Que é feio que só perigo.
Perguntou ao se alistar:
— Que faz a praça commigo?
Disse o juiz: — gente feia
Faz assombrar o inimigo!

E não escapa ninguem,
Vai tudo a sóla de vacca,
Está o Brasil imprensado

Entre a porca e a macaca!...
E o governo, bem quieto,
Dizendo: — Philippe ataca!...

O governo está dizendo:
Quem não gostar, coma menos!
Vá fazer queixas ao Bispo,
Faça os bocados pequenos!...
Felizmente, eu já sou grande,
Não tenho medo de acenos...

Zé Churumella já disse:
— O governo me sorteia,
Eu pego minha mulher
Vou liquidal-a na peia,
Fico livre do sorteio,
Morra embora na cadeia.

E pegou Chica Tutano
Metteu-lhe o páo sem receio,
Um visinho inda lhe disse:
— Não faça isso, que é feio!
Disse Churumella: — isto
E' dose para o sorteio...

Dizia Chica Tutano:
— Viram que historia damnada?
O diabo dessa lei
Não veio mesmo envergada?
Alistaram meu marido,
Eu é que fui sorteada...

O brasileiro se torce
Mais do que um parafuso,
A sécca aperta do norte,
Do sul aperta o abuso,
O imposto bota na prensa,
O sorteio acócha o fuso!...

João! dizia um sertanejo,
O mundo agora faz dó,
Se tu caisses no sorteio,
Eu, para não ficar só,
Dava por você ao juiz
A burra de sua avó...

Quiz dar meu cavallo russo,
Elle não quiz receber,
A bêsta de tua mãe
Elle podia querer;
Mas assim quem carregava
Milho para nós comer?...

Meu pai respondeu: — João,
Dindinha fica damnada,
Inda hontem ella me disse
Que a burra é muito estimada
Ella mamou em dindinha,
E' quasi sua enteada...

Eu sei, com toda certeza,
Que queira Deus ella acceite;
O negocio já está feito,

Mas queira Deus se aproveite,
Aquella burra e mamãe
São duas irmãs de leite...

— Meu filho, dizia o velho,
Isso não quer dizer nada.
Eu direi á sua avó,
Se acaso fi[illegible]assada:
— Comadre, faça de conta
Que eu vendi minha cunhada.

Vejam lá que sacrificios
Neste mundo se têm dado!
Que quantidades de lagrimas
Já não se têm derramado!
Só fica quem fôr doutor,
O mais tudo é confiscado.

Este admiravel poemeto, rescendendo a sertão, não carece de commentarios. Vejamos ainda outro exemplo da poesia satyrica sertaneja. Este lembra até, sobre as mulheres, as opiniões de Anatole France exaradas na «Ilha dos Pinguins». Eil-a:

AS MOÇAS SOLTEIRAS

Queira prestar-me attenção,
Linda gente brasileira,
Quero contar-lhes, senhores,
A vida da moça solteira.

Das meninas de um anno
Nada tenho que contar,
Que só querem dormir,
Beber, comer e mamar...

As de dois e de tres annos
Uso de razão não têm.
Comendo, enchendo a barriga,
Todo o mundo lhe vae bem.

As de dez e onze annos,
Já querem andar vestidinhas,
De camisinhas de rendas,
Calçadas de chinellinhas.

As de seis e sete annos
Já pegam a tomar zelo.
Gostam de andar promptinhas
E amarrar seus cabellos.

As de oito e nove annos
Gostam de bellos brinquedos.
Com bonecos e bonecas
Fazem seus bellos folguedos.

As de dez e onze annos
Quando vêm alguma gente,
Numa festa, numa missa,
Ficam alegres e contentes...

As de doze e treze annos,

Quando pegam a se enfeitar,
Olham logo para os moços,
Com vontade de casar...

As de quatorze e quinze annos
Aprendem bellas modinhas,
Quando vêm os moços cantam
Nas salas e camarinhas.

Moças de dezeseeis annos
Já têm varios pensamentos,
Pensam á noite, acordadas,
Imaginando casamentos...

As de desesete annos
Trazem a cabeça confusa.
Só querem andar á moderna
Do bom uso que se usa.

As de dezoito annos,
Ainda na flôr da idade,
Só querem andar á moderna
Com tudo que é vaidade!

As de dezenove annos
Trazem o juizo tonto,
Só querem achar quem as queira,
Estão já com tudo prompto ...

As moças de vinte annos

Já comsigo consideram:
— Eu estou ficando velha,
Não sei meus paes quem esperam...

As moças de vinte e um
Fazem consigo a idéa
De que as outras mais moças
Já as estão chamando *véias*... (1)

As de vinte e dois annos
Já vivem desconfiadas,
Vendo as outras mais moças
Ha tempo estarem casadas...

As de vinte e tres annos,
Quando vão a um casamento,
Que vêm as outras casar,
Só Deus sabe o sentimento!...

As de vinte e cinco annos
Vão logo para o convento.
Se são pobres, se são feias,
Não acham mais casamento.

As de vinte e seis annos,
Se não têm bôa oração
Com uma santa milagrosa,
Affirmo — não casam não!

(1) Velhas. O sertanejo pronuncia o *v* inicial como se fosse aspirado.

A de vinte e sete annos
Toque logo para o convento.
Sendo pobre, sendo feia,
Não acha mais casamento.

A de vinte e oito annos
As suas queixas relata,
Porem dou-lhe um bom conselho:
Que vá logo ser beata...

A de vinte e nove annos,
Se é pobre ou se é feia,
Essa posso affirmar
Que ficará sem *pareia*... (2)

A de trinta annos completos
Se é bonita, se é rica,
Essa posso affirmar
Que solteira é que não fica...

Porem se casar com um moço,
Por via de oiro e prata,
Se é vadio gasta tudo
E por fim despreza a gata...

As que têm quarenta annos
Já se chamam de flôr murcha,
Chama-se velha, titia,
Demente, caduca e bruxa...

(2) Parelha.

De certo tempo a esta parte, missionarios de egrejas e confrarias protestantes norte-americanas têm fundado capellas e estabelecido nucleos religiosos nas capitaes dos Estados de Nordeste. Esses pastores, satisfeitos com o bom resultado obtido ahi com a predica do seu credo religioso, vão enviando outros ao interior, afim de procurarem novas ovelhas para seu rebanho. Como é de suppôr, topam no caminho a resistencia dos sacerdôtes catholicos e do proprio povo; mas, apezar disso, vão adquirindo proselytos, embora em pequeno numero, e continuam tenazmente sua catechese.

O protestantismo é chamado no sertão *nova seita* e os sertanejos que o abraçam são ridicularisados. Esses pequenos choques de idéas religiosas já estão documentados na poesia satyrica popular, embora com manifesta parcialidade contra os protestantes:

DEBATE DO MINISTRO NOVA SEITA COM O URUBÚ

Vou contar uma historia,
Que ha pouco tempo se deu:
Uma velha nova-seita
Foi buscar lenha e morreu.
Um urubú achou ella,
Disse: — Aqui tiro o meu.

O ministro, quando soube,
Exclamou: — Isto é o Droga! (1)

(1) Droga — um dos muitos appellidos do diabo no sertão.

Se a irmã pelada morreu,
Ganha o diabo uma sogra;
Nós perdemos ella do culto,
O diabo é quem a logra.

Mestre urubú vio a velha
Onde esticou a canella,
Disse aos outros urubús:
— Manos, vamos a ella!
Emquanto Deus não manda outra,
Vamos roendo naquella.

O ministro ahi chegou,
Dizendo: — Esta velha é minha,
Era uma nova-seita,
Que ao nosso culto vinha.
O urubú disse: — *Vôtes!* (2)
Carregue então sua tinha.

— Tinha, não! disse o ministro,
Ella era uma devota.
Perguntou o urubú:
— De onde veio esta derrota?
Empestar o nosso campo,
Com essa enorme marmota?!

Disse o ministro: — Urubú!
Não tens alma, está provado,

(2) *Vôtes* — interjeição como safa!

Porém, devias ter crença,
Não ser tão obstinado.
Queres entrar na nova-seita?
Lá, tu serás baptisado.

Disse, então, o urubú:
— Você vai mal com a receita,
Coração tenho para amar-te;
Mas, estás na nova-seita...
E's um dos que, quando morrem,
Nem o couro se aproveita.

O ministro respondeu:
— Minh'alma é aproveitada;
Pelos anjos do Senhor
Ha de ser ao ceu levada.
O urubú respondeu:
— Isto é loucura, vae nada!

Não achas mais poesia
Na velha religião?
Jejuar pela quaresma,
Soltar fogos em São João,
Ir á missa do Natal,
Ouvir a santa missão?

— Isso não! disse o ministro.
Eu hei de seguir Jesus,
Porque foi quem me salvou,
E' meu guia e minha luz.

Perguntou-lhe o urubú:
— Porque tem raiva da cruz?

Não foi nella que morreu
Nosso Senhor Jesus Christo?
O sangue que derramou
Você na cruz não tem visto?
Você só tem é abuso,
Convém acabar com isto.

E porque a nova-seita
Detesta Nossa Senhora?
Sendo mais clara que o dia,
Sendo mais pura que a aurora?
O nova-seita morrendo,
Não vê o céo nem por fóra.

Que vantagem é crêr em Christo,
Não crendo na Virgem Maria?
Jesus não teve uma mãe
Como diz a prophecia?
Como vocês negam isso,
Usando de hypocrisia?

Eu sou urubú, mas creio,
Juro por fé e verdade,
Que Maria nasceu pura,
E faz parte da divindade,
Deu a luz a Jesus Christo,
Conservando a virgindade.

Então, disse o nova-seita:
— Urubú, estás enganado,
Eu estudei toda a Biblia,
Estou nella baseado.
Perguntou-lhe o urubú:
Quem?! Você? Está atrazado.

Disse o nova-seita: — Não!
Eu estou salvo por Jesus.
O urubú respondeu-lhe:
E' mais facil a agua dá luz,
O sol ficar como gelo,
E o diabo andar com a cruz.

Eu que vou até em cima
Tenho outra inspiração,
Vou até perto do céu,
Nunca tive essa intenção,
Quanto mais você que morre
E vae para dentro do chão.

Agora, eu e a aguia,
Santos Dumont, Ferramenta, (3)
Vamos até muito em cima,
No logar onde não venta
E numa viagem dessas
Lá um dia um de nós entra!

(3) As noticias dos aeronautas penetraram nos sertões. E o povo inculto mistura assim Santos Dumont e um subidor qualquer em balões...

Respondeu o nova-seita:
— Eu conto com a victoria;
Quando morrer, vou ao céu,
Fico morando na Gloria.
O urubú respondeu:
— Vae mal com a sua historia...

Então, disse o nova-seita:
— Eu creio em meu Salvador,
Pois foi quem morreu por mim,
Foi elle o meu redemptor.
Perguntou-lhe o urubú:
— Não teve mãe o senhor?

Maria não ficou virgem
Depois do Senhor nascer?
Não foi o Espirito-Santo
Que fez ella conceber?
E porque a nova-seita,
Crê num e noutro não crê?

Esses hymnos de vocês,
Que influem na religião?
Mais vale um samba de palma,
Do que a sua devoção;
Um urubú como eu,
Faz melhor sua oração.

Então, disse o nova-seita:
— A Biblia tenho estudado,

Então, disse o nova-seita:
— Urubú, estás enganado,
Eu estudei toda a Biblia,
Estou nella baseado.
Perguntou-lhe o urubú:
Quem?! Você? Está atrazado.

Disse o nova-seita: — Não!
Eu estou salvo por Jesus.
O urubú respondeu-lhe:
E' mais facil a agua dá luz,
O sol ficar como gelo,
E o diabo andar com a cruz.

Eu que vou até em cima
Tenho outra inspiração,
Vou até perto do céu,
Nunca tive essa intenção,
Quanto mais você que morre
E vae para dentro do chão.

Agora, eu e a aguia,
Santos Dumont, Ferramenta, (3)
Vamos até muito em cima,
No logar onde não venta
E numa viagem dessas
Lá um dia um de nós entra!

(3) As noticias dos aeronautas penetraram nos sertões. E o povo inculto mistura assim Santos Dumont e um subidor qualquer em balões...

Respondeu o nova-seita:
— Eu conto com a victoria;
Quando morrer, vou ao céu,
Fico morando na Gloria.
O urubú respondeu:
— Vae mal com a sua historia...

Então, disse o nova-seita:
— Eu creio em meu Salvador,
Pois foi quem morreu por mim,
Foi elle o meu redemptor.
Perguntou-lhe o urubú:
— Não teve mãe o senhor?

Maria não ficou virgem
Depois do Senhor nascer?
Não foi o Espirito-Santo
Que fez ella conceber?
E porque a nova-seita,
Crê num e noutro não crê?

Esses hymnos de vocês,
Que influem na religião?
Mais vale um samba de palma,
Do que a sua devoção;
Um urubú como eu,
Faz melhor sua oração.

Então, disse o nova-seita:
— A Biblia tenho estudado,

Vi o que Deus escreveu,
Sou fiel a seu mandado.
Respondeu o urubú:
— Você está excommungado!

Eu nem quero vêl-o mais,
Você vem me inquisilar,
Caipora de nova-seita,
E' damnada p'ra pegar,
Leve o diabo da velha,
Coma ou vá enterrar.

O urubú bateu azas,
E disse: — Vamos, negrada,
Não comamos desta velha,
Ella é amaldiçoada,
Um urubú perde o bico,
Comendo esta excommungada!...

Então, disse o nova-seita:
— Minha irmã não é quisilla. (4)
O urubú disse: — Esta!...
Faz desgraçar-se uma villa,
Por causa della o diabo,
Perdeu até a moxilla.

Então, disse o nova-seita:
— O diabo te persiga.

(4) *Quisila* — coisa ruim.

Disse o urubú: — A ti!
Nova-seita, dou-te figa,
Tu, onde vaes, deixas rasto,
De fome, peste e intriga.

Eu, sendo um bruto pagão,
Observo os mandamentos,
E tu, sendo baptisado,
Negas os ensinamentos,
Corres como um cão damnado,
Se se fala em sacramentos.

Um santo estava alli perto
E o diabo tambem.
Bravos! o santo dizia,
Este urubú fala bem,
Morra aos berros o nova-seita!
Dizia o diabo: — Amen!

Repito o que disse de outra das canções anteriores: difficilmente se encontrarão em qualquer «folk-lore» do mundo motejos em verso mais bem feitos do que estes, devidos á inspiração do grande cantador popular dos sertões de Nordeste, Leandro Gomes de Barros, um verdadeiro Catullo da Paixão Cearense daquelles asperos rincões. Vê-se que o seu autor, embora sahido do povo, não é totalmente sem lettras. Elle possúe mais ou menos o mesmo gráu de instrucção daquelles autores das velhas e conhecidas *storii* do «folk-lore» italiano, que o sr. Salomão Ma-

rino recolheu no seu livro admiravel «Storie Popolari in Poesia Siciliana». O proprio titulo de Debate, no sentido de discussão, dado a essa poesia, é o mesmo de identicas peças medievaes que em França e Provença se chamavam *debats*. Lembra, positivamente, os celebres poemetos dos troveiros da lingua d'oc sobre a salvação das almas dos peccadores — «Debats de l'âme et du corps» ou as longas poesias da Italia Meridional sobre o mesmo assumpto — «Historia di lu contrastu di l'anima con lu corpu» e identicas producções hespanholas. E', entretanto, ao meu vêr superior em feitura e em ironia. Ha nella trechos de assombrosa maestria.

Um outro exemplo caracteristico da ironia popular dos sertões é a poesia que canta as façanhas duma sogra que enganou o proprio diabo. Ella não é tão perfeita quanto o debate a que já assistimos, porém não deixa de ser muito e muito interessante:

A SOGRA ENGANANDO O DIABO

Dizem, não sei se é dictado,
Que ao diabo ninguem logra;
Porém vou contar um caso,
Que se deu com minha sogra.
As testemunhas são eu,
Meu sogro, que já morreu,
E a velha, que é fallecida.
Foi este caso passado
Na rua do Pé Quebrado
Da villa Corpo Sem Vida.

Chamava-se Quebra-Quengo,
A mãe de minha mulher,
Que se chamava Aluada (1)
Da Silva Quebra Colher,
Filha do Zé Cabelludo,
Irmã de Victor Cascudo
E de Marcellino Brabo,
Pae' de Corisco Estupôr.
Mas, ouca agora o senhor
Que fez a velha ao diabo.

Minha sogra era uma velha
Carola e resadeira,
Tinha um quengo lixado,
Era audaz e feiticeira,
Para ella tudo era tôlo,
Porque ella dava de bôlo,
No ente mais estradeiro. (2)
Era este o seu serviço:
Ella virava o feitiço
Por cima do feiticeiro!

Disse o diabo: — Quebra-Quengo,
Qual é a tua virtude?
Dizem que és azucrinada,
Que a ti ninguem illude?
Disse a velha: — Inda mais esta,
Você parece que é bêsta!

(1) *Aluada* — maluca.
(2) *Estradeiro* — velhaco.

Que tem você com o que eu faço?
Disse elle: — Tudo desmancho,
Nem Santo Antonio com um gancho
Te livra hoje do laço.

Perguntou ella: — Quem és tu?
Disse elle: — Sou o demonio,
Nem me espanto com milagre,
Nem com reza a Santo Antonio!
Pretendo entrar no teu couro...
Nisto ouviu-se um estouro!
Gritou a velha: — Jesus!
E ligeira se ajoelhou,
Depois se persignou
E resou o credo em cruz...

Nisto, o diabo fugio...
Quando a velha se ergueu,
Elle chegou de mansinho
E disse: — cá estou eu!
Agora sou teu amigo,
Quero andar junto comtigo,
Mostrar-te que sou fiel.
Minha carta, queres vêr?
A velha pedio para lêr
E apossou-se do papel.

— Dê-me a carta! grita o diabo
Em tom de quem soffre aggravo.
Diz a velha: — Não dou mais!

Tu agora és meu escravo.
Disse o diabo: — Damnada!
Metteu-me numa quengada! (3)
Sou agora escravo della.
E disse com humildade:
— Dê-me a minha liberdade
Que esticarei a canella...

Disse a velha: — Pé de pato,
Farás o que te mandar?
Disse elle: — Sim, senhora,
Póde me determinar,
Porque estou em seu cabresto:
Carregarei agua em cesto,
Transformarei terra em massa,
Para isto tenho estudo;
Afinal eu farei tudo
Que a senhora dissér faça.

Disse a velha: — Vá á egreja
E traga a imagem de Jesus.
Disse elle: — Posso trazel-a
Mas ella vem sem a cruz,
Porque desta tenho medo.
Disse a velha: — Volte cedo!
Elle seguiu a viagem.
Ao sachristão illudiu.
Uma estampa lhe pediu
Que tivesse só a imagem.

(3) *Quengada* — alhada.

A velha, então, conheceu
Do diabo o quengo (4) moderno;
E temendo que um dia
Elle a levasse p'r'o inferno,
N'algum canto o mandou,
E em sua ausencia traçou
Com um giz uma cruz na porta.
Voltou o diabo sem demora,
Viu a cruz, ficou de fóra,
Gritando com a cara torta...

Gritou o diabo no terreiro:
— Aqui não posso passar!
Venha dar-me minha carta,
Quero p'r'o inferno voltar.
Disse a velha que não dava,
Mas elle continuava
A rinchar como uma bêsta...
Fecha os olhos! ella diz;
Elle fechou e com giz
Fez-lhe ella outra cruz na testa.

Ahi ella deu-lhe a carta
E o diabo poz-se na estrada
Dizendo com os seus botões:
Não quero mais caçoada
Com velha que seja sogra,
Porque ella sempre nos logra,
Foi, assim, a murmurar.

(4) *Quengo* — plano.

Quando no inferno chegou,
O maioral lhe gritou:
— Aqui não podes entrar!

— Então já não me conhece?
Perguntou elle ao maioral.
— Conheço, porém aqui
Não entras com este signal:
Estás com uma cruz na testa!
Disse elle — que historia é esta?
O que é que estás dizendo?
Mirou-se num espelho á luz.
Quando distinguio a cruz,
Sahio damnado, correndo!

E na carreira em que ia
Precipitou-se num abysmo,
Perdeu o espirito diabolico
E virou-se no caiporismo,
Pela terra se espalhou,
Em todo logar se achou
Ao caipora encaiporando,
Embaraçando seus passos
E com traiçoeiros laços
As sogras auxiliando...

Deste facto as testemunhas
Já disse todas quaes são.
Agora quer o senhor
Saber se é exacto ou não?

Invoque o espiritismo
Ou pergunte ao caiporismo,
Este que sempre nos logra,
Se sua origem não veio
Do espirito immundo e feio
E do quengo duma sogra?...

ORAÇÕES

As Orações

Quatrefages fala-nos no seu livro monumental «L'espèce humaine», dos Arepos da Nova Zelandia. São elles os *homens-archivos,* os individuos escolhidos pela tribu para guardar a memoria dos ensalmos, dos cantos religiosos com que se invocam os espiritos e das palavras secretas dos mysterios sagrados. O sertão de Nordeste possue tambem o seu Arepo, que é o curandeiro.

E' elle quem sabe todas as «orações fortes» e quem faz *cousas-feitas,* que é botar feitiço em alguem. Fabrica com hervas do matto beberagens uteis e perniciosas. As primeiras, para curar de molestias, para evitar que se continue a *beber* fumo ou a beber caxaça ou ainda a jogar, a andar com mulheres. As segundas, afim de produzir loucura, surdez, doenças. Se enterra os fios de cabello duma mulher numa casa de cupim, ella murcha, fenece e morre. Cosendo a areia do rasto dum sujeito na bôcca dum sapo, e atirando-o n'agua, o dono do rasto morre. (1)

(1) V. «Terra de Sol» do mesmo autor, pgs. 161 e seguintes.

As suas orações prendem-se pela sua forma, pelas suas onomatopéas, pelas suas expressões ás mais antigas tradições da humanidade; ellas se vão perder nesse fundo mysterioso de lendas communs a todos os povos, de onde nós sahimos em tempos tão recuados que a sua memoria ha millenios e millenios se perdeu.

ORAÇÕES PARA CURAR INGUAS (2) INFLAMMADAS

Toca-se com o pé em cada uma das pedras da trempe dum fogão, repetindo:

— Tres, duas, uma: ingua nenhuma!

Ou então:

Fita-se á noite uma estrella qualquer, põe-se a mão sobre a ingua e diz-se tres vezes:

— Minha estrella donzella, esta ingua diz que morraes vós e cresça ella, eu digo que cresçaes vós e morra ella!

ORAÇÃO QUANDO SE ARRANCA UM DENTE

Atira-se o dente sobre o telhado da casa, dizendo:

Mourão! Mourão!
Toma meu dente pôdre,
Manda meu dente são!

(2) *Ingua* — glandula.

ORAÇÃO PARA DOR DE DENTES

Escreve-se na areia, apagando seguidamente cada frase:

São Nicodemos, sarai este dente!
Nicodemos, sarai este dente!
Sarai este dente!
Este dente!
Dente!

ORAÇÃO PARA CURAR BICHEIRAS DOS ANIMAES

Mal que comeis
A Deus não louvaes!
E nesta bicheira
Não comerás mais!
Has de ir cahindo:
De dez em dez,
De nove em nove,
De oito em oito,
De sete em sete,
De seis em seis,
De cinco em cinco,
De quatro em quatro,
De três em três,
De dois em dois,
De um em um!
E nessa bicheira

Não ficará nenhum!
Ha de ficar limpa e sã
Como limpas e sãs ficaram
As cinco chagas
De Nosso Senhor!

(Risca-se no ar uma cruz e os bichos cáem).

ORAÇÃO COTRA O USAGRE

Benzendo a parte do corpo attacada pela molestia com um galho de arruda molhado em agua benta:

Eu te benzo com a cruz, com a luz
E com o sangue de Jesus!
Usagre, fôgo selvagem, foge d'aqui,
Que estou com nojo de ti!

ORAÇÃO FORTE CONTRA OS ESPIRITOS E AVANTESMAS

Jesus vae commigo
E eu vou com Jesus!
Jesus vae commigo
No meu coração
E ha de livrar-me
De toda afflicção!
De toda afflicção,
De toda agonia,
Livrae-me, Jesus,

José e Maria!
José e Maria!
E Sant'Anna tambem,
E São Joaquim
Para sempre, Amen!

ORAÇÃO PARA LUXAÇÕES, QUEBRADURAS, VEIAS CORTADAS

— Carne trilhada,
Nervo torcido,
Ossos e veias,
E cordoveias,
Tudo isso eu côso
Com o louvor
De São Fructuoso!

Esta uma das formulas mais antigas de curar os mesmos accidentes de que ha noticia. As suas palavras variam de povo a povo. A sua estructura rimada continua a mesma. Os antigos latinos, tomando um vime verde, cortavam-n'o em dois pedaços, apontavam-n'o á parte doente do corpo do paciente, murmurando:

— Daries,
Dardaries,
Astataries,
Dissunapiter!

Depois, faziam uma ligadura para o membro torcido ou quebrado e repetiam, diariamente:

— Huat!

Hanat!
Huat!
Esta pista,
Sista!
Domiabo!
Damnanstra!

Dos velhos caractéres runicos dos antigos povos escandinavos o interessante escriptor Lafcadio Hearn traduzio esta oração para identicos fins:

— « E' muito bella a Deusa das Veias, Suonetar, a bemfeitoria Deusa das Veias! Ella maravilhosamente tece as veias dos homens com o seu fuso encantado, com a sua roca de bronze e a sua roda de ferro! Vem a mim! Invoco teu nome! Imploro teu soccorro! Traz no teu seio um pouco de carne rosea, um novelo de veias azues, afim de que a ferida se possa fechar e que se possam emendar a extremidade das veias!»

Na sua lingua original, esta oração obedece á mesma consonancia das que nos legou a antiguidade e da que no sertão se continúa a repetir.

AS CURAS DAS MORDEDURAS DE COBRA

O curandeiro chega, dirige-se ao mordido e suggestiona-o com a voz e com o olhar. Ordena-lhe que se levante e ande, que não é nada aquillo, que o veneno do ophidio não tem poder algum. Se o individuo resiste a essa suggestão, benze largamente a parte mordida, amarrando a' perna ou o braço a

certa altura, para que o veneno não passe dalli. Se elle continúa cahido, põe sem hesitar os labios sobre a ferida, chupa-a fortemente e cospe para o lado o veneno. Dizem que é raro quem não escape a esse curativo.

O systema é tão velho quanto o mundo. Lucano já o descrevia nos versos da «Pharsalia», tal qual é praticado no Nordeste. Eis o que o poeta latiño diz no livro IX, sobre os Psyllos ou curadores de mordeduras de cobras, naquelle trecho que começa assim — «Sic nox tuta viris»:

«Assim, os soldados passavam noites tranquillas; mas se durante o dia um delles recebia uma mordedura mortal, então o Psyllo usava dos seus mais fortes encantos. Travava-se a luta entre o Psyllo e o veneno. Primeiramente, elle fazia sobre a parte mordida um risco com a sua saliva. Esse risco parava a marcha do virus e localisava-o na propria chaga. Depois, murmurava continuamente formulas magicas, sem tomar folego devido a querer acompanhar a actividade do veneno, que pode dar a morte dum momento para outro. Muitas vezes, o mal que já penetrou até á medulla foge deante das palavras encantadas. Mas se isso não acontece ou tarda, recusando-se o veneno a sahir por ordem do Psyllo, este se curva e chupa a ferida, sugando todo o veneno e cuspindo-o depois, chegando mesmo a reconhecer pelo gosto qual a especie de reptil que acabou de vencer.»

O sertanejo de hoje acredita ainda no que acre-

ditava o legionario de Cesar, que combatia na Africa. E este herdára a crença da Arya longinqua e mysteriosa, onde vão parar todas as coisas que a memoria dos homens ainda guarda.

E' infinito o numero de orações e ensalmos fetichistas do sertão. Dariam na sua totalidade um grande livro. Limitamo-nos a publicar alguns mais curiosos. Outros muitos se acham espalhados pelas obras de Mello Moraes, Sylvio Romero, Rodrigues de Carvalho, João Ribeiro, Alberto Faria e mesmo em outros livros do autor.

Uma oração egypcia nos sertões

Domingos Sarmiento no seu livro sobre a barbaria dos pampas argentinos, em que nos conta da vida do caudilho Facundo Quiroga, livro que é talvez a maior obra da litteratura sul-americana, narra um episodio que assistiu, emocionado, no sertão do seu paiz e que qualquer um de nós brasileiros póde assistir no interior de qualquer um dos nossos Estados, especialmente no dos de Nordeste, mais aferrados ás suas tradições.

O grande escriptor argentino narra-o da seguinte fórma:

« Presenciei uma scena campestre digna dos tempos primitivos do mundo, anteriores á instituição do sacerdocio. Achava-me no serro de São Luiz, em casa

de um estancieiro, cujas occupações favoritas eram rezar e jogar. Edificára uma capella, onde nos domingos de tarde rezava um terço, fazendo de sacerdote e substituindo com essa reza a missa de que todos os moradores tanto alli careciam. O quadro era homerico: o sol descia para o occaso, as manadas que voltavam aos curraes enchiam o ar com a confusão dos seus mugidos; o dono da casa, homem de sessenta annos, de physionomia nobre, em que a raça européa se mostrava pura na brancura da pelle, nos olhos azulados e na fronte lisa e espaçosa, rezava, acompanhado em côro por uma duzia de mulheres e por alguns rapagões, cujos cavallos, ainda não bem domados, estavam amarrados perto da porta da capella.

Concluido o terço, fez um fervoroso offertorio. Jámais ouvi voz mais cheia de uncção, fervor mais puro, fé mais firme, oração mais bella, mais adequada ás circumstancias do que a que recitou. Nella pedia a Deus chuvas para os campos, fecundidade para os gados, paz para a Republica e segurança para os viajantes.»

Accrescenta o grande Sarmiento que, sendo propenso a chorar, não se conteve deante da simplicidade grandiosa daquella scena e chorou, pois lhe parecia estar assistindo a um quadro do tempo dos patriarchas e aquella voz de homem, forte e candida, máscula e innocente, penetrara-lhe profundamente na alma, fazendo-o estremecer todo.

Dezenas de vezes presenciei o mesmo acto nos

sertões do Ceará: o fazendeiro desempenhando o papel de officiante; a familia, os vaqueiros, os aggregados, os visinhos mais proximos, formando o côro que acompanhava a sua ladainha; e uma grande e sincera compuncção enchendo todos os presentes á novena ou ao terço da fazenda. E sempre ouvi, após as rezas costumeiras das trezenas de Santo Antonio ou do mez de Maria, o fazendeiro pedir orações semelhantes ás do estancieiro argentino, de que nos fala Sarmiento.

Entre a observação que elle fez no Pampa e as que fiz no Nordeste, não ha differenças apreciaveis. O fundo do caso é o mesmo. A essas observações até já alludi longamente no primeiro capitulo do meu livro «Heróes e Bandidos», em que procurei estudar a vida ensanguentada dos cangaceiros sertanejos.

Em todo o sertão cearense, o dono duma fazenda, é o senhor feudal della e, ao mesmo tempo, o seu sacerdote official. Essa situação decorre da vida patriarchal que ali se vive. Depois de haver tirado a ladainha e recitado a offerenda, o fazendeiro nordestino pede aos presentes, pausadamente, varios padre-nossos e avé-marias, que elles rezam em côro e que elle offerece em varias tenções. Por exemplo, um padre-nosso e uma avé-maria em tenção de São José, padroeiro ou advogado das chuvas, afim de que elle as consiga de Deus para o sertão escaldante. Outros para São Sebastião, para que elle a todos livre da peste, guerra, fome e máo vizinho.

Outros a São Braz, para que todos defenda de ponta de touro, de espinho venenoso de favella e de dente traiçoeiro de cobra. Emfim, outros em tenção daquelles que andam «sob las» ondas do mar!

A fórma obsoleta «sob las», mostra que de Portugal nos veio o costume desse peditorio a Deus e aos santos, seus prepostos nas varias especialidades de favores de que carecem os pobres mortaes. E contribue ainda mais para se acreditar nessa origem o facto de se pedirem orações para os que andam embarcados, pois isso seria mais do que proprio num povo que vivia de desvendar os segredos dos mares tenebrosos e desconhecidos.

Não póde haver duvidas que dos nossos avós portuguezes herdamos o habito de rezar no fim de certos officios ou celebrações religiosas em favor dos que viajam e dos que navegam. Tambem não ha a menor duvida que o mesmo modo veio para os argentinos dos seus antepassados hespanhóes.

Mas nem portuguezes e muito menos hespanhóes fôram os inventores dessa fórmula religiosa, hoje em dia tradicional nos nossos sertões e que não deixa nunca de ser emocionante. Basta pensar que a duzentas, trezentas e mais leguas do oceano, ha individuos que fervorosamente rezam, quasi todas as noites, em tenção daquelles que andam á mercê das vagas traiçoeiras.

Apesar de navegadores audazes e valorosos, os habitantes, quer dumas quer doutras costas da peninsula iberica, já encontraram na sua herança de

tradições mais antigas, que lhes veio com o sangue latino, o vetusto e nobre costume que os sertanejos das catingas e os gaúchos dos pampas não esquecem.

Todas as tradições humanas são de uma espantosa velhice. Quando a gente as rastreia em busca de sua origem atravéz os livros e os documentos, fica assombrado de sua formidavel vitalidade. Dum fundo commum devem partir todas e pelos caminhos que tomam vão se transformando de accôrdo com os meios, como os povos que as trazem comsigo.

Esses pedidos nos fins de certos officios divinos datam do Egypto. Quem delles fala em primeiro logar, segundo me parece, é Apuleu. No livro XI das «Metamorphoses», o classico latino nos conta uma iniciação em um templo do rito egypcio de Isis. Eis o seu trecho original:

«At quum ad ipsum jam templum pervenimus, sacerdos maximus, quique divinas effigies progerebant, et qui venerandis penetralibus pridem fuerant initiati, intra cubiculum deae recepti, disponunt rite simulacra spirantia. Tunc ex his unus, quem cuncti Grammatea dicebant, pro foribus assistens, coetu Pastophorum, quod sacrosanti collegii nomen est, velut in contionem vocato, indidem de sublimi suggestu, de libro, de litteris fausta vota praefatus: Principi Magno, Senatuique et Equiti, Totoque Romano Populo, nauticis, navibus, quaeque sub imperio mundi nostratis reguntur, renuntiat, sermone ritu que graeciensi, ita: laios aphesis. Qua voce feliciter cunctis evenire signavit populi clamor insecutus».

Isto é:

«Logo que chegamos ao vestibulo, o gran-sacerdote, os que deante delle levavam as effigies sagradas e os que há muito já estavam iniciados nos mysterios veneraveis, entraram no sanctuario da deusa. Depois, um delles que todos denominavam o Escriba, pondo-se de pé deante da porta, chamou, como para uma reunião, a corporação dos Pastophoros, que assim é chamado o Sacro-Collegio. Em seguida, subio a um pulpito elevado e leu num livro orações em tenção do Sublime Imperador, do Senado, dos Cavalleiros, de Todo o Povo Romano, «da navegação, dos navegantes» e em favor geral de tudo quanto compõe o nosso imperio. Terminou por esta fórma habitual, que se pronuncia em grego, gritando: — Que todo o mundo se retire! Esta phrase queria dizer que o sacrificio era acceito, o que ficou provado com a pressa com que os fieis lhe responderam com uma acclamação».

O que narra Apuleu é precisamente o que se dá nos sertões da America meridional, «mutatis mutandis», e o que está na propria missa, na qual o «ite, missa est» não passa duma traducção adaptada do final do officio isiaco. Accresce mais que, na pratica das missas catholicas, é de uso se fazerem orações semelhantes, em favor do chefe do Estado e sempre daquelles que vão por sobre a face perigosa do oceano.

E' verdade que, ao tempo de Apuleu, o culto de Isis professado em Roma, estava já muito greci-

sado e romanisado, mas não perdera o seu fundo fortemente oriental e dahi o se poder affirmar, sem a menor vacillação, que as orações que os pobres sertanejos de Nordeste recitam hoje, para que Deus proteja aquelles que vão «sob las» ondas do mar, fôram balbuciadas pelos labios egypcios ha milhares e milhares de annos, fôram talvez ditas pelos homens das primeiras tribus acampadas á borda do Mediterraneo, dos quaes alguns individuos tiveram o animo de cortar madeiros, construir jangadas e canôas, lançando-se «sob las» ondas encapelladas.

Tudo é muito velho no mundo e ás vezes a novidade consiste em procurar a velhice das coisas, como talvez neste caso.

Mostrengos, prodigios e abortos

A poesia tradicionalista dos sertões de Nordeste guarda tudo o que se passa nas ribeiras batidas de sol. De quando a quando, nellas apparece um desses abortos, verdadeiros escarneos da natureza, a que todas as sociedades cultas ou incultas não escapam. Ora um albino, um fouveiro, um «sarará», de olhos gazeos, sem luz e sem vida, de cabellos encanecidos e finos como retroz. Ora, um negro horrivel, de ventas esborrachadas, labios de hippopotamo, facies de degenerado em ultimo gráu de integralização de táras ancestraes, de pernas tortas e nodosas, giba e desvios de certos ossos, typo á maneira de Quasi-

modo ou daquelle Baraballo que tanto fazia rir Cleopatra e Marco Antonio. Ora, um menino fóra do commum por seu tamanho descommunal, pela fortaleza de sua musculatura, pela amplidão de sua caixa thoraxica, que parece desafiar todos os bacillos de Koch.

Immediatamente ao apparecimento dum desses monstros, os cantadores sertanejos fazem longas poesias, perpetuando-os, para que as gerações vindouras saibam de sua existencia, repetindo seus toscos versos. Exaggeram, no emtanto, tudo quanto diz respeito ao caso narrado, não desmentindo o velho rifão: — Quem conta um conto accrescenta um ponto. Elles accrescentam muitas vezes mais do que um ponto. E é preciso notar tambem que, quando faltam prodigios numa ribeira e noutras elles abundam, os cantadores daquella que não foi *favorecida* pela natureza inventam, em verso, o apparecimento de mostrengos horriveis.

Em Pernambuco, no anno de 1900, nasceu, na villa de Vicencia, um menino disforme. O povo logo o alcunhou — «O menino gigante».

A phantasia dos rhapsodos populares aproveitou o thema para a fabricação das suas sextilhas monotonas, dando como causa do nascimento do prodigio a passagem dum cometa. Assim, mostrou como intensamente perduram na alma do nosso povo, intactas quasi, as velhas crendices européas, nascidas no oriente mysterioso, augmentadas nos seculos escuros da Edade Média, quando aos cometas se attribuia toda a sorte de maleficios, e transportadas á

America, primeiro, pela maruja dos barcos aventureiros, depois, pelos buscadores de ouro.

Diz o cantador matuto, a proposito do «Menino Gigante»:

Todo o mundo já conhece
O cometa de Biéla,
Que abalou a terra toda
E exterminava ella,
Si no seu giro passasse
Mais approximado della.

O astro passou por longe,
Na terra ninguem morreu;
Porém na sua passagem
Uma mulher concebeu
A um menino-phenome
Que na terra appareceu!

No Estado de Pernambuco,
Na villa de Vicencia,
O tal Menino Gigante
Viu a luz da existencia;
Nasceu em mil novecentos
Cheio de viço e potencia.

A mãe desse tal gigante
Soffreu enorme tormento,
Passou tres dias com dôres
Para dar-se o nascimento;

Quasi que morre do parto,
Foi grande o seu soffrimento!

Nasceu a quinze de dezembro
Do anno já referido,
E espalhou-se a noticia
Pelo povo conhecido.
Cada qual por sua vez
Foi vêr o recem-nascido.

Descrevendo o monstro, cuja potencia, isto é, vitalidade, no dizer dos sertanejos, os versos consagram, o cantador dá largas á sua imaginação fecunda e insaciavel. Os exaggeros são terriveis.

Tinha palmo e meio de largura,
Dois e meio de comprimento,
Contando quatro annos e meio,
E' immenso seu crescimento.
Tem quasi a altura dum homem
E tem enorme «talento»! (força).

Chama-se José Ferreira
O tal Menino Gigante.
Seu pae chama-se Gonçalo,
E' pobre e ignorante,
De côr parda, estatura média,
Bem franzino e não galante.

Sua mãe chama-se Julia

Maria da Conceição,
E' tambem parda de côr,
Tem franzina construcção.
Vamos fazer do gigante
Agora uma descripção:

Tem quatro annos e meio
Como já sabe o senhor;
E' inteiramente innocente;
E' tambem pardo de côr.
Gosa perfeita saude,
Cresce com immenso vigor!

Sou testemunha ocular,
Tive occasião de vêl-o.
Tem o corpo quasi todo
Envolto em negro pêlo,
A cabeça afunilada,
Contendo pouco cabello.

Anda muito vagaroso,
Tem regular estatura,
Tendo dos pés á cabeça
Seis grandes palmos de altura!
Mede por cima dos peitos
Quatro palmos de grossura!

Tem as feições mui grosseiras,
Rosto largo e angular,
Olhos pretos scintillantes,

As orelhas regular,
A testa um pouco espaçosa;
Mostra viveza no olhar.

Tem os beiços muito grossos,
Sobrancelhas arqueadas,
Dentes alvos e pequenos,
Ventas grandes, achatadas.
A fala é como de homem,
Palavras bem explicadas.

Tem o queixo arredondado,
Curto e roliço o pescoço,
As espaduas espaçosas,
O tronco roliço e grosso,
Braços e mãos muito grandes,
Largo e espaçoso o dorso!

Tem pernas grandes e grossas,
Mostrando immenso vigor;
Tem o pé arredondado
Na parte posterior,
Largo, grosso e comprido
Na parte anterior

[illegible]

Tem força admiravel:
Oitenta kilos suspende,
Seu peso é cincoenta kilos.
Facil tudo comprehende,
Demonstrando intelligencia,
E o que ouve aprende.

Tem immenso crescimento,
Dorme e come muito bem;
E' genioso e demonstra
Que alguma energia tem,
Se ninguem me acredita,
Procural-o vêr convem.

Eis ahi em poucas linhas
O seu retrato traçado.
Quem nunca viu o gigante,
Vendo-o, fica admirado.
Vou agora vaticinar
Seu futuro destinado.

Quando contar trinta annos
Terá enorme estatura:
Vinte palmos de comprido,
Oito e meio de grossura.
Assombrará todo o mundo
Sua disforme figura!

Duzentos kilos de ferro
Com uma mão suspenderá,
Duas arrobas de carne
Duma só vez comerá,
Trezentos e oitenta kilos
O seu corpo pesará!

Um outro poeta dos sertões de Nordeste, Manoel Vieira do Paraiso, traçou tambem em versos

a historia duma pobre mulher que teve um filho deformado, e que a sua imaginação poetica affirma ter sido um cavallo. Eis o poemeto da «Mulher que teve um cavallo»:

Este mundo está perdido,
Não se ageita nem a gancho!
A guerra vem de viagem,
A derrota está no rancho,
A miseria vem chegando,
A crise vem se arrastando,
Dizendo: breve me escancho.

«Escanchar» é montar a cavallo. O poeta quer dizer que logo a crise montará sobre as costas do sertanejo.

Dizem os da Nova Seita
Que o mundo está no fim;
Mas, segundo o que vejo,
Creio não ser assim.
O que ha é muita derrota
Que anda fazendo marmota,
Apresentando motim.

Na maneira curiosa de falar dos matutos nordestinos, «Nova Seita» significa protestantismo; «derrota» quer dizer desgraça e «fazer marmota» equivale a fazer caretas ou ameaças.

Coisa que nunca foi vista
Se tem hoje apresentado,

Como agora no Recife,
Por muitos presenciado,
Um homem se sepultou
E dentro da terra passou
Oito dias enterrado!

Oito dias enterrado!?
Credo em cruz! Ave Maria!
Só sendo de Nova Seita
Ou então de Maçonaria!
Pois dizendo no mundo inteiro,
Até mesmo no Joazeiro,
Diz-se logo: — E' bruxaria!

Disse um velho: — Será sério
Ou será só apparencia?
Responde outro: — E' verdade!
Eu dou verdadeira crença;
Ou faz parte de muçú,
Ou é filho de tatú,
Ou delles tem descendencia!

Outro caso, depois desse,
No Fundo Valle foi dado.
Este horrorosamente
Traz o povo admirado.
Uma mulher existiu
De quem um poldro sahiu
Com cauda, crina e encascado!!

Que confusão não daria

Sobre o que devia dizer?
Baptismo ninguem lhe dava,
Si vivo o vissem nascer.
A mãe não tinha conforto.
Felizmente nasceu morto,
Deixaram o urubú comer!

O' que cousa admiravel,
Digna de perturbação!
Quem póde então penetrar
Numa tal situação?
Um quadrupede concebido,
Ser gerado e ser nascido
Do pobre dum christão!!

Se isto fica mantido,
Origina grande mal.
Bêsta parindo menino
Inda veremos por tal.
Fica o mundo em circumstancia
De bêsta parir creança.
E mulher parir animal!

Este nosso mundo velho
Já está bem combalido,
Ainda apparecerá mais
Do que tem apparecido?
Baralha assim o seu jogo
Até que emfim pega fogo,
Fica em cinzas reduzido.

Se os bichos *castearem,*
Ficando isso por uso,
Se desconhecem as castas,
Quem os vê fica confuso.
Encontrar-se-á um preá
Com as feições de imboá.
E já se vio que abuso?!

A preguiça fica esperta
Pela esperteza dos pais,
Nascendo ella por exemplo
Do macaco que é sagaz;
Mastim perde a valentia,
Mas se nascer da cotia
Differe, e assim outros mais.

O guabirú pare o gato
E alliam-se! Com certeza,
A rapoza pare a onça
E esta perde a fereza,
Do preá nasce o furão;
Ficando com toda razão
Com a mesma natureza.

E, assim, tambem os insectos
Vão mudando a geração:
Imboá pare morcêgo,
A lagarta ao scorpião,
Cobra pare caranguêjo,
Pulga pare persevêjo,
Cupim pare formigão!

Grillo pare cururú,
Aranha pare mosquito,
Aruá pare barata (*)
E ninguem acha esquesito,
Tudo fica demudado.
E, assim, desconchavado,
O mundo fica bonito.

A carne dos animaes
Que temos por alimento,
Se castearem com outros,
Immundos e pestilentos,
Olhe lá tudo com fome,
Carne perde até o nome!
Qual será nosso sustento?

Cavallo nascer de gente
Não admira este facto.
Para cavallariano,
Se o negocio fôr exacto,
Eu bem assim asseguro
Que elles dizem: — No futuro,
Cavallo fica barato...

Nós marchamos para um tempo,
Que não está muito afastado,
Em que as carnes de açougue
Que hoje são tudo de gado,

(*) *Aruá* ou *uruá* — caramujo.

Segundo a marcha presente,
Ficam de sabor differente,
Porque tudo é casteado!...

Castear carneiro e cabra
E' negocio muito antigo,
Mas mulher parir um poldro
Eu entendo cá commigo,
Não que ninguem me dissesse
E' aleijão que apparece,
Ou é mentira ou castigo!

Um cavallo no commercio,
Sendo já filho de gente,
Se diz: — E' bom para carga
E p'ra sella, principalmente,
E tem mais a favor seu
Que puchou de quem nasceu
Ser um pouco intelligente...

Diz um homem: deste cavallo:
— Eu tenho conhecimento,
Foi nascido de familia
De inteiro fundamento,
E tem mais um predicado:
Elle tem irmão formado
E tem irmãs no convento...

Apparece outro cavallo,
Que ainda não é conhecido,

Diz o dono ou vendedor:
— Este é todo garantido,
Nasceu de Dona Fulana,
Ella é séria e não engana,
E', portanto, bem havido...

Se bêsta parir menino,
E' a mesma confusão,
Primeiro que se acostumem
Causará admiração,
Dizendo o povo em geral:
E' filho de um animal
Este honrado cidadão.

E se pretende casar-se,
E onde foi baptisado,
Vai tirar seu baptisterio,
Fica o pobre envergonhado,
Pois o sachristão reclama:
— Sua mãe como se chama?
Eu quero tudo explicado!

E o pobre fica sem ar
De contar pelo miudo.
Com muito custo responde,
Fazendo gestos de mudo:
— De mamãe não estou lembrado,
Diz quem nella andou montado,
Que de baixo a meio é tudo...

O filho soccorrer a mãe

E' de grande obrigação.
Sáe o rapaz com a egua,
Peial-a de pé e mão,
Com devida cortezia
Laval-a ao meio dia,
Dar-lhe mais uma ração.

A bêsta para esse filho
Só lhe serve de embaraço,
Uma verdadeira empata,
Um esquisito cangaço,
Tomando elle a esfrega,
Todo o peso então carrega,
Poupando-lhe o espinhaço...

Sahiram mãe e filho
Por esta forma emfim,
Chegando a uma casa,
Serão tratados assim
Com toda consideração:
Ao filho lhe dão pirão,
A' mãe lhe dão capim!...

Disse um certo usurario:
— Se isto ficar seguro,
Antes poldro que menino
Com relação ao apuro;
O menino dá é despeza,
E o poldro com toda a certeza
E' cem mil réis no futuro.

Disse uma velha caduca:
— Da mesma fórma eu assigno,
Mas, como já *indemento*,
Não declaro meu destino...
Por tanto fico calada,
De mim não resulta nada,
Nem poldro... nem menino...

— Oh! quem me déra meu tempo
Da passada mocidade,
De mim nascendo um poldrinho,
(Embora, que novidade!)
Com muito zelo o criava
Vendia-o e remedeava
A **minha** necessidade.

Diz o autor destes versos
Que os fez segundo leu,
Para o enfeite da obra
Desta maneira escreveu,
Vá lá seja como fôr,
Se mentiu para compor,
Quem escreveu não foi eu.

Desta maneira a imaginação dos troveiros sertanejos se atira ás concepções mais abstrusas deste mundo. Não é de admirar para os que sabem que esse povo as bebe com o leite materno, pois, no Nordeste, ha duzentos annos que se não lê e se não commenta sinão este livro: « Historia de Carlos

Magno e dos doze pares de França, seguida das aventuras de Bernardo del Carpio».

A opinião publica do sertão

Todo aquelle que acredita estar o sertão do Brasil, devido ao seu atrazo, sobretudo material, alheiado do que se passa no resto do paiz engana-se redondamente. Elle acompanha, comentando-os, todos os assumptos que se passam nas cidades e na capital. Guarda-os em versos toscos, porem ironicos, e canta-os ao som da sua viola rustica. Delles se pode dizer o que disse um folklorista francez. dos camponezes sicilianos, quando estudou as canções populares da antiga Trinacria: «Aucun évenément intéressant pour leur pays ne leur èchappe. Ils ont raconté l'inondation de 1851, comme leurs devanciers avaient raconté celle de 1666. Une tempête, un tremblement de terre, le cholera, deviennent pour eux la matière de chants avidement ecoutés. Murat, Fra-Diavolo, se mêlent. dans leur repertoire, à «l'enfant prodigue», aux «Rois Mages», à «Sainte Lucie», à «Sainte Rosalie».

O mesmo phenomeno foi constatado pelos estudiosos entre a população campesina allemã. Nas aldeias da Prussia ou da Saxonia, da Thuringia ou do Hannover, cantou-se, segundo o depoimento de Puymaigre, a conquista da Argelia e a guerra da Criméa. o cholera e a morte do Duque de Reichstadt.

Basta folhear a anthologia de canções populares francezas de Nisard, afim de verificar quanto nellas o povo francez commenta, satyrisa, applaude ou vaia os factos politicos e sociaes do seu paiz e dos paizes visinhos.

Da mesma forma procede o sertanejo de Nordeste, a cuja mordacidade não escapa nenhum facto importante occorrido no Brasil, embora tal facto não o interesse directamente.

Recolher todas as producções da opinião publica sertaneja sobre os acontecimentos nacionaes, equivaleria a fazer um livro enorme, tão numerosas ellas são. Neste volume já damos, em outros capitulos, algumas bem interessantes como por exemplo a do Sorteio Militar. E, para mostrar que temos razão no que affirmamos acerca da força da opinião publica sertaneja manifestando-se em verso, basta as duas poesias que se seguem, da lavra do poeta popular parahybano Francisco das Chagas Baptista.

A VACCINA OBRIGATORIA

Meus curiosos senhores,
Vou contar-vos a historia
Que os jornaes annunciaram
Da vaccina obrigatoria.
Esse caso que no Rio
Ficou para eterna memoria!

Mandou o presidente

Da nossa Republica
Que na praça publica
Se pegasse a gente,
Obrigadamente,
Para vaccinar.
Quiz assim livrar
O povo da inimiga
Peste de bexiga
Que o vem devastar!

O povo, então, levantou-se,
Dizendo: — Não me sujeito
A' ordem do presidente,
Porque é contra o direito!
Se elle metter-me a bexiga,
Eu perco-lhe o respeito!

Correu a noticia
Que quatro doutores
Vinham com a policia,
Cheios de malicia,
Cortando igualmente
E o talho inda quente
De vaccina enchendo...
Um puz vil mettendo
No corpo da gente!

O doutor Lauro Sodré
E muitos outros doutores
Gritaram ao povo: — Ninguem

Se curve aos vaccinadores!
A Escola Militar
Se armou contra os impostores!

O povo damnou-se
E se revoltou!
Ninguem vaccinou
E a vaccina acabou...
O tempo fechou
E a bala zunio!
O governo vio
A coisa atrapalhada
Porém a Armada
Logo o acudio.

Só tinha a favor do povo
A escola em geral,
Que brigava heroicamente
Contra o poder federal!
O doutor Rodrigues Alves
Não esperava este mal.

O governo armado
Com o exercito e a policia,
Disse com malicia:
— Quem fôr revoltado
Seja agarrado
E posto na cadeia!
A lucta foi feia,
Do povo revolto

O que não foi morto
Deu o pulso á peia!...

Ficou em estado de sitio
A Capital Federal,
Com espaço de trinta dias
O medo era geral!
Com a prisão dos revoltosos
Voltou a paz afinal.

Os presos revoltados,
Sem pagar embarque,
Fôram para o Acre
Todos exilados.
Estão perdoados
Os que lá ficarem,
E se acostumarem,
O governo dizia,
Porque já sabia
Qu'iam se acabarem!

A QUESTÃO DO ACRE

(trechos)

Quiz a visinha Polivia
Apossar-se de um terreno
Até não muito pequeno...
Pertencente aos Brazileiros;
Mas o illustre Presidente
Da Republica do Brazil,

Achou que era um acto vil
Sujeitar-se a estrangeiros.

Acre! eis o territorio
Que os taes Bolivianos
Audazes e levianos,
Num impeto de lascivia, (?)
Quizeram chamal-o a si,
Porque essas ricas zonas
Dividem o Amazonas
Com as terras da Bolivia.

Alegrai-vos, Brazileiros,
Que a victoria será nossa;
Contra o Brazil, gente grossa,
Se levanta, porém cai!
O que não quizer correr
Logo dos primeiros golpes
Terminará como o Lopes
Na guerra do Paraguay...

Não vêdes, Bolivianos,
Que é negro o vosso futuro?
Que é tão triste e escuro,
Como as noites de Janeiro?
Não vêdes que para nós,
Todos os vossos escudos
São como foram em Canudos
Os de Antonio Conselheiro?...

Cesse Deus a epidemia,

P'ra que das duas nações
Se encontrem os batalhões
E possam então batalhar;
Para que o mundo inteiro
Veja que é nossa a victoria
E que o Brazil tem a gloria
De ser heroico sem par!

As revoltas da Armada em 1892 e em 1910, as invasões policiaes e cangaceiraes, as «salvações» dos Estados, as attitudes do governo federal em certas questões, as ascensões de Santos Dumont e de outros aeronautas em balões e aeroplanos, os erros administrativos, as roubalheiras e patifarias, tudo é guardado em verso no sertão. Accrescê que, muitas e muitas vezes, depois de cantadas pelos trovadores errantes, essas poesias são publicadas em pequenos folhetos nas cidades do interior e fartamente vendidas ao povo todo. Assim, o «folk-lore» transforma-se em verdadeira litteratura de *colportage*, o que é mais uma razão para que se não despreze a ironica opinião publica do sertão. Ella existe, sabe manifestar-se e impopularisa lá homens e governos.

II

Folk-Lore repentista

A João Ribeiro

OS DESAFIOS

Os desafios

Da feição repentista do «folk-lore» de Nordeste a parte mais interessante é a do desafio entre dois cantadores, num terreiro de samba, ao som da viola, á luz do luar ou das fogueiras de São João, rodeados pelo silencio ou pelos applausos enthusiasticos da assistencia. Nesses desafios em que as satyras são muito mais frequentes que os louvôres, ha a reminiscencia duma velha tradição de disputas em verso. Faziam-n'as e ainda as fazem os cantôres populares das aldeias portuguezas. Fizeram-n'as sempre na lingua sonora e dôce de Mireille, os trovadores provençáes, sustentando as suas opiniões contrarias sobre a belleza duma dama ou a valentia dum campeão, deante dos fidalgos reunidos nas salas gothicas dos castellos.

Até hoje são celebres as suas *tensons,* nas quaes muita vez chegaram ás mais asperas censuras. Identico costume seguiam os menestreis das regiões do Mosa e do Mosella com os seus curiosos *dayemans.*

O desafio é, porém, ainda mais antigo. Já o praticavam em Roma, para gaudio dos convivas dos banquetes, os bufões da moda. Horacio conta no livro I das suas Satyras o desafio entre os bufões

Sarmentus e Messius, que se não pouparam asperos remoques.

A essa longa tradição latina do repentismo poetico, casou-se a faculdade que tinha o indio de improvisar versos tambem. Joakim Catunda, na sua «Historia do Ceará», fala, baseado em J. F. Lisbôa, na maneira especial que possuia o indigena de improvisar ao som da sua barbara musica.

O sertanejo canta o seu desafio de duas formas: na toada *ligeira*, isto é, apressada, com rimas sempre em *á* ou *ar* ou *al*, que têm a mesma prosodia no sertão, obrigatoria a dois versos para cada cantador; na toada natural, com qualquer rima e em quadras, sextilhas ou decimas, sendo mais commum o desafio em quadras de sete syllabas; ás vezes usase começar uma quadra com os dois ultimos versos ou o ultimo verso, a *deixa* da que foi cantada primeiro.

DESAFIO ENTRE MANOEL DO OLHO D'AGUA E FRANCISCO PAMONHA, TROVEIROS CEARENSES, NA TOADA DA «LIGEIRA»:

— Sou *Manê* do Oio d'Agua
Cantador do Ceará

— Sou o Francisco afamado
Do Salitre ao Camará.

— Com você Xico Pamonha
Na *ligeira* vou *cantá*.

— E eu comtigo *Mané*
Vou mesmo *desafiá.*

— Quanto mais *ocê* se *avexa,*
Mais descanso *ocê* me dá!

— Sou milho de tamboeira,
Sou duro de *debulhá!*

— Sou estrepe de jurema
Sou espinho de juá!

— Sou onça mussuarana,
Sou gato maracajá!

— Dou um grito na subida
Daqui p'r'as barras *quebrá!*

— Daqui para amanhecer
Dou outro no *descambá!*

Grande numero dos principaes desafios na toada natural, guardados religiosamente na memoria do povo sertanejo, têm sido publicados. No systema da *ligeira* até hoje não se colligio nenhum. Estes são raramente cantados e não agradam tanto quanto os outros, onde a liberdade de metro e rima dá ensanchas largas ao espirito e á verve dos troveiros matutos. Sylvio Romero guardou nos «Cantos Populares» o desafio celebre entre Manoel de O' Ber-

nardo e o negro Rio-Preto. Rodrigues de Carvalho inserio no «Cancioneiro» outros desafios de não menos valor: o de Néco Martins com Francisco Salles, o de Manoel das Cabeceiras com o Diabo, o de Manoel Riachão com Maria Thebana, o de Romano da Mãe d'Agua com Ignacio da Catingueira, as cantigas de Cabeceira, de Theodosio Pereira, de Silvino, da Xica Barroza, de Manoel Cabeceira e Manoel Caetano e o desafio de João Zacharias e João Vieira. Muitas trovas avulsas de desafios conhecidos estão incluidas nas *silvas* de Sylvio Romero, nas trovas avulsas do referido «Cancioneiro», no «Folk Lore Pernambucano», de Pereira da Costa, e nos livros de trovas populares de Carlos Góes e Afranio Peixoto. Fiel ao nosso programma de não darmos neste volume o que já tenha sido publicado, estamparemos alguns desafios inteiramente ineditos, para completa elucidação do caracter dessa feição admiravel da poesia popular sertaneja. Alguns estão completos e outros, infelizmente, truncados pelo tempo.

DESAFIO ENTRE DOIS CEGOS, A' PORTA DUMA EGREJA

1.º *cego*

Eu sou cego de nascença,
Nunca vi a luz do dia!
Meus irmãos me dêm uma esmola,
Filhos da Virgem Maria!

2.º *cego*

Quem nasceu cégo da vista
E della se não lucrou,
Não sente tanto ser cégo
Como quem vio e cegou!

CANTIGAS DO CANTADOR FIRINO, DESAFIANDO OS SEUS RIVAES,

Mandei dizer a Romano
Minha vida qual tem sido,
Os logares onde andei,
As famas que tenho vencido,
A troco de *Deus lhe pague,*
Lá foi meu tempo perdido.

Cheguei em Campina Grande,
Encontrei o tal Roseno,
Lavrei-o todo de enxó,
Não lhe deixei um empeno
E disse: — Meu camarada,
Não tiro regra por menos!

E fui nessa mesma noite
Ao Bezerra do Caldeirão,
Este logo que me vio
Arrancou sem direcção.
Chapeu, roupa e alpragata
Ficaram no matulão!

No Brejo me encontrei
Com o tal de Batateira,
Soltei-lhe os pés de banda,
Deixei o lerão em poeira,
Botei a rama p'r'o gado
E tomei conta da feira.

Fui á Lagôa de Roça,
Peguei-me com João Carneiro,
Este eu serrei-lhe as pontas,
Não voltou mais ao chiqueiro,
E ficou dizendo: — Esse negro
E' um lobo carniceiro!

Cheguei em Lagôa-Nova,
Peguei Pedro Passarinho,
Cortei-lhe o bico e as azas
Deixei-o sem canhão no ninho,
Tomei os beccos da rua
Fiquei cantando sósinho.

Então, mais tarde encontrei
O tal Pedro Belarmino,
Metti-o num cipoal
Que quasi elle perde o tino.
Quando foi p'ra amanhecer,
Chorava que só menino.

Cheguei na Bôa-Esperança,
Encontrei o Campo Alegre,

Esse me disse: — Seu mal
Estou com medo não me pegue,
Se você vem aqui mordido,
Por caridade não negue!...

FRAGMENTO DUM DESAFIO

1.º *cantador*

Tanto faz dar na cabeça
Como na cabeça dar:
Você é onça na terra,
Eu sou tubarão no mar!

2.º *cantador*

Se eu sou onça na terra,
Você no mar tubarão,
Quando eu disser não venha,
Teimoso não venha não!

1.º *cantador*

Você andava dizendo
Que aguardente não bebia;
Agora já vae bebendo
Canada e meia por dia!...

2.º *cantador*

Nunca puz copo na bôcca.
Isso é invenção tua!
Se queres brigar commigo,
Salta p'r'o meio da rua!

1.º *cantador*

Cantador, se és tão damnado,
Me destrinche esta tambem:
Duzia e meia de cangalhas
Quantos cabeçotes tem?

2.º *cantador*

Canta o gallo no poleiro,
Grita o mocó no serrote,
Urra o touro na malhada,
Rincha o *pae d'egua* no lote:
Duzia e meia de cangalhas
Tem trinta e seis cabeçotes!

MARTELLO (*) DE JOAQUIM FRANCISCO COM ANTONIO DA CRUZ

Antonio:

Senhor dono da casa, dê licença
Para eu dar neste negro em seu salão
Fazer ellé beijar a minha mão,
Ajoelhar-se a meus pés, tomar-me a bençam.
Este negro ou é doido ou então pensa
Que me aguenta uma hora no martello.
Negro, eu tiro-te o couro no cutello,
Vae embora, commigo tu não cantas,
Eu abro tua carne, faço mantas
E deixo-te os ossos em farello!

(*) Este *marteilo* ou desafio é um velho exemplo de classicismo sertanejo.

Joaquim:

Senhor Cruz, essa sua valentia
Faz até eu ficar desconfiado
Que ou lhe deu o estupôr amalinado
Ou você então está com hydrophobia!
Bem que o velho Moreno me dizia
Que você é doente de espasmo.
Chamar você de bom é um sarcasmo,
Que se atira á moral e ao 'decôro,
Pois eu hoje a poder de muito couro
Acabo com o seu enthusiasmo.

A. — Negro, hoje em martello agalopado
Te convence que muito te apertas,
Soffres grande desfeita e desertas
E talvez até fique alienado!
Eu te faço um serviço tão pesado.
Que o proprio diabo ha de ter dó
Eu te obrigo debaixo do cipó
A chamar-me Jójó e senhor moço.
Bota logo um laço no pescoço
E me chama, que eu aperto o nó.

J. — O diabo deste pitorra
Só estando atacado de loucura
Infeliz, desgraçado, sem ventura,
Teu martello não faz com que te soccorra,
Embora que não tenhas sentimento.
Mas eu dar-te até a morte é meu intento,

Que vergonha p'ra ti nunca se fez:
Ou o diabo te leva desta vez,
Ou se acaba este teu atrevimento.
A. — Todo negro diz que é duro,
Quando está entre os parceiros delle;
Mas, mostrando-se um chicote a elle,
Se acaba seu *roço* sem futuro.
O corpo de negro é um monturo.
O suór tem o cheiro de ticaca.
Trajado é um judas de casaca.
Onde entra, ninguem o leva em conta
Quando se diz que um negro está na ponta,
Já se sabe, é na ponta da macaca.

J. — Não falle de minha côr
Que você tem a sua amarellaça.
E' branco, porém tem a desgraça
De ser sem respeito e adulador.
E' chaleira, seja de quem fôr,
Atraz de ganhar algum bocado,
Um tostão p'ra viver encaxaçado,
Envergonhando a todo o povo seu
Que antes ser negro como eu,
Que um branco, assim, tão relaxado!

A. — Negro atrevido, animal
Não me fales em minha parentela,
Senão eu te encabresto e boto a sella,
Monto em cima e tu marchas liberal,

Se cansares é o primeiro signal
De ser lerdo, choutão, pesado e ruim;
Desta forma não serves para mim.
Vendo-te aos ciganos p'ra cangalha,
Vaes então servir p'ra levar palha
P'ra teus parceiros que gostam de capim.

J. — Antes disso eu lhe obrigo
A dizer por sua propria bôcca
Que a sua sorte foi tão pouca,
Que o diabo é seu tio e seu amigo,
Que nasceu por desgraça e castigo,
E de Poncio Pilatos é irmão.
Foi Herodes quem lhe deu educação
E o céo para elle não agrada,
Que o inferno será sua morada
E Judas foi seu mestre e seu patrão!

A. — Este negro, meus senhores,
Hoje fica sabendo eu quem sou,
Esmorece com os murros que lhe dou;
Dez annos ainda viva, terá dôres!
Elle é desses negros faladores
E por isso já tem muito soffrido.
Conhece teu logar, negro atrevido,
Maldito de Deus, bruto nojento!
Ou tu perdes o teu enxerimento
Ou te escangalho de vez o pé do ouvido!

J. — O diabo lhe attenta
P'ra commigo cantar em desafio

Mas, apanha, pinota, fica esguio,
Cria sarna e lepra rabugenta!
Dou-lhe um unto de sôco com pimenta,
Você corre, os moleques dão-lhe vaia,
Endoidece e não sabe onde caia,
Chega em casa, a mulher não o moraliza,
Lhe toma a calça e a camiza
Já que você não as honra, ande de saia!

A — Eu descubro teus pôdres desta vez
Este negro senhores, é exacto,
Porém passa lição em todo rato!
P'ra roubar um tostão, elle anda um mez.
Baixar cinco e logo subir seis
E' a doutrina que sabe o companheiro,
Além disto tambem é caxaceiro,
Alcovita, chaléra, faz enrêdo.
O resto eu não digo é com mêdo
Que este bicho tambem é desordeiro.

J. — Vou tambem ser positivo
Descobrir a sua santa vidinha;
Uma vez que você boliu na minha,
Foi mesmo quem deu este motivo.
Chaleirar é quem inda o traz vivo,
Leva e traz, mexericas pela rua.
E se achar quem com cobre lhe influa
Para dar um recado escondido,
A mulher casada ou sem marido
Você dá um recado até á sua!...

SILVA DE CANTIGAS SOLTAS DE DESAFIO

Nunca vi sombra de alma,
Nem rasto de *lobishome.*
Sou cascavel de verêda:
Quando pico, urubú come!

Collega, pinique a pôldra,
Se quizer me *acompanhá,*
Que esta minha egua velha,
Quanto mais puxo, mais dá!

Eu infinquei o meu marco
Da Gangorra p'ra Poção,
Para os cabras saberem
Qual a minha divisão...

Sae-te dahi, pinto chôco,
Vae-te banhar na maré!
Que outros melhores que tu
Apanham de ponta-pé!

Sou Gerome do Junqueiro
Da fala branda e macia,
Piso no chão devagar
Que a folha sêcca não chia,
Assubo de páu a riba
E desço pela *forquia!*

Ave Maria, meu Deus!

Quando eu me arreliar,
Faço aleijado correr,
Quem não tem ôlho enxergar!

No logar aonde eu canto,
Todos tiram o chapéo;
Cada repente que eu tiro,
Corre uma estrella no céo!

Quem quizer cantar commigo
Sente na ponta do banco,
Que eu conheço gado brabo,
De noite, só pelo arranco!

Quando mamãe me pario
Foi dentro duma gamella:
Da quéda que ella me deu
Papoquei uma costella!
Chegou meu pae, perguntando:
— Mulher, *cadê* nosso *fio?*
— Está sentado no banco
E cantando desafio!

Cantador como você,
Assim cheio desse luxo,
Eu boto o pé na barriga
E arranco o pirão do buxo!

Ignacio da Catingueira,
Escravo de Mané Luiz,
Tanto cava, como puxa,
Como sustenta o que diz!

Ignacio da Catingueira
E' um cabra agoniado,
Cava cacimba no sêcco,
Dá em baixo no molhado!

Vive agora *seu* Germano
Todo intrigado commigo,
Parece meu inimigo,
Por qualquer cousa falando.
Eu tocaia lhe botando
Nelle ou qualquer vivente,
Mordo até o presidente,
Assim me pise no rabo,
Que sou neto do diabo,
Meu sobrenome é serpente!

Terminando as suas disputas ou antes de começal-as, os troveiros do sertão fazem as louvações ás pessôas presentes á festa ou aos donos da casa em que se acham, como por exemplo nestas quadras singelas:

Senhora dona da casa,
Saia fóra ao copiar,
Que os *cantador* da ribeira
Querem todos lhe *alouvar!*

O capitão delegado
E' um moço de valor,
E' bonito e é lettrado,
Sabe mais do que um doutor!

Senhor doutor Nascimento,
Carinha que Deus pintou,
Metta a mão nas algibeiras
E pague quem lhe *alouvou!*

O desafio, peleja, martello ou galope entre dois sertanejos de Nordeste é assim vivo, bulhento, espirituoso e original. Elle tem um profundo caracter regionalista. Os seus proprios cantadores perdem o nome de familia e adoptam o dos logares onde vivem ou cantam: Gerome do Junqueiro, Ignacio da Catingueira, Manoel Joaquim do Muquém. Elle, vindo de longa ancestralidade, ainda se mantem no meio do sertão como a expressão do *panache* e da bravata loquaz das duas raças que produziram o typo ethnico da sub-raça nordestina, vinda do luso e do indio, bravata condoreira essa consubstanciada nos versos celebres:

Eu subo serras de fogo
Com alpercatas de algodão
E desço lá das alturas
Com três coriscos na mão!

Ou então no alardear inspiração poetica desta estrophe:

Poeta dez vezes mil!
Uma vez um tão somente,
Duas vezes dois me dissera,
Três vezes três quem tú eras,

Quatro vezes quatro sciente,
Cinco vezes cinco liquente,
Seis vezes seis do Brasil,
Sete vezes sete subtil,
Oito vezes oito na fama,
Nove vezes nove me chama,
Poeta dez vezes mil!

TROVAS DE AMOR E DE AMIGO

Trovas de Amor e de Amigo

Menestreis e trovadores, troveiros e trovistas, que andavam de longada, cantaram sempre na lingua d'oil, ou na lingua d'oc, em florentim ou em castelhano, as suas lôas de amor e de amigo, as primeiras impregnadas de paixão ou de zelos, as segundas recheiadas de ironia e de philosophia singela. Outra coisa não fazem ha mais de tres seculos os rudes rhapsodos do nosso immenso sertão. E, assim, têm creado um acervo admiravel de quadras galantes ou mordazes, formosas ou chistosas, que deu para que varios homens de lettras com ellas fizessem livros. Dos milhares e milhares dellas guardadas na memoria collectiva das nossas populações damos aqui algumas que ainda, ao que nos conste, não fôram colligidas por ninguem. Ellas não estão na grande obra de Sylvio Romero, no «Cancioneiro» interessante de Rodrigues de Carvalho, nos trabalhos de Koseritz, nas «Mil Trovas», de C. Góes nem nas «Trovas Populares» de Afranio Peixoto.

As cem quadras que o leitor encontrará neste capitulo são uma pequena amostra do thesouro que é nesse sentido o «folk-lore» nacional, no qual se

podem colher milhares e milhares dellas, além das suas variantes, que são numerosissimas. Ainda, infelizmente, não appareceu entre nós quem as compilasse e catalogasse de maneira definitiva como o fez Caballero com as interessantes coplas andaluzas. Ellas nos vêm de três fontes: do luso, do indigena e do escravo africano, além das que os mestiços modificaram, fizeram variar ou crearam tambem. Em muitas ha a juxtaposição das três linguas primitivas ou de duas, simplesmente. As mais bellas vieram de Portugal ou nasceram com a mestiçagem. São tão notaveis na sua singeleza, na sua ironia e no seu sentimento como os *strambotti* florentinos ou os *stornelli* toscanos. No fundo, a alma dessas quadras em todos os povos é a mesma. E, entre nós, foi-lhe ajuntada a molleza sensual dos tropicos, além de outros tons; porem isso não fez com que perdessem todo o encanto da sua expressão e da sua emoção.

TROVAS DE AMOR

(AMOR. CIUME, CASAMENTO, DESPEDIDA, SAUDADE GOSTO, IRONIA)

1

Você diz que me quer bem,
Mas não é de coração...
Quem quer bem chega p'ra perto,
Diz adeus, pega na mão...

2

No mundo não ha quem pinte,
Havendo tantos pintores,
A joia do teu retrato,
Teus olhos tão matadores.

3

Meu amor é como a sombra
Que a lua faz no jardim:
Mente ao longe, mas de perto
Nunca vi amor assim!

4

Sobrancelhas como as tuas
Não ha quem possa escondel-as:
São laços de fita preta,
Prendendo duas estrellas.

5

Com o laço do puro amor,
Prendeste meu coração.
Só quero que tragas preso
Este lenço em tua mão.

6

Ai! amor, por ti eu parto!
Por ti, amor! voltarei.
Quanto amor levo p'r'o mar,
Na terra quanto deixei!

7

Quizera ser encantado,
Menina, p'ra te roubar

E te deixar escondida
No fundo escuro do mar!

8

Passarinho está cantando
Para allivio de quem chora.
Se cantas p'ra consolar-me,
Passarinho, vae-te embora!

9

Menina, minha menina,
Da minha veneração,
Na barra do teu vestido
Arrastas meu coração.

10

Fui ao matto cortar lenha,
Encontrei a jurity:
Ella tinha seus amores
Como eu tenho por ti.

11

Eu bem sei de quem tu gostas,
P'ra ella podes cantar,
E' clara, tem olhos pretos,
Olhos que te hão de matar.

12

Os olhos do meu bemzinho
São duas pedras de brilhantes;
De dia são duas joias,
De noite dois diamantes.

13

Em cima daquella serra
Tem um pé de *fulô* preta.
Quando dois christãos se amam,
Apparece quem se metta.

14

Quando uma flôr desabrocha,
Parece sentir amor;
Quizera vêr o teu seio
Desabrochar como a flôr.

15

Se eu pudesse ser o sol,
Com que prazer te daria
Todo o encanto da manhã,
Toda a luz do meio-dia.

16

Meu coração é tão grande
Que nelle coubera o mar,
Se o mar fôsse o amor
Que eu tenho para te dar.

17

Meu coração anda triste,
Mas alegre ficaria,
Se eu te pudesse fitar
Cem vezes em cada dia.

18

Se por acaso te encontro,
Se vejo a imagem tua,

Sinto como um relampejo
Dos dôces raios da lua.

19

Não sei que tenho no peito,
Mas sinto as furias do mar,
Se por acaso te vejo
Com outro homem falar!

20

Meu Deus! Meu Deus! do meu peito
Arranca a minha paixão,
Que só fico satisfeito
Se ficar sem coração!

21

Amor com amor se paga,
Que outra paga amor não tem.
Quem com o mesmo amor não paga
Não diga que paga bem.

22

Pega lá esta chave de ouro
E tranca a nossa esperança.
Pega lá, torna a trancar
Nosso amor por segurança.

23

Gasta o tempo a pedra dura,
A ferrugem o ferro tem.
Só em mim gastar não póde
A força de querer bem.

24

Arrenego de quem diz
Que nosso amor se acabou.
Elle agora está mais firme
Do que quando começou.

25

Se eu promettesse e não désse,
Cousa de pouca valia,
Se eu promettesse e faltasse,
Nunca mais te apparecia!

26

Quem roubou o meu amor
Deve ser um meu amigo...
Levou penas, deixou glorias,
Levou trabalhos comsigo...

27

Os olhos dessa menina
São bonitos — benza-os Deus!
Ninguem lhes bote quebranto
Que ainda podem ser meus.

28

Gallo, deixa de cantar,
Que a tristeza me procura.
Tu tambem és creatura
Tem pena do meu penar.

29

Eu comprei uma camisa
Por quatro mil e quinhentos.

A primeira vez que a vesti
Contractei meu casamento.

30

Esta casa não é minha,
Se nella quizer *morá;*
Mas se nella tiver amor
Quem della me tirará?

31

Quem se achar bem deixe estar
Que não quero estar melhor,
Estou com o amor ao lado,
P'ra que regalo maior!

32

Adeus, ó sombra das flôres
Deste jardim tão florido.
Tão triste de ti se aparta
Quem tão alegre tem sido!

33

Dentro de meu peito tenho
Duas pombas-jurity:
Uma morreu de saudades
De tanto chorar por ti.

34

A outra, mais infeliz,
Bateu azas, foi embora.
E lá no campo, perdida,
Ainda hoje canta e chora!

35

Atirei um lenço branco,
Nos ares se espedaçou.
Espedaçado se veja
Quem por outro me deixou.

36

O annel cahio na pedra,
Retinio mais duma hora.
O amor que não é firme
Não faz mal que vá embora.

37

Meu bemzinho, de tão longe
Que vieste aqui buscar?
Vieste me encher de pena,
Acabar de me matar?

38

Eu plantei e semeei
Verduras de todo o anno.
Ou me ame com firmeza
Ou me dê o desengano.

39

Minha mulata bonita,
Sapateia no tijôlo.
A barra do teu vestido
E' prata e parece ouro.

40

Candieiro de dois bicos
Que alumias duas salas,

Alumia meu bemzinho
Que passa por mim e não fala.

41

Manjericão miudinho,
Salpicado de *a, b, c,*
Meu coração só me pede
Que me case com você.

42

Um beija-flôr me disse,
Outro mandou-me dizer,
Que no fim desta semana
Meu amor vinha me vêr.

43

Suspiros que vão e voltam
Dêm-me novas de meu bem:
Se elle é vivo, se elle é morto,
Se anda nos braços de alguem? (*)

43-A

Não é vivo, nem é morto,
Nem anda em braços de alguem.
Deitado na sua rêde,
Está só, sem mais ninguem.

44

Esta noite tive um sonho,

(*) Esta quadra está nos «Cantos Populares» de Sylvio Romero. Repetimol-a para melhor comprehensão da que lhe serve

Sonho de muita alegria:
Que me casavam á força
Com quem eu muito queria.

45

Papagaio louro,
Do bico dourado,
Leva esta carta
Ao meu bem amado!

46

Eu fui lá no Itararé,
Fui vêr agua e não achei,
Eu fui vêr morena bella
Já fui, já vi, já cheguei.

47

Ninguem deixe amores velhos
Pelos novos que hão de vir,
Que os novos logo se acabam
E os velhos vêm a servir.

48

Ninguem se confie em homem,
Nem quando promette amor,
Que Judas tambem foi homem
E vendeu Nosso Senhor.

49

Ao pobre tambem se ama,
Ao pobre tambem se adora,
O pobre tambem convive,
Por pobre tambem se chora!...

50

S. Gonçalo de Amarante,
Santo bem casamenteiro,
Antes de casar as outras,
Casae-me a mim primeiro.

51

Segunda-feira que vem,
Dia da minha partida,
Não sei se diga — Até logo!
Ou — Adeus! por toda a vida.

52

Coruja, vem cá, meu bem,
Que fim levou teu marido?
Elle anda pela rua,
Porque é muito enxerido... (*)

53

Você diz que me quer bem
E eu digo que Deus lhe pague.
Se seu bem é com interesse,
Commigo é cançar debalde.

54

Diabo leve, máo fim tenha
Quem o meu amor tomou!
Na hora de sua morte
Lhe falte Nosso *Senhô!*

(*) Intromettido. A ironia é terrivel.

55

Alecrim de beira d'agua,
Bemtevi de gamelleira.
Se não casarem commigo,
Pretendo morrer solteira...

56

Meu bemzinho, vá embora,
Que não tenho o que lhe dar.
Tou plantando macaxeira, (*)
P'r'o anno venha buscar.

57

Vou-me embora, vou-me embora,
P'r'o sertão do Cariry,
Vou buscar quem bem me ama,
A Maria Patury.

58

Quando eu aqui cheguei,
Achei violas tocando
E umas meninas bonitas
Na dansa se desmanchando.

59

Você diz que não me quer,
Porque não tenho fazenda.
O seu pae não é tão rico
Nem você tão bôa prenda!...

(*) Aipim.

60

Tenho raiva, tenho ira
Tenho paixão de matar
De quem dansa e não me atira,
De quem bebe e não me dá!...

61

Eu agora vou cantar
A cantiga da mutuca:
Toda moça baixa e gorda
Cáe na minha arapuca... (*)

62

Menina, tu vaes á França
Me traz dez botões de rosa,
Quatro abertos, tres fechados,
Tres de encarnada cheirosa.

63

Limoeiro pequenino,
Tira o galho do caminho,
Que eu costumo andar de noite,
Tenho medo dos espinhos...

64

As meninas lá de casa
São meninas cavilosas...
Vão ao jardim plantar flôres,
Plantam cravo e nascem rosas...

(*) Armadilha para pegar passaros.

65

As meninas lá de casa
São meninas de acção...
Botam a panella no fogo,
Cosinham com dois *tição*...

66

Pintor que pintou Maria
Tambem pintou Isabel;
Quando quiz pintar Josepha,
Ai! meu Deus, *cadê* pincel?...

67

Menina, casa commigo,
Que sou bom *trabalhadô*,
Boto a enxada no hombro
E lá na roça não vou...

68

Torrada, meu bem, torrada,
Torrada não me dê mais,
Por causa dessa torrada
Morreu a filha dos paes...

69

Peguei na perna da velha,
Cuidando fôsse da *fia:*
Perna de velha é cascuda,
Perna de moça é macia!...

70

Coitadinho de quem ama,
Andando atraz de favor,

Só logrando ser ladrão
Do que pode ser senhor!

TROVAS DE AMIGO

(CONCEITOS, MOTEJOS, TRADIÇÕES, SUPPLICAS, CRENDICES, CONSELHOS, SATYRAS, ALLUSÕES)

71

Sou um pobre peregrino,
Morador neste sertão,
Vou pedindo pelas casas,
Todos dizendo que não.

72

Eu compro as banhas da cobra,
De fumo dou quarta e meia,
P'ra fomentar uma perna
Que me dóe na lua cheia.

73

De Salomão a sciencia
Eu trago toda de cór:
Pae e mãe é muito bom,
Barriga cheia é melhor.

74

O tempo pedio ao tempo
Que lhe désse largo tempo.
O tempo lhe respondeu:
— Tudo no mundo tem tempo!

75

Quem tiver sua filha virgem
Não mande apanhar café. (*)
Se fôr menina, vem moça;
Se fôr moça, vem *muié*.

76

Quem tiver filha bonita
Traga-a presa na corrente,
Que tambem já tive a minha,
Jacaré levou no dente...

77

Quem tiver a sua casa
Bote reparo de vista,
Não consinta suas filhas
Darem fogo a rabequista.

78

O homem, tendo dinheiro,
Sabendo se dirigir,
Vende a terra, compra o céo,
Faz escada p'ra subir.

79

Entre Judas e Pilatos.
Foi o Christo concluido:
Quando Pilatos vendeu,
Judas já tinha vendido.

(*) Quadra da serra de Baturité, no Ceará, onde ha plantações de café.

80

Saber viver neste mundo,
E' dote que Deus nos *dá,*
E' uma grande fortuna,
E' um grande *cabedá.*

81

Côco verde, côco dôce
Côco do Neco Pereira,
Côco dôce te arrenego
Que não sou desta ribeira.

82

O côco para ser côco,
Deve ser de catolé.
O homem para ser homem
Deve ter cinco *muié.*

83

Sendo eu de prata fina,
Fui misturar-me com cobre.
Grande castigo merece
Quem se abate, sendo nobre!

84

Massa cosida é farinha,
Garapa cosida é *mé,*
Franga que põe é gallinha,
Moça que casa é *muié.*

85

Olho máo, eu te arrenego,
Vae-te para Belzebuth!

Por ti Pedro Labatut
Cahio duro como um prego. (*)

86

Quem tiver raiva de mim
Cante e grite pela rua,
Que eu como na minha casa,
Cada qual coma na sua...

87

Quem tiver raiva de mim
E não puder se vingar
Bote a corda no pescoço,
Dê-me a ponta p'ra puxar...

88

Ninguem se julgue feliz
Por ter tudo em bom estado,
Pois vem a tyranna sorte,
Faz dum feliz desgraçado.

89

Quem corta e prepara o páo,
Quem cava e faz a gamella,
Toma a si todo o trabalho
E, depois, fica sem ella...

90

S. Gonçalo de Amarante,
Feito do páo de alfavaca,

(*) Refere-se ao assassinato de Pedro Labatut, em Fortaleza, na primeira metade do seculo passado.

No sertão, quem não tem rêde
Dorme num couro de vacca...

91

Muito vence quem se vence,
Muito diz quem não diz tudo,
Porque ao discreto pertence
A tempo fazer-se mudo.

92

Com geito se leva o mundo,
De tudo o geito é capaz,
Assim se ageite ao geito
Como muita gente faz.

93

Coitadinho de quem pede
Com sua necessidade!
Quem pede, pede chorando,
Quem dá carece vontade.

94

Tenho visto muito homem
Que passa por bem honrado:
Caradura no presente,
Semvergonha no passado.

95

Quem não toca, quem não dansa
Fica triste e jururú,
Sua mãe é mulher feia
E seu pae um cururú.

96

O dinheiro é só quem faz
O homem ficar senhor,
Ser barão, ser deputado
E, depois, ser senador.

97

Não quero Sant'Antonio grande
Dentro do meu oratorio.
Só quero o meu pequenino
Que attende o meu peditorio.

98

Bacuráo anda de noite.
De dia porque não anda?
Porque foi notificado
Pelo Panella de Miranda. (*)

99

Eu sou o Deus Sabe Tudo,
Moro na ponta da rua,
Falando da vida alheia,
Cada qual cuida da sua...

100

Ninguem se confie ao vento,
Que vento não tem que dar.
Quem se vira numa penna
O vento ha de carregar.

(*) Nome duma autoridade qualquer do interior parahybano, de onde vem a quadra, que prohibio a qualquer sujeito andar de noite.

EMBOLADAS

Emboladas

As cantigas de rythmo ligeiro e rimas repetidas, *embolando* umas com as outras, intercaladas de estribilhos, que vulgarmente se chamam emboladas, são, no Nordeste brasileiro, mais communs no littoral do que no sertão. Canto repentista da gente da costa, que se ouve nas dansas sapateadas dos *côcos* de embigada, hoje em dia se acha banalisado em celebres estrophes do carnaval carioca, as da Cabôcla de Caxangá, por exemplo. Aquelles que tiram as emboladas, nas povoações de pescadores, usam dellas para *intimar* com os presentes, para historiar ou criticar os factos occorridos na redondeza e, muitas vezes, essa poesia de repentista se torna tradicional, guardando costumes ou rememorando factos. Os seus estribilhos se têm conservado os mesmor atravéz os tempos:

Tengo! tengo!
O ferreiro bate o ferro.
Amoladô!
O ferreiro já malhou!

Ou então:

Roda livre a manivella,
Bota azeite no mancal!

Essas emboladas são conhecidas em todo o Nordeste e muitas dellas se perpetuaram na memoria do povo. Vejamos, em primeiro logar, uns exemplos d'algumas que se tornaram inteiramente tradicionaes por guardarem o traço de factos notaveis occorridos no Brasil. Esta fala-nos da guerra do Paraguay:

Foi o duque de Caxias
Que mandou-*me* chamar,
Móde ir ao Paraguay,
Móde aprender a brigar.
Vou-me embora, vou-me embora,
Vou-me embora para o mar!

Esta conta-nos de Canudos:

Eu recebi um convite
Do general Arthur Oscar,
Móde ir para Canudos
O Conselheiro acabar.
Vou-me embora, vou-me embora,
Quando acabar de dansar...

Esta outra recorda o governo de Floriano Peixoto e a influencia de Pedro Paulino e do general Gabino Besouro nas Alagôas, fazendo de tudo isso e mais da creação dos guardas locaes no referido Estado uma synthese interessante:

Pedro Paulino,
Bezouro, Floriano,
Decreto republicano

Que creou guarda local
Roda livre a manivella,
Bota azeite no mancal.

As allusões a costumes são sobremodo interessantes. No Nordeste, os matutos que vêm ás cidades littoraneanas, tangendo os seus comboios de burros com cargas, deixam as camisas por fóra das calças. Isto, como entrar armado nas cidades, é prohibido. Um soldado de policia, postado em cada estrada que vem ter á cidade, obriga todo o sertanejo a guardar a faca fóra de portas e a pôr a camisa por dentro das calças, a «passar o panno», dizem elles.

Estes factos estão commentados nas emboladas:

Matuto bêsta,
Quando chega lá de fóra,
Sua faca, sua pistola,
Dá na venda p'ra guardar.

Tengo! tengo!
O ferreiro bate o ferro.
Tengo! tengo!
O ferreiro quer malhar.

Matuto bêsta,
Bota a camisa p'ra dentro,
Bota o ôlho no sargento
Da Guarda Municipal.

Tengo! tenço! etc.

Matuto bêsta,
Quando chega na cidade,
Fica todo estatelado,
Não sabe o que vae comprar!

Tengo! tengo! etc.

Outras estrophes referem-se a simples cousas da vida dos que as cantam nas suas pobres festas:

Peixe, piaba,
Tubarão, baleia, serra,
Meu maninho vem por terra,
Vamos tarrafiar no mar!

Maneiro pau!
Maneiro pau!

Dois vintens, meia pataca,
Dois mil réis, mil e quinhentos,
Minha canôa está pintada,
Não me pisa mulher dentro.

Maneiro pau! *(bis)*

Muitas e muitas vezes, as cantigas das emboladas são bastantes immoraes. Outras são duplas, *embolam* uma sobre a outra, como esta, por exemplo:

— Negra damnada,
De que chora este menino?

— Chora de barriga cheia,
Só p'r'o móde me tentar.

— Negra damnada,
A palmatoria está no torno,
Metta a peia nesse corno,
Mande elle se aquietar!

Os exemplos de versos de emboladas seriam de dar um volume, se os quizesssemos aqui recolher todos. Tornar-se-iam enfadonhos pela sua repetição, tão enfadonhos e repetidos como os passes da dansa praieira dos côcos, ao som dum maracá e dum pandeiro, durante as quaes são cantadas as mais celebres emboladas. Foi este um genero de poesia que nasceu na praia e dahi subio ao sertão. Ahi, no emtanto, ainda é raro. Em muitas regiões completamente o desconhecem. E mesmo onde apparece está um pouco alterado. Estampamos aqui, como exemplo illustrativo, as emboladas sertanejas do poeta parahybano Caluête Maravilha:

EMBOLADAS DE ALEXANDRINO CALUETE MARAVILHA, DO TEIXEIRA, PARAHYBA

No mez de Janeiro,
Quando o anno é bom,
Que se ouve o som
Do trovão primeiro,

Vê-se o nevoeiro
Subir com alento,

Com pouco o vento,
O tempo amoroso,
O ar caloroso
E o céo alvacento!
O sertanejo conhece
No dia que quer *chovê,*
Nevoeiro ninguem vê.
Do meio dia p'ra tarde
E' que vem *apparecê.*

O feijão é grosseiro,
Mas não é porqueira,
Se vende na feira,
Recebe o dinheiro,
Se compra tempêro,
Carne com gordura,
Café, rapadura,
Legume de planta, (?)
A fome se espanta
E chama a fartura!
Estou na *carretia,*
Estou na embolada,
Mulher preguiçosa
Não cose nem fia,
Se deita de noite
Acorda a meio dia!
Se não fôsse o homem,
Mulher não comia!...

III

Historias, Fabulas, Lendas e Superstições

A Magalhães de Azeredo

I

HISTORIAS

a)

HISTORIAS DE GENTE

O avarento João de Velós

Um avarento, chamado João de Velós, comia somente, para não gastar dinheiro, uma bolacha de manhã e outra á noite. Assim, reunio uma grande fortuna, conseguindo encher duas pequenas caixas de moedas de ouro. Tendo-lhe sido proposto um negocio em que devia ganhar muito, foi a uma das caixas, abrio-a e disse-lhe:

— Caixa, empresta-me tres contos de réis.

A caixa, deixando-o espantado, respondeu:

— Este dinheiro não é teu, é de João de Velós.

O avarento desconfiou da historia. Aquella magia pôz-lhe sal na moleira. Resolveu mudar de terra. Passou o dinheiro das duas caixas para duas barricas do mesmo tamanho e embarcou para o estrangeiro. A' primeira noite de viagem, quando dormia, o mar grosso quasi afunda a embarcação. Para alivial-a, o capitão mandou lançar ao mar aquellás duas pesadas barricas, que o dono declarára estarem carregadas de chumbo.

As correntes submarinas encarregaram-se de leval-as a um curral de peixe de propriedade dum outro individuo, que, por coincidencia, tambem se cha-

mava João de Velós. Este abrio aquellas barricas e deu o seu conteúdo de esmola.

O outro, a bordo, quando vio de manhã o que o capitão fizera, ficou desapontado e furioso. Tomou um escaler e foi desembarcar na costa fronteira, ao longo da qual começou a procurar as barricas, até que deu com a casa do seu homonymo, onde chegou faminto e rasgado. O segundo João de Velós escutou a historia que elle lhe contou das barricas, não lhe disse que as achára e distribuira seu conteúdo pelos pobres e lhe deu um bello pão recheiado de grandes moedas de ouro. O avarento foi embora. Adiante encontrou uma comadre do outro que o ia visitar. Ella achou o pão que elle levava muito bonito e propôz-se a compral-o por cinco patacas, afim de dal-o de presente ao compadre que ia visitar. O primeiro João de Velós vendeu-o. E o segundo teve assim recambiadas as suas moedas.

Foi desta sorte que Deus castigou um avarento, reduzindo-o á miseria, apezar de tudo. (*)

A vingança do menino

Era uma vez um homem que ia de viagem. A' porta duma casa, na beira da estrada, encontrou um menino. Perguntou-lhe:

— Menino, *cadê* teu pae?

(*) Este conto sertanejo é mais ou menos variante barbara daquella canção portugueza em que se conta dum sapateiro que

— Está no arrependimento.

— Que é arrependimento, menino?

— E' o roçado, porque quando vem a sêcca a gente se arrepende de têl-o plantado...

— E tua mãe, menino?

— Está pagando os gastos do anno passado.

— Que é isso, menino?

— Está dando a luz...

Adeante da casa havia um rio. O homem indagou:

— Aquelle rio é fundo?

— O gado de meu pae passa todo o dia para lá e para cá...

O homem não se lembrou que o astucioso menino só falava em linguagem symbolica e cuidou que o rio fôsse vadeavel. Metteu o cavallo n'agua para passar e quasi morre afogado. O gado a que o pequeno se referia era um bando de patos que os paes criavam.

O viajante regressou á casa do menino, todo molhado, furioso. Encontrou o pae que tornava do roçado e pedio-lhe o petiz. Achava-o esperto, era rico e sem filhos, desejaria educal-o. Tantas disse que convenceu o outro e carregou com o garoto. Na sua casa, resolveu vingar-se delle. Agarrou uma palmatoria e começou a fazer-lhe perguntas, cujas respostas tinham de ser figuradas como aquellas que o menino lhe déra.

recebeu do rei um bôlo com recheio de moedas e delle não se aproveitou.

— Que é padre?
— E' um homem.
— Errou. Não é não. Padre é « Fé em Deus ».
E applicou-lhe meia duzia de bôlos.
— Que é mulher?
— E' mulher.
— Errou. E' « Folgazona ».
Segunda meia duzia de bôlos!
— Que é gato?
— E' um bicho.
— Não senhor! E' « Apanha-rato ».
Outra meia duzia!
— E fôgo?
— E' fôgo!
— Qual o que! E' « Claro do Mundo ».
Outra meia duzia.
— E você quem é?
— Um menino.
— Não. Você é ninguem.

Desta vez, para terminar, foi uma duzia de bôlos de estalo, inteirinha.

Passados dias, tendo vindo á casa um padre, que a frequentava a miude na ausencia do tal homem, e estando no quarto a *confessar* a mulher deste, o menino espalhou polvora pelo chão, amarrou um facho accezo no rabo dum gato e soltou-o. O bicho entrou como um diabo pela casa adentro, a polvora pegou fogo e dentro em pouco um incendio formidavel devorava tudo. O homem chega de onde

estava, ás carreiras, e, topando o menino no terreiro, pergunta-lhe horrorisado:

— Que desgraça foi essa?

O petiz responde-lhe com toda a calma, sorridente:

— Desgraça? Não senhor! Foi o «Apanha-rato» com o «Claro do Mundo» no rabo que entrou lá onde estava o «Fé em Deus» com a «Folgazona»!

— E quem poz fogo no rabo do gato, menino?

— Foi Ninguem... (*)

O escrivão, o juiz e S. Pedro

Não ha gente que soffra maiores motejos do povo do que o pessoal da Justiça e do Fisco. No fundo, o povo tem razão, porque elle o esfola com todas as regras devidas dessa Biblia de Satanaz que é o Direito Romano.

A proposito dos tabelliães, o povo de Nordeste conta esta lenda. Morrêra um escrivão e fôra bater á porta do céo. S. Pedro negou-se a deixal-o entrar. Mas elle tantas lamurias fez e tanta miseria contou que o santo porteiro, penalisado, lhe disse:

— Tu só entrarás se vieres a cavallo.

(*) Esta historia é de além-mar. Contam-n'a, de maneira immoral, entre os portuguezes como acontecida com Bocage, quando quiz penetrar no quarto de uma princeza e sahir são e salvo ás barbas do rei. Aconteceu primeiro a Ulysses, segundo Homero, que com o estratagema do *Ninguem* escapou aos dentes de Polyphemo.

O tabellião desceu atrapalhado a ladeira que do céo vae para o inferno. Onde achar um cavallo naquelles logares ermos de bichos e sómente povoados pelas almas dos homens? Quando já desesperava de achar uma cavalgadura, avistou o juiz com quem servira no mundo, sob cuja vara roubára a clientella e que tambem batêra a bota. Perguntou ao magistrado para onde ia.

— Pará o céo — respondeu-lhe o outro.

— Qual! — tornou-lhe o serventuario publico — eu não entrei que fui escrivão, quanto mais o senhor que foi juiz! Escute, não perca seu tempo em subir sósinho. Eu já volto lá do portão do céo. S. Pedro declarou-me que nós sómente entrariamos se eu fôsse montado no senhor.

O juiz acreditou na historia e deixou se cavalgar. Quando chegaram á porta do céo, S. Pedro declarou:

— Aqui só entra o senhor escrivão. O cavallo fica do lado de fóra!

Esta fabula mostra a profunda ironia matuta, que acha o escrivão capaz de enganar o proprio juiz no outro mundo, quanto mais neste!...

O ôlho de vaqueiro

Ha uma historieta sertaneja, já velha duns dois seculos, que leva a ridiculo aquelles que exaggeram suas façanhas de vaqueiro. Os sertanejos narram-n'a por conta dum pegador de gado fanfarrão qualquer.

Esse individuo contava que passára o dia inteiro no fatigante labor de reunir os bois de sua «entrega», para leval-os ao mercado. Vestido de couro vermelho de veado capoeiro, atravessára em todos os sentidos os carrascaes embastidos de faixeiros, rompe-gibões, favellas, mandacarús, xiques-xiques, unhas de gato, pega-roupas e outros variados espinhos. Varára as catingas espessas no piso dos «reboleiros» e perdêra-se nos intrincados das corôas, á margem dos cotovellos dos rios, onde os cipós desciam dos ramos para o chão como grossas cordas de palha de carnahúba.

Chegára, portanto, em casa á tarde, cançado e faminto. Ao apear-se, a mulher recebera-o com o maior espanto, exclamando:

— Marido, você vasou o ôlho esquerdo!

Levára logo a mão á face e retirára-a ensanguentada Lembrára-se, então, que sentira uma dôr na vista esquerda, ao sahir duma capoeira, onde havia juremas espinhentas em grande quantidade. Fôra lá, certamente, que perdêra o ôlho. Tão atarefado andára o dia todo que nem déra por isso! Não déra uma palavra á mulher, pulára sobre a sella, mettera esporas no cavallo e regressára ao tal logar.

Lá chegando, procurára o ôlho algum tempo. Fôra encontral-o no chão, perto do galho pontudo de jurema que lh'o tirára da orbita. Estava cheio de areia e coberto de formigas. Soprára-o, limpára-o na manga da camisa e de novo o entalára na cavidade vasia.

Ao entrar novamente em casa, já a mulher punha o jantar á mesa. Sentára-se, dando a bôa nova:

— Minha mulher, graças a Deus achei o meu ôlho.

Mas ficára assombrado deante da comida que ella lhe apresentava nos pratos de louça grosseira. Levantou-se, enojado:

— Como lá essa porcaria!

A esposa admirada indagou por que.

— Porque metade da comida está cosida e bôa, porem a outra metade está crúa!

— Como, meu marido?!

— Sim, minha mulher! Vejo ahi metade de cada prato de feijão, de carne sêcca, de pirão, e a outra metade de miolos crús, de bofes crús, de garganta crúa! Como lá isso!

No auge do espanto, a pobre creatura attentou bem para elle, julgando-o maluco. Logo vira a causa. Gritára-lhe:

— Marido de Deus! você pôz o ôlho com a «menina» para o lado de dentro. E' por isso que você está vendo metade da comida desse geito! Você está olhando para dentro de você mesmo!

E o tal vaqueiro fanfarrão affirmava que tornára a tirar o ôlho e, então, o collocára direito...

A historia não nasceu da imaginação do habitante do adusto sertão de Nordeste. Ella alli nada mais fez do que, segundo uma lei já ennunciada pelos grandes folk-loristas, adaptar-se ás condições do meio physico e moral.

Nós a encontramos entre o povo francez, no seguinte episodio:

Um charlatão de aldeia tirou os olhos dum camponez, afim de limpal-os, porque o pobre homem estava com a vista muito suja, muito turva. Depois de os lavar, pôl-os ao sol, para seccarem. Veio um gato, na sua ausencia, e devorou-os. O charlatão, vexadissimo, pegou o gato, matou-o, arrancou-lhe os globos oculares e introduzio-os nas orbitas da victima, que dormia hypnotisada. Depois, acordou-a. O homem levantou-se, sentindo-se muito bem, vendo tudo admiravelmente, pagou bem ao charlatão e foi para casa muito satisfeito da vida. Porém, desde esse maldito dia da operação, nunca mais teve descanço. Bastava vêr um rato e davam-lhe ganas de correr-lhe atraz. Não se continha. Pulava sobre o roedor, segurava-o com os dentes, matava-o. Só assim ficava novamente calmo.

A fabula é ainda mais remota. Na historia litteraria da humanidade, quem primeiro fala della é o ironico e subtil Luciano de Samosata. Descrevendo sua viagem á lua, diz elle que os selenitas expremem dos lacrymaes um oleo perfumado e fino; que, além disso, suas pupillas são totalmente moveis, podendo elles tiral-as e guardal-as, quando assim o querem, somente as collocando de novo quando tiverem vontade de vêr. Quando um habitante da lua perde o seu ôlho, pede emprestado o do visinho. E os ricos são aquelles que possuem, bem guardado, grande numero de olhos...

b)

HISTORIAS DE ANIMAES

A gaita do kágado

A' beira do rio, sob a fôlha dos ingazeiros, o sr. Tago-Reré, um kágado muito conhecido na ribeira, todas as manhãs e todas as tardes tocava a sua gaita de taboca. E o tejúassú, lagarto cúpido, escutava-o com inveja.

Um dia, o tejú escondeu-se nas fôlhas sêccas, para vêr onde o Tago-Reré guardava aquella maviosa flauta selvagem. Vio-o occultal-a numa moita espessa e, depois, mergulhar na agua quieta. Mestre Gonçalo, o lagarto, furtou-a. Desse dia em deante foi elle quem tocou o instrumento, á porta de casa, isto é, á beira de sua tóca. Mas não tinha estudos nem geito. Seguia vocação errada. Era um desafinado de truz. Os mattos se enchiam com aquella cacophonia horrivel, que até espantava o passarêdo. Estavam satisfeitos, porém, os seus desejos.

Como Calypso não se podia consolar da partida de Ulysses, o sr. Tago-Reré não se consolava da falta que lhe fazia a sua gaita. Era necessario rehavel-a. Sabia que o tejúassú apreciava muito o mel de abêlha. Teve uma idéa. Foi a um cortiço de jandahyra, tirou um favo e espremeu-o num dos ori-

ficios de seu corpo. Deitou-se dentro das fôlhas sêccas e esperou.

O Gonçalo veio por alli, rastejando e farejando. Deu com o buraco de mel. Molhou o dêdo e provou Achou bom. Tornou a molhar o dêdo. Então, o Kágado apertou os musculos e segurou-o. Tomou um susto e tanto! Estava fisgado e pelo seu maior inimigo, que sabia a meio do folhiço e rugia:

— Ou me dás a minha gaita ou corto-te o dêdo!

— Compadre Kágado, não trago a gaita commigo.

— Então, pede-a á tua mulher! E cada vez mais apertava o dêdo do lagarto.

— Não tenho mulher. Sou viuvo, meu compadrinho!

— Pede a teu filho.

— Pois sim, pois sim! Vou pedir. Affrouxe um pouco. E, alteando a voz dolorida, o tejú bradou no silencio dourado do sol na mattaria:

— Gonçalinho! Gonçalinho!

Uma voz de creança-tejú respondeu ao longe:

— Que é meu pae?

— Gonçalinho, traz a gaita do Tago-Reré!

A distancia matava um pouco a força da voz.. O pequeno não ouvio bem. Perguntou:

— E' para eu ir lá?

— Não! Traz a gaita do Tago-Reré!

O Kágado apertava os musculos de aço. O lagarto gemia de dôr. A voz de tejú novo se fez ouvir:

— Você achou um cortiço de abêlha canudo, meu pae?

— Não, diabo! Traz a gaita do Tago-Reré.

— A sua casaca, papae?

— Não! A gaita do Tago-Reré!

— A caixa de rapé?

— Não, demonio! A gaita do compadre Kágado.

Emfim, o filho entendeu e trouxe a gaita, que logo foi restituida. O Kágado soltou, então, o dêdo do tejú, que durante muito tempo conservou um annel rôxo de sangue pisado...

O antidoto do Tejúassú

Os sertanejos do Ceará contam que o tejúassú é o inimigo mais figadal das cobras que existe no matto. Segundo o que affirmam, esse lagarto, que gosta immensamente de se aquentar ao sol de meio-dia nas veredas dos taboleiros ou sobre os folhiços, mal presente uma cascavel ou jararáca prepara-se para lhe dar combate, sahindo muitas e muitas vezes vencedor.

Contra a sua feroz inimiga dispõe de varias armas: as unhas, o latego espinhento da cauda, que manobra com rara habilidade, e os dentes. A serpente só póde mordêl-o e envenenal-o. Mas os matutos asseguram que o veneno da cobra, por mais violento que seja, nada pode contra o valente tejúassú. Por-

que este, logo que se sente mordido, tem, por instincto, a sciencia de ter sido empeçonhado e procura logo, na vasta e riquissima pharmacia vegetal que o rodeia, o antidoto com que salvará sua vida.

Abandona a luta e corre em busca da raiz «cabeça de negro», segundo uns, «batata de porco», segundo outros. Cava o sólo. Desenterra-a. Come-a. E volve novamente á luta. Se a cobra mal ferida não poude fugir, acaba de matal-a. Se não, vae atraz della até encontral-a e recomeçar a briga.

Dizem mais que muitas vezes o esperto lagarto procura a tal raiz ou batata de momento a momento, tanto é mordido pelo ophidio. E os habitantes daquella região estão convencidos de que o tal antidoto só produz effeito em lagarto, não em gente...

Essa historia veio, como mil outras, para os nossos sertões, da velha Europa, onde outróra muito se acreditou e muito se escreveu sobre a medecina natural dos animaes. Applicaram-n'a ao tejúassú e á cobra os homens do sertão, por sêrem esses os dois animaes do meio que a ella mais se prestavam.

Leonardo da Vinci conta no seu «Volucrario» varios casos dessa medecina curiosa. Certamente, como excellente observador que era de costumes, colheu-os das crenças populares italianas e annotou-os, se não os extrahio das «Varias Historias» de Eliano ou da «Historia Natural» de Plinio, que dellas falam com segurança. Não os commentou, o que é signal de que estava de pé atraz contra elles. Li-

mitou-se, assim, a registral-os, nada affirmando a seu respeito.

Escreveu elle que o milhafre, quando vê os filhotes no ninho, engordando demasiadamente, lhes dá surras com o bico, afim de emmagrecerem; que a ibis, ao sentir-se enferma, enche o seu comprido pescoço de agua e, com o longo bico, dá em si propria um clyster, ficando quasi sempre bôa. Accrescenta que o corvo, depois de matar o cameleão, para se purificar, toma um purgativo, comendo as fôlhas do loureiro, as quaes produzem admiravel effeito. Diz mais que a cegonha, quando enferma, bebe agua do mar e fica de novo com saúde. Quando os filhos da andorinha nascem cegos, ella traz no bico um raminho de celidonia e esfrega-lhes lentamente as palpebras. As avesinhas logo as abrem e vêm! O cordelino da Italia, como o melro de Guerra Junqueiro, dá peçonha á prole engaiolada, matando-a! O veado, quando se sente mordido pela aranha phallengia, que é muito venenosa, come lagostas e cura-se! O javali trata-se com fôlhas de hera. E Leonardo termina suas notas sobre a medecina dos animaes com dois exemplos que lembram a historia sertaneja do tejúassú. Conta elle que a luserta se bate com as serpes e, quando se sente mordida, come a cicerbita, que é o mais poderoso antidoto do veneno ophidico, na Europa; e que o lagarto, tambem nessas lutas é com o mesmo fim, come as fôlhas da couve selvagem.

Todas essas crenças vêm da mais remota anti-

guidade e o sertanejo limitou-se a applicar uma dellas ao tejúassú. Acredita tanto nella quanto na de que os gatos, com dôr de barriga, comem capim para se curarem.

O Bem-te-vi Gamella

Entre as aves do sertão, as mais interessantes são os bem-te-vis, dos quaes ha duas especies — o Gamella, de cabeça branca com uma lista escura sobre os olhos, o Cavalleiro, de cabeça escura, que vive sobre o dorso dos cavallos, burros e bois, catando parasitas.

O Gamella vive mais nas arvores do que o outro e talvez de pousar muito nos galhos altos das gamelleiras lhe tenha vindo o seu appellido, como disso se originou aquelle estribilho de côco praieiro, registrado por Antonio Rodrigues de Carvalho e commentado por Alberto Faria, no «Aérides»:

Bem-te-vi derrubou
Gamelleira no chão.

O Gamella faz monopolio das arvores onde pousa e não admitte que outras aves nella venham descançar. E' valente e agil. Expulsa-as ás bicaradas. Dá pancada, corajosamente, mesmo nos gaviões.

Diz Alberto Faria que delle no interior do Brasil se contam muitas facécias. No sertão do Ceará, narram esta:

Um sujeito satisfazia uma necessidade debaixo duma arvore em logar deserto e, quando ia limpar-se, ouvio o grito ironico e estridulo do passaro: — Bem-te-vi! Ficou meio perturbado e, murmurando: — Que me importa que tu visses! sujou os dêdos.

Sacudio-os bruscamente e bateu com elles na dura aresta duma pedra. Com a dôr, sem pensar, levou-os á bôcca... E o passaro tornou a gritar:

— Bem-te-vi!

Então, soltou-lhe um desafôro formidavel.

A trahyra e a isca (*)

O rio deslisava mansamente e no fundo da agua, a um canto, a trahyra coxilava na sua rêde, adoentada. Chega o pescador, atira o anzol com um pedacinho de carne fresca. A trahyra chama uma das filhas:

— Isabel, minha filha, vê o que é.

— Mamãe, é um pedacinho de carne fresca.

— Não quero, não. Isso não é comida de gente doente.

Vendo que o peixe não beliscava no anzol, o pescador muda a isca. Agora é uma perninha de passarinho. Novo e identico dialogo no fundo do rio. O pescador substitúe-a por uma perninha de caçóte. (**) E a trahyra velha, ao saber disto, brada com pressa á filha:

(*) «Terra de Sol» do mesmo autor, pgs. 61, 262.
(**) *Caçóte* — pequeno sapo

— Anda, Isabel, traz minhas chinellas! Perninha de caçóte é comida mesmo de quem está doente!

Esta historia tem o unico fim de mostrar que esse peixe gosta mais dessa isca do que de outra qualquer. E esse resultado da experiencia de muitos pescadores fica assim guardado para sempre na memoria collectiva.

Os bichos do Natal

A symbolica christã perpetuou em todos os povos que o catholicismo influenciou as historias lendarias dos animaes do presepio: os carneiros, o boi e o burro, especialmente.

O sertão se apoderou desses bichos, juntou-lhes outros e fez com todos uma pequena historia, ou melhor, uma parlenda, imitando as suas vozes mais ou menos:

O gallo: — Christo nasceu!
O boi: — Onde? Onde?
O carneiro: — Em Belem! Em Belem!
O burro: — Vamos lá! Vamos lá!
A cabra: — Mentes! Mentes!
O cão: — Ladra! Ladra!
O perú: — Degola elle! Degola!
O capote: (*) — Está fraco! Está fraco!
O cavallo: — Bichos ruins! Bichos ruins!

(*) *Capote* - gallinga d'Angola.

Ora, pelo que disseram os bichos, ficaram bons ou máus, fôram ou não castigados. O gallo, que annunciou o senhor, o boi que perguntou onde estava, o burro que convidou todos a irem lá, o carneiro que indicou Belem, o cão que o defendeu da cabra, e o cavallo e o capote que delle tiveram pena, são animaes bons e dignos. A cabra que desmentio a noticia e o perú que o quiz degolar são animaes malditos. Dahi a estupidez do perú e a cabra matar toda a planta em que morde.

O burro e o Padre Eterno; Nossa Senhora e a sôlha

Em todo o Nordeste, o povo gosta de explicar os motivos por que tal ou tal bicho tem esta ou aquella forma, esta ou aquella qualidade. Isto é commum a todos os povos. Entre essas historias ou lendas explicativas sobre animaes, escolhemos as duas mais interessantes.

Quando o Padre Eterno creou os animaes, deu a cada um um nome. Dias depois, chamou-os á sua presença e foi perguntando a um por um que nomes tinham recebido. Todos repetiram os seus appellidos, menos o burro, que totalmente esquecêra o seu. Deus ficou muito aborrecido. Pegou-o pelas orelhas, puxou-as com força varias vezes, gritando-

lhe: burro! burro! burro! Dahi o seu nome e o tamanho das suas orelhas.

Nossa Senhora passeiava um dia pela beira da praia e vio um peixe nadando. Perguntou-lhe, delicadamente:

— Sôlha, a maré enche ou vasa?

E a sôlha, ao invês de responder-lhe, arremedou-a, fanhosa, torcendo a cara numa carêta:

— Sôlha, a maré enche ou vasa?

Desde esse dia, por castigo, a sôlha ficou toda torta, com os olhos dum lado só.

E, dessas historias, de origem européa, ha centenas.

2

FABULAS

As fabulas

As fabulas recordam o tempo de mais intima vida entre os homens e os animaes. Essas relações, vindas dos totemismos primitivos, são continuadas pelos povos nos cantos e historias de animaes, que constituem uma das partes mais importantes da poesia popular e das tradições folk-ioristas duma raça. Se não é a mais, é uma das mais espontaneas. Nellas se sentem as formas primitivas da moral incipiente. Nesses apologos, todas as qualidades e physionomias moraes dos animaes escolhidos pela arte popular são transportaveis aos homens e a elles applicaveis facilmente. Dahi a sua grande importancia. Elles retratam toda uma sociedade, retratando os bichos que vivem em redor della.

Os gregos chamavam esopicas as fabulas em que havia personagens humanos e sybariticas aquellas em que havia somente animaes. De ambas ha exemplos no sertão de Nordeste. Damos algumas ainda não publicadas por outros.

Quanto mais primitiva uma sociedade, mais ama as fabulas. Quando se é menino, gosta-se de ouvir contos e esse prazer se perde com a idade. Assim, a

propria humanidade na infancia adora as fabulas. A observação é velha. E' de Strabão. Elle diz que o homem ignorante gosta das fabulas, como uma creança.

Nesse ponto, o sertanejo de Nordeste é uma grande creança.

a)

Fabulario

A pretenção do sapo

O sapo estava se aquentando ao sol, no meio da estrada e, sem querer, ferrou no somno. Passava um boi de carro, immenso e lento. Parou para ruminar e, sem vêr o pobre sapo, pôz-lhe uma das patas em cima das costas. O infeliz acordou quasi esmagado com o peso e alli ficou, morrendo, de bôcca aberta e olhos esbogalhados.

Passou um gavião vermêlho, que era muito trocista e muito cruel. Perguntou ao sapo:

— Compadre Sapo, que é que você está fazendo ahi?

E o cururú, num esforço terrivel, roucamente:

— Estou peiando este boi, para elle não ir embora!

Não faltam, em redor de nós, sapos fingindo segurar o pé dos bois que os esmagam...

O Gato e a Onça

No começo do mundo, dizem os vaqueiros, a onça não sabia saltar e tinha inveja do gato, que era mestre em acrobacias. Fez amizade com elle,

arranjou um compadresco e pedio-lhe umas lições. O gato deu-lh'as da melhor vontade e a onça assim se tornou uma eximia puladora.

Mas a ingratidão é a maior virtude das onças. E ella, fiel á sua raça, resolveu comer o seu compadre e amigo gato, que tão bem a educára. No dia da derradeira lição, saltou sobre elle de frente, guelas abertas para devoral-o, unhas de fóra. O gato livrou-se, pulando de costas.

— Ah! compadre gato, exclamou a féra, você foi máu, não me ensinou a pular para traz, nem ao menos me disse que havia esse pulo.

O gato, de longe, respondeu calmamente:

— Se eu lhe tivesse tambem ensinado esse pulo, a estas horas estaria comido...

A moralidade desta fabula, de forma sertaneja e de fundo oriental, está naquelle grande proverbio arabe que o poeta Saadi repete no fim da narração dum pugilato em que, deante dum sultão, um mestre lutador vence o seu melhor discipulo graças a um golpe secreto que lhe não ensinára: «Não ensines tudo o que souberes ao teu discipulo. Quem sabe, um dia, não se tornará elle teu inimigo...»

A Onça e o Bode

A onça e o bóde resolveram um dia morar juntos, embora o bóde tivesse um medo terrivel da sua amiga, que admiravelmente disfarçava.

Construiram uma casa de palhas de carnahuba, ao meio duma varzea, com dois grandes quartos, separados por um corredor, e combinaram que cada dia, alternadamente, um iria á caça, afim de supprir a casa do necessario.

No primeiro dia, foi a onça e voltou á tarde, trazendo morto ás costas um formidavel bóde *pae de xiqueiro*, chavelhudo e de feroz catadura. O nosso bóde ficou assombrado e pensou lá comsigo que, se a sua comadre tinha forças para trucidar um bichão daquelles, o que não faria com elle, que era fraco e medroso. Porem não disse nada e resolveu pôr as barbas de môlho.

Ao outro dia foi caçar. Como não era forte, recorreu á astucia e foi feliz. Começou a cortar cipós compridos e flexiveis, numa corôa do rio. Appareceu-lhe de repente uma onça preta das mais perigosas, muito maior e mais poderosa do que a sua companheira de casa, uma simples onça sussuarana Felizmente era sua conhecida antiga. Perguntou-lhe o que estava fazendo. Respondeu que sabia estar para desabar um furacão, tão grande, que carregaria todos os bichos pelos ares. Então, estava preparando aquelles cipós para se amarrar numá arvore e não ser arrebatado pela ventania. Disse isso tão séria e convincentemente que a onça-preta ficou aterrorisada e logo alli lhe supplicou que fizesse o favor de amarral-a tambem.

Pôz-se de pé, abraçada a um tronco de ipê e o astuto bóde a enrolou toda com as lianas resis-

tentes. Quando a apanhou segura, matou-a ás chifradas Desprendeu o corpo, difficilmente o arrastou até á choupana e disse, arrotando superioridade, á sussuarana:

— Está ahi a minha caça! Póde preparar o jantar.

Primeiramente, era só o bóde quem tinha medo da onça. Desta feita, a onça ficou com medo do bóde. Pois se elle matava uma preta, que era mais feroz do que uma pintada, quanto mais ella que não passava de sussuarana, quando muito superior ás simples maçarocas. O bóde era, com effeito, um temivel companheiro de casa.

Como o bóde continuava a ter o seu medo, por estar certo de sua fraqueza, ambos ficaram numa situação embaraçosa, e, á noite, após o repasto, conversando, a onça, querendo ainda se impôr, disse:

— Compadre Bóde, eu tenho muito máu genio, de maneira què, quando eu amanhecer com o couro da testa franzido, estou cá com os meus azeites e tome cuidado!

O bóde dominou o seu pavor e respondeu em tom seguro:

— Comadre Onça, eu pareço bom, mas não sou. Quando de manhã você me ouvir abalar com a cabeça e espirrar, é que eu estou com vontade de matar onça como matei a preta!

Fôram dormir. Pela manhã o bóde surge no corredor e vê a onça, na porta da frente, de couro da testa enrugado. Dirigio-se á porta de traz, tre-

mendo, em busca duma retirada estrategica. Mas o sol deu-lhe na cara e, depois de abalar com a cabeça, soltou um espirro medonho. A onça assombrada arrancou para o matto aos pulos e o bóde medroso fugio pelo campo em fóra, mais ligeiro do que um veado.

O sertanejo conclúe assim a historia: ainda hoje correm com medo um do outro. E' toda a moralidade da fabula. Com effeito, quantas onças e quantos bódes, temendo um ao outro, conhecemos nós neste mundo, entre os homens e mesmo entre as nações?

Os Urubús e suas fabulas

O Eden dos urubús é o sertão de Nordeste, durante as sêccas, tanto assim que no sul do Brasil só se conhece o urubú-una, commum, todo negro, de cabeça e pescoço enrugados, cinzento-escuros. E' o *acoragypes* dos naturalistas. No sertão nordestino, ha tres especies: o camiranga, de pescoço e cabeça encarnados, o *catharte-aura*, muito bem observado por Tschudi, o una já falado e o tinga, variedade do genero *catharte*, de cabeça branca. Alem delles e dominando-os, ha o urubú-rei, que pertence a outra especie de aves, *rex vulturum*, primo legitimo do condor, de pescoço frocado, corpo claro e enfeites vermelhos, o *Sarcorampho-Papa* da Historia Natural.

Dizem os vaqueiros que, quando elle se abate sobre uma carniça, os outros urubús todos se afas-

tam, deixando-o escolher os melhores pedaços e somente voltando ao repasto, após sua partida. A historia é verdadeira, affirmam sabios e viajantes. Schomburgk diz ter assistido varias vezes a essa scena. Brehm, na «Vida dos Animaes», refere varias observações identicas, apoiando-as e affirmando ter visto facto semelhante na Africa, entre o grande abutre calvo e os phenicopteros que o respeitam. Herdon relata que os pequenos abutres da India, segundo vio, se retiram da carniça á chegada do abutre real.

O urubu é guloso e avido, porem ignobilmente covarde. A sua psychologia está toda contida na fabula sertaneja delle e do gavião.

Era no inverno, havia fartura e não morriam rezes Os urubús andavam famintos. Um gavião encontrou um delles, seu conhecido, cabisbaixo, sorumbatico, pousado num galho baixo de mulungú. Parou e perguntou a causa daquella melancolia.

— Ora, compadre Gavião, você sabe que no inverno o gado não morre e que eu não acho nada que comer. Estou triste de fome!

— Compadre Urubú, faça como eu. Arme-se de coragem e pegue um bicho qualquer vivo, mate-o e coma.

— Qual! compadre, eu gosto muito de vêr os outros morrêrem para mim; mas não sei derramar sangue. Comtudo, como a fome é terrivel, se o compadre me dér uma lição, talvez eu aprenda.

O gavião promptificou-se a dar a lição. Passava um pica-páu em vôo véloz e rasteiro, a poupa es-

carlate refulgindo ao sol. O gavião frechou sobre elle O perseguido entrou na catinga. Na violencia do seu vôo, a ave, depressa, quiz entrar tambem, porém não vio á sua frente uma afiada ponta de galho sêcco e nella se enfiou como num espeto! Ficou arquejando, gottejante de sangue.

O urubú voou com lentidão, pousou junto delle, silenciosamente.

O gavião supplicou:

— Compadre, desentale-me deste espeto, pelo amor de Deus, que ainda posso escapar!

E elle, cynicamente, horrivelmente, baixinho:

— Compadre, morra logo, que eu estou com muita fome! Eu não sei derramar sangue, mas gosto muito de vêr morrer...

A fabula póde ser applicada a todos os urubús que no mundo esperam, para fartar seus desejos, covardemente, a morte dos gaviões que se espetaram, querendo ajudal-os. E a mentalidade sertaneja não produzio nada mais interessante do que ella.

Essa tôrva psychologia do urubú foi bem comprehendida pelos colonisadores hespanhóes. Elles não adoptaram o nome caraíba de Corumú nem o mexicano de zopilotl, mas os appellidaram — «gallinazos».

Ha, nos sertões, um seu companheiro de festins, mais medroso do que elle, porem astucioso. E' o caracará, o *polyborus brasiliensis*, que teve a honra de ser profundamente estudado pelo principe de Wied, ascendente do primeiro e ultimo rei da Albania.

Parente dos espertos «rosthramos» ou caracoleros de Cuba, acompanha os caçadores para roubar a presa abatida pelas balas, antes que esses a alcancem. Orbigny assegura que elle espera o parto das ovelhas, afim de matar o anho recem-nascido. O sertanejo diz que elle fura os olhos dos bodetes e cabritos, e que fiscalisa as gallinhas, quando chocam os ovos no matto, para carregar os pintos. Homeyer vio-os levantando o vôo, perto das praias, com grandes molluscos nas garras, que deixavam cahir do alto sobre as pedras, afim de abril-os. E, como os corvos de Olafsen seguiam as aguias, aproveitando os restos de suas refeições, elles seguem os gaviões, devorando os pedaços que os mesmos deixam cahir.

Seu dia de gloria e de prazer é quando o incendio rompe numa matta, ou quando se accendem os roçados brocados ou as coiváras, porque comem soffregamente os pequenos animaes selvagens torrados no brazeiro. Dahi as suas bulhentas reuniões antes do incendio das capoeiras para pastagens ou das catingas para plantações, presenciadas e narradas por Audubon. Os sertanejos até affirmam que elles carregam tições accezos nas garras, que deixam cahir sobre os capinzaes resequidos, com o fim de provocar nova queimada e, consequentemente, nova fartura de comida.

O urubú no sertão ainda é o heróe de outras fabulas, como por exemplo da da «festa no céu», tão admiravelmente estudada por João Ribeiro no

seu bello livro «Folk-Lore». Eis o resumo da fabula:

Vae haver no céu a grande festa de Nossa Senhora e a ella só podem ir os animaes que vôam. O sapo pede ao urubú que o leve e o urubú recusa-se. Então, elle se esconde dentro da viola do urubú e vae á festa. O urubú encontra-o lá em cima e fica desconfiado com a sua vinda. Na volta, vira perversamente o instrumento de buraco para baixo e sacóde-o. O sapo, que usára do mesmo estratagema para vir embora, cáe e vem pelo espaço, afóra, gritando:

— Arreda-te, páu! arreda-te, pedra! senão te arrebento.

E, quando se achata no sólo, murmura:

— Nunca mais bôdas ao céu!

João Ribeiro dá outra variante. Sylvio Romero, Viriato Corrêa, Sant'Anna Nery, Carmen Dolores, Adolfo Coelho e outros, segundo ainda faz notar o mesmo mestre do «folk-lore», dão outras variantes. Eu limito-me a transcrever a que ouvi. E nellas, ás vezes, em logar do sapo, é o kígado ou o jabotv quem vae ao céu, quer na viola, escondidamente, quer levado mesmo pelo urubú, que se resolve a fazer o favor.

A moralidade da fabula é, no fundo, — que quem mais alto sóbe, de mais alto cáe, e que os ambiciosos a si mesmos se prejudicam.

João Ribeiro seguio o curso dessa fabula, de origem européa e antes oriental, eruditamente, até

á India. Elle a mostrou no Pantschatantra, no Bildpai, em Esopo, em Babrio, em Phedro, em Aviano, em João de Capua, em Lafontaine e em versões lusas e brasileiras.

Ella ainda se encontra mais nos cyclos etiologicos e fabulares da propria America, da propria raça indigena do nosso continente. Os indios Haïda da Columbia Ingleza, cujo totem é o corvo, contam que esse passaro, tendo voado até muito alto, encontrou o céu, nelle fez com o bico um buraco e penetrou. Lá dentro, numa cidade celeste, metteu-se no berço dum principe que acabára de nascer. Quando os habitantes do céu descobriram a coisa, atiraram o corvo com berço e tudo sobre a terra e elle só não morreu, porque foi cahir sobre um lago, a cuja face ficou boiando sobre o pequeno leito fluctuante.

Ora, parece que ha qualquer coisa de moralidade da fabula sertaneja da «Festa no Céu», neste raconto dos pelles-vermelhas septentrionaes. E são esses encontros de parecenças taes que ás vezes nos levam a crêr que não ha tradições, lendas e fabulas de origem européa, africana, americana ou védica e malaia, porem sim variantes de crenças e opiniões, de idéas e de expressões geraes, communs a toda a humanidade e por isso profundamente humanas nos seus conceitos immortaes.

Fabula do Calangro e da Lagartixa

O calangro matou um boi,
Botou um quarto na *teia*. (*)
A lagartixa foi bulir,
O calangro metteu-lhe a peia.

Isto mesmo é o que acontece
A quem bole em cousa alheia.

)*) Télha

b)

O Romance da Raposa

O Romance da Raposa sertaneja

As lendas e fabulas em que os animaes tomam parte, são tão velhas quanto a humanidade. Os contos em que os animaes são heróes, tanto os animaes totemicos ou protectores e symbolisadores de grupos humanos, como quaesquer outros, se encontram tanto na Finlandia como na Rhodesia, tanto na America como no planalto do Pamir. Na Africa, ha todo um cyclo de fabulas e romances em torno da Aranha; no Canadá, ha outro maior em redor da lebre; na região do Mississipi, ainda outro cercando o cogote ou cão selvagem. E, asssim, se o heróe do cyclo lendario deixa de ser a raposa, não desapparece: é simplesmente substituido por outro; mas encarna sempre as mais altas qualidades de astucia e de esperteza.

Todas essas fabulas remontam ás épocas escuras e distantes da vida do caçador e do pastor, quando o homem vivia muito mais proximo por tudo dos bichos do que hoje. As suas primeiras e despretenciosas aventuras de caça ou de pastoreio fôram com o correr dos tempos transformadas em historias de fundo moral, nas quaes fôram collaborando

os mais intelligentes e mais instruidos. Assim, com o passar dos seculos, as fabulas assumiram as feições com que apparecem em Esopo e em Phedro.

A idade-media despio-as um pouco dos seus attributos de moralidade e tornou-as satyricas ou divertidas, assimilando a sociedade humana á dos bichos domesticos ou selvagens, com ironia terrivel. Dessa nova maneira de encarar as fabulas resultou uma verdadeira «epopéa animal», na qual se individualisaram todos os animaes. O lobo passou a ser Isengrin; a raposa, Richent ou Mestre Renart; o leão, Noble; a doninha, Grimbert; a lebre, Couart; o carneiro, Belim; o gato, Tibera; o burro, Bernard; e o gallo, Chanteclair, de onde Rostand tirou a fórma modernisada Chantecler. Foi desta sorte que nasceu o celebre «Roman de Renart», cujo texto doutamente restabeleceu o professor Ernest Martin, de Strasburgo, e que encheu a era medieval com o seu chiste e a sua critica mordaz. Nesse cyclo admiravel de «rimances», collaboraram tanto o povo como muitos eruditos. Maria de França organisou o seu «Ysopet», um clerigo flamengo fez o «Ysengrinus» e o poeta alsaciano Glichezare escreveu o «Reinhart Fuchs». Mas as verdadeiras aventuras e maleficios praticados pelo esperto Mestre Raposo no mundo fôram melhor narrados pelos cantores populares da França Richard Lison e Pierre Saint Cloud, dos quaes decorre a maior parte das rimas que ficaram na memoria dos camponios e com as quaes se conseguio reconstituir o texto primitivo do Romance, que é

muito longo e contêm varias partes differentes, dando origem a variantes curiosas.

Nesse admiravel «Roman de Renart», cada bicho toma a feição moral dum typo da sociedade da época, feição moral essa que se trahe no seu proprio nome. Por exemplio, o leão, symbolo de nobreza, é chamado Noble; a lebre, symbolo do medo, é chamada Couart, covarde.

Nos sertões de Nordeste, onde, póde dizer-se, perdura a vida medieval, as fabulas tiveram a mesma evolução e chegaram a produzir um verdadeiro Romance da Raposa, em que é completa a assimilação da sociedade sertaneja á animal. Não é de admirar essa applicação de subjectivismo critico, porquanto mesmo fóra da idade-média em todo e qualquer tempo sempre se procurou essa forma de satyra. Já Homero, após a «Illiada» e a «Odysséa», cantára a Batrachomyomachia. Mesmo nos tempos modernos muitos outros artistas usaram do mesmo disfarce, entre os quaes apparece aquelle João Jorge de Carvalho, de quem fala Alexandre Herculano, que escrevêra a «Gaticama» ou guerra dos cães e dos gatos.

O Romance da Raposa sertanejo soffre a influencia do europeu e possúe variantes e episodios diversos, apparentemente sem ligação alguma; porem que no fundo se prendem pela semelhança do assumpto e pela identidade dos fins desejados. No Romance nordestino, como no medieval, os episodios differem, ora é a raposa com um outro animal, ora são mes-

mo animaes de qualquer especie. Mas a base estructural do phenomeno litterario popular, que é mascarar os typos humanos com figuras de bichos, essa conserva-se identica. Em todas as historias quasi, o papel mais saliente é desempenhado pela raposa, embora o *canis vellutus* ou o *canis brasiliensis* das nossas catingas estejam mais perto dos chacaes africanos ou dos cogotes da America septentrional do que da *vulpes* européa, cujos caracteristicos de astucia inteiramente não possuúem. Mas a impressão é legada pela ascendencia européa e fructificou no «folk-lore» mestiçado das tres raças basicas.

Vejámos varios capitulos do grande Romance da Raposa sertanejo:

A RAPOSA E O SAPÓ

Uma ladina raposa,
Como as raposas o são,
Ao sapo Mané de Soiza
Associou-se um verão.

Foi que, vendo o sapo amigo
Certa vez atrapalhado,
Concordou plantar o milho,
Com elle pondo um roçado.

O terreno prepararam
Sem o menor contratempo,

As sementes semearam,
Fazendo a colheita em tempo.

Da original sociedade
Foi feliz o resultado,
Havendo fertilidade
Nos productos do roçado.

Depois de tudo colhido,
Vio-se afinal tanta coisa,
Que para ser dividida
Teve inveja a tal raposa.

E lá comsigo, pensando.
Pôz em pratica, sem mais,
Um plano bem miseravel
Do seu talento sagaz.

Visava esse expediente
Não fôsse a partilha feita,
Ella ficando somente
Como dona da colheita.

Depois das lutas do dia,
Quando descançava o sapo,
Ella, fingindo alegria,
Deu-lhe um cascudo no papo.

E lhe disse: — O' sapo amigo,
A colheita foi bem bôa;
Tivemos bastante milho
Mas só para uma *pessôa*...

Para nós dois, quasi nada
Serve a parte que nos toca:
Isto até julgo estopada,
Isto até julgo taboca.

Portanto, melhor seria,
Ouça bem minha proposta,
Se fizessemos um dia
Uma bem feitinha aposta.

Olhe lá, muito distante
Não avistas uma ladeira?
Pois de lá no mesmo instante
Ambos vindo na carreira,

Ganharia todo o milho
Quem chegasse aqui primeiro;
Que diz disto, sapo amigo?
— Acho bom... Disse o brejeiro.

Sendo assim, logo amanhã
E' o dia de nossa apostsa,
Disse a raposa alegre,
Rio-se o sapo pelas costas.

Após tudo combinado,
Foi para casa a raposa,
Pensando ter enganado
O sapo Mané de Soiza.

Elle, porém, era esperto,
Comprehendeu toda a manha
E foi preparar-se, certo
De ter a aposta ganha.

Com três irmãos combinou
Esta forma sem perigo:
Dois na estrada collocou
E o terceiro junto ao milho.

Os três ficaram postados
Nos logares respectivos,
Todos três bem avisados
De olhos abertos e vivos.

E elle foi para o logar
Marcado para a sahida,
Té que a raposa ao chegar
Désse começo á partida.

— Bom dia, sapinho, então
Madrugou alguma cousa?
— Esperava por você,
Para corrermos, raposa.

— Vamos lá, pouca demora,
Marque os passos duma vez,
E corramos logo. Vamos,
Vamos lá, prompto: um, dois, e três...

E a raposa a bom correr
Sahio, que até parecia
Em vez de raposa, ser
Forte pé de ventania.

Depois de correr bastante
Ella pára e indaga, rindo:
— Sapo onde estás? Nesse instante
Diz um sapo: — Cá vou indo...

Ouvindo a voz, na carreira
Ella sahio novamente,
Só parou quando a canceira
Lhe alquebrou completamente.

E o matto, sem ter demora,
Com astuto olhar espiando,
Pergunta: — Onde vens agora?
— Vou andando, vou andando...

Não posso mais, disse a bruta,
E correu, como um veado,
Para ganhar a disputa
E tambem o milho amado.

Mas, quando chegava perto
Do milho, quasi num trapo,
Lá se achava muito esperto
A sorrir o mestre sapo...

Essa bicha tão esperta,
Comadre dona Raposa,
Perdeu assim a aposta
Com o sapo Mané de Soiza!

Esta variante da fabula da lebre e da tartaruga, que Esopo nos deu em grego e La Fontaine eternisou em francez, é bem sertaneja nos seus caracteristicos, bem rude mesmo; porem não deixa de ter o seu sabor especial e digno de apreciação.

Parece que no sertão ha um pouco a preoccupação de desmoralisar a fama esplendida da astucia vulpina. Talvez, porque á chamada raposa da nossa selva falleçam os attributos que sobram á da Europa.

Todos nós conhecemos a fabula da raposa e do corvo que furtára um queijo. Ella vem dos mais recuados tempos da humanidade e foi o assumpto que permittio a La Fontaine cinzelar uma das mais bellas joias da lingua franceza. A raposa engana o corvo, lisongeando-o, meio facillimo de enganar toda a gente.

Repito do meu livro *Terra de Sol* uma fabula, que João Ribeiro commentou com elevação e carinho no seu livro «Folk-Lore». Eil-a: *A Raposa e o Cancão.*

Era no inverno. O cancão, que apanhára grande chuva, estava inteiramente molhado, impossibilitado de voar, aquentando-se ao sol em cima duma pedra. Veio a raposa e levou-o na bôcca para os seus filhinhos. Mas o caminho era longo e o sol ardente. A plumagem do passaro foi seccando. E o cancão,

sentindo-se apto a voar, resolveu enganar a raposa. Passavam pelos arredores dum povoado. Varios meninos que brincavam, ao avistarem a roubadora de gallinhas, correram-lhe no encalço com pedradas, gritando-lhes nomes feios. Vae o cancão e diz:

— Comadre, eu, se fôsse a senhora, não aguentava. Dizia-lhes tambem cada desafôro!

A raposa abrio a bôcca, afim de soltar improperios terriveis. Záz! o passaro voou, pousou num galho e ajudou a vaial-a.

A' primeira vista, esta fabula inteiramente sertaneja na sua forma e nos seus personagens parece uma simples variante da da raposa e do corvo. Entretanto, creio ser uma fabula parallela á outra e tão antiga quasi quanto ella, prendendo-se ao vasto cyclo do «Roman de Renart» medieval.

Nos fabularios francezes e *recueils* de partes do dito romance, no fim da media idade, o conto apparece completo, installado no meio da gente de penna como um desmentido á triumphante e proverbial velhacaria de Mestre Renart, o invencivel, dando razão ao brocardo popular: — para velhaco, velhaco e meio! A differença entre os dois modos por que se apresenta o relato resulta somente da diversidadé dos dois meios zoologicos. No Brasil, a raposa, *canis vellutus, jubatus* ou *brasiliensis*, segura um quem-quem ou cancão. Do outro lado do Atlantico, a raposa, *vulpes*, pega o proprio senhor do poleiro, o grande Chanteclair. Mas o fundo e o espirito do episodio são identicos.

Um dos escriptores estrangeiros á França que mais aproveitaram nos seus trabalhos os *fabliaux* medievaes francezes foi, certamente, o poeta inglez Chaucer. A forma, porem, que deu á fabula foi muito mais complicada que a do original medievo que o inspirou. Resumamol-o de accôrdo com o que está nas paginas da collecção «The counts of Canterbury»:

Chanteclair reinava entre sete gallinhas com seu canto regular como um carrilhão de abbadia e sua crista ameiada como uma torre de castello. Sua favorita no meio das sete era a bôa, cortez e prudente Pertelote.

Uma manhã, Pertelote vê o seu amado envolto em profunda melancolia. Pergunta-lhe a causa. O gallo explica-lhe que teve um sonho ameaçador. Vira um animal alongado, amarelio-avermelhado, com a ponta da cauda e as orelhas negras, olhos luzentes e focinho comprido. Tinha medo dessa horrivel visão!

Pertelote fica indignada, porque o rei, o grande Canta-Claro se atemorisa com um sonho e explica-o como resultado de má digestão. Cita Catão que desprezava os sonhos, aconsenlhando o gallo a tomar um purgante e a beliscar elleboro ou centaurea.

Chanteclair replica-lhe doutamente. Cita, em favor dos sonhos, Cicero no seu tratado famoso — «De Divinatione». Lembra Macrobio e o celebre sonho de Scipião, Daniel, Creso, Andrómaca e outros mais. Vê-se que o gallinheiro está *farci* de cultura classica...

Emquanto ambos conversam, a raposa ronda pelos arredores, farejando bôa caça onde reina o melancolico amante de Pertelote. Tanto faz que nelle penetra por um buraco, justamente quando o gallo está só ao meio do terreiro e vae cantar. Dum salto segura-o e leva-o na bôcca, vivo, esperneando, para a floresta onde mora.

Pertelote, assombrada, vê realisar-se o sonho de Chanteclair. Mal a raposa sáe do gallinheiro, correndo, ella, a pobre viuva, põe a bôcca no mundo, grita pelas outras seis companheiras, seus filhos e filhas. Aos seus cacarejos de dôr e de pedido de soccorro, acódem os visinhos: os cães de guarda, a vacca e o seu bezerro, porcos, gansos, patos, cavallos de sella e de tiro, o proprio gato somnolento. E esse bando corre no encalço da salteadora audaciosa, fazendo um barulho infernal e lembrando o final dessas fitas cinematographicas para creanças, em que uma chusma de gente persegue pelas ruas, aos trambolhões, um malfeitor, um desastrado ou um automovel a toda velocidade.

Por onde vae passando o turbilhão, os animaes fogem espantados ou a elle se reunem. Avistam á sua frente a raposa fugindo para a matta com o pobre rei do poleiro ahocanhado. Dão berros e guaiados de triumpho!

Já Mestre Renart chega á orilha da floresta escura e acolhedora. Chanteclair tem uma inspiração, diz-lhe:

—) Zombe desses villões. Diga-lhes: — aqui mesmo vou comer o vosso gallo!

A raposa abre a bôcca para gritar. E o gallo vôa, vae pousar num ramo de arvore, ás gargalhadas, emquanto toda a malta perseguidora vaia a enfiada raposa.

No «Roman de Renart» ha episodio semelhante, entre a Raposa e a «Mesange», passaro que a engana e a faz fugir vaiada.

Commentando Geofroy Chaucer, que com tão eruditas roupagens vestio uma singela fabula medieval, Emilio Gebhart diz que ella é a victoria do espirito sobre a perversidade, do camponez sobre o barão feudal, de Cicero sobre Catão e da Renascença talvez sobre a Idade Media. O symbolismo é exaggerado. E de todos esses symbolos só o primeiro se poderá talvez applicar á variante sertaneja, que, pela sua singeleza, apezar da distancia no tempo e no espaço, espiritualmente se approxima mais da que está nos *fabliaux* medievos do que as formas cultas dos poetas e escriptores europeus.

Alem dos episodios em que a raposa directamente toma parte, o «Roman de Renart» guarda alguns outros acontecidos com outros animaes, estando embora ausente Mestre Raposo, como os da Pesca de Ysengrin ou de Tybert (o gato) e dos dois padres.

Assim, no sertão de Nordeste. Temos presente o exemplo:

CASAMENTO DUM CALANGRO

Foi o calangro em casa
De seu tio Papavento (1)
Tomar a bençam e disse
Antes de tomar assento:
— Venho lhe pedir a mão .
De sua filha em casamento.

Papavento respondeu-lhe:
— Tua linhagem descobre,
Ainda és meu parente
E descendes de sangue nobre,
Mas não te dou minha filha,
Porque tu és muito pobre.

— Bem conheço que sou pobre,
Não é preciso que diga,
Mas não se fala em pobreza,
Quando um forte amor liga;
E' melhor o senhor me dar,
Do que haver uma intriga. (2)

Papavento respondeu:
— Em vista de teu assumpto,
Eu, como pae de familia,

(1) *Papavênto* — o camaleão.

(2) *Intriga* — briga de familia.

Uma coisa te pergunto:
Se fóra do dia de hoje
Com ella já andou junto?

Calangro lhe respondeu:
— Meu tio, deixe de asneira,
Que fóra do dia de hoje
Temos feito é muita cêra (3)
E temos andado juntos
Até uma semana inteira.

Papavento disse isto:
— O que me diz é uma affronta!
Você é um atrevido!
E minha filha uma tonta!
Póde ir tratar dos banhos,
Que a dispensa eu dou prompta.

Calangro sahiu aos saltos
De tanto contentamento,
Não parava mais em casa,
Não trabalhava um momento,
Passava dias e noites
Em casa do Papavento.

Papavento, quengo velho, (4)
Mestre na velhacaria,

---

(3) Fazer cera, conversar juntos, demoradamente, *flirtar*...
(4) *Quengo* — velhaco.

Disse á mulher: — Que vem vêr
Calangro aqui todo o dia,
Tome cautéla com elle,
Viva com a noiva de espia.

No outro dia, Calangro
Foi de novo vêr a prima,
Achou-a longe de casa,
Trepada em um pé de lima.
Calangro falou em baixo,
Ella respondeu-lhe em cima.

Disse ella, então, ao Calangro:
— Não sabes, meu namorado,
Que esta noite ouvi papae
Falando bem agastado?
Calangro disse: — Me conte
O que aqui foi passado.

— Papae disse á minha mãe
Que queria lhe pedir
Para que você deixasse
De tantas vezes lá ir,
E se elle fizer isso
Só tem de vêr eu fugir.

Calangro olhou a prima,
Achou-a muito amarella,
Foi ao Papavento e disse:
— Fique com sua donzella,

Que eu não sirvo de remendo,
Cace (5) outro e case ella!...

Papavento disse: — Isto
Não é coisa que se faça!
E, se seu pae não dér geito,
Você não gosta da graça:
Ou casa com minha filha
Ou se acaba nossa raça!

Foi a noiva se queixar
Ao pae do seu namorado.
Disse ao velho: — Meu tio,
Tenha dó do meu estado,
Pois eu não sou cão sem dono.
Calangro está enganado!

E, se o senhor não dér um geito,
Eu me queixo ao delegado,
Meu pai tem dinheiro e gasta
E é feio o resultado!
Seu filho está bem moço
Tem de ser recrutado!

O pai de Calangro disse:
— Não tenho geito a lhe dar.
E a noiva d'ali mesmo
Sahiu para se queixar

(5) De *caçar* — procurar.

Ao capitão Cururú, (6)
Delegado no logar.

Cururú ouviu a queixa
E saltou fóra do pôço,
Dizendo enthusiasmado:
— Vamos ter barulho grosso
A Excellentissima volte,
Que eu mando prender o moço.

Tocou logo uma bozina,
Que ficou tudo assombrado!
Numa hora, o alagadiço
Estava cheio de soldado,
Todos gritando a um tempo:
— A's ordens do delegado!

— Vão em casa do juiz,
Para passar o mandado
Ao official de justiça.
Quero o Calangro intimado.
E, se elle resistir,
Tragam morto ou amarrado!

O cabo disse ao sargento:
— Bote os soldados na frente!
Eu não vou que sou casado...
Calangro é homem valente,

(6) *Cururú* — sapo grande.

Se elle pegar em armas,
Mata hoje muita gente!

Ahi disse o official:
— Vão indo devagarinho.
Primeiro cerca-se a casa,
Empiqueta-se (7) o caminho.
Vocês segurem o cerco,
Que eu pego o bicho sósinho!

O official era o Gato,
Que conduzia o mandado.
Calangro, quando ouvio
Dizer que estava cercado,
Disse de dentro p'ra fóra:
— Não deixo vivo um soldado!

O Gato ahi respondeu:
— Quem vae dar leva seu sacco!
Sáia fóra, vamos vêr
Qual de nós dois é o fraco!
A essas palavras Calangro
Veio á beira do buraco.

O Gato pulou de cá
E pegou-o pelo rabo,
E foi dizendo: — Se renda,
Senão eu já o acabo!

(7) *Empiquetar* — espalhar piquetes de tropa.

Calangro grita: — Estou preso!
Vá acabar com o diabo!

Nesta luta que tiveram
Deixaram o Calangro nú
E assim mesmo o levaram
A' vista do Cururú,
Que o interrogou, dizendo:
— Que é que fizeste tú!

Disse o Calangro: — O que fiz,
E' cousa que não offende,
Eu quiz casar com a prima,
E... o senhor bem me entende.
Julgo até que não tem crime
Quem com tempo se arrepende.

Cururú disse: — O senhor
Cahiu em um grande artigo
E, para punir a honra,
Sou rigoroso comsigo,
Ou se casa, ou senta praça,
Ou a forca é seu castigo!

Eu não queria casar,
Porque me vejo em atrazo,
E não quero assentar praça
Para ser soldado razo.
Em vista do que me diz,
Se hei de morrer, antes caso.

Disse o Cururú: — Vão vêr (8)
P'ra casa do Papavento
O padre Tamanduá,
E dêem á festa andamento,
Que de hoje a três dias
Se fará o casamento.

Convidem dona Raposa
P'ra da noiva ser madrinha.
Que ella veja se arranja
P'ra festa alguma gallinha,
Para ajudar nos gastos,
Que a outra despeza é minha.

Fôram vêr o tejúassú,
P'ra do noivo ser padrinho,
Esse disse ao portador,
Quando vinha no caminho:
— Se houver ovos, eu vou, (9)
Sabem que não bebo vinho!

E outra coisa tambem,
P'ra eu não ir enganado:
— Sabe se o Major Caxorro
P'ra festa foi convidado?
Se foi, eu volto daqui
Que elle é meu intrigado! (10)

(8) *Vêr* — buscar.

(9) O lagarto chamado tejúassú gosta de beber os ovos das gallinhas onde os encontra.

(10) *Intrigado* — inimigo.

Finalmente se juntaram
Raposa e tejúassú,
O Papavento e a mulher,
A Seriema e o Urubú,
Padre, noivos, convidados,
Só faltando o Cururú.

Urubú foi convidado,
Fez comida muito ruim,
Adquirio para o padre
Uns pedaços de cupim. (11)
E elle comia, dizendo:
— E' pouco só dá p'ra mim!

Quando estava posta a mesa,
Um guarda á porta espiava,
E foi então avisar
Que o Caxorro chegava.
Tejúassú levantou-se
E disse que não ficava.

Disse a Raposa: — Eu não saio,
Deixando o meu prato cheio.
Tejúassú disse: — Eu corro,
Que o barulho aqui é feio!
Nisto o Caxorro pegou-o
E cortou-lhe o rabo ao meio!

---

(11) Tamanduá come formigas e cupins.

Sahiu o Tejúassú,
Damnado pela floresta,
Levando pedras e páos
Tudo de eito na testa!
Encontra um Cameleão,
Que inda vinha p'ra festa.

Cameleão, quando ouvio
De seu parente a zoada, (12)
Assombrado perguntou-lhe:
— O que ha, meu camarada,
Temos barulho na festa
Ou me vem com caçoada?

Caçoada o que, seu mano!
Foi um barulho do diabo
Major Caxorro chegou,
Peor do que um leão brabo
Botou-se primeiro a mim
Olhe o que fez no meu rabo!

Urubú vôou p'ra cima,
Com medo do reboliço;
Mas, vendo ficar no chão
Aquelle rabo massiço,
Desceu de novo e pegou-o,
Dizendo: — Eu não deixo isso!

---

(12) *Zuada* — barulho.

Calangro, vendo o perigo,
Sahiu bem desconfiado,
Lastimando que o padrinho
Sahisse desfeiteado,
A Seriema pegou-o,
E fez delle um só boccado!

Gavião soube da festa
E pôz-se em um páu de espía,
Aonde a pobre da noiva
Assombrada se subia.
Pegou-a nas unhas e disse:
— Você mesmo é que eu queria!

Tamanduá levantou-se
E falou no pé da guella,
Do Caxorro, lhe dizendo:
— Um de nós se desmantela.
Você não póde acabar
Festa em que eu estiver nella!

E ditas essas palavras
Ao inimigo pegou.
Vio-se o Caxorro apertado,
Pelo seu dono chamou,
Que vindo em seu auxilio
Ao Tamanduá matou.

Sahio o Major Caxorro,
Todo chagado e doente,

Ouvindo uma tropelada
Que corria em sua frente.
Conheceu que era a Raposa,
Chamou-a muito contente.

Venha cá, moça bonita,
Venha me contar da festa.
A Raposa respondeu:
— O que? Que conversa é esta?
Não quero prosa comsigo,
Que a sua graça não presta!

Chegou o Caxorro em casa
Muito cançado e ferido,
A mulher lhe perguntou:
— Que foi isto, meu marido?
Se tomassess meus conselhos,
Tal não tinha acontecido!

Aprende á tua custa,
Que é para teres cuidado!
Agora, emquanto vivêres
Desta viverás lembrado!
Isto acontece a quem vae
Em festa sem ser chamado.

Ha uma outra variante ainda mais ironica e ferina do que esta, em que num casamento de animaes tambem, os animaes, ao sabor de suas inimizades, abrem medonha luta:

O CASAMENTO DO RATO COM A CATITA (*)

No tempo em que os animaes
Seguiam a civilidade,
O mundo era differente
Deste da actualidade,
Não havia a corrupção
Que hoje ha na humanidade.

Nesse tempo, o leão
Era o rei dos animaes
E o gafanhoto tambem
Trazia insignias reaes;
O elephante era um sabio,
Autor dos codigos legaes.

O urso era juiz de direito,
O tigre era presidente,
O lobo era capitão,
A girafa era intendente,
Tamanduá era padre
E porco-espinho tenente.

O boi era juiz de paz,
O burro era doutor,
Macaco era escrivão,
Lagarta era cobrador,
Preguiça era fiscal,
Tatú-peba collector.

Carneiro era mendigo,
O bode era almirante,
Raposa era correio,

(*) Cammondongo.

Cavallo era estudante,
O gallo era insolente,
E o punaré negociente.

A cobra era criminosa,
Cachorro era delegado,
Queixada era vagabundo,
O sapo era soldado,
E o perú era um preso,
Que vivia encarcerado.

Gato era cabo de esquadra,
Saguim era professor,
O veado era vaqueiro,
Perequito era promotor,
Camello era viajante,
E o porco era creador.

Jacaré era dentista,
Morcego era barbeiro,
A ema era alfaiate,
O pica-páo, carpinteiro,
Guaxinim senhor de engenho,
E o urubú, cosinheiro.

O abutre era faminto,
A coruja era propheta,
O cysne era amante,
Rouxinol era poeta,
A zebra era tratante,
Cangurú era pateta.

O castor era pedreiro,
O rato era namorado,
Barata era gatuno,
O pato era empregado,

O pavão era ourives
E o canario — advogado.

O mocó era marchante,
Andorinha — comboieiro,
Formiga era agricultor,
A hyena era coveiro,
Cigarra era cantora
E bezouro era bombeiro.

Afinal, tudo que os homens
São na actualidade
Os brutos tambem já fôram
No tempo da antiguidade,
Quando o Destino era Deus
De poder e magestade.

Nesse tempo, o joven rato
Habitava n'um chalet;
E amava a dona Catita,
A filha do Punaré. (*)
Ella ainda era donzella,
E elle, um moço de fé!

O rato determinou-se
A pedir a mão da amada.
E foi a casa do punaré
Pedir-lhe a filha estimada,
Visto ella tambem já estar
Por elle apaixonada.

— Meu tio, eu não venho aqui
Fazer-lhe uma visita,
Venho pedir-lhe a mão

(*) *Punaré* — rato selvagem.

De sua filha Catita,
Para casar-me com ella,
Pois acho-a muito bonita!

O Punaré respondeu-lhe:
— «Só não te dou minha filha,
Porque tu não tens recursos
Para sustentares familia;
E um pobre casar com um rico
E' até uma maravilha!»

— Meu tio, sei que sou pobre,
Não preciso que me diga.
A fazer-lhe este pedido
E' o amor que me obriga.
Se me negar o que peço,
Verá entre nós intriga!

— Eu darei o que me pedes,
Pois não te posso negar,
Que a moça é tua prima;
Porém só podes casar,
Quando tiveres dinheiro
Com que possas te apromptar. (*)

— Se o senhor me proteger,
Proponho-lhe um negocio:
Faça de mim seu caxeiro,
Pois não sou muito beocio,
E, depois, quando càsar
Poderei ser o seu socio.

— Acceito tua proposta.
Podes vir ser meu caixeiro;

(*) *Apr.mptar* — preparar.

Mas ha uma circumstancia,
Quero avisar-te primeiro
Que não namores a moça,
Emquanto fôres solteiro!

Fecharam, então, o negocio,
Passaram um documento,
E o rato tomou conta
Dum estabelecimento.
Trataram para o fim do anno
O tempo do casamento.

O Punaré prohibiu
A' filha de namorar;
Porem ella ás escondidas,
Vinha com o rato prosar,
Toda noite no jardim
Tinham um particular...

Ao cabo de poucos tempos
Sentiu-se a moça doente...
Estava muito descorada,
Com o olhar differente,
Tinha os peitos crescidos,
E muito inxado o ventre!...

Foi receitar-se a um medico;
Este, vendo-a, lhe disse:
— Senhora, o seu incommodo
Não é mais do que prenhice;
Remedio para este mal,
Nunca póde descobrir-se...

O rato desconfiou
E tratou logo de fugir.
Roubou o cofre do tio

E, quando este o quiz perseguir,
Não o encontrou na loja
Nem no quarto de dormir.

Vendo-se a moça offendida,
Tratou de ir se queixar,
Pedindo ao delegado,
Para este obrigar
O Rato a casar com ella,
P'ra assim sua honra pagar.

O delegado prometteu
Que faria o que pudesse,
Mandava prender o moço!
Embora elle não quizesse
Casar-se com a offendida,
Casava houvesse o que houvesse!

A moça voltou p'ra casa,
O delegado apitou
E, em menos de meia hora,
Uma tropa se ajuntou.
O Gato chegou primeiro,
Dizendo: — Eu cá estou!

Os soldados perguntaram:
«O que quer, «seu» delegado?
Este respondeu: — Eu quero
Que o rato seja intimado,
Se elle fizer resistencia.
Tragam-no morto ou amarrado!

Os soldados se armaram
E foram em busca do rato.
Este, com medo da tropa,
Estava occulto no matto;

Porem isto não o livrou
De cahir nas mãos do Gato.

A tropa cercou uma serra,
E de cima de um penedo
Avistou o criminoso
Debaixo de um arvoredo.
Muitos soldados corrêram,
E outros morrêram de medo!

O rato estava dormindo
E acordou, atordoado!
Com uma voz lhe dizendo:
— «Cabra, esteja intimado».
O rato disse comsigo:
Ai! Ai! estou desgraçado!...

O Rato quiz evadir-se,
Porem foi logo agarrado.
Elle se oppoz e na luta
Deixaram-n'o todo pellado!
Assim mesmo o levaram
A' presença do delegado.

Perguntou este ao preso:
— Que foi que fizeste tú?
Que foi que te aconteceu
Que ahi estás quasi nú?
A ti serve o dictado:
«Quem se vexa (*) come crú!»

Disse o rato: — Quiz casar
Com uma joven mui bella;
Mas, ella me sendo falsa,

(*) *Vexar* — apressar.

Eu disse para o pae della
Que procurasse outro noivo
Para casar-se com ella.

O delegado lhe disse:
— Pois, camarada, me ouça:
Corre por ahi o boato
Que tu offendestes a moça.
Agora o que te acontece
E' morrer ou casar, á força!

O rato lhe respondeu:
— «Não é preciso matar-me,
Eu já estou arrependido;
E visto querer castigar-me,
Mande chamar um padre
Quero hoje mesmo casar-me.

O delegado respondeu-lhe:
— «Não precisa se vexar,
Ainda falta correr banhos
E a moça se apromptar.
Eu dou-lhe um mez de prazo
Para tudo se arranjar.

Com espaço de um mez.
Tudo estava preparado,
Todo povo do logar
Tinha sido convidado,
Para assistir ao baile
Que havia de ser fallado!

O Punaré logo cêdo
Mandou ao padre chamar,
P'ra fazer o casamento,

Que havia de ter logar
Na manhã daquelle dia,
Sem poder mais se adiar.

Convidou ao Mocó da India,
P'ra ser do noivo o padrinho,
Visto elle ser seu visinho,
Este não bebeu na festa,
Por gostar pouco do vinho...

Mandou chamar a Cotia,
P'ra ser da noiva a madrinha,
Esta não comeu da festa,
Por não gostar da gallinha.
E, como tinha inimigos,
Mui desconfiada vinha...

Convidou o Urubú,
Para a festa cozinhar.
Este preparou os guisados
E, quando estavam a jantar,
O delegado chegou,
Que na festa vinha dançar.

Quando chegou o delegado,
A festa foi acabada
Porque a madrinha da noiva
Com este era intrigada.
O delegado, agarrando-a,
Matou-a d'uma dentada!

Numa guerra sanguinaria
Foi transformada a festa.
O Tamanduá levantou-se
Perguntando: — Que zoada é esta?
Mas, quando vi que era o cão,
Embrenhou-se na floresta:

Na cabeceira da mesa
Estavam a catita e o rato.
Quando ouviram o barulho,
Quizeram correr p'ró matto;
Mas, antes disso fazerem,
Fôram mortos pelo gato!

Fôram victimas do barulho
Mais de dois mil convidados!
Os que escaparam com vida
Fôram todos debandados.
Desde esse dia ficaram
Os animaes intrigados.

O espirito das duas variantes é o mesmo. O calangro pede em casamento a filha do camaleão, saurio como elle, depois não quer mais casar, ha a queixa ao delegado, a reunião da tropa, o cerco do fugitivo, o casamento á força e a luta na hora da festa. Tudo isto acontece na historia do casamento do rato com a filha do punaré, ambos roedores.

Varios desses factos se encontram no grande romance medieval da Raposa. O que torna o do sertão ainda mais approximado delle é a maneira como a cada animal attribúe uma profissão humana e lhe faz encarnar os caracteristicos della.

Nesse assumpto, ha tambem uma versalhada bastante ironica sobre os misteres que os bichos podem exercer:

VERSOS DE BICHOS

Vi um tejuassú escrevendo,
Vi um tamanduá fiando,
Uma raposa bordando,
Uma tacaca tecendo;

Vi macaco lendo,
Lagarta fazendo têlha,
Um bando de rã vermelha
Trabalhando num tapume;
Vi tatú no cortume,
Cortindo um couro de abêlha...
Vi quaty marcineiro,
Vi um porco agricultor,
Vi timbú entalhador,
Vi veado sapateiro;
Um furão velho ferreiro,
Uma cotia tocando,
Três preguiças dansando,
Um guará vendendo cóvos,
Um coelho batendo óvos
E um jaboty cosinhando;
Vi cassáco com tenda,
Vi cameleão cantando,
Um perú demarcando;
Vi gallo vender fazenda,
Um rato fazendo renda,
Vi bode serrando ripa,
Vi burro fazendo pipa,
Um cão fazendo papel,
Dois saguins comprando mel
E um gato vendendo tripa;

Vi formiga de chocalho,
Formigão de granadeira,
Vi dois camarões na feira
Comprando queijo de coalho;
Um calangro no trabalho,
Melado de mel de furo;
Duas bribas no buraco (*)

(*) *Bribas*, corruptela de *viboras*: são assim chamadas pequenas lagartixas.

Plantando maravilha ;(*)
Imboá na freguesia
Tomando dinheiro a juro;
Vi môsca batendo sola,
Mucuim tocando flauta,
Carangueijo de gravata;
Vi pulga tocar viola,
Vi cobra batendo bola,
Catita tocando buso,
Punaré fazendo fuso,
Lacráu no desempate,
Besouro como alfaiate
Talhando roupa de uso;
Vi mosquito fumar cigarro
Dois mocós puxando um carro,
Cururú cantando moda,
Duas gias c'uma roda,
Calafetando um barco;
Duas moriçócas c'um sacco,
Comprando peixe na praia;
Lagartixa de navalha, (**)
Fazendo as barbas de um sapo;
Vi peixe fogueteiro,
Comprando material;
Vi papavento mandar
Na rua trocar dinheiro,
Carrapato redoleiro
Almoçando farofa pura;
Um bando de tanajura
Comendo num hotel;
Um percevejo em pé
Com um cêsto de rapadura!...

(*) *Maravia*, para rimar.

(**) *Navaia*, idem.

A ONÇA E A RAPOSA

Como no romance medieval a raposa e o gato lutam de astucia, no romance sertanejo essa luta se passou entre a raposa e a onça.

Cançada de ser enganada pela raposa e de não poder segural-a, a onça resolveu attrahil-a á sua furna. Fez para esse effeito correr a noticia de que tinha morrido e deitou-se ao meio da sua caverna, fingindo-se cadaver. Todos os bichos vieram olhar o seu corpo, contentissimos. A raposa tambem veio, mas prudentemente, de longe. E por traz dos outros animaes gritou:

— Minha avó, quando morreu, espirrou tres vezes. Espirrar é o signal verdadeiro da morte.

A onça, para mostrar que estava morta de verdade, espirrou tres vezes. A raposa fugio, ás gargalhadas.

Furiosa, a onça resolveu apanhal-a ao beber agua. Havia sêcca no sertão e somente uma cacimba ao pé d'uma serra tinha ainda um pouco de agua. Todos os animaes selvagens eram obrigados a beber alli. A onça ficou á espera da adversaria, junto da cacimba, dia e noite.

Nunca a raposa curtio tanta sêde. Ao fim de tres dias já se não aguentava mais. Resolveu ir beber, usando duma astucia qualquer. Achou um cortiço de abelhas, furou-o e com o mel que delle escorreu untou todo o seu corpo. Depois, espojou-se num monte de fôlhas sêccas, que se pregaram aos seus pellos e cobriram-n'a toda.

Ao lusco fusco, foi á cacimba. A onça olhou-a bem e perguntou-lhe:

— Que bicho és tú que eu não conheço, que eu nunca vi?

Respondeu, cynicamente:

— Sou o bicho Fôlharal.

— Podes beber.

Desceu a rampa do bebedouro, metteu-se n'agua, sorvendo-a com delicia e a onça lá de cima, desconfiada, vendo-a beber demais, como quem trazia sêde de varios dias, murmurava:

— Quanto bebes, Fôlharal!

Mas a agua amolleceu o mel e as fôlhas foram cahindo ás porções. Quando fartara as entranhas reseguidas, a ultima fôlha cahira, a onça reconhecêra a inimiga esperta e pulara ferozmente sobre ella, mas a raposa conseguira fugir.

Infelizmente estas e outras pequenas historias não foram feitas em verso e, se o fôram, já a memoria collectiva os perdeu, guardando somente o enredo da narração, segundo ahi fica succintamente exposto.

O Romance da Raposa sertanejo é quasi tão rico e tão interessante quanto o «Romance» admiravel do Renart medieval, que fez a delicia dos troveiros e do povo em geral.

3

LENDAS

Os lobis-homens

Uma das crenças mais corriqueiras dos nossos sertões é, certamente, a dos lobis-homens. Raro o homem do nosso campo, maximé nas regiões de Nordeste, que piamente não acredita nas façanhas dos lobis-homens.

Na sua opinião, todos os homens muito pallidos, opilados, que elles chamam «amarellos», «empambados» ou «come-longes», transformam-se em lobis-homens nas noites de quinta para sexta-feira. Para esse effeito, viram a roupa ás avessas, espojam-se sobre o estrume de qualquer cavallo ou no logar em que este se espojou. Crescem-lhes logo as orelhas, que caem sobre os hombros e se agitam como azas de morcegos. A cara torna-se horrivel, meia de lobo e meia de gente. E os infelizes saem correndo pelas estradas, loucamente, a rosnar, cumprindo o seu fado.

Contam no sertão cearense que uma mulher era casada com um homem «amarello» e ia uma feita de viagem com elle, a pé, por um logar deserto. Era noite de quinta para sexta-feira e fazia luar. Estavam hospedados de baixo de uma arvore, onde tinham pendurado as rêdes. Alta noite, ella, acordando, viu o esposo levantar-se e entrar no matto. Pensou que fosse a qualquer necessidade e não ligou importancia ao facto. Tornou a adormecer. Acordou com o barulho que em torno fazia uma féra e viu, horrorizada, um monstro meio lobo, meio gente, que avançou para

ella e lhe dilacerou furiosamente o chale de lã vermelha com que se cobria. Gritou, apavorada, pelo marido, que custou muito a apparecer. O tal monstro, felizmente, fugiu ao seu primeiro grito. O esposo disse não acreditar na historia e que tudo não passava de sonho. Entretanto, ao outro dia, chegando em casa, o homem dormiu á sesta. Ella olhou-o uma vez, ao passar por junto da sua rêde. Estava de bocca aberta e entre os dentes havia fiapos de lã vermelha do seu chale. Fôra elle o lobis-homem.

Para desencantar essa «visagem», precisa-se primeiramente saber o logar por onde costuma passar. Ahi se colloca uma taboa com o velho signo de Salomão, a estrella formada pelos triangulos, que o sertanejo chama «Sino-Samão», feita com palhas de ramos bentos. E' tiro e quéda! O lobis-homem olha para aquillo, esmorece, volta a ser gente e nunca mais corre ao seu fadario.

Henry Koster, que no começo do seculo passado tão curiosamente observou o Nordeste do Brasil, conta no seu livro de viagens um episodio de lobis-homem. Eil-o: «Um negro liberto que eu havia conhecido e, ao tempo em que me mudava para Itamaracá, fôra visitar-me, contou-me, horrorizado, a historia de um tal Miguel, que já estivera ao meu serviço. Disse-me que de tempos em tempos elle virava lobis-homem. Pedi-lhe me explicasse o que era isso. Affirmou que o homem se transformava num bicho do tamanho de um novilho, tendo a fórma de cão. Metamorphoseado assim, sahia furioso de casa, á meia noite, como um cachorro damnado, atacando todo o mundo. O negro estava convencido da veracidade do facto e garantiu-me que, estando em companhia de um cunhado e da irmã, encontrára o extraordinario animal junto de sua propria palhoça. Pensei que fosse um grande cão faminto que rondava a

cabana, na esperança de matar a fome; mas o negro não duvidava que fosse o Miguel».

A crendice é européa. Trouxeram-na para o Brasil os colonizadores. Ella existiu sempre na peninsula iberica e na propria Europa occidental e central. Os camponezes de França, durante seculos e seculos, acreditaram nos *loups garous* e os da Bretanha no celebre Bislavet, que são os nossos lobis-homens «em carne e osso». E', além disso, uma das mais antigas superstições da humanidade.

Herodoto, nas suas «Historias», conta acreditarem os gregos que os Neuros, povos da Scythia, habitantes da região onde hoje mais ou menos se estende a Romenia, durante alguns dias se metamorphoseavam em lobos e corriam doidamente pelos bosques e esteppas, voltando depois á fórma primitiva.

Pomponius Mela, no livro II, pag. 87, de sua Geographia, edição Panckoucke de 1843, deste modo ainda se refere aos neuros: «Neuris statum singulis tempus est, quo, si velint, in lupos, iterumque in eos qui fuere, mutantur». Assim, para o geographo romano cada neuro podia, a seu bel prazer, tornar-se lobo quando quizesse.

Devido aos seus totemismos ancestraes, os povos antigos tinham o costume de se assemelharem a um animal protector e de vestirem a sua pelle ou de arranjarem um costume que imitasse a sua apparencia. Por isso, os germanos punham á cabeça os cornos dos aurochs mortos, os numidas se envolviam em pelles de panthera, certas tribus guerreiras da Lybia cobriam-se com o couro e a juba dos leões, nos capacetes gaulezes havia azas de cotovia ou de aguia e os japonezes orgulhavam-se chamando aos seus samurais «lagostas de ferro». Quem sabe esses Neuros, originarios dos paizes onde são incontaveis as alcatéas de lobos, não se enfeitavam com os despojos dessas féras ou não

as imitavam em danças rituaes e dahi a origem da crença dos hellenos a seu respeito?

Mas, antes de conhecerem os Neuros de Herodoto, já os gregos acreditavam que um homem podia transformar-se em lobo. No livro oitavo da «Republica», de Platão, Socrates diz a Adimanto que quem, num sacrificio aos deuses, come visceras humanas misturadas ás de outros animaes é inevitavelmente mudado em lobo. Platão referia-se ao mesmo facto narrado no livro VIII, capitulo segundo, de Pausanias, á fabula de Lycaon, que se tornou lobo após ter sacrificado uma creança no altar de Jupiter Lyceo, na Arcadia. A elle se refere Ovidio no livro I das «Metamosphoses»: «... gaudete sanguini. Vestis abeunt in villos; lacerti in crura; fit lupus, et servat vestigia veteris formae».

Como Lycaon guardou esses vestigios da forma antiga, o lobis-homem do sertão tambem os guarda e é metade bicho e metade gente. Nesse ponto, a fabula classica se mantem illesa.

A superstição dos lobis-homens continuou em Roma. No seu admiravel «Satyricon», capitulo LXII, Petronio relata a transformação de um individuo em lobo. Para esse fim, elle despio-se, estendeu as roupas no chão, espalhou urina em redor dellas e prompto! virou lobo! Não ha nessa maneira de se metamorphosear qualquer cousa do lobis-homem sertanejo, que veste a blusa e a calça ao avesso e se espoja na sujidade dos cavallos? O naturalista Plinio allude ao lobis-homem e chama-o *versipellis*.

Santo Agostinho acreditou nos lobis-homens. No livro XVIII da «Cidade de Deus», cita Varrão, o qual affirmava que a gente da Arcadia tomava a forma de lobo durante nove annos e no decimo anno voltava á fórma humana. Esse mesmo Varrão, segundo escreveu o grande doutor da Egreja, accrescentava que naquelle paiz um certo Demenaetus, por ter sacrificado

um menino a Jupiter Lyceo, fôra feito lobo. E' o Lycaon de Pausanias e de Platão. Tanto o seu nome como o do deus local vem da palavra grega *lycos* — lobo. E o mesmo Varrão ainda pretendia que os sacerdotes Lupercaes tinham a sua origem nesses mysterios religiosos, que a lenda arcadiana deixava entrever.

Ora, não póde restar duvidas a ninguem que a crendice popular do lobis-homem venha dessas remotas fontes, dessas crenças da Grecia antiga em povos da Scythia ou da Arcadia, que, por essa ou aquella razão, tomavam o aspecto lupino em determinadas épocas.

Até hoje só me foi possivel rastrear a origem dos lobis-homens além da Grecia classica, no Egypto, onde a idéa lycanthropica está contida na maneira como os deuses animavam certos animaes e nas varias formas animaes que esses deuses tomavam (*). Mas talvez a lenda venha ainda de mais longe, da Chaldéa, onde se acreditava que o homem privado de sepultura voltava á terra sob a forma de lobo, vingando-se assim dos que lhe não tinham dado o tumulo. Mas tal mysterio envolveu as primeiras origens ethnographicas, linguisticas e tradicionalistas que deante delle o velho Quatrefages calmamente declarava: — Eu não sei.

Mas, indubitavelmente, o lobis-homem cearense é o lidimo descendente dos seus avós peninsulares, bretões, francezes, romanos, hellenos e scythas. As suas differenças resultam unicamente da lei de adaptação estabelecida pelos grandes folkloristas.

(*) *Peladan*—Les ideés et les formes.

A lenda da morte

A crença na fatalidade da morte produzio no sertão do Ceará a mesma lenda que existe no Oriente, com pequena differença de forma. Onde quêr que a alma popular pense da mesma forma manifestar-se á da mesma maneira. Bem diz Van Geunep: «et á tout moment un thème lègendaire, bien localisé, peut être rencontré á l'autre bout du monde dans un cycle de contes populaires». E' dum desses casos que vamos tratar.

Paul de Saint Victor conta a seguinte lenda da Turquia: Todo o dia que Allah dava ao mundo um dos pachás mais queridos dó sultão vinhá á sala do Divan e pedia-lhe para ser nomeado governador duma cidade distante. E dava, para justificar o seu pedido, uma desculpa qualquer.

O soberano não o attendia e já estava até se aborrecendo com a sua insistencia, quando o velho servidor do throno lhe confessou a verdadeira causa do seu desejo de ir embora de Stambúl. Todas as manhãs, ao sahir de seus aposentos, encontrava a Morte, assegurou, de pé, cravando-lhe olhos de espanto. Queria fugir a essa obsessão. O sultão tomou aquillo como caduquice, mas teve pena do pachá e mandou-o para onde desejava ir.

Semanas após, passeiando á noite pelo seu jardim, encontrou por acaso a Morte. Chamou-a e interpellou-a:

— Por que andavas fitando com olhos espantados o meu pachá?

E ella respondeu:

— Porque recebi ordem de matal-o na cidade de que foi nomeado governador e me admirava de vêl-o ainda por aqui...

Esta certeza de que ninguem escapa á morte que lhe está reservada e no dia marcado pelo destino tam-

bem está consubstanciada nesta historia sertaneja:

Um sujeito armou um mondéu por traz do muro dum cemiterio de villa do interior, afim de pegar um tatú que passava por alli. E, numa noite de luar, com profundo espanto topou a Morte presa no mondéu. O pesado tronco da armadilha cahira-lhe sobre a tibia e o seu corpo esqueletico se esticava sobre o chão, mal envolto no lençol branco. A foice rolara por uma ribanceira e ficára dependurada numa raiz de angico. O matuto, gelado de pavor, ia correr, quando a morte o chamou:

— Vem cá! Livra-me deste mondéu e te recompensarei.

Approximou-se, então, mais calmo e pedio, como recompensa, para libertal-a, o direito de viver até avançada edade, sem doenças nem transtornos, querendo tambem saber quanto deveria viver se não lhe tivesse de prestar aquelle favor. Ella disse, com accento sincero, batendo as maxillas estralejantes como as dos caetetús e dos queixadas famintos:

— Devias viver até cincoenta e dois e tres mezes. Mas até quando queres vida e saude, afim de me soltares?

Meio confiante, a sorrir, pensando nos seus rijos trinta annos, o matuto replicou:

— Tão forte quanto estou, até cento e vinte!

E viveu, assombrando o sertão pelo seu vigor, a mudar-se de ribeira em ribeira, atraz de aventuras, de festas e de novidades, sempre feliz, dinheiroso e sadio. A Morte, que desprendêra da armadilha após ter acceitado a sua proposta, essa andava na sua fainá. E elle, gozando a vida, nem ao menos se lembrava que ella existia.

Chegou aos cento e vinte annos, porém achava ainda a vida tão bôa que teve medo de morrer. Ao approximar-se o dia do anniversario do seu conchavo

com a morte, quando se completaria o prazo por ella concedido, foi convidado para um samba, justamente a realizar-se no dia perigoso. Entretanto, resolveu ir e enganar a Morte que certamente o iria buscar.

Usava desde os oitenta annos barba cerrada e cabellos crescidos á nazarena. Pegou a thesoura e a navalha: botou tudo abaixo. Ficou pellado como urubú camiranga. A cabeça lustrosa não tinha um fio de cabello. A face era lisa como a dum menino. Ninguem o reconheceu na casa do samba.

Dansou, comeu e bebeu até meia noite, quando a Morte entrou pela festa adentro, procurando por elle. Ninguem o tinha visto. Até o dono da casa explicou que o tinha convidado para o baile, mas que elle até então ainda não apparecera, o que todo o mundo já tinha extranhado.

A Morte, que já se cançára procurando a sua victima por toda a parte, não se conteve: deu um pulo, segurou o nosso homem pelo pescoço e disse:

— Não tenho mais tempo de procurar esse velhaco. E' meia noite em ponto. Tenho de ir embora e, para não ir de mãos vazias, levo em logar delle este pellado dansadôr!....

Com differenças maiores ou menores de forma, que em nada alteram o seu substracto, essa lenda se encontra em quasi todos os povos.

O DIABO

O diabo é o heroe de mil estrepolias ou tropelias em todo o sertão.

O seu aspecto é o aspecto christão: chifres, olhos de fogo, pés de pato ou de bóde. Tem dezenas de nomes e appellidos, verdadeiramente originaes do sertão, porque alli não se deve nunca chamal-o pelo

seu verdadeiro nome, para que não ouça e não venha. Chamam-no, portanto: Cão, Dêbo, Moleque, Fute, Pé-de-peia, Pé-de-pato, Futrico, Figura, Bode-preto, Capa-Verde, Gato-preto, Malino, Sapucaio, Pero Botelho, Bicho-preto, Rapaz, Tinhoso, Capeta, Capirôto, Côxo, Coisa, Sujo, Maioral, *Elle*. E todo o sertão está cheio de lendas a seu respeito.

Geralmente, o demonio sertanejo é, como os demonios e deuses de todos os povos, creado á sua imagem e semelhança: anda *encourado* como os vaqueiros, monta a cavallo, é especialista em velhacadas de alquilador, gosta de caxaça, come carne de bode picada com pirão e gerimun, campeia gado e dansa nos sambas. Desapparece, dando um estouro e deixando um fedor de enxofre. A's vezes, elle se apresenta até como cantador de desafio a quem ninguem vence. De outras se encarna no corpo dos cantadores celebres, tornando-os invenciveis. Por isso é que Manoel da Bernarda, não podendo vencer no desafio o cantador Rio Preto, gritou no meio da sala:

Senhora dona da casa,
Abra a porta, accenda a luz:
Estamos com o *cão* em casa,
Rezemos o crédo em cruz!

Outro cantador, Manoel das Cabeceiras, tambem affirmava ter cantado com o demonio em figura de moleque.

O DIABO E NOSSA SENHORA

Ha uma versalhada que corre pelo sertão sobre a disputa do demonio com S. Miguel a proposito da alma dum sujeito rico, que era inimigo dos pobres e devia ir para o céo. A discussão tem logar na occa-

são em que o archanjo está pesando as boas e más obras do morto. Este era devoto de Nossa Senhora. Pede a sua intercessão. Ella vem, põe-se entre S. Miguel e satanaz, acabando por salvar o condemnado. Furioso, o Fute exclamára ao avistal-a:

Lá vem a compadecida!
Mulher com-tudo se importa,
Todos fazem seu negocio
E a mim fecham a porta!
No fim de todas as coisas
Eu sempre levo tabóca!

Não me foi possivel conseguir além destes versos nenhum outro da longa poesia desse milagre.

A CAMA DO COMPADRE COM A COMADRE

E' esse o titulo dum supplicio terrivel que o sertanejo diz existir no inferno para aquelles que commettem impurezas durante a vida. A sua descripção não pode ser feita, porque a decencia o não permitte. Mas para mostrar quão terrivel é basta narrar a seguinte lenda, muito conhecida dos matutos:

O diabo côxo revoltou-se um dia contra o Maioral do inferno e fez alli dentro uma terrivel revolução. Quebrou coisas, deu pancadas a torto e a direito. Todos os diabos o cercaram armados de espetos. Continuou a lutar. O Maioral ameaçou-o, se não se rendesse, com as moendas por onde passam as almas que devem ser das mais suppliciadas. Deu uma gargalhada. Ameaçou-o com a caldeira de azeite fervente. Rio-se. Ameaçou-o com a celebre cama do Compadre com a Comadre. O côxo empallideceu, póz-se a tremer e rendeu-se...

O DIABO E OS MENINOS

Na opinião sertaneja, o demonio tem horror aos meninos, porque por duas vezes estes o fizeram perder uma vasa.

A primeira foi na egreja. O dêmo, vestido de preto estava ao pé duma parede, tomando nota de quem se portava mal durante a missa, quando um menino puxou a saia da mãe.

— Que é isso, menino?

— Mamãe, olha aquelle homem. Elle teni os pés de pato!

A mulher vóltou-se e fez o signal da cruz. O Bicho estourou...

A segunda foi numa festa. O diabo, que se apaixonára por uma moça, comparecêra a uma festa em casa della, todo bem vestido e bonito, mas sem poder esconder os seus pés de pato. Quando seu namoro com ella ia accezo, um menino gritou:

— Aquelle homem tem os pés de pato!

Houve um reboliço. A moça fez o signal da cruz. E ouviu-se o estouro e sentiu-se o cheiro de enxofre!

UM PACTO COM O DIABO

O diabo sertanejo faz pactos ou *pautas* com os sertanejos, que quasi sempre o logram. Para haver mutua segurança nesses contractos, o homem deve dar ao Maligno como caução algumas gottas de sangue.

Contam que um fazendeiro fez com o capêta o seguinte contracto:

— Este faria tudo quanto aquelle mandasse e leval-o-ia para o inferno, quando elle tivesse esgotado as suas ordens. Isto é quasi a condição imposta no «Segundo Fausto» aos desejos do Doutor. O homem esgotou todos os seus desejos, fez tudo quanto queria e

lá um dia não soube mais o que ordenar. O demo ia carregar com elle para as *profundas*, quando elle se lembrou dum ardil e ordenou ao tinhoso que lhe enchesse um cesto de agua... O outro *estourou* e desistiu do contracto.

O VAQUEIRO MYSTERIOSO

Tendo morrido numa cidade do sertão um homem, cuja riqueza era de origem mysteriosa, verificou-se que o mesmo a tinha obtido com uma *pauta* infernal. Estavam todos os convidados de roupa preta na sala, rodeando o caixão já fechado, quando alli entrou um vaqueiro alto, moreno, de olhos brilhantes, cuja roupa de couro de veado capoeiro produziu verdadeiro contraste no meio daquelles trajes de luto. Todo o mundo pensou que fosse o vaqueiro duma das fazendas do morto, chegado de surpreza. Mas o extranho personagem não falou com ninguem, não tirou da cabeça o seu pesado chapéu de couro de bóde, olhou algum tempo o caixão e desappareceu. Quando abriram o caixão, para a viuva despedir-se a ultima vez do marido, estava vasio...

OS CAVALLOS DO DIABO

O diabo é casado e tem uma filha muito bonita. Um rapaz sertanejo, valente e bello, viu-a uma vez numa varzea, ao cair da noite, e apaixonou-se por ella. O seu anjo da guarda procurou livral-o daquella paixão, mas nada conseguio. A moça tambem não foi indifferente ás suas qualidades e mandou-lhe recados amorosos, e falou ao pae em abandonar o inferno e vir morar na fazenda do namorado. O cão ficou furioso com esses desejos de *mésalliance* e trancafiou-a numa torre de ferro ao meio do seu reino.

Sabendo disso, o rapaz montou no seu cavallo de campo castanho escuro, fechado, sem signal descoberto nem encoberto de especie alguma, o animal de maior fama na ribeira e dirigiu-se ao inferno, decidido a tudo. Lá chegou na hora em que os diabos dormiam, abriu com uma chave falsa a torre, poz a moça á garupa e fugiu a galope.

Quando acordou e pela mulher soube do audacioso rapto, o diabo chefe teve um violento accesso de furia. Mandou sellar um dos seus melhores cavallos e atirou-se em perseguição dos fugitivos. A moça, que ia á garupa, meio voltada para traz, avistou ao longe o vulto do pae. Preveniu o amante, que esporeou a sua cavalgadura e perguntou:

— Em que cavallo vem teu pae?

— No gazeo.

— Cavallo gazeo-sarará (1) não presta nem prestará, respondeu elle, rindo.

As rimas dos rifões sobre côres de cavallo são meios mnemonicos para retêl-as. O demonio, sentindo escapar-lhe a preza, muda de cavallo. A moça previne o rapaz.

— Em que cavallo vem teu pae?

— No alazão.

— Trazes o freio na mão, onde deixaste o teu alazão?

Nova mudança, nova pergunta:

— Em que cavallo vem teu pae?

— No bebe-em-branco (2)

— Quem monta em bebe-em-branco monta em cavallo manco.

O Maioral verifica pela propria experiencia que

---

(1) Gazeo-sarará — albino.

(2) Bebe em branco, cavallo que tem o queixo e as narinas brancas

não alcançará os dois em cavallos desse pello e monta noutros de melhor côr. E as perguntas e respostas se succedem pela longa estrada afóra:

— Em que cavallo vem teu pae?

— No cardão-rodado. (3)

— Cavallo cardão-rodado nunca pode estar parado.

— E agora?

— No cardão-pedrez.

— Cavallo cardão-pedrez para carga Deus o fez.

— Vem no melado-caxito. (4)

— Cavallo melado-caxito tanto é bom como bonito.

Mas já a excellencia do animal nada adiantava. Os dois amantes penetravam no mundo e se acolhiam a uma egreja, onde casaram. O diabo voltou ao seu reino furioso e fatigado. Ao entrar em casa, a mulher indagou:

— Alcançou-os?

— Não! Não pude! Montavam um cavallo castanho escuro...

— E?

— E cavallo castanho escuro pisa no móle e no duro.

Essa lenda dum Orpheu sertanejo o habitante do Nordeste a aproveita para enumerar as qualidades que julga terem os cavallos pela sua côr, desmentindo o velho aphorismo dos *maquignons* francezes: «à tout poil bonne bête». De todas as lendas do diabo que correm pelo sertão essa é a mais profundamente sertaneja.

---

(3) Cardão-rodado, tordilho.

(4) Melado-caxito, baio, de pernas e crinas pretas.

4

SUPERSTIÇÕES

As "experiencias" de chuva

No decurso de minhas variadas e constantes leituras, tenho notado que nenhum povo possue crenças ou superstições proprias e todos têm variantes de crenças e superstições geraes, que se originaram talvez duma fonte commum, mysteriosa e antiquissima, de onde certamente irradiaram as suas primeiras fórmas, salvo se identicas condições e circumstancias produzem aqui ou alli identicas manifestações da arte popular.

Dahi não existir no sertão do norrdeste, que com tanto carinho, posso dizer, sempre tenho estudado, uma unica crendice popular que não tenha sua correspondente ou irmã na vida de outros povos inteiramente afastados de seu convivio actual e aos quaes só se liga por uma recuada e intrincada ascendencia.

Varias vezes tenho mostrado essas similitudes folkloristicas, de maneira que as minhas idéas sobre o assumpto são conhecidos.

Em todo o sertão do Ceará, fazem duas «experiencias», para saber se o anno que vai passar é de bom ou máu inverno, de «repiquete» ou de sêcca declarada. Não é de admirar essa preoccupação num povo cuja vida depende unica e exclusivamente da quantidade de chuva que cahir sobre a sua martyrizada terra. A mais notavel dessas «experiencias» é a do dia de Santa Luzia. Sobre uma taboa, a 13 de dezembro, data consagrada á gloriosa martyr, traçam-se

seis quadrados que representam os seis mezes de inverno: janeiro, fevereiro, março, abril, maio e junho. Em cada um desses quadrados põe-se um pedaço de sal e colloca-se a taboa, assim preparada, ao sereno, durante toda a noite. De manhã vai-se vêl-a. Conforme o sal tenha derretido mais ou menos em cada um dos quadrados, choverá mais ou menos no mez respectivo. Se as pedras de sal estiverem simplesmente humidas, o anno será de máu inverno. Se estiverem completamente enxutas, a sêcca é fatal. Não deixa de haver uma certa razão basica de ordem pratica nessa superstição religiosa: o chlorureto de sodio é muito sensivel ao estado hygrometrico da atmosphera e, como no sertão o clima é sempre invariavel, esse estado ao meio de dezembro póde prolongar-se pelos outros mezes além.

No mesmo dia se inicia outra «experiencia» com o mesmo fim. Considera-se o dia de Santa Luzia como representando o mez de janeiro e os dias seguintes como representando cada um dos mezes de inverno, até junho ou julho. Conforme chova ou faça sol nesses, choverá ou fará sol nos mezes relativos.

Cousa interessante: em toda a parte, quando faz sol, diz-se que o dia é bello, que o tempo está lindo. No sertão, nunca. Dia lindo, tempo bello é quando chove. Quanto mais chuva, mais bonito o tempo. Quanto mais sol, mais feio.

A terceira e ultima «experiencia» é a do dia de S. José. Esse dia tem grande influencia na vida sertaneja. E' o dia 19 de março, precede de quarenta e oito horas o equinoxio e por isso não é raro que nelle se modifique de todo o tempo, passando de chuvoso a ensolado ou vice-versa. Dahi dizerem os sertanejos que, se até essa data não ha inverno, estão perdidas todas as esperanças. Accrescentam que, se a 19 de março o céo está limpo, ainda haverá inverno, mas,

se amanhecer nublado ou chuvendo, a sêcca será feroz.

Tal crença é dos povos do Occidente europeu e, através da Peninsula Iberica, modificada pelos ambientes e pelas devoções especiaes, veiu localizar-se no centro-norte do Brasil. Na meteorologia européa, quem representa o papel meteorologico de Santa Luzia e de S. José, especialmente, é o quasi desconhecido S. Medardo. A sua data é o dia 8 de junho. Acreditam os camponezes francezes, belgas, suissos, bávaros, saboianos, gascões que, se nesse dia fizer sol, fará sol todo o verão e que, se chover, choverá todo o verão. Como se vê, a differença das datas entre as duas crendices corresponde á differença das estações. O sertanejo precisa dum santo meteorologico em março, no equinoxio, de cuja força dependem as aguas fertilizantes do seu inverno. O camponio europeu carece desse santo em junho, no inicio do seu verão, quando o bom tempo lhe é necessario á vida. E o mais curioso é que na Europa a « experiencia » é feita de modo directo, pelo aspecto do dia em questão, emquanto no Brasil é de modo indirecto, pelo contrario do mesmo aspecto.

Não sei qual o motivo por que se attribue no nordeste a S. José e a Santa Luzia a virtude de disporem das chuvas, pois a S. José se reza no fim de todas as missas ou novenas uma oração pedindo-lhe chuvas. E mesmo, nas procissões, para obter do céo que a sêcca não caia sobre o sertão infeliz o povo grita:

— S. José, dai chuva! S. José, dai chuva!

A razão por que S. Medardo gosa dos mesmos direitos foi explicada pelo sr. Arnault, da Academia Franceza, de accôrdo com os velhos biographos do santo. S. Medardo foi bispo de Noyon e de Tournay, no sexto seculo da nossa éra. Uma feita, em viagem, começou a chover fortemente. Mas uma aguia baixou do alto e abriu as azas sobre a cabeça do santo, protegendo-o da chuva. O sr. Arnault até se admira que

elle, por ter tido o privilegio de se não molhar, tenha o de molhar os outros...

Ha um outro santo a quem se pedem chuvas no sertão e que até amarram para isso com um cordel ou uma fita, ou põem de cabeça para baixo, somente o libertando quando attende aos rogos que lhe são feitos. E' o glorioso santo Antonio de Padua ou de Lisboa.

Eu conheci em Baturité, ao pé da serra do mesmo nome, no Ceará, um plantador de canna, que em vez de amarrar a imagem de Santo Antonio, afim de obter chuvas, fazia peor. Quando o anno era declaradamente de bom inverno, elle soltava duzias e mais duzias de foguetes, de rojões, demonstrando publicamente a sua alegria. A's vezes não chovera na redondeza. Entretanto, os vizinhos ouviam o roncar e o pipocar da foguetaria. E todo o mundo dizia logo:

— Isso foi o compadre Fulano que já recebeu noticias de chuvas no sertão!

Tambem, quando Santo Antonio não dava a chuva em tempo opportuno, elle ficava furioso e vingava-se do thaumaturgo. Agarrava a sua imagem, amarrava-a á vara dum dos maiores foguetes que tinha preparados para commemorar o inverno, e soltava-o nos ares. Lá se ia o pobre santo de pau a uma ultura de mais de cem metros, vergastado pela chuva de fogo do rojão até que este perdia a força e cahia com a imagem sobre os mattos ou as pedras, onde ella se despedaçava.

Assim, quando a vizinhança ouvia o barulho de muitos foguetes no ar, já sabia que eram bôas novas de chuva, e, quando ouvia o de um só e formidavel rojão, estava certa de que o anno era sêcco, pois Santo Antonio fôra castigado. Emquanto viveu esse individuo, essa «experiencia» do foguete foi, para a gente do pé da serra, o que são, para o povo sertanejo em geral, as «experiencias» de Santa Luzia e de S. José.

Mas nem esse castigo dos santos é original do interior cearense. Elle existe sob variadas fórmas em diversos povos, que tambem amarram os santos ou os idolos, a quem fazem promessas de qualquer natureza.

Uma das mais interessantes fórmas do mesmo facto é a que narra Martinho d'Arles, no seu «Tratado das Superstições», edição de 1560. Diz o clerigo escriptor que, quando havia sêcca em Navarra, a gente do campo não se humilhava perante o seu padroeiro. Pelo contrario, levava em procissão até á beira do rio a imagem de S. Pedro, collocava-a deante da agua e gritava-lhe, ameaçadoramente, uma, duas, tres vezes seguidas:

— S. Pedro, soccorrei-nos!

A imagem continuava, como é de esperar, immovel e silenciosa. Então, encolerizados, bradavam do mesmo modo:

— Atiremos S. Pedro nagua!

Como S. Pedro nem se movia nem respondia, empurravam-no para o rio, cuja correnteza levava a figura de madeira dourada por paus e por pedras abaixo.

A's vezes, os padres pediam ao povo que esperasse mais vinte e quatro horas pelo milagre do santo e davam cauções para isso. Os navarros esperavam; porém, se dentro das vinte e quatro horas não chovia, o primeiro bispo de Roma ia parar ao rio.

O meu conhecido de Baturité era menos humano para com Santo Antonio do que a população de Navarra para com S. Pedro. Esta lhe dava tempo de pensar no castigo, gritando-lhe tres vezes o que queria, e ás vezes mesmo o caucionava por um dia. O cearense, não. Não prevenia nem esperava. Desde que até á data que marcára, o inverno não vinha, não hesitava: amar-

rava o santo ao rabo do rojão e lançava-o aos ares, para elle fazer «o parafuso da morte»...

Todos os povos primitivos castigam os seus deuses quando elles não os ajudam convenientemente. Jacques de Voragine, na sua velhissima «Legende Dorée», conta na vida de S. Nicolau que um judeu promettia á imagem deste santo dar-lhe uma surra, se ella não defendesse os seus bens. O catholicismo herdou esse systema do pagamento, e para o sertanejo elle veio com a colonisação.

OS PROCURADORES D'AGUA

Em todo o paiz que sente frequentemente effeitos de sêcca, os feiticeiros, magicos e exorcismadores se attribuem o papel de descobridores de agua. Desses procuradores d'agua no sertão de Nordeste disse eu o seguinte numa pagina do meu primeiro livro «Terra de Sol».

«Na quadra angustiosa da sêcca, quando o sertanejo procura agua, cavando a terra, o curandeiro vae acurvado, de olhar fixo, batendo com um cacete sobre o chão. Pára, olha em torno para os sertanejos magros que o seguem e assegura que, se cavarem naquelle logar, encontrarão agua».

Roberto de la Sizeranne, prefaciando as «Pedras de Veneza», de Ruskin, na sua traducção franceza, escreve isto:

«Já encontrastes talvez no interior dos nossos campos camponezes que caminham de braços estendidos com uma varinha na mão pelas solidões onde falta a agua, procurando uma fonte. A's vezes param e a varinha treme nas suas mãos. E' um lençol de agua subterraneo que age sobre seus nervos e os faz vibrar. Cava-se ahi. Encontra-se uma fonte profunda, justamente onde ninguem respeitava que ella existisse».

Quando escrevi a «Terra do Sol» ainda não lêra as «Pedras de Veneza». Esta approximação vem simplesmente demonstrar, portanto, que não ha superstições particulares a este ou aquelle povo, mas que todas pertencem á humanidade inteira e só differem na forma em relação ao meio onde evolvem e se adaptam. Certo, assim, egypcios, chaldeus, indús e outros povos mais antigos já procuravam as nascentes subterraneas de agua.

ABUSÕES

Uma chinella emborcada chama a desgraça.

———

Quando o gallo canta antes da hora em que deve, houve barulho ou alguem furtou moça.

———

Quando uma coruja *rasga-mortalha* canta sobre uma casa é desgraça certa.

———

Quando uma gallinha canta como gallo, é desgraça ainda peor.

———

Todo homem feio, de nariz torto, de olhar de porco ou por baixo das sobrancelhas, da fala de mulher, de barbica, de soiças ou das mãos frias, não presta; no minimo é falso.

Quem encontra em viagem negro ou rapôsa encontra máu agouro.

A proposito de suas desconfianças sobre o moral dum individuo pelo seu aspecto physico, diz o sertanejo:

«Deus que te marcou alguma coisa te achou!»

Todo sapo bota feitiço.

Cascavel que morde sapo morre logo.

Para infelicitar um individuo, deve-se conseguir que não coma o primeiro bocado que ia levar á bôcca em qualquer refeição, cose-se esse bocado na bôcca dum sapo cururú e emquanto este penar a pessôa soffrerá tambem.

Quem ouve uma missa inteira em sonho morre dentro dum anno.

Sonhar com agua é casamento ou morte certa. Com excremento é dinheiro. Com dinheiro é excremento. Com cobre, intriga. Com gado, prosperidade. Com passarinho, tristeza. Com vinho, alegria.

As creanças sonham muito que estão voando. E' que ellas estão crescendo.

Quando um homem casado sonha que está casando é a sua mulher que vae morrer.

Sonhar que se está arrancando dentes é aviso da morte de parentes proximos.

Nenhum sonho se realisa com a pessôa com quem se sonha. Mas sempre com outra.

Canto de rôlinha em cima da casa — signal de mudança.

Cupim teimoso numa casa quer dizer que o dono deve mudar-se, senão morrerá alli.

Uivo de cachorro á noite é desgraça proxima.

Menino chorão ou de orelhas compridas viverá muito.

O homem casado, cujo cabello deixa penetrar fumaça de cachimbo ou de cigarro soprada por outro não é fiel á sua mulher. O solteiro é voluvel.

———

Chocalho de cascavel pendurado ao pescoço livra de dôres de dentes.

———

O bicho só dá em páu tirado antes da lua.

———

Basta bater num curandeiro ou feiticeiro com um galho de pinhão para tirar-lhe toda a força.

———

A URINA DA MULHER

Vêm da mais remota antiguidade as superstições sobre os bons ou máus effeitos da urina das mulheres. Herodoto, em «Euterpe», CXI, e Deodoro de Sicilia, no seu livro I, contam dum filho de Sesostris ou Ramsés que, tendo ficado cégo, lavou os olhos, por mandado do oraculo de Buto, com a urina duma mulher honesta, recobrando a vista. Vale a pena informar, de accôrdo com esses historiadores, que começou a experiencia por sua propria esposa e que só conseguio tornar a vêr, depois de ter experimentado alguns milhares de creaturas do sexo fraco. Heródoto conta mais («Clio» CVI) que Astyage, rei dos médas, sonhou que a urina de sua filha Mandana inundava toda a Asia. Os magos interpretaram o sonho, affirmando

que della sahiria um grande dominador de paizes e de povos. Com effeito, o seu filho foi Cyro.

Já se vê que remontam ás mais antigas épocas as superstições a respeito dessa urina, com uma differença, porém, para as sertanejas. E' que ella no sertão jamais é considerada benefica e sim capaz de maleficios terriveis. Affirmam os matutos do interior do Ceará, Piauhy, Parahyba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagôas que a urina duma mulher em certas épocas do mez, no *seu tempo* ou *na lua*, como elles dizem, é a cousa mais perigosa do mundo. Essa força passa até para a propria pessôa. Garantem que umá mulher, nesses momentos, pisando em cima duma cascavel, a cascavel morre! As mesmas cobras que por infelicidade passarem sobre a areia em que uma mulher nessas condições urinou não escapam!

Consubstanciando essas abusões e crendices, o doutor Pedro Pereira, que cultivava no Ceará, no começo do seculo passado, a musa popular, fez uma poesia em estylo sertanejo sobre essa urina de tão violentas attribuições. Essa poesia pelo seu feitio, pela crença popular que encerra e pela maneira como se tornou corrente entre a gente daquella região pertence inteiramente ao folk-lore. E' de esperar que os que a lêrem não cuidem estar ella aqui como demonstração de gosto obsceno e sim como traducção fiel duma superstição popular que vem do Oriente classico e da qual não se pejaram de tratar claramente espiritos como o de Heródoto e o do grande historiador siciliano.

A URINA DA MULHER

(versos de Pedro Pereira)

E' um mal tão pestilento
A urina da mulher

Que quem viver não quizer
Beba e morre de repente!
E' veneno, é fogo ardente
Que Deus no mundo deixou.
Quem em tal urina pisou
Curar-se mais não precisa,
Pois não escapa quem pisa
Onde a mulher mijou!

Seja o mais verde capim
Ou planta de fôlha rija,
Se lhe em cima a mulher mija,
Sécca, morre, leva fim.
E' um veneno tão ruim,
Que até uma vez chegou
O proprio ferro a estalar
Naquelle mesmo logar
Onde a mulher mijou! (*)

Eu vi um velho, coitado!
Por pisar em tal urina,
Ficar com a perna fina
E o pé todo chagado!
Ficou caspento, pellado,
Emfim disforme ficou!
Tudo que teve gastou
Em mil remedios que fez,
Por pisar uma só vez
Onde a mulher mijou!

Se acaso fôr de creança
O mijo que alguem tocar,
Pode ter, para escapar,

(*) Nesta decima falta um verso que não me foi mais possivel encontrar.

Ainda alguma esperança;
Mas de moça ou de carrança,
Diga logo: — Morto estou!
Porque ninguem encontrou
Remedio ainda em botica
Que curasse o mal que fica
Onde a mulher mijou!

A MOÇA E O SAPO

No sertão dos Cariry Velhos, numa antiga fazenda, havia uma moça bastante bonita que tinha o habito de ficar todas as tardes horas seguidas debruçada á janella do seu quarto, que dava para um terreiro todo coberto de malva. Sem que se soubesse por que, de repente ella começou a definhar. Chamaram-se curandeiros, fizeram-se orações fortes e prepararam-se mézinhas. Nada deu resultado. Ella continuava sempre a emmagrecer e a empallidecer.

Um dia, por acaso, o fazendeiro mandou capinar o terceiro. Limpo elle todo da relva que o cobria, verificou-se que no meio, dentro dum buraco, havia um enorme sapo-cururú, inxado de gordura. E chegou-se á conclusão de que todo o mal da pobre moça delle provinha. Emquanto ella ficava na janella, o sapo a namorava e toda *sustancia* della passava para elle. Mataram-n'o com um foiçaço. Do dia seguinte em deante, ella começou a melhorar e escapou á morte. Namoro de sapo, no modo de pensar do matuto, só não é peor que urina de mulher.

O SAPO E A CHALEIRA

Tres comboieiros que iam de viagem arrancharam-se debaixo de uma arvore, fizeram uma trempe de pedras, accenderam fogo e sobre ella puzeram uma

chaleira com agua para fazer café. Bebêram, depois, o café e todos três morreram minutos mais tarde. Quem os encontrou mortos, no dia seguinte, verificou que debaixo das taes pedras havia um sapo, que o fogo torrára. Fôra elle quem envenenára, com a simples fumaça do seu corpo queimando, o café dos comboieiros.

As superstições sobre sapos são de todos os povos. Boccacio conta no *Decameron* de dois noivos que morreram por terem mastigado as folhas dum arbusto. Arrancado este, verificou-se que entre suas raizes estava alojado um grande e horrendo sapo.

OS CORISCOS

A crença nos coriscos ou pedras de raio é antiquissima e universal. Os antigos acreditavam que o raio era uma pedra atirada por deus. Elles não podiam admittir os effeitos de projectil sem que esse projectil existisse. Dahi a crença nessa pedra. Dahi o Jupiter Lapis dos romanos. E todas as pedras polidas, roladas pelas aguas ou heranças dos antigos homens das idades de pedra, fôram até outro dia tomadas como coriscos. Saint Yves documentou grammaticalmente a universidade dessa crença, mostrando que em quasi todas as linguas essas pedras são chamadas pedras de raio: pierres de foudre, francez; thunderstone, inglez; donnerkeil, allemão; donderbeitels, hollandez; tordentem, dinamarquez; tonderkilde, norueguez; thorsirggar, sueco; perdus de lamp, dialecto do Rossilhão; piedras de rayo, hespanhol; pietre del fulmini, italiano; idernu-tochi, turco. (*).

(*) St. Yves—"Talismans et reliques tombés de ciel" dans 'Les reliques et les images legendaires".

Do mesmo modo as chamam os naturaes da Finlandia, do Japão, da China, da Indo-China, da Oceania, do Congo, de Madagascar.

Em toda a parte se acredita não somente que essas pedras cahiram do céu como preservam do raio. A crença vem do oriente lendario e profundo, atravéz dos gregos, que já as chamavam *Keraunias*.

Obedecendo ao influxo dos seus maiores, o sertanejo nordestino acredita que todos os seixos polidos ou machados e pontas de fléchas dos indios desapparecidos são verdadeiros coriscos. E ninguem lhes tirará essa superstição da cabeça com argumento algum, nem mesmo provando-lhes que, já em fins do seculo desesseis, Mercati dizia que as ceraunias eram achas polidas dos antigos povos.

O sertanejo parahybano, cearense ou alagoano acredita que essas pedras lisas, por elle encontradas nos campos e buracos ou covas que abre, cahiram do céu com os raios, enterrando-se no solo umas tantas braças. Depois, cada anno fôram por si mesmas sahindo uma braça, de maneira que aquella que se aprofundou de sete braças leva sete annos para voltar á flôr da terra.

Que este livro tenha ao menos a sorte dos coriscos do sertão: se o esquecimento o sepultar, cada anno pelo seu proprio valor dê um passo para ser conhecido. Porque nelle ha muito da minha alma saudosa de nortista exilado.

G. B.

INDICE

INDICE

Paginas

1 — FOLK-LORE TRADICIONAL. 21

a) *O cyclo dos Bandeirantes:* 25

Lenda do Batatão 30
Lenda do Gorjála 31
Lenda dos Zariguês 31
Lenda do Pescador 32
Historias de Onças 32
A onça e os dois compadres 34
Resumo do cyclo dos Bandeirantes . . 36

b) *O cyclo do Natal:* 37

Auto do Rei dos Mouros 43
Auto dos Fandangos 47
Nota ao Auto dos Fandangos. . . . 96
Auto das Pastorinhas 104
Notas ao auto das Pastorinhas 145
Auto da Caridade 149
Notas ao auto da Caridade 177
Auto da Porfia das Flôres 178
Auto dos Pagés 211
Auto dos Congos 213
Notas ao auto dos Congos 251
Auto do Bumba meu Boi! 256
Notas ao auto do Bumba meu Boi! . . 287
Canção de Janeira 292
Resumo do cyclo do Natal 294

Paginas

c) *O cyclo dos Vaqueiros:* 295

A onça do Sitiá 299
A onça do Cruxatú 303
A onça Maçaroca 308
O boi Moleque 308
O boi Mysterioso 311
A vaqueijada 320
O novilho do Quixelô 326
Resumo do cyclo dos Vaqueiros . . . 327

d) *O cyclo heroico:* 329

Historia do Valente Vilella 332
Canção dos Guabirabas 343
Cantiga dos Guabirabas 347
A vida dos Guabirabas 350
Canção do Santa Cruz 363
Canção de Antonio Silvino 371
Vida de Antonio Silvino 375
Antonio Silvino e Desiderio 384
Os companheiros de Antonio Silvino . . 384
Antonio Silvino e o Padre 388
A canção do Rei Mandou me Chamar . 395
Resumo do cyclo heroico 399

e) *O cyclo dos Cabôclos:* 401

A defesa do cabôclo 404
A certidão do cabôclo 405
Silva de quadras de desafio entre negros e cabôclos 407
O cabôclo e o ovo 410
O cabôclo e a agua 410

Paginas

O cabôclo e o avarento 411
O cabôclo e a queimada 411
O cabôclo e o recem nascido 412
O cabôclo a mulher e a espingarda . . 412
O cabôclo, o padre e o estudante . . . 413
O cabôclo e a verruma 414
O cabôclo e o sol 415
O cabôclo e a moça 416
O cabôclo e a rêde 416
A logica do cabôclo 417
Mottes e glozas 418
Resumo do cyclo dos cabôclos 419

f) *Poesias Mnemonicas* 421

1) *A. B. C.*

A. B. C. do Bode dos Grossos 427
A. B. C. da Pobreza 432
A. B. C. da Sêcca dos Dois Setes . . . 439
A. B. C. do Nicandro 446
A. B. C. da Revota da Parahyba . . . 453
A. B. C. dos Rifões 462
Lista geral dos A. B. C. 463

2) *Pelos Signaes:*

Pelo Signal do Sertanejo 464
Pelo Signal dos Cangaceiros 467
Pelo Signal da Beata 469
Lista dos Pelos-Signaes 471

g) *Anthologia.* 473

Classicismo sertanejo 475
Satyras e Motejos: 483

Paginas

O procurador do Imposto 484
As moças solteiras 501
Debate do ministro Nova Seita com o urubú 506
A sogra enganando o diabo 514

— *Orações:* 521

As orações 523
Oração para inguas 524
Oração para dente arrancado 524
Oração para dôr de dentes 525
Oração para bicheiras 525
Oração contra usagre 526
Oração forte contra os espiritos . . . 526
Oração para luxações 527
A cura das mordeduras de cobra . . . 528
Uma oração egypcia nos sertões . . . 530
— Monstrengos, Prodigios e Abortos. 536
— A opinião publica no sertão 552

II — FOLK-LORE REPENTISTA 559

— *Os* desafios: 563
Desafio entre dois cegos 566
Cantigas de Ferino 567
Fragmento dum desafio 569
Martellos 570
Silva de cantigas soltas de desafio . . . 575
— Trovas de amor e de amigo 583
Trovas de amor 584
Trovas de amigo 598
— Emboladas 607
Emboladas de Alexandrino Caluête . . 611

Paginas

III — HISTORIAS, FABULAS, LENDAS E SUPERSTIÇÕES. 613

1 *Historias:* 615

a) *Historias de gente.* 617

O avarento João de Velós 619
A vingança do menino 620
O escrivão, o juiz e S. Pedro 623
O ôlho do vaqueiro 624

b) *Historias de animaes.* 629

A gaita do kágado 631
O antidoto do tejuassú 633
O bem-te-vi Gamella 636
A trahyra e a isca 937
Os bichos do Natal 638
O burro e o Padre Eterno 639
Nossa Senhora e a Sôlha 639

2 *Fabulas:* 641

As fabulas 643

a) Fabulario 645

A pretenção do sapo 647
O gato e a onça 647
A onça e o bode 648
Os urubús e suas fabulas 651
Fabulo do calangro e da lagartixa . . . 657

Paginas

b) O Romance da Raposa 659

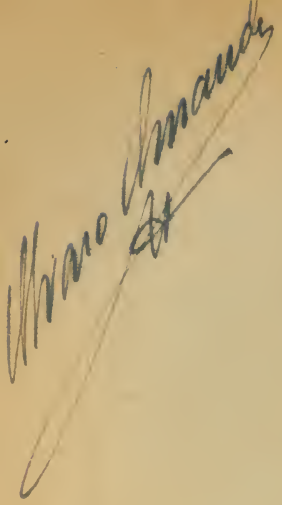
O Romance da Raposa sertanejo . . . 661
A Raposa e o Sapo 664
A Raposa e o Cancão 669
Casamento dum Calangro 674
Casamento do Rato com a Catita . . . 686
Versos de bichos 695
A onça e a raposa 698

3 *Lendas:* 701

Os lobis-homens 703
A lenda da Morte 708
O diabo: 710
O diabo e Nossa Senhora 711
O diabo e os meninos 713
Um pacto com o diabo 713
O vaqueiro mysterioso 714
Os cavallos do diabo 714

4 *Superstições:* 717

As «experiencias» da chuva 719
Os procuradores d'agua 724
Abusões 725
A Urina da Mulher 728
A moça e o sapo 731
Os coriscos 732



EDITORA

A GRANDE LIVRARIA

LEITE RIBEIRO

Séde e officinas typographicas:

Ruas Béthencourt da Silva, 15, 17 e 19

(Antiga Santo Antonio)

e 13 de Maio 74 e 76

RIO DE JANEIRO

GR
133
B6B3

Barroso, Gustave
Ao som da viola

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 09 01 08 008 7